



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DOUTORADO EM HISTÓRIA

*AS TRANSFORMAÇÕES NAS REDES DE FINANCIAMENTO DAS GRANDES ESCOLAS
DE SAMBA DO RIO DE JANEIRO (1984-2015)*

LUIZ ANSELMO BEZERRA

NITERÓI/RJ

2018

LUIZ ANSELMO BEZERRA

AS TRANSFORMAÇÕES NAS REDES DE FINANCIAMENTO DAS GRANDES
ESCOLAS DE SAMBA DO RIO DE JANEIRO (1984-2015)

Tese apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em História da Universidade
Federal Fluminense como requisito parcial
para a obtenção do título de Doutor em
História.

Eixo cronológico: História Contemporânea III.

Linha temática: Cultura e Sociedade.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Juniele Rabêlo de Almeida

NITERÓI/RJ

2018

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG

B574t Bezerra, Luiz Anselmo
As transformações nas redes de financiamento das grandes
escolas de samba do Rio de Janeiro (1984-2015) / Luiz Anselmo
Bezerra ; Juniele Rabêlo de Almeida, orientadora. Niterói,
2018.
302 p. : il.

Tese (doutorado)-Universidade Federal Fluminense, Niterói,
2018.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGH.2018.d.05513194708>

1. Escolas de samba - Rio de Janeiro (RJ). 2. Carnaval -
patrocínio. 3. Produção intelectual. I. Título II.
Almeida, Juniele Rabêlo de, orientadora. III. Universidade
Federal Fluminense. Instituto de História.

CDD -

Bibliotecária responsável: Angela Albuquerque de Insfrán - CRB7/2318

LUIZ ANSELMO BEZERRA

AS TRANSFORMAÇÕES NAS REDES DE FINANCIAMENTO DAS GRANDES
ESCOLAS DE SAMBA DO RIO DE JANEIRO (1984-2015)

Tese apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em História da Universidade
Federal Fluminense como requisito parcial
para a obtenção do título de Doutor em
História.

Aprovado em: 11 / 05 / 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. JUNIELE RABÊLO DE ALMEIDA
PPGH – UFF (ORIENTADORA)

Prof^ª. Dr^ª. LAURA ANTUNES MACIEL
PPGH – UFF (ARGUIDORA)

Prof^ª. Dr^ª. BEATRIZ KUSHNIR
PPGH – UFF (ARGUIDORA)

Prof. Dr. MAURÍCIO BARROS DE CASTRO
PPGA – UERJ (ARGUIDOR)

Prof^ª. Dr. FELIPE SANTOS MAGALHÃES
PPGH – UFRRJ (ARGUIDOR)

Prof^ª. Dr^ª. MARTHA ABREU
PPGH – UFF (SUPLENTE)

Prof^ª. Dr^ª. ADRIANA FACINA
MN – UFRJ (SUPLENTE)

NITERÓI/RJ
2018

RESUMO

O estudo aborda o tema do financiamento do carnaval considerando as estratégias adotadas pelas principais escolas de samba do Rio de Janeiro para obtenção de investimentos públicos e privados na produção artística e na organização dos desfiles.

O período analisado, 1984 a 2015, tem como marco inicial a construção da nova Passarela do Samba, seguida da criação da Liga Independente das Escolas de Samba. A partir do Sambódromo, Estado e agremiações intensificaram disputa pelo controle da festa, até que a LIESA se afirmou como gestora do espetáculo em meados da década de 1990.

Apesar desse marco, a pesquisa recupera aspectos da organização e do financiamento do desfile das principais agremiações na década de 1970 e início dos anos 80, tendo em vista a ligação do conjunto de políticas públicas aplicadas ao carnaval nessa fase com posteriores contestações ao controle do Estado sobre a coordenação da festa.

O objetivo central do trabalho, entretanto, é analisar o surgimento de novas formas de financiamento dos desfiles a partir de meados da década de 1990, especialmente com a institucionalização da prática de comercialização dos enredos. Discute-se a substituição da patronagem do jogo do bicho como principal base de sustentação das agremiações, e também as influências do fenômeno dos enredos patrocinados sobre a liberdade de criação no trabalho dos carnavalescos e o papel cultural das escolas de samba.

Desenvolve-se um estudo de caso sobre a Beija-Flor de Nilópolis, escola com o maior número de títulos na recente fase do carnaval e conhecida por constituir um dos principais exemplos de administração através de poder familiar ligado ao jogo do bicho. A intenção é analisar as estratégias da diretoria para captação nos projetos de enredo e assim tecer considerações sobre o quadro recente das relações da contravenção com o carnaval.

Palavras-chave: escolas de samba, financiamento do carnaval, enredos patrocinados.

ABSTRACT

This research focuses on the financing of Rio de Janeiro's carnival taking into account the strategies adopted by the city's main samba schools to obtain public and private investment in artistic production and parades organisation.

The analysed time period, from 1984 to 2015, starts by the construction of the new "Passarela do Samba" walkway, also known as Sambodromo, followed by the establishment of the Samba Schools Independent League (LIESA). From that moment on, the State and the carnival associations intensified their dispute over the control of the show, until LIESA established itself as the governing body of the carnival in the mid 1990s.

Despite this time frame, the research retrieves elements of the organization and the financing of the main carnival associations parade from the 1970s and early 1980s, bearing in mind the connexion between the set of public policies applied to the carnival in this period and later protests regarding State control over the coordination of the carnival.

The core objective of this work, though, is to analyse the emergence of new forms of parades financing since the mid 1990s, in particular through the institutionalization of enredos marketing. The study discusses the substitution of the patronage of the "jogo do bicho" lottery as carnival associations main income, but also the influence of the sponsored enredos phenomenon on the creative freedom in the work of carnival professionals and the cultural role of samba schools.

We develop a case study on Nilopolis' Beija-Flor samba school, the school that has won the most title in the last years, and known for having created one of the main examples of family-run management linked to the "jogo do bicho". Our intention is to analyse the school's directing body strategies to fundraise for the enredos and this way examine the recent situation regarding the relations between organized crime and Rio de Janeiro's carnival.

Key-words: samba schools, financing carnival, enredos marketing.

RESUMEN

El estudio aborda el tema de la financiación del carnaval teniendo en cuenta las estrategias adoptadas por las principales escuelas de samba de Rio de Janeiro para obtener inversión pública y privada en la producción artística y en la organización de los desfiles.

El periodo analizado, de 1984 a 2015, tiene como marco inicial la construcción de la nueva Pasarela del Samba o Sambódromo, seguida por la creación de la Liga Independiente de las Escuelas de Samba (LIESA). A partir del Sambódromo, el Estado y las asociaciones carnavalescas intensificaron su disputa por el control de la fiesta, hasta que la LIESA se afirmó como gestora del espectáculo a mediados de la década de 1990.

A pesar de ese marco cronológico, la investigación recupera aspectos de la organización y de la financiación del desfile de las principales asociaciones carnavalescas de la década de 1970 e inicios de los años 1980, teniendo presente la conexión del conjunto de políticas públicas aplicadas al carnaval en este periodo con posteriores contestaciones al control del Estado sobre la coordinación de la fiesta.

El objetivo central del trabajo, sin embargo, es analizar el surgimiento de nuevas formas de financiación de los desfiles a partir de mediados de la década de 1990, especialmente con la institucionalización de la práctica de la comercialización de los enredos. Discutimos la sustitución del mecenazgo de la lotería del “jogo do bicho” como principal base de sustento de las asociaciones carnavalescas, y también las influencias del fenómeno de los enredos patrocinados sobre la libertad de creación en el trabajo de los profesionales del carnaval y el papel cultural de las escuelas.

Desarrollamos un estudio de caso sobre la escuela de samba Beija-Flor de Nilopolis, escuela con más títulos ganados en los últimos años y conocida por construir uno de los principales ejemplos de administración a través del poder familiar ligado al “jogo do bicho”. La intención de este trabajo es analizar las estrategias de la dirección de la escuela en la recaudación de fondos para los proyectos de enredos y así analizar la situación reciente de las relaciones entre el crimen organizado y el carnaval.

Palabras clave: escuelas de samba, financiación del carnaval, comercialización de los enredos.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Manoel e Teresa, e a todos os meus mais velhos.

AGRADECIMENTOS

É preciso reconhecer o quanto é privilégio em nosso país alguém chegar a um curso de pós-graduação, poder trabalhar com pesquisa estudando os assuntos que mais aprecia, e ainda recebendo apoio de grandes professores e financiamento através de bolsa.

Portanto, registro o meu agradecimento aos órgãos de fomento à pesquisa que apoiaram meu trabalho em dois cursos de pós-graduação e a todos aqueles trabalhadores técnico-administrativos que são essenciais para o bom funcionamento dessas instituições.

Com muita alegria, eu completo na Universidade Federal Fluminense mais uma etapa da carreira acadêmica que teve início com a graduação (2000 a 2004), continuou com o mestrado (2008-2010) e agora fecha um ciclo com o doutorado (2014 a 2018). Todos esses anos na universidade trouxeram amigos queridos e muito aprendizado com professores excepcionais apaixonados pelo seu ofício, e que podem se dedicar integralmente graças ao fato da instituição ainda ser pública, gratuita e de qualidade.

Meus agradecimentos ao professor Milton Guran, pelo curso metodológico sobre o uso da fotografia em pesquisas nas ciências sociais, e ao meu amigo e mestre Marcos Alvito pela oportunidade de cursar minha última disciplina com ele antes que se aposentasse da universidade. Com Alvito, sigo refletindo sobre o dar, receber, retribuir.

A Maria Lucia Montes, amada mestra, sou eternamente grato por poder compartilhar discussões apaixonadas sobre política, escolas de samba, saberes afro-ameríndios, recebendo lições com carinho e generosidade. Sempre viva amada mestra!

A decisão de organizar a vida para participar da seleção ao doutorado no PPGH-UFF não deve ser fácil para nenhum candidato. Eu precisei diminuir a carga de trabalho com aulas a fim de me preparar melhor para o concurso e, além disso, fiquei um pouco

mais privado do prazeroso convívio com familiares e amigos, sabendo que isso poderia se aprofundar a partir do momento em que ingressasse no curso de pós-graduação.

Infelizmente, a situação ficou delicada mesmo por causa do agravamento de um problema de saúde que limitou bastante a minha vida social e até a realização de parte dos planos de trabalho traçados para a própria pesquisa. Conteí com a ajuda de muitas pessoas em meio a esse processo, e com a compreensão de outras para minhas ausências.

Estiveram perto de mim, mais do que nunca, os meus pais Teresa e Manoel e minha irmã Lisiane, com o apoio do meu cunhado Leandro e a alegria do Rafael e do Felipe. Minha eterna gratidão a eles e a todos os parentes e amigos que, mesmo de longe, rezaram e torceram pela minha recuperação, em especial minha prima Íris Maciel.

Uma rapaziada querida também foi solidária nessa fase, os ex-colegas de graduação: Douglas, Dutton, Mussa, Tiago, Cadu, Barba Ruiva e Dedeco.

Salve os Perdidos da Babilônia!

E sorte grande no tempo que coincidiu com a minha residência no bairro do Maracanã foi o estreitamento dos laços de amizade e parceria com os xarás Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino, com quem passei a almoçar muitas vezes no Bar do Bode Cheiroso para conversar sobre nossas inquietações de estudo e sobre a vida. Obrigado, malungos, pois com os dois aprendo a importância e o dever de abraçar os saberes encantados.

Ao Rufino, devo ainda a oportunidade de ter conhecido o amigo e Mestre Tadeu Navalha, e o trabalho de cultura e de caridade que ele promove através de sua casa. Saravá!

Da mesma forma, sou muito grato a Antônio Montenegro pelas orientações frente a uma necessidade urgente da vida. Axé! E por sua recomendação fui recebido com carinho e amizade na casa de Carlos Alberto Bidarra e Felipe Pacheco Bidarra, com quem iniciei uma parceria para conhecer melhor os caminhos possíveis dessa minha existência.

Igború, Igboyá, Igbosheshé – que minhas súplicas sejam ouvidas, que minhas súplicas sejam aceitas e que tudo que eu solicite aconteça.

Minha gratidão aos alunos e colegas professores da extinta Graduação em História da Universidade Cândido Mendes, do Curso de Pós-graduação em Figurino e Carnaval da Universidade Veiga de Almeida e da Escola Leopoldina Machado, da rede municipal de Nova Iguaçu, onde fui contemplado com licença remunerada para estudos nos nove últimos meses da tese. Mas se não fosse com a luta dos colegas Lidiane, Naira, Rosângela, Samara Aguiar, Michelle, Mary, Leila Xavier, Edinez, Valdir, Rogério e Janeth, alguns como representantes da categoria e outros como membros da direção do Sindicato dos Profissionais de Educação, nem com esses nove meses eu contaria... Só a luta muda a vida!

Recebi uma assistência de pesquisa inestimável da imperiana Camila Dias, graduanda em História pela UFF, que fez anotação de referências e trabalho de correção no texto, sem os quais eu não teria terminado essa tese. Nesse trabalho colaborou também meu querido primo Lucas Bezerra, estudante de Biblioteconomia pela Uni-Rio, botafoguense e jogador de *rugby* do Maxambomba. Meus agradecimentos também aos serviços do motorista Sérgio Luiz, do UBER, estudante de Ciências Sociais na UFRRJ, que foi grande parceiro nos últimos meses, assim como da camarada diarista Gisele Nogueira. E por fim, agradeço a ajuda do grande amigo Joaquim Franco, pelas aulas de francês para a o exame de admissão ao doutorado e pelas duas traduções do resumo da tese. Igború.

Aos fisioterapeutas Marcelo e Vânia, aos assistentes desta na clínica Fisiotrauma (Vinícius, Mônica, Adriana e Cris), ao doutor Marcelo Borner, ao acupunturista Antônio Gomes, e à terapeuta Carla Marques, meu muito obrigado!

Um tanto distante do dia a dia das escolas, por questão da saúde, eu tive a sorte de encontrar em espaços acadêmicos colegas pesquisadores que vivenciam o carnaval e o samba. Graças a isso, em novembro de 2017 realizarmos um primeiro seminário totalmente

dedicado às escolas de samba, na Universidade Federal Fluminense, e que reuniu pesquisadores acadêmicos de diversas áreas de conhecimento, artistas do carnaval e dirigentes das agremiações. Tive a honra de ser um mobilizador dessa iniciativa, de poder expor meu trabalho no seminário de pesquisa debatendo com interlocutores de alto nível, e ainda trabalhar na organização com os colegas Leandro Silveira, Carlos Eduardo, Vinícius Natal, Nathália Sarro e as professoras do Departamento de História e do PPGH-UFF, Martha Abreu e Juniele Rabêlo, tendo o auxílio luxuoso da querida Juceli Silva, a mais famosa e simpática funcionária do curso de História da UFF! Nessa experiência, tive um ensinamento muito bonito de humildade e competência com a professora Marta, além do incentivo e atenção para que tocássemos a ideia do seminário. Obrigado, Martha!

Com a mesma gratidão, deixo saudações a todos os meus colaboradores: Rachel Valença, Isabel Azevedo, Rafaela Bastos, Gláucia Santana, Marlene Szyglic, Antonio Carlos Biscaia, Carlos Carvalho, Fábio Fabato, Fábio Pavão, Vinícius Natal, Aloy Jupiara, Chico Otávio, Luiz Carlos Magalhães, Marcelo de Mello, João Gustavo Mello, Ramiro Montalvão, Paulinho do Ouro, Sérgio Fonseca, Trajano Ribeiro, Mauro Samagaio, Aydano Motta, Luiz Antonio Simas, Anderson Baltar, Luise Campos, e meu amigo Tricolor da BF.

Reservo agradecimento especial a minha orientadora, a professora Juniele Rabêlo. Desde o início da supervisão da pesquisa Juniele ofereceu total atenção para as minhas propostas, esclarecendo que não era uma pesquisadora do samba, mas que teria muito a contribuir para as reflexões metodológicas do trabalho, debates sobre a história do tempo presente e técnicas para a escrita da tese. Juniele teve profunda compreensão diante do difícil quadro de saúde que venho enfrentando nesses últimos quatro anos. Exerceu um papel sensível de escuta como amiga, foi uma pessoa sábia nas palavras de incentivo que me confortaram e deram força inclusive no momento delicado em que estive ameaçado de perder o prazo de entrega do Material de Qualificação e, conseqüentemente, a bolsa de

estudos. Graças a ela, aos meus familiares mais próximos, e às forças que me ampararam naquela hora crucial, o problema não aconteceu. De lá para cá venho aprendendo a ter a calma e a paciência necessárias especialmente nesses momentos complicados em que até parece que nós estamos sendo, por alguma razão, testados pela vida.

Se nesse processo todo eu conseguir retribuir um pouquinho de tudo que aprendi com Juniele, espero ter chamado mais a sua atenção para a importância cultural das escolas de samba e ter proporcionado a ela experiência de trabalho relevante o suficiente para que se sinta estimulada a orientar outros alunos interessados na pesquisa do tema.

Por fim, quero agradecer aos professores que aceitaram o convite para compor as bancas de avaliação da tese: Laura Maciel e Maurício Barros de Castro desde a Qualificação, e agora na Defesa, além deles, os professores Felipe Magalhães e Beatriz Kushnir. Todos são pesquisadores das culturas do Rio de Janeiro, experientes na avaliação de trabalhos na área de História, e me deram contribuições valiosas. Espero manter um diálogo permanente com eles e, quem sabe, desenvolver parcerias em trabalhos futuros.

Obrigado!

Como o tal

Vou sambando na passarela informal

(Versos de um Mestre da Jurema)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1 – Carnaval como negócio turístico: políticas públicas e investimentos	
A Empresa de Turismo do Rio de Janeiro (Riotur)	32
O brizolismo e a construção do Sambódromo	51
A Liga Independente das Escolas de Samba (LIESA)	56
A questão do investimento público a partir da privatização do carnaval	68
CAPÍTULO 2 – Instabilidade da patronagem e alternativas de financiamento dos desfiles	
A prisão da cúpula da contravenção no Rio de Janeiro	95
O financiamento dos desfiles através da comercialização dos enredos	101
A consultoria e a pesquisa especializada para projetos de enredos	128
CAPÍTULO 3 – Estudo de caso: Beija-Flor na era dos enredos patrocinados (1998 a 2015)	
A criação da Comissão de Carnaval e a liderança de Laíla	134
As experiências com a comercialização de enredos	139
CONDIERAÇÕES FINAIS	259
LISTA DE SIGLAS	267
LISTA DE IMAGENS	267
FONTES	269
BIBLIOGRAFIA	290
ANEXO: Carnavais da Beija-Flor: enredos, carnavalescos, classificações	300

Introdução

O trabalho problematiza a mudança nos esquemas de financiamento dos desfiles das grandes escolas de samba que se consolidou em meados da década de 1990. Existem indicações na imprensa de que, a partir daquela época, a patronagem dos chefes da contravenção se tornou complementar, por causa do recurso de novas fontes de patrocínio.

As agremiações institucionalizaram a comercialização dos enredos com governos municipais, estaduais, e até estrangeiros, interessados na exploração da visibilidade proporcionada pelo carnaval em benefício de propaganda turística e campanhas políticas não assumidas abertamente pelas autoridades públicas envolvidas. Grandes empresas também ingressaram nesse processo, seja por meio de doações solicitadas por governadores e prefeitos, usando ou não mecanismos de renúncia fiscal que são assegurados pelas leis de incentivo à cultura, ou então investido em projetos de *marketing*.

A institucionalização desse modelo de financiamento para as grandes escolas de samba do Rio de Janeiro é a parte mais recente do amplo processo de comercialização da festa que teve início ainda na década de 1960. Tal processo ganhou força nas décadas seguintes com políticas públicas que passaram a tratar a festa pela lógica da indústria do turismo. A partir de 1984, definiu-se a tendência privatista bastante peculiar que levou à transferência progressiva do controle do carnaval para a recém-criada LIESA.

O aprofundamento da comercialização do carnaval na perspectiva da construção do modelo neoliberal no Brasil é responsável pela implantação de políticas de cultura fortemente influenciadas pelos interesses do empresariado. Na era do Sambódromo ganhou ainda mais força a relação dos desfiles das escolas de samba com o aparato midiático, tanto que a imposição de valores e práticas mercadológicas na organização da festa foi algo que passou a se articular cada vez mais com negócios e operações técnicas do interesse das grandes empresas brasileiras de comunicação, especialmente do grupo Globo.

Um objetivo central do trabalho é refletir sobre a relação da contravenção com as escolas de samba na fase mais recente do carnaval. Houve mudança nos esquemas de financiamento dos desfiles, e atualmente se faz necessário aprofundar estudos para análise dos interesses desses diferentes conjuntos de organizações, lembrando que a cúpula do bicho continua demonstrando forte influência no mundo do samba no momento presente.

A primeira hipótese deste trabalho gira em torno do movimento da própria cúpula visando substituir o custo da patronagem. No momento da criação da LIESA, anunciavam que a organização do carnaval sob o controle da entidade seria a solução para o problema do custeio do desfile das escolas de samba. Por uma série de razões, as agremiações carnavalescas continuaram convivendo com a insuficiência de recursos, e assim seguiram operando diferentes fontes de financiamento combinadas. Numa segunda hipótese, considera-se que a busca de fontes alternativas para o financiamento dos desfiles tem relação com a prisão dos principais chefes da contravenção pelo crime de formação de quadrilha em 1993. Nessa ocasião, alguns dos banqueiros do jogo do bicho abandonaram a patronagem do carnaval das escolas de samba. O fenômeno dos enredos patrocinados se afirma exatamente em meio a esse quadro de instabilidade das organizações do bicho.

Destaco ainda dois objetivos específicos para o trabalho. Primeiro, estudar os mecanismos que asseguram os arranjos de financiamento do carnaval nesse contexto de novas fontes de patrocínio. E segundo, analisar como a comercialização dos temas de enredos interfere na concepção artística e na produção dos desfiles.

O debate público sobre o financiamento do carnaval

Comecei a perceber o peso das novas fontes de financiamento quando realizava as primeiras entrevistas pensando no projeto de mestrado sobre a história da Beija-Flor de Nilópolis, isto no ano de 2005. Os mais antigos da escola chamavam atenção para o fato de uma agremiação como a Beija-Flor, de grande destaque no chamado Grupo Especial, ter naquele momento plenas condições de atrair recursos de fontes variadas para a produção do desfile sem a dependência de apoio financeiro direto do patrono Anísio Abraão David.¹

Na época, deixei essa problemática recente do carnaval das escolas de samba para uma pesquisa posterior, já que estava interessado primeiramente em conhecer a relação do G. R. E. S. Beija-Flor com a história local de Nilópolis, analisando principalmente como a escola se tornou um instrumento político para a organização do jogo do bicho chefiada pelos irmãos Anísio e Néelson Abraão David, com apoio político dos “parentes” de origem libanesa do ramo Sessim David, em pleno contexto da interferência militar na Baixada.

A dissertação de mestrado foi defendida em 2010. Somente no ano de 2012, observando a discussão sobre investimento público no carnaval das escolas de samba, através do debate travado entre os principais candidatos à Prefeitura do Rio, foi que despertei para a relevância da questão do financiamento para uma pesquisa de doutorado.

O então candidato Marcelo Freixo (PSOL) questionava a necessidade de investimento público municipal nas grandes escolas de samba, sustentando que as agremiações já contariam com os recursos provenientes de sua participação na receita dos desfiles e ainda de mecanismos legais para obtenção de “patrocínios”. Algumas delas vinham desenvolvendo inclusive enredos para promover marcas ou produtos comerciais.

Houve antes o lançamento de um manifesto de pessoas ligadas ao carnaval em que tais

¹ BEZERRA, Luiz Anselmo *A família Beija-Flor*. (Dissertação) Mestrado em História – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2010.

questionamentos acerca do financiamento do carnaval foram apontados e, em função disso, o candidato do PSOL teria se posicionado a favor e resolvido levar para sua campanha.

Para Freixo, a questão de fundo desse debate dizia respeito à concepção do papel do poder público na promoção da cultura do carnaval na cidade. Chamava-se atenção para o fato da festa ir além dos desfiles no Sambódromo, e que mesmo nesse espaço o Estado deveria reassumir responsabilidades que antes foram suas, para assim tratar o carnaval no âmbito de uma política de cultura, e não pela lógica economicista da indústria do turismo.

Vive-se num momento em que os “administradores” do Sambódromo – a LIESA, que só se responsabiliza pelas dependências da Passarela durante o carnaval, é bom que se observe – falam desse equipamento público como simples espaço alugado para eventos, trabalhando assim para o esquecimento do papel de peso que teve o Estado na construção da obra monumental que representou conquista histórica e ainda potencializou os desfiles.

As fontes da pesquisa e o percurso metodológico

A pesquisa se fundamenta em fontes de diferentes tipos. São matérias de jornais, revistas e *sites* especializados na cobertura do carnaval, crônicas e relatos de personagens do meio publicados em livros, testemunhos orais, regulamentos dos desfiles, sinopses dos enredos, textos de justificativa sobre alegorias e fantasias para avaliação dos jurados, música e letra dos sambas, registros dos desfiles em fotografia e vídeo, ações civis públicas sobre contratos para realização do carnaval celebrados entre a LIESA e a Riotur, relatórios de comissões parlamentares de inquérito sobre o mesmo tema e sobre a exploração de jogos de azar, além de sentenças condenatórias de crimes praticados pelos chefes do bicho.

Toda essa documentação está devidamente listada para consulta ao final da tese, cabe aqui apresentar algumas observações gerais sobre a forma como os principais

materiais foram organizados para análise. Na sinopse dos capítulos que faço ao final desta introdução existem menções às fontes trabalhadas em cada parte.

Primeiramente, é importante esclarecer que a base primordial de entrevista utilizadas se constitui de narrativas públicas divulgadas através da imprensa especializada – entrevistas jornalísticas editadas para compor matérias e reportagens catalogadas. Já as entrevistas realizadas pelo autor da tese, construídas a partir dos princípios metodológicos da pesquisa em história oral (um trabalho pontual de história oral temática, com roteiro semiestruturado) acabaram sendo utilizadas para questões específicas, enquanto fonte de pesquisa – não se optou pela análise de narrativas para observação do trabalho de memória.

Por meio de encontros para as entrevistas construiu-se uma rede valiosa de trocas. Reflexões foram compartilhadas com alguns desses colaboradores que ainda ajudaram fazendo críticas importantes. Foram eles: o historiador Luiz Antonio Simas, os jornalistas Aloy Jupiara e Marcelo de Mello, os pesquisadores Carlos Carvalho e João Gustavo Melo e o antropólogo Fábio Pavão – pesquisadores atuantes nos debates públicos sobre carnaval no Rio de Janeiro. O ex-Procurador Geral do Estado, Antonio Carlos Biscaia, assim como a promotora do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro – MP-RJ, Gláucia Santana, deram orientações para a compreensão da atuação do MP na defesa do interesse público no que se refere ao combate à contravenção e irregularidades no uso de recurso estatais envolvidos na produção do carnaval das escolas de samba. Nessa linha, também foi importante entrevistar o advogado Trajano Ribeiro, secretário estadual de Turismo e Esportes durante o primeiro governo Brizola, e também presidente da Riotur na gestão do prefeito Marcelo Alencar. Os pesquisadores e trabalhadores colaboradores da festa Fábio Fabato, Izabel Azevedo, Rafaela Bastos são interlocutores fundamentais para quem deseja dialogar sobre o quadro recente do carnaval. E mais, gente “de dentro” que foi possível entrevista no âmbito da pesquisa, a exemplo do ex-diretor de barracão Paulinho do Ouro,

de Ramiro Montalvão (antigo assistente de Joãozinho Trinta na Beija-Flor), do fotógrafo da Unidos da Tijuca, Mauros Samagaio, e do Presidente da Portela Luís Carlos Magalhães.

Alguns entrevistados concederam acesso a documentos dos seus arquivos particulares, como foi o caso de matérias produzidas pelos próprios Marcelo de Mello e Aloy Jupiara e artigos de Luiz Antonio Simas publicados em jornais e sites especializados no carnaval das escolas de samba. O principal arquivo particular consultado (composto por fontes jornalísticas) foi o da generosa pesquisadora Rachel Valença, que começou a ser montado por ela em meados da década de 1970, e contém matérias até o ano de 2015.

Convém aqui um comentário especial sobre esta pesquisadora e sambista que também concedeu entrevista ao autor desta pesquisa. O envolvimento de Rachel com o mundo do samba tem a ver com sua atividade profissional, mas é importante ressaltar que ela era umas das poucas mulheres intelectuais dedicadas à causa das escolas de samba na década de 1970. Como ela, tornaram-se figuras de referência Marília Trindade Barbosa, Helena Teodoro e a jornalista Lena Frias. A imperiana Rachel Valença relata que enfrentou certas resistências para o reconhecimento de sua pesquisa inclusive na instituição de prestígio em que trabalhou durante anos, a Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. Certamente, a atuação intelectual da pesquisadora sambista renderia um relevante estudo.

O Arquivo Rachel Valença é fruto de um trabalho árduo e sistemático de organização de pastas específicas dentro dos seguintes assuntos de referência: PESSOAS, CARNAVAL, CARNAVAL/ESCOLA DE SAMBA, AGREMIACÕES e GERAIS.

De CARNAVAL/ESCOLA DE SAMBA, trabalhou-se nesta pesquisa com a pasta “Administração – Contravenção” tendo em vista as discussões dos primeiros capítulos da tese, especialmente no tocante à criação da LIESA e ao processo de transferência da organização do carnaval pela Riotur. Essa mesma pasta contém matérias cujas informações foram analisadas no capítulo 2, referente à prisão da cúpula do jogo do bicho e à busca de

fontes alternativas de financiamento por parte das diretorias das agremiações que contribuiu para o fenômeno da comercialização dos enredos. Já este tema contou com o material de uma pasta específica, “Patrocínio”, formada com matérias coletadas por Rachel justamente a partir de meados dos anos 1990. E como o carnaval de 1995 da Imperatriz Leopoldinense, com o enredo *Mais vale um jegue que carregue do que um camelo que me derrube... lá no Ceará* é considerado o marco da institucionalização dos enredos patrocinados, trabalhou-se também com as pastas “Imperatriz Leopoldinense” e “Rosa Magalhães”. Rosa foi carnavalesca da Imperatriz até 2009, e durante o tempo desse processo histórico aqui abordado, ela produziu vários enredos patrocinados, usando às vezes sua capacidade criativa para driblar exigências estéticas grosseiras de patrocinadores.

Para a segunda parte do capítulo 2 recorreu-se mais uma vez à pasta “Imperatriz”, e também “Grande Rio” e “Salgueiro”, todas de AGREMIACÕES. A Grande Rio, outra escola da Baixada Fluminense que é comandada por um banqueiro do jogo do bicho, teve também casos emblemáticos de enredos patrocinados. Foram homenagens a cidades e estados, mas especialmente parcerias com grandes empresas. A pasta “Beija-Flor” foi fundamental para o desenvolvimento do terceiro capítulo da tese, onde se discute a fase mais recente da agremiação, a partir de 1998, e sua experiência com enredos patrocinados.

As fontes jornalísticas foram definitivamente as mais utilizadas nesta pesquisa. Por meio desse material ficou definido o panorama dos principais temas debatidos, de carnaval a carnaval, seguindo a lógica cíclica da festa. Notícias de preparativos de um determinado carnaval às vezes começam pouco depois do anterior terminar.

Através do recurso da Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional, foram pesquisadas dezenas de matérias do Jornal do Brasil, a partir de questões específicas do estudo catalisadas pelo material de recortes feitos por Rachel Valença. Com isso foram selecionadas notas informativas, reportagens e entrevistas públicas com representantes das

escolas de samba e autoridades governamentais. Estrategicamente, foram buscadas ocorrências para o temas “Riotur”, Associação das Escolas de Samba, “Castor de Andrade”, “Anísio Abraão”, “Capitão Guimarães” e “privatização do carnaval”.

Sobre a Riotur, dispõe-se de um conjunto de aproximadamente sessenta matérias desde a sua criação 1972 a até 1983. Essa seleção foi realizada pelo colega pesquisador João Gustavo Mello, como assistente de pesquisa, e segundo critérios de relevância sugeridos pelo autor. Gustavo levantou matérias de destaque relacionadas às operações da empresa no tocante às negociações com as escolas de samba para realização do carnaval.

Esse material informa a respeito de diretrizes das políticas de turismo implantadas nas décadas de 1970 e 1980, faz o registro de medidas adotadas pelo poder público tendo em vista a organização do carnaval a partir dos mais variados aspectos: financiamento, estruturas de arquibancadas, decoração, regulamento dos desfiles, cobertura de televisão e rádio, publicidade e apuração dos resultados. E ainda revela um pouco do perfil dos principais presidentes da Riotur no relacionamento institucional com as escolas de samba.

Como os preparativos dos carnavais de 1983, 1984 e 1985 foram marcados pela mudança política ocorrida no Rio de Janeiro com vitória de Brizola nas eleições de 1982, avaliou-se a necessidade de uma apuração mais fina de matérias do JB no período. Basta mencionar a construção do Sambódromo para o carnaval de 1984, a criação da LIESA nesse mesmo ano logo depois do carnaval, e com isso a gestação do projeto de privatização do carnaval no âmbito da cúpula dos dirigentes das agremiações e banqueiros do bicho.

É preciso mencionar a existência de espaços alternativos de mídia, a partir dos anos 2000, nos quais são publicados artigos e crônicas sobre as escolas de samba, além de matérias e entrevistas da cobertura do ciclo carnavalesco: leitura da sinopse, concurso de samba de enredo, montagem de alegorias nos barracões, ensaios nas quadras, ensaios técnicos no Sambódromo, desfile oficial, apuração de resultados, desfile das campeãs.

Os *sites* de carnaval mais consultados no âmbito desta pesquisa foram o SRZD Carnaval, o Carnavalesco e a Rádio Arquibancada. Foi organizado um arquivo pessoal do autor que reúne matérias sobre patrocínios produzidas pelos colonistas desses *sites* e também textos de comentários deles publicados através de seus respectivos perfis na rede social Facebook. As matérias são do final da segunda metade dos anos 2000 para cá.

Para consulta de informações técnicas dos desfiles do Grupo Especial (horários, regulamentos, enredos, resultados, ranking), o *site* oficial da LIESA disponibiliza materiais a partir de 2004. De 1985 até 2003, estão publicados apenas os quadros de classificações. Encontram-se as justificativas das notas dos jurados a partir do carnaval de 2006. É possível visualizar registros fotográficos organizados por cada escola de samba (a partir de 2000) e ainda “baixar” os arquivos de áudio da série de discos produzidos pela gravadora da LIESA com coletâneas dos sambas de enredo (a partir de 1986).

Para tais informações técnicas, o *site* mais completo é o Academia do Samba – o maior Portal do carnaval brasileiro, através do qual podemos consultar as informações para períodos anteriores à criação da LIESA. Trata-se de uma criação do sambista e pesquisador Marcelo O’Reilly, especialmente relevante porque compartilha artigos jornalísticos e acadêmicos, além de muito outros trabalhos científicos sobre samba e carnaval.

Em relação às gravações dos sambas de enredo anteriores a 1986, e registros das transmissões de televisão a partir do primeiro carnaval do Sambódromo, em 1984, o acesso mais fácil e direto é mesmo pelo Youtube. Os registros das transmissões encontram-se disponíveis em qualidade de áudio e vídeo que variam muito, podem ser consultados especialmente através dos canais de Wendel Tancredo e Fernando Júpiter no mesmo *site*.

Para o estudo dos enredos da Beija-Flor, existe desde 2002 uma fonte importante que é a *Revista Beija-Flor: uma escola de vida*. Ela tem edições anuais com o propósito de apresentar conteúdo do enredo com a descrição de alas e alegorias na ordem dos setores do

desfile, além de trazer informações da Comissão de Carnaval sobre os preparativos. No caso de enredos patrocinados, costuma acontecer publicação de mensagens, entrevistas ou artigos de representantes da instituição financiadora, além de propaganda de governos para as atrações turísticas de estados e municípios tratados como temas de enredo. Essa fonte foi trabalhada dissertação de mestrado *A família Beija-Flor*, porém, nesse estudos os objetivos específicos estão voltados para as matérias de divulgação sobre os projetos assistenciais da Beija-Flor de Nilópolis, que ocupam uma sessão permanente da revista e se voltam especialmente para o tratamento da imagem do presidente de honra Anísio Abraão, o que advém de um verdadeiro culto a sua personalidade no universo da escola de samba.

Entre 2005 e 2010, aconteceu a publicação do tabloide *O Beija-Flor*, com edições mensais mais voltadas para o registro das atividades relacionadas aos preparativos do carnaval, trazendo relatos de acontecimentos na quadra de ensaios e no barracão da escola. Com base nesse jornal é possível verificar a presença nesses espaços de representantes das instituições patrocinadoras de alguns desfiles, assim como notícias de participações da Beija-Flor em eventos dos patrocinadores. Por conta da experiência da agremiação com homenagens a estados e cidades, esses eventos públicos costumam envolver políticos.

Imagens também foram incorporadas ao conjunto de fontes de pesquisa da tese, mais especificamente fotografias de situações públicas envolvendo representantes das partes envolvidas nas negociações dos enredos patrocinados, como por exemplo, reuniões no barracão e atividades na quadra de ensaios em Nilópolis. Além disso, fotos de carros alegóricos e de componentes fantasiados em alas dos desfiles, representando elementos diretamente associados aos enfoques definidos nos projetos de patrocínio dos enredos.

No caso da Beija-Flor, espaços de publicidade paga nos materiais da imprensa oficial da agremiação se tornaram objetos de análise do estudo, assim como fotografias de personagens-chave em situações significativas do ponto de vista da produção do carnaval.

Em parte, essas fotos acompanham matérias da *Revista Beija-Flor* e do jornal *O Beija-Flor*, cujos exemplares impressos ou em PDF pertencem ao acervo particular do autor.

A maioria dos registros de alegorias nos desfiles utilizados na tese é de autoria do fotógrafo e folião Wigder Frota. Ele fotografa profissionalmente os desfiles desde o carnaval de 1991, sobretudo trabalhando para veículos de imprensa estrangeiros. O acervo de Wigder contém registros de toda fase dos enredos patrocinados, iniciada institucionalmente em meados da década de 1990. Em seu ofício, ele se mostra preocupado com o uso da fotografia a serviço da memória dos desfiles das escolas de samba e chama atenção para a necessidade do devido conhecimento desse universo cultural para profissionais que desejam registrar imagens com qualidade técnica e de relevância do ponto de vista dos sambistas e foliões comuns.² Wigder teve a gentileza de atender aos pedidos de colaboração do autor, autorizando o uso de suas fotografias nesta pesquisa.

Apresentação dos itinerários

Para o período histórico em análise neste estudo, o financiamento das escolas de samba está muito relacionado com a própria organização dos desfiles. Portanto, entender o lugar que passou a ocupar a patronagem do jogo do bicho, o peso das novas formas de patrocínio, ou mesmo o potencial dos lucros das escolas de samba por meio da realização de eventos em suas quadras e shows externos, requer uma reflexão sobre as transformações da estrutura de organização do carnaval até sua consolidação nas duas últimas décadas.

Os defensores da LIESA como instituição organizadora do espetáculo costumam construir uma memória negativa em relação aos tempos em que a Riotur era a principal responsável por essa tarefa. Por conta disso, constatou-se a necessidade de um

² Cf. ENTREVISTA com Wigder Frota: fotógrafo da Sapucaí. *Carnavalizados*. 14 nov. 2017. Disponível em: <http://carnavalizados.com.br/noticias/entrevista-com-wigder-frota-fotografo-da-sapucaí/>

levantamento das ações do poder público no tocante ao carnaval a partir da criação dessa empresa pública. Com isso, o objetivo não é escrever uma história da Riotur, mas sim fazer uma abordagem das suas operações de 1972 até o início da década de 1980.

Portanto, no primeiro capítulo a análise é sobre o processo de construção da empresa, a presença do poder militar em sua administração e a atuação de presidentes nomeados em relação a diversas questões: apoio ao financiamento das escolas, contratação de empresas para montagem de arquibancadas, decoração do espaço dos desfiles, elaboração do regulamento do concurso, definição de horários, venda de ingressos, etc.

A questão do carnaval será abordada em função da mudança política que ocorreu com a eleição de Brizola em 1982, marcando uma vitória sobre o chaguismo. Durante os preparativos para o primeiro carnaval sob a influência do novo grupo político no poder foi que se exacerbaram tensões internas na antiga Associação das Escolas de Samba do Rio de Janeiro e na relação entre as principais agremiações e o poder público. Procura-se mostrar como o projeto da Passarela do Samba resultou dessa situação conflituosa, especialmente da preocupação das autoridades públicas para que os presidentes das grandes escolas, e banqueiros do bicho, não assumissem a organização do carnaval já naquele momento.

Imediatamente após o primeiro carnaval do Sambódromo foi criada a LIESA. O terceiro momento do texto mostra como essa entidade surgiu do movimento da própria cúpula do bicho para montagem de uma estrutura empresarial legal capaz de assumir responsabilidades e operar o carnaval como negócio. O processo se consolidou gradativamente, a começar pelo aumento da participação das escolas de samba nas receitas do espetáculo, mas só se completou por vontade política do prefeito César Maia em 1994.

Na última parte do capítulo há uma discussão a respeito do financiamento público do carnaval nos anos 2000, tendo em vista os questionamentos da imprensa e ações civis do Ministério Público Estadual do Rio de Janeiro sobre o poder da LIESA na organização

do carnaval, contando com recursos públicos, porém, descumprindo normas contratuais e praticando irregularidades. As ações civis do MP-RJ apresentam informações consistentes sobre os contratos do período 1998 a 2013, revelando um trabalho sistemático de promotores que mostram como as escolas são contempladas com investimento público municipal direto, remuneradas através da participação nas receitas do espetáculo, e ainda contam com chances potenciais de explorar outras fontes de patrocínio público e privado.

O fenômeno dos enredos patrocinados e o debate sobre o financiamento público do carnaval são temas do segundo capítulo. Em primeiro lugar, discute-se a relação da prisão dos banqueiros do jogo do bicho, em 1993, com a busca dos dirigentes de parte escolas de samba por fontes alternativas de financiamento dos desfiles. Na perspectiva de que os patrocínios de enredos constituem um aprofundamento do processo geral de comercialização do desfile, o desenvolvimento do capítulo segue com a consideração de casos emblemáticos de escolas que negociaram seus enredo em troca de aporte financeiro. Seguindo uma linha cronológica, o texto problematiza a constituição de estratégias de captação de patrocínios em função dos agentes financiadores e do surgimento de mediadores nos acordos de parceria entre as escolas de samba e governos ou empresas. O capítulo traz ainda uma discussão sobre a especialização do trabalho de profissionais auxiliares dos carnavalescos nas pesquisas que alicerçam a concepção artística dos enredos e fundamentam os documentos explicativos de alegorias e fantasias que são exigidos por regulamento para a avaliação dos jurados.

O terceiro e último capítulo é dedicado ao estudo específico da construção dos projetos de enredo da Beija-Flor de Nilópolis entre 1998 e 2015. A escola é hoje a principal vencedora dos desfiles desde a construção do Sambódromo, e inaugurou em 1998 uma nova fase de vitórias marcada pelo desenvolvimento de praticamente todos os seus enredos como plataforma para captação de patrocínios. Por meio desse estudo de caso é

possível observar como a agremiação nilopolitana se especializou na estratégia das homenagens a estados e cidades em busca de financiamento governamental, ou então por meio de doações recebidas de empresários locais por influência de prefeitos e governadores. Nesse contexto carnavalesco em que os recursos da patronagem passaram a ser secundários no financiamento dos desfiles, o poder dos velhos chefes da contravenção continua mais vivo do que nunca. Por isso, será discutido como as novas estratégias de financiamento surgem em parte viabilizadas por meio da força de conexões políticas deles, e por outro lado abrem grandes possibilidades de expansão de negócios lícitos e ilícitos até mesmo numa escala global, ampliando a rede de influência social e política desses agentes.

Capítulo 1

Instabilidade da patronagem e alternativas de financiamento dos desfiles

A Empresa de Turismo do Rio de Janeiro (Riotur)

A partir da oficialização dos desfiles das escolas de samba, em 1935, o órgão público que assumiu responsabilidade na organização dos festejos foi a Diretoria Geral de Turismo da Prefeitura do Distrito Federal, que no carnaval de 1937 passaria a se chamar Diretoria de Turismo e Propaganda.³ Naquele contexto as autoridades já reconheciam o carnaval como atrativo, o Rio começava a se formar como parada do turismo internacional⁴, mas logicamente os governantes estavam longe de pensar os festejos carnavalescos como o empreendimento turístico como se viu posteriormente.

Essas informações buscadas especialmente no livro do jornalista Sérgio Cabral, *Escolas de Samba do Rio de Janeiro*, servem aqui como um ponto de referência. A obra indica também que tais agremiações só ocuparam o centro das atenções dos foliões e da imprensa na década de 1950, entrando pela década seguinte no processo de comercialização que fez da festa objeto de grande interesse da indústria do turismo.

Em meados da década de 1960 surgiu a chamada Secretaria de Turismo da Guanabara. A cobrança de ingressos para o desfile começou no carnaval de 1962, e no ano de 1964 o novo órgão municipal foi criado, passando a lidar com a organização de uma festa popular que crescia progressivamente, transformando-se de forma significativa em termos estéticos, atraindo a classe média para dentro das escolas de samba, e cada vez mais os turistas estrangeiros chegavam para assistir aos desfiles dessas agremiações.

Tais questões foram sentidas e criticadas pelos fundadores das agremiações que começaram a se manifestar contra aquilo que consideravam uma transformação nociva à

³ CABRAL, Sérgio. *As escolas de samba do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996. p. 97.

⁴ Cf. FREIRE-MEDEIROS, Bianca e CASTRO, Celso. “Destino: Cidade Maravilhosa”. In: CASTRO, Celso; GUIMARÃES, Valéria Lima; MAGALHÃES, Aline Montenegro. (orgs.). *História do turismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013. p. 13-36.

forma como as comunidades suburbanas haviam concebido a cultura do samba. Um bom exemplo é o próprio Cartola, conforme mostra Maurício Barros de Castro no livro em que analisa a experiência do bar que o sambista e sua esposa Zica tiveram no início dos anos 60, quando estavam afastados da agitação carnavalesca da Mangueira e precisando contar com o apoio de admiradores do compositor que usaram da influência social para tentar ampará-lo. O Zicartola pode ser visto como um contraponto à forma como as escolas de samba passaram a funcionar cada vez mais preocupadas com o carnaval e esquecidas de seus fundadores.⁵

Os sociólogos Filipina Chinelli e Luiz Antônio Machado da Silva produziram artigo sobre as relações institucionais entre poder público, escolas de samba e jogo do bicho, no qual chamam atenção para a realização um deslocamento da questão política do samba para a questão econômica, curiosamente nos primeiros anos da ditadura militar.⁶

O texto dos sociólogos até hoje é um dos poucos trabalhos que problematiza a posterior criação da Riotur, no começo da década de 1970, sendo fruto de uma política pública focada no carnaval como evento turístico baseado na proposta de financiamento das escolas de samba por remuneração como prestadoras de serviço para o Município. O próprio Sérgio Cabral tece pouquíssimas considerações sobre a criação da Riotur como confirmação das novas tendências do relacionamento das escolas com o poder público.

Em 16 de maio de 1972, o *Jornal do Brasil* publicava na sessão especial de informes uma nota sobre o assunto especial de uma conversa realizada entre o governador da Guanabara, Chagas Freitas (MDB), e o então presidente da EMBRATUR, Paulo Manuel Protásio. Chagas estava planejando a criação de uma empresa pública com o

⁵ CASTRO, Maurício Barros de. *Zicartola: política e samba na casa de Cartola e Dona Zica*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Prefeitura, 2004. (Perfis do Rio; v.13)

⁶ CHINELLI, Filipina. & SILVA, Luiz Antônio Machado da. O vazio da ordem: relações políticas e organizacionais entre escolas de samba e o jogo do bicho. In: *Revista Rio de Janeiro*, n. 12, jan-abril 2004.

objetivo de dinamizar as promoções turísticas da Guanabara. O estatuto da empresa já estaria pronto e a previsão de funcionamento prevista em “no máximo” seis meses.

Ainda segundo a nota, o presidente da EMBRATUR teria considerado a decisão acertada, apenas fazendo duas sugestões ao governador da Guanabara. Uma delas colocava que a promoção turística da cidade deveria ter por base um calendário de festas e congressos, no qual o carnaval seria o ponto alto de toda programação. Naquela época as autoridades demonstravam clara percepção da geração de lucros para a economia da Guanabara através dos festejos carnavalescos, daí o destaque na proposta do calendário atribuído ao senhor Protásio. E a segunda sugestão dizia respeito ao nome da empresa, pois ele entendia que “Riotur” expressaria precisamente a área de foco dos interesses, além do fato de se constituir a partir de um termo simples – Rio – conhecido internacionalmente.

Outras informações indicavam que o presidente da EMBRATUR estaria envolvido com a expansão do setor de hotelaria no Rio de Janeiro. Trechos da nota evidenciam como ele vinha intercedendo pessoalmente junto ao governador Chagas Freitas para que grupos estrangeiros se estabelecessem com grandes empreendimentos na orla da zona sul carioca:

Revela o presidente da Embratur ter obtido autorização do Governador Chagas Freitas para que o Grupo Meridien possa construir um hotel de 42 pavimentos, na esquina das Avenidas Atlântica e Princesa Isabel. Acrescenta que, resolvido alguns problemas pendentes, o Sr. Álvaro Bezerra de Melo prometeu entregá-lo, no prazo de 40 dias, o projeto final do hotel do Grupo Oton, a ser construído também na Avenida Atlântica.

O Grupo Hilton ainda não decidiu se constrói um hotel de linha vertical ou horizontal na Avenida Atlântica, no local que funcionava a antiga *TV Rio*. Dependendo de gestões em curso, continua de pé a ideia de construir ali um hotel de 42 pavimentos.⁷

Havia naturalmente uma preocupação com o próprio turismo interno, tanto que o senhor Protásio negociava junto a um empresário brasileiro desse ramo de atividade uma forma de incrementar o fluxo de turistas de São Paulo para o Rio de Janeiro:

⁷ INFORME JB. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 mai. 1972, p. 10.

Finalmente o presidente da Embratur está combinando com o empresário Mário Prioli um esquema novo para trazer ao Rio, nos fins de semana, turistas de São Paulo, mediante um sistema de pagamento de dez prestações. Esses turistas viriam ao Rio e retornariam a São Paulo em avião a jato, cumprindo na Guanabara um verdadeiro *tour* que incluiria hotel, banho de mar em Copacabana, passeios pela cidade, show noturno no Canecão, etc.⁸

É importante considerar que as medidas do governo da Guanabara estavam em sintonia com a formulação de uma política nacional do regime militar para o setor em questão. Tanto que no mês de junho daquele mesmo ano seria criado o Plano Nacional de Empreendimentos Turísticos, anunciado na Reunião Nacional de Turismo realizada em Brasília sob a direção do então presidente da Embratur. As diretrizes do Plano orientavam a criação de órgãos estaduais integrados num Sistema Nacional e estabeleciam critérios para a aprovação de projetos.⁹

Naquele momento, as declarações das autoridades se pautavam pela ideia de que o turismo era mal explorado na cidade enquanto atividade econômica e que, para isso mudar, seriam necessárias políticas aplicadas ao setor a partir de uma mentalidade industrial.¹⁰

Rui Pereira da Silva, Secretário de Turismo, queixava-se das restrições orçamentárias enfrentadas na gestão do órgão, criado há nove anos na Guanabara, e que teria ficado “anacrônico” por falta de suporte para aperfeiçoamento e expansão de suas operações mediante contratação de técnicos. A solução, segundo informações atribuídas a Rui Pereira da Silva em outra matéria do *Jornal do Brasil*, seria deixar a Secretaria de Turismo somente como órgão normativo, político e de apoio governamental a uma

⁸ Idem.

⁹ RIOTUR vai acelerar o desenvolvimento do turismo da Guanabara. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 06 jun. 1972, p. 27.

¹⁰ Cf. CARVALHO, Alan Francisco. *Políticas Públicas em Turismo no Brasil*. Revista Sociedade e Cultura, v. 3, n. 1 e 2, p. 97-109, jan./dez. 2000; CRUZ, Rita de Cássia Ariza. *Políticas públicas de turismo no Brasil: território usado, território negligenciado*. GEOSUL: Revista do Departamento de Geociências – CFH, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Florianópolis, v. 20, n. 40, p. 27-43, jul./dez. 2005.

empresa a ser criada pelo Estado, e gerida com capital próprio para assumir atribuições de planejamento e execução.¹¹

O carnaval era apontado como o foco de atuação para a administração da futura empresa de turismo.¹² A festa recebia investimento significativo do poder público, entretanto, as receitas obtidas sequer eram apuradas devidamente. Para o Secretário, a falta de estrutura do próprio órgão estadual por ele chefiado seria uma das causas do problema, dando margem para que firmas contratadas para o serviço de montagem e desmontagem das arquibancadas serem as grandes beneficiárias dos lucros com a organização da festa.

A Assembleia Legislativa da Guanabara aprovou no dia 27 de junho de 1972 o substitutivo ao projeto do governador Chagas Freitas, que criou o Conselho Estadual de Turismo e a Empresa de Turismo da Guanabara – Riotur – constituída por capital misto e participação majoritária do Estado.¹³ Um mês depois, aproximadamente, um militar seria o indicado para a presidência da Riotur e do Conselho de Turismo. A confirmação do coronel Aníbal Uzeda foi apontada na imprensa como fruto de uma decisão acertada entre o governador e o presidente da Embratur. O militar era irmão do Almirante Uzeda, então Chefe da Esquadra Brasileira.¹⁴

Sabe-se que a ditadura investiu no controle de associações esportivas e carnavalescas, especialmente durante o governo Médice, com a estratégia de fortalecer a relação do presidente e do próprio regime com as camadas populares.¹⁵ Nesse sentido, um bom exemplo no âmbito do carnaval das escolas de samba se deu com a série de enredos

¹¹ SILVA, Ruy Pereira da. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 mai. 1972, Opinião, Capa.

¹² Cf. SANTOS, Fernando Burgos Pimentel dos. *Estado, política cultural e manifestações populares: A influência dos governos locais no formato dos carnavais brasileiros*. Dissertação (Mestrado em Administração Pública e Governo) – Eaesp/FGV, São Paulo, 2008.

¹³ ASSEMBLÉIA aprova a Riotur. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 jun. 1972, p. 10

¹⁴ INFORME JB. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 ago. 1972, p. 10.

¹⁵ Cf. CRUZ, Tamara Paola dos Santos Cruz. *As escolas de samba sob vigilância e censura na ditadura militar: memórias e esquecimentos*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, 2010.

que a então desconhecida Beija-Flor de Nilópolis desenvolveu nos carnavais de 1973, 1974 e 1975, apresentando a propaganda oficial das “realizações” do regime militar.¹⁶

Observemos que essa série emblemática de enredos foi iniciada exatamente no primeiro carnaval organizado pela Riotur, que havia sido criada em meados de 1972. Na pesquisa que realizei sobre a Beija-Flor, analisei a questão do ponto de vista dos interesses da política local na montagem do esquema de poder das famílias Abraão e Sessim, que foram apoiadoras do golpe e imediatamente se alinharam com o regime militar.¹⁷ Seria preciso aprofundar essa a pesquisa para saber se a Riotur, presidida por um militar, orientava as escolas a desenvolverem temas vinculados à propaganda governamental, o que outras escolas além da Beija-Flor também fizeram, conforme assinalam Fabato e Simas.¹⁸

Contudo, o exame de fontes jornalísticas indica que a questão do carnaval nesse momento já era tratada oficialmente pelas autoridades muito mais pelo aspecto econômico do que pelo aspecto político. Como colocamos anteriormente, esse é o entendimento de Filipina Chinelli e Luiz Antônio Machado da Silva e Filipina Chinelli sobre a “fase moderna” das escolas de samba que se consolidou na década de 1960.¹⁹

O primeiro anúncio da gestão de Uzeda em relação à organização do carnaval das escolas de samba foi uma divisão dos desfiles em três dias, um para cada grupo. A imprensa informava que Uzeda vinha trabalhando com sua equipe na elaboração da proposta desde quando recebeu a nomeação para a presidência da Riotur, e que ele tinha intenção de formalizá-la o quanto antes com aprovação do governador. Ou seja, as

¹⁶ “Educação para o desenvolvimento”, “Brasil Ano 2000” e “O Grande Decênio”, respectivamente.

¹⁷ BEZERRA, Luiz Anselmo. *A família Beija-Flor*. (Dissertação) Mestrado em História – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2010.

¹⁸ Cf. FABATO, Fábio e SIMAS, Luiz Antonio. *Pra tudo começar na quinta-feira: o enredo dos enredos*. Rio de Janeiro: Mórula, 2015. p. 47 e 48.

¹⁹ CHINELLI, Filipina. & SILVA, Luiz Antônio Machado da. O vazio da ordem: relações políticas e organizacionais entre escolas de samba e o jogo do bicho. In: *Revista Rio de Janeiro*, n. 12, jan-abril 2004. p. 215-216.

informações levam a crer que os representantes das escolas não participaram efetivamente dessa construção.²⁰

Para o carnaval de 1973, a Riotur estipulou valor fixo, e menor do que no ano anterior, para o serviço de decoração da cidade. Além disso, antecipou a concorrência para montagem das arquibancadas, afirmando que iria aumentar os lucros na venda de ingressos com a criação de mais dois degraus na construção. Isto ocorreria por meio de um ajuste técnico na estrutura principal e ainda com a diminuição das arquibancadas de madeira que costumavam ser reservadas aos familiares dos sambistas. A sonorização foi mais um ponto importante discutido, inclusive com a consulta de engenheiros especializados, os quais consideravam o problema de atravessamento do som como algo de difícil tratamento em razão das dificuldades naturais do espaço onde os desfiles aconteciam, o corredor de uma avenida em que sempre haveria o som da bateria de uma escola entrando e o de outra que saindo.²¹

Em relação aos meios de comunicação, surgiu a informação de que a TV Rio havia acertado com a Associação das Escolas de Samba a exclusividade na transmissão, porém, a direção da Riotur assegurou que todas as emissoras poderiam participar, e procurou discutir com os representantes das empresas como seria a localização de cabines de rádio e televisão, a dimensão da torre de transmissão na pista e o problema da iluminação.²²

Não teremos aqui uma análise minuciosa da realização dos desfiles das escolas de samba entre 1973 e 1982. O objetivo principal é discutir a afirmação da Riotur como protagonista da montagem da infraestrutura necessária à festa e sua coordenação. Algumas informações básicas, no entanto, são importantes para que se tenha uma compreensão da

²⁰ TURISMO divide o desfile das escolas de samba em três dias no próximo carnaval. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 set. 1972, p. 5.

²¹ ARQUIBANCADAS aumentam em 1973. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 07 dez. 1972, p. 16.

²² RITOUR começa a discutir com rádio e televisão planos para o carnaval. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 dez. 1972, p. 23.

influência das transformações urbanas da cidade sobre a organização do carnaval. Nesse sentido, convém registrar, por exemplo, a mudança que as obras do metrô na Presidente Vargas impuseram no local dos desfiles somente a partir de 1974, algo que já vinha sendo discutido no final de 1972 com o início dos preparativos para o carnaval de 1973.

À época desses preparativos, o *Jornal do Brasil* promoveu uma mesa redonda para ouvir opiniões sobre o assunto, e entre os participantes, pela Riotur, estavam o presidente Uzeda e o diretor executivo Edson Gondomar. O presidente da AESRJ, Amauri Jório, também foi um dos convidados.²³ Os representantes da Riotur tentaram explicar que transtornos ocasionados no trânsito da cidade pelas obras de montagem das arquibancadas teriam um tempo curto e que isso não seria motivo de tanta contestação por parte da população. Segundo Uzeda, haveria compreensão de que era um esforço necessário para a realização de uma festa tão importante para a cidade. Ele chegou a manifestar preocupação com a busca de um lugar permanente para o carnaval das escolas de samba, tanto que seria criada uma comissão após do carnaval de 1973 a fim de estudar a questão, e ainda lançou a ideia da construção de uma espécie de estádio para realização dos desfiles.

Na mesma matéria, o presidente da AESRJ falava da necessidade das agremiações continuarem recebendo apoio do Estado, já que ainda não tinham condições de custear suas despesas sozinhas. Amauri Jório aproveitou o espaço para rebater uma crítica que era feita na época em relação à parceria das escolas de samba com cervejarias para comercialização de bebidas nas quadras de ensaios. Acreditava-se que isso dava um “superfaturamento” às escolas, mas Jório explicava que não era assim, pois elas precisavam cuidar de gelo, pagamento de funcionários e gratuidade de bebidas para alguns sambistas.

O mais relevante das colocações do presidente da AESRJ foi sua proposta em relação à necessidade de um lugar permanente para os desfiles. A matéria registrou:

²³ MESA REDONDA no JB discute os problemas do carnaval carioca. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 31 dez. 1972, p. 22.

Segundo Amauri, ‘o que é da maior importância para o carnaval carioca é a construção de um lugar permanente para o desfile. O futebol carioca só evoluiu por causa do Maracanã. Não se admite uma cidade que pretende desenvolver o turismo não ter um local próprio para receber o turista, porque 35 mil lugares que existem normalmente na Presidente Vargas não acomodam nem a metade dos turistas que vêm ver o carnaval carioca.’

- Se a Riotur não tivesse condições de construir o local – disse o Presidente da Associação das Escolas de Samba – poderia ceder-nos o terreno a título de empréstimo, ou como aluguel, e, através do financiamento de empresas particulares e de bancos, nós mesmos construiríamos o local, que durante o resto do ano poderia servir para outras atividades turísticas, pois quem mais ganha com o carnaval são as empresas de transportes, os hotéis e o Estado.²⁴

Embora essa proposta não tenha ganhado força, observa-se que nessa época já se delineava a ideia da construção do Sambódromo anos depois. Ainda em 1973, surgiram propostas de lugares para o desfile, a começar pelo Maracanã²⁵, sugestão do coronel Uzeda que não demorou a ser descartada²⁶. O presidente da AESRJ indicou o trecho da Avenida Presidente Vargas entre a Central e a Praça Onze.²⁷ A Riotur, por sua vez, defendeu a Avenida Chile²⁸, sob o argumento principal da manutenção da festa no centro da cidade, ao contrário de outros lugares também apontados.

Contudo, o desfile de 1974 aconteceu mesmo na Av. Presidente Antônio Carlos, com a custosa montagem de arquibancadas. Depois do carnaval, o governo anunciava um balanço positivo da venda de ingressos, porém, admitindo o problema da lotação maior que o número de bilhetes vendidos por conta da formação de câmbio negro.²⁹

²⁴ Idem.

²⁵ AMARAL, Zózimo Barroso do. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 mar. 1973, p. 3.

²⁶ AMARAL, Zózimo Barroso do. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 mar. 1973, p. 3.

²⁷ ESCOLAS de samba poderão desfilarem em 74 no trecho entre Central e Praça Onze. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 mai. 1973, p. 14.

²⁸ RIOTUR quer fazer desfiles na Avenida Chile. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1º jun. 1973.

²⁹ RIOTUR lucra com desfiles. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 08 mar. 1973, p. 5.

Para 1974, institucionalizada a reserva de arquibancadas especial para turistas (35% dos lugares), foi anunciado que esquema de vendas envolveria parceria com agências particulares oferecendo aos visitantes pacotes de carnaval que, em alguns casos, incluíam ingressos para o Baile do Teatro Municipal, outro evento bastante disputado na época.³⁰

No segundo semestre de 1975, o Comandante Edson Costa Matos assumiu a presidência da Riotur no lugar de Uzeda, afastado oficialmente por motivo de doença. Era mais um militar no comando da empresa, embora escolhido por eleição em assembleia-geral. Segundo a imprensa, o Costa Matos vinha de experiências em vários cargos da gestão pública, o mais recente deles tinha sido a direção da rádio Roquete Pinto, sendo que antes havia atuado na Superintendência dos Transportes da Guanabara. Ele também havia sido membro do Conselho de Telecomunicações, coordenador de Defesa Civil e coordenador das Regiões Administrativas do Estado da Guanabara.³¹ Pouco antes da posse do novo presidente, o governo Chagas Freitas havia anunciado o aumento de 90% nas subvenções destinadas às escolas de samba e demais organizações carnavalescas registradas pela Riotur.³²

No começo de fevereiro de 1975, o JB publicava informações sobre a organização do desfile na Presidente Antônio Carlos, que assegurava a existência de arquibancadas reservadas para parentes dos sambistas, e uma síntese das normas do concurso. É interessante notar que o júri era composto fundamentalmente por acadêmicos, embora isso devesse contar com algum respaldo da AESRJ. Entre as normas, destaca-se proibição dos enredos “não baseados em motivos nacionais ou que tenham cunho comercial”.³³

O primeiro civil na presidência da Riotur foi Vítor Pinheiro. Em junho de 1975, o prefeito Marcos Tamoio anunciava que os desfiles retornaria para a Presidente Vargas no

³⁰ INGRESSO a Cr\$ é o mínimo para ver samba. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 dez. 1973, p. 18.

³¹ INFORME JB. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 set. 1974, p. 10.

³² CARNAVAL tem mais 90% de subvenção. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 set. 1973.

³³ AS NORMAS da Riotur. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9 fev. 1975.

carnaval seguinte, entre os Viadutos do Marinheiro e São Sebastião.³⁴ Isso acabou gerando uma discussão em torno do incômodo cheiro de esgoto do canal do Mangue.³⁵

Na gestão Pinheiro aconteceu a substituição da política de subvenções que caracterizava até então a relação do Estado com as escolas de samba. Através de um contrato celebrado entre Riotur e Associação das Escolas de Samba, elas passavam à condição de prestadoras de serviços para o Estado. Tanto o presidente da empresa pública quanto o presidente da entidade representativa das agremiações carnavalescas se colocavam favoráveis a essa mudança, embora fosse noticiado pela imprensa que muitos sambistas não adotassem a mesma postura porque estariam sem conhecer em detalhes os termos contratuais.³⁶ Com base em informações de nota publicada no *JB*, após a confirmação definitiva, percebemos como o acordo de certa forma ainda deixava as agremiações tuteladas:

As escolas de samba estão obrigadas a participar de todas as atividades programadas no calendário oficial de turismo da cidade, e, para desfilar por iniciativa particular fora do calendário, terão de obter autorização prévia da Riotur, que arrecadará sempre nos desfiles oficiais 60% da renda resultante.³⁷

O maior percentual revertido para a Riotur era justificado pelas responsabilidades assumidas com a infraestrutura necessária ao desfile, decoração e negociação de publicidade. Ainda segundo a nota do jornal, a participação das escolas de samba aconteceria assim:

O PAGAMENTO

A distribuição dos outros 40% restantes da renda do espetáculo será feita da seguinte maneira: 15% para as escolas do primeiro grupo; 8% para as do

³⁴ ESCOLAS de samba desfilam na Pres. em 76 sob lema que invoca a Praça Onze. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 jun. 1975.

³⁵ RIOTUR lavará Mangue com desodorante para carnaval. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 nov. 1975; RIOTUR acha que cheiro de sambista anula o do Mangue. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 jan. 1976.

³⁶ RIOTUR faz contrato com os sambistas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 nov. 1975.

³⁷ RIOTUR garante por contrato profissionalização de escola de samba e 60% nas rendas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 nov. 1975. p 22.

segundo grupo; 5% para as do terceiro; e 12% para a Associação das Escolas de Samba. Mas quando o desfile não envolver a participação de todos os grupos (como acontecerá a partir do próximo ano, durante a Semana de Turismo, em setembro) a distribuição será: 12% para a Associação das Escolas de Samba e 28%, em parcelas iguais para as escolas que participarem do espetáculo.³⁸

Diante dessas condições, não é difícil compreender porque as escolas de samba continuariam tendo dificuldades para custear a produção dos seus desfiles. Em meados da década de 1970, as relações entre elas e o jogo do bicho estavam institucionalizadas, porém, os chefes da contravenção que comandavam agremiações ainda não haviam se organizado o suficiente para controlar politicamente a entidade representativa.³⁹ O presidente da AESRJ, Amauri Jório, não era ligado ao jogo do bicho, e sua posição de justificava pelo prestígio conquistado no mundo do samba como fundador e diretor da Imperatriz Leopoldinense.⁴⁰

Vítor Pinheiro esteve como presidente da Riotur até o carnaval de 1979. Os desfiles das escolas de samba passaram a atrair cada vez mais público, e a questão dos ingressos anualmente gerava discussão em torno dos esquemas de venda e dos valores, que geralmente eram reajustados sob a justificativa da inflação e dos prejuízos da Riotur com a montagem da infraestrutura do carnaval.⁴¹ O problema dos cambistas costuma ser denunciado pela imprensa⁴², o que envolvia ação de funcionários da empresa e que também chegavam a ser apontados por favorecerem conhecidos na venda dos ingressos⁴³.

Nesse contexto, eram evidentes os problemas na atuação dos representantes do poder público para organização dos desfiles e o avançar de um processo de

³⁸ Idem.

³⁹ Cf. CHINELLI e SILVA, op. cit.

⁴⁰ Cf. as crônicas de Alexandre Medeiros “A heráldica do Império Leopoldinense” e “A nobreza do anonimato assinado” In: DINIZ, Alan; MEDEIROS, Alexandre; FABATO, Fábio. *As três irmãs: como um trio de penetras “arrombou a festa”*. Rio de Janeiro: Nova Terra, 2015.

⁴¹ RIOTUR recomenda a quem não tem dinheiro assistir aos desfiles nos bairros. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5 jan. 1978.

⁴² BANDA da Riotur encontra-se com Bola Preta ao meio-dia. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 fev. 1977.

⁴³ CAMBISTA e bilheteiro lucram com ingresso da Riotur. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 fev. 1979.

comercialização que dificultava cada vez mais o acesso das camadas populares às arquibancadas. Foi aí que, em abril de 1979, o conhecido compositor João Roberto Kelly apareceu como novo Diretor de Eventos e Certames da Riotur, cuja responsabilidade recaía sobre o calendário de festas da cidade, e despontou como aposta do comando da empresa de turismo para o problema de legitimidade que enfrentava no exercício do controle do carnaval carioca.⁴⁴ Kelly era famoso por suas marchinhas de carnaval, portanto, ao assumir o cargo de diretor isso dava a entender que haveria a competência de um representante dos próprios artistas na organização da festa.

Logo depois do carnaval de 1980, Kelly ascendeu à presidência da Riotur. Em matéria publicada pelo *Jornal do Brasil* no final de janeiro de 1981 foi apresentada uma série de medidas atribuídas ao novo presidente:

A criação de 3 mil 200 cadeiras de pista, o possível aumento do número de camarotes, a volta do quesito **comissão de frente**, o desmembramento da votação de conjunto e a duplicação de juízes, dispostos intercaladamente, para avaliar cada um, a limitação da venda de ingressos por pessoa, e o aquecimento da plateia pela comissão de frente do carnaval carioca são algumas das novidades introduzidas pelo sambista João Roberto Kelly no esquema da maior festa da cidade. [...] ⁴⁵

A matéria começava exatamente com o anúncio dessas medidas voltadas para o desfile das escolas de samba. Todavia, a gestão de Kelly procurou dar atenção ao trabalho de decoração das principais ruas do Centro e também investir no projeto dos coretos espalhados pelo conjunto da cidade visando promover o carnaval popular dos bairros. De acordo com a fala do presidente, sua relação com as escolas de samba seria harmônica, de

⁴⁴ GROPILLO, Ciléa. Promessa de João Roberto Kelly, diretor de eventos e certames: “Carnaval de graça para o povo”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 abr. 1979.

⁴⁵ DUMAR, Deborah. Aqui, as novidades do desfile. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 jan. 1981.

diálogo, tanto que elas renunciaram o direito de veto na escolha dos jurados deixa-a a cargo de Kelly.

Mesmo organizado um esquema supostamente seguro de venda dos ingressos para os desfiles das escolas de samba, acabou acontecendo um grande problema que abalou a gestão. Primeiramente, chegaram à imprensa informações de que indicavam como a venda dos camarotes acontecia sob a forte influência de relações pessoais dos interessados, entre eles artistas famosos, junto à direção da Riotur.⁴⁶ Só que o grande problema ainda estava por vir, em função da venda de ingressos para as arquibancadas no estádio do Maracanã. Reuniu-se uma verdadeira multidão de interessados, porém, em pouco tempo a oferta se esgotou e houve uma confusão que deixou pessoas feridas e obrigou o encerramento das vendas naquele dia.⁴⁷

É preciso considerar que no início dos anos 1980 as tecnologias para o controle de vendas de ingresso para grandes espetáculos praticamente não existia. Entretanto, o que tudo indica é que a destinação de ingressos antecipadamente para agências de turismo foi o motivo do rápido esgotamento nas vendas do Maracanã, conforme atestava a imprensa.⁴⁸

O próprio João Roberto Kelly admitiu o erro de não terem controlado a cota de venda antecipada para as agências, que estariam repassando os ingressos por um valor muito mais elevado e inflacionando a comercialização. Ele prometeu rever o acordo com as agências para o próximo carnaval e estudar formas de atender a demanda crescente.⁴⁹

Outro problema que repercutiu muito mal naquele carnaval foi invasão da pista promovida por pessoas que ocuparam cadeiras criadas bem próximo da passagem e

⁴⁶ A PRIMEIRA guerra da festa em 1981. Vale tudo por um camarote. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 fev. 1981.

⁴⁷ INGRESSOS para o carnaval acabam e provocam tumulto. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 fev. 1981.

⁴⁸ INFORME JB. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 fev. 1981.

⁴⁹ KELLY admite que a venda a agências foi errada. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 fev. 1981.

separadas apenas por um alambrado.⁵⁰ Semanas depois, Kelly concedeu entrevista ao *Jornal do Brasil* onde falou desse problema e de vários outros explorados nas perguntas com o objetivo de se fazer um balanço do carnaval. Pelos registros do jornalista acerca do ambiente da Riotur a situação não seria de aprovação dos resultados da festa. Mesmo assim, Kelly procurou explicar os maiores problemas como decorrências do próprio crescimento da festa que, por isso, demandava a construção de novo espaço, mais apropriado, para sua realização.⁵¹

Em agosto de 1981, o coronel Aníbal Uzeda foi indicado mais uma vez para assumir a Riotur. A empresa sofria acusação de que mesmo existindo só em função do carnaval não conseguia cumprir adequadamente seu papel na organização. Uzeda assumia contando com a experiência do mandato exercido entre 1972 e 1974, entretanto, demonstrava preocupação com o tamanho e a amplitude alcançados pela Riotur em dez anos de funcionamento, pois, além da responsabilidade com o carnaval, tinha realizações no Autódromo e no Riocentro.

Numa entrevista que concedeu ao JB em 26 de agosto de 1981, pouco depois de ser nomeado, o presidente esclarecia que para um melhor controle as atividades da empresa seriam divididas em dois setores. Um grupo de profissionais ficaria dedicado ao carnaval, durante o ano todo, enquanto outro se dedicaria aos demais eventos da cidade.⁵²

A Riotur continuava com amplos poderes sobre a organização do carnaval, inclusive no tocante a regulamento, pois, mesmo que houvesse consulta das escolas de samba para definição de critérios, a palavra final acabava sendo do poder público.

Acerca dos déficits na gestão da Riotur, a entrevista com Uzeda apontou o seguinte:

⁵⁰ Informe JB. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 mar. 1981; MAIA, Paulo. A Riotur é paga para atrapalhar. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5 mar. 1981.

⁵¹ COURI, Norma. João Roberto Kelly acha que fez uma festa maravilhosa. “Parem de criticar o carnaval”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 mar. 1981.

⁵² O NOVO presidente da Riotur promete mudanças no carnaval. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 ago. 1981. p. 12 (Caderno B).

Quanto aos boatos de que a Riotur é deficitária, o Cel. Uzeda explica que o orçamento foi estabilizado com suplemento dado pelo Prefeito Julio Coutinho. ‘Mas os gastos da Riotur são imprevisíveis, especialmente com o carnaval, onde sempre surgem despesas extras. Para 1982, por exemplo, já surgiram despesas extras: temos contrato assinado com as escolas de samba em 1979. Esse orçamento aumentou 61% este ano, devido ao reajuste. Isso só para as escolas. Acrescente os blocos, os ranchos, as grandes sociedades e frevos. E além da subvenção, ainda temos que pagar premiação. (...)’⁵³

Um aspecto notório da realização do carnaval na segunda gestão de Uzeda, evidenciado pela imprensa, foi a firme participação dos patronos banqueiros do jogo do bicho nos espaços oficiais de discussão com as autoridades durante os preparativos. Às vésperas do carnaval de 1982, declarações públicas desses representantes das principais agremiações revelavam tensões entre o conjunto de dirigentes das afiliadas da AESRJ e, inclusive, divergência de alguns presidentes bicheiros com o então presidente da entidade.

Em 1982, uma operação policial de combate ao jogo do bicho nas áreas mais importantes do Rio, Niterói e Baixada Fluminense, prendeu 81 bicheiros. Por causa disso, surgiu a ameaça de que as escolas de samba não desfilariam. Uma reportagem do *Jornal do Brasil* mostrava como a operação colocou em detenção muitos apontadores da loteria, especialmente na zona sul da cidade e no Centro, sendo que neste bairro aconteceram inclusive invasões de “fortalezas”, bases onde são feitas a apuração das apostas e a contabilidade dos pontos instalados num determinado território pertencente a banqueiro. Ao narrar o transporte de apontadores presos em Copacabana, repórteres do referido jornal relatavam que um dos bicheiros teria passado pela janela uma mensagem com os dizeres:

‘Devido à repressão da PM, não desfilarão as principais escolas de samba. Besteira alguém comprar ingressos. Leilão de camarotes. Os compradores terão sérias dificuldades para receber o dinheiro de volta. Temos o direito de informar ao público que o desfile das escolas de samba, se realizado, será para desmoralizar o carnaval carioca no mundo inteiro’.⁵⁴

⁵³ Idem.

⁵⁴ PM prende 81 bicheiros em ‘operação zoológica’. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 29 jan. 1982. p. 17.

Apesar dos jornais não apresentarem nenhuma notícia de bastidores das negociações para confirmação do compromisso das escolas de samba com o desfile, podemos supor que houve um acordo entre Uzeda e os patronos ligados ao jogo do bicho. Liderados por Castor de Andrade, o compromisso foi firmado numa reunião na Riotur em que Castor proferiu a leitura de um documento, que também homenageava Uzeda, assinado pelos demais patronos.⁵⁵

Contudo, a relação do presidente com os patronos de algumas escolas de samba sofreu certo desgaste depois da apuração dos resultados dos desfiles que deram a vitória ao Império Serrano com o enredo *Bum Bum Paticumbum Prugurundum*. De acordo com o regulamento daquele carnaval, que Uzeda alegava não ter participado da elaboração por ter encontrado pronto na ocasião de sua volta a Riotur, os quesitos ligados aos aspectos visuais do desfile acabaram ficando com um peso menor e contendo algumas exigências que não foram cumpridas por escolas como Imperatriz Leopoldinense e Beija-Flor de Nilópolis gerando reação de seus dirigentes. Luizinho Drumond e Anísio Abraão acusaram a diretoria da Riotur de fazer uma “armação” para beneficiar o Império Serrano, ao que respondeu Uzeda ressaltando que os jurados apenas seguiram normas estabelecidas para a avaliação do desempenho das escolas, e que os presidentes das agremiações teriam participado junto com a direção anterior da Riotur na elaboração do regulamento em vigor no carnaval de 1982.⁵⁶

Para complicar a situação, surgiu a suspeita de que o resultado do carnaval teria sido influenciado pelos interesses do grupo político do governador Chagas Freitas. O deputado Jorge Leite (PP) era ligado ao Império, com reduto eleitoral em Madureira, e isso alimentava o clima de desconfiança em torno da decisão dos jurados do desfile.

⁵⁵ COMPROMISSO histórico garante desfile na hora certa. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 fev. 1982. p. 5.

⁵⁶ IMPÉRIO é campeão e Anísio e Luizinho vão à justiça. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 fev. 1982. p. 8.

Da parte da Beija-Flor, Néelson Abraão, presidente administrativo da escola e candidato à Prefeitura de Nilópolis pelo PDS, defendia a tese que houve favorecimento do Império por interesse de políticos ligado ao PP, novo partido do governador Chagas. O protesto chegou ao ponto de Joãosinho Trinta anunciar que no próximo carnaval a azul e branca desfilaria somente no município em meio a um grande carnaval popular.⁵⁷

O balanço desse período inicial de aproximadamente dez anos permite apontar o acúmulo pela Riotur de inúmeras atribuições na organização do carnaval, gerando muitos embates com as escolas. O crescimento do desfile e da própria importância das agremiações motivou seus presidentes, articulados na antiga Associação das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, a pressionarem pelo aumento dos valores destinados às escolas de samba através do contrato de prestação de serviços para realização do carnaval.

No universo das escolas de samba se costuma dizer que mal termina um carnaval já se começa a pensar no próximo. Os agentes do poder público, todavia, passam a dar os primeiros sinais de movimentação em prol da organização dos desfiles em meados de cada ano. A própria cobertura de imprensa nas décadas de 1970 e de 1980, pelo menos, registra que a preparação efetiva tinha início nos últimos meses do ano que antecedia o carnaval.

No âmbito desta pesquisa, realizei um levantamento sistemático de matérias a esse respeito publicadas no *Jornal do Brasil* referentes aos carnavais de 1983, 1984 e 1985. Isto se justifica pela influência sobre a organização dos desfiles das escolas de samba provocada pela mudança na política do Rio de Janeiro com a vitória do PDT nas eleições de 1982. Apesar disso, a posse do novo governador, com nomeação do seu secretariado na esfera estadual e até do prefeito da capital aconteceu somente no mês de março de 1983, depois do carnaval.

⁵⁷ BEIJA-FLOR não sai mais na Sapucaí. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 fev. 1982. p. 8.

A organização da festa, portanto, ficou a cargo da Riotur ainda sob a presidência do Coronel Uzeda, mas sob os olhares dos políticos ligados ao grupo que chegava ao poder. Havia uma visão negativa da população sobre a empresa de turismo, acusada de ser local para apadrinhados políticos, foco de irregularidades na gestão, incompetência... Não foi à toa que na transição do governo surgiu da parte dos brizolistas a ideia de extinção da Riotur, que viria a passar por processo de intervenção logo após a mudança política. Tudo isso provavelmente pesou no pedido de afastamento feito por Uzeda semanas antes do carnaval, e no final do mês de fevereiro tornou-se pública uma investigação acerca do envolvimento do filho do coronel, funcionário com cargo comissionado na empresa, num esquema de venda irregular de camarotes em benefício próprio. Outro fato denunciado por suposta irregularidade durante o carnaval foi a hospedagem no Hotel Glória do presidente Luís Dale, substituto de Uzeda.

O brizolismo e a construção do Sambódromo

Em 1982, a vitória de Leonel Brizola na eleição para o governo estadual despertou expectativas em relação à desestruturação da máquina política chaguista.⁵⁸ Brizola tomou posse em 15 de março de 1983, com a prerrogativa de nomear, além do seu secretariado, o Prefeito da cidade do Rio. Jamil Haddad, o escolhido, havia sido o proponente do projeto de extinção da Riotur para que o turismo ficasse a cargo da própria secretaria especial. Fundamentava essa ideia, sobretudo, a visão da empresa como uma estrutura excedente frente à escassez de recursos da administração municipal, e ainda por cima ser foco de corrupção.

Na véspera de sua posse, Jamil prometeu a realização de um projeto lançado em 1977 para construção do “sambódromo” como palco dos desfiles das escolas de samba, numa das ruas paralelas à Marquês de Sapucaí, mas que não havia sido levado à frente pela antiga gestão municipal mesmo após a desapropriação de imóveis na localidade. O referido projeto já havia sido concebido para ter funções múltiplas a serviço do poder público municipal, ou seja, tanto no tocante ao apoio logístico para o funcionamento de órgãos da administração pública quanto para ser espaço de atividades educacionais e culturais. Contudo, essa proposta só se confirmou por circunstâncias que discutiremos mais à frente.

Entre março e abril de 1983, realizou-se uma profunda intervenção na administração da Riotur sob o comando do procurador Augusto Thompson, que revelou uma série de irregularidades praticadas na gestão de Uzeda. De toda forma, obstáculos legais relacionados aos estatutos da Riotur pesaram para que o prefeito desistisse do projeto de extingui-la.

⁵⁸ Sobre o governo Brizola, cf. FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *A força do povo: Brizola e o Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Alcrj, CPDOC/FGV, 2008; SENTO-SÉ, João Trajano. *Brizolismo: estetização da política e carisma*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

Já no mês de maio, o novo prefeito deu início às discussões sobre a realização do próximo carnaval. Dali para frente, a situação ficaria bastante tensa por causa das pressões dos presidentes de escolas de samba ligados ao jogo do bicho, cada vez mais interessados em assumir aspectos da comercialização dos desfiles, e especialmente pelas limitações financeiras do município para arcar com os custos crescentes da montagem da infraestrutura necessária.

Segundo declarações de Jamil Haddad, ele estaria empenhando numa solução para reduzir as elevadas despesas com montagem e desmontagem das estruturas de arquibancadas para o desfile das escolas de samba, o que vinha acontecendo até então por meio da contratação de uma empresa especializada. O Prefeito chegou a cogitar realização dos desfiles no Maracanã, algo que foi prontamente rejeitado pelos presidentes.⁵⁹

Ao expor tantas dificuldades para a realização do carnaval, talvez como estratégia para conter as exigências da AESRJ em relação à subvenção e maior participação na receita dos desfiles, Haddad abriu margem para que os presidentes das principais escolas lançassem a proposta de assumirem eles próprios o lugar da Riotur na organização do carnaval. De forma articulada, os patronos ligados ao bicho propuseram “banicar” os custos da organização dos desfiles em troca do controle sobre as receitas. Isso criaria uma situação embaraçosa para o município, pois iria significar que as autoridades estavam assumindo sua incompetência na questão do carnaval e, além disso, entregando a organização aos chefes da contravenção.⁶⁰

É muito importante observar que tivemos em meio a essas negociações para os desfiles de 1984 o lançamento do primeiro projeto oficial de privatização do carnaval das escolas de samba, sob a tutela do poder público municipal. Na época, representou uma saída de Jamil Haddad para o impasse criado com os representantes das agremiações,

⁵⁹ NO ENCONTRO com Jamil, “o escrito” não vale. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 08 jul. 1983.

⁶⁰ ENCONTRO impossível. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 05 ago. 1983.

baseando-se na ideia de que poderia realizar uma concorrência pública atraente para empreendedores interessados na exploração do carnaval como negócio. Isso perdurou por aproximadamente um mês, mas no começo de setembro surgiu proposta de construção da “Passarela do Samba” como uma ação do grupo político no poder para manter o carnaval sob o controle do Estado.

O projeto do arquiteto Oscar Niemeyer, pessoa próxima de Brizola e de Darcy Ribeiro, foi anunciado em meados de setembro. O argumento central para o investimento público na obra consistia fundamentalmente na proposta de ampliação da participação popular no público dos desfiles e na possibilidade posterior do uso dos espaços de camarotes para salas de aula da rede pública de educação.⁶¹ As principais autoridades governamentais do Rio de Janeiro marcaram presença no lançamento da pedra fundamental da obra no começo de outubro, havia naturalmente uma preocupação tremenda com a execução completa do trabalho até 10 de fevereiro de 1983, ou seja, num período de quatro meses até o carnaval.

A preparação desse carnaval se anunciava como um marco tendo em vista o atendimento de uma demanda tão importante para as escolas de samba que era a construção de um espaço especial e definitivo para os desfiles de carnaval. Da cúpula do governo, além de Brizola e Jamil Haddad, estiveram envolvidos o vice-governador e secretário de cultura Darcy Ribeiro, o secretário estadual de turismo Trajano Ribeiro, o secretário municipal de turismo Nestor Rocha e o presidente da Riotur Armando Aoad. Aconteceu que ainda no final de 1983 Jamil Haddad foi substituído na Prefeitura, por decisão de lideranças do governo, por Marcelo Alencar. Logo após esse acontecimento, no começo de dezembro, Darcy Ribeiro assume o protagonismo da parte do governo nas decisões acerca da organização dos desfiles. A divisão dos desfiles em dois dias, a

⁶¹ AVENIDA do Samba: uma passarela em discussão. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 set. 1983.

performance exigida das escolas para o encerramento de cada desfile no espaço da Praça da Apoteose, o supercampeonato, a formação do júri, tudo isso passou pelo crivo do vice-governador que acabou se mostrando muitas vezes desconhecedor de aspectos importantes da cultura das escolas de samba e mesmo intransigente.⁶² Não foi à toa que recebeu muitas críticas de jornalistas independentes, sambistas, e naturalmente dos mais oportunistas opositores do Governo Brizola. Ele ainda teve que responder por assuntos relativos ao consórcio de empreiteiras contratadas para realização da obra e, assim como o governador, pelos custos da obra que foram muito além daquilo que havia sido estipulado no momento do anúncio do projeto de Niemeyer.

A construção foi alvo de forte campanha contestatória encabeçada pelos mandatários das Organizações Globo e demais opositores de Brizola.⁶³ Contudo, a Passarela veio a favorecer também interesses empresariais na exploração de negócios relacionados ao evento.

A administração desse equipamento asseguraria pelo menos até meados da década de 1990 o controle do Estado sobre a organização do carnaval, acirrada pelo próprio aumento do potencial econômico dos desfiles e, por isso, objeto de interesses cada vez mais ambiciosos da cúpula do jogo do bicho há anos exercendo o comando das principais escolas de samba.

Atualmente, existe no Rio uma tendência para a realização de “grandes eventos” na zona oeste da cidade, mais especificamente na Barra da Tijuca, sob a justificativa de que lá são melhores as condições de segurança, infraestrutura, além da presença de moradores

⁶² DESORGANIZAÇÃO da Riotur preocupa escolas de samba. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 nov. 1983.

⁶³ RODRIGUES, Mônica. “Imprensa: uma relação de amor e ódio”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *A força do povo: Brizola e o Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: ALERJ/CPDOC/FGV, 2008.

com alto poder aquisitivo.⁶⁴ Tanto é assim que em recente publicação de entrevistas com presidentes de honra das principais escolas de samba ao pesquisador Luiz Carlos Prestes Filho, alguns deles defendem a mudança dos desfiles para a referida região da cidade, idealizando a construção de um complexo capaz de unir o espaço de produção das alegorias e fantasias com uma nova Passarela.⁶⁵

Essa proposta tem aspectos interessantes, no entanto, precisamos ter cuidado com uma visão comercial que menospreza a importância cultural e política da construção do Sambódromo para o carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro. Esse verdadeiro monumento que se destaca na paisagem urbana do Centro consagrou às escolas de samba um espaço definitivo para os desfiles carnavalescos, depois de um longo histórico de negociações com o poder público em relação à organização da festa.

O carnaval das escolas de samba tem um importante papel integrador de toda a região metropolitana do Rio de Janeiro, e o Sambódromo veio reforçar isso com suas instalações situadas numa área significativa do ponto de vista da própria história do samba urbano carioca e da rede de transportes públicos da cidade. Por mais que existam problemas relacionados às questões de logística na operação do espaço, devido ao crescimento do carnaval em termos de alegorias e número de componentes, e também em relação à sonorização e iluminação, é preciso ressaltar o fato de que o projeto foi concebido para além do objetivo turístico e financeiro do carnaval. O uso permanente do espaço demonstra o caráter cultural do projeto em sentido pleno, o que se expressa também na tentativa favorecer a presença dos populares no público num momento em que o valor dos ingressos para o desfile dificultava o acesso dos próprios sambistas.

⁶⁴ Sobre os “grandes eventos” no Rio de Janeiro, cf. OLIVEIRA, Nelma Gusmão de. *O poder dos jogos e os jogos de poder: os interesses em campo na produção de uma cidade para o espetáculo esportivo*. Tese de Doutorado. IPPUR/UFRJ. Rio de Janeiro, 2012.

⁶⁵ Cf. PRESTES FILHO, Luiz Carlos. *O maior espetáculo da Terra: 30 anos de Sambódromo*. Rio de Janeiro, Ed. Lacre, 2015.

Liga Independente das Escolas de Samba (LIESA)

No momento da segunda gestão do coronel Uzeda na Riotur, reuniões para tratar da realização do carnaval evidenciavam a forte influência dos banqueiros do bicho e presidentes de escolas de samba nos acordos firmados com o presidente da empresa.

Outro fato importante nos preparativos para 1982 foi divulgação na imprensa de declarações feitas por Anísio Abraão, da Beija-Flor, sugerindo desentendimento de pelo menos parte dos dirigentes com o presidente da AESRJ, numa das reuniões na Riotur.⁶⁶

De acordo com Chinelli e Silva, a importância adquirida pelas principais agremiações motivou seus dirigentes a pressionarem por uma representação na AESRJ mais correspondente com a força política e econômica no carnaval deles.⁶⁷ Questionava-se, por exemplo, o fato de todas as escolas do primeiro grupo terem direito ao mesmo percentual na divisão dos ganhos assegurados no contrato de prestação de serviços assinado com a Riotur. Além disso, os presidentes das escolas de maior porte reclamavam de serem eles sempre voto vencido em discussões importantes no âmbito da Associação.

Essa situação foi administrada até a realização do primeiro carnaval sob a influência de Brizola, que teve a construção do Sambódromo. Chinelli e Silva observam que a importância crescente das grandes escolas de samba em termos políticos e sociais, e especialmente do desfile, depois da inauguração da Passarela do Samba, fez com que as agremiações passassem a aumentar a pressão por mudanças na própria AESRJ.⁶⁸

No começo das discussões sobre o carnaval de 1985, a situação chegou ao extremo e o chamado “grupo dos 10 presidentes” ou “grupo das 10 escolas” entendeu que deveria

⁶⁶MARTINS, Ruth. Compromisso histórico garante desfile na hora certa. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 fev. 1982, Primeiro Caderno, p. 5.

⁶⁷ CHINELLI e SILVA, op. cit. p. 215.

⁶⁸ Idem. p. 216.

se desligar da AESRJ e fundar uma nova entidade para lhes representar. Em meados de julho de 1984, o referido grupo de presidentes teve uma reunião com Trajano Ribeiro, presidente da Riotur, para explicação das razões do desligamento da AESRJ.

Segundo matéria publicada no *JB* sobre essa reunião, o anúncio da decisão das escolas foi tratado com certa compreensão por Trajano. Todavia, ele não aceitaria aquela atitude se uma forma de pressão sobre o poder público para modificar aspectos já traçados para organização dos desfiles no carnaval de 1985.⁶⁹

Contudo, as dificuldades começaram a aparecer na medida em que as escolas que se mantiveram na AESRJ exigiam das autoridades que não fossem desprezadas em suas reivindicações para organização dos desfiles.⁷⁰ E além da questão em torno da divisão dos desfiles do grupo principal em dois dias, como o governo preferia manter, surgiu o problema de tratar num mesmo concurso agremiações vinculadas a associações diferentes.

Castor de Andrade foi o grande líder dos presidentes das escolas que se tornaram fundadoras da LIESA. Em uma reunião realizada na casa dele, na noite de 24 de julho de 1984, houve o anúncio da criação da LIESA. Nesse mesmo dia, Castor foi aclamado presidente da nova entidade, com seu vice Fernando Leandro, da Caprichosos de Pilares.⁷¹

O jornalista Joaquim Ferreira dos Santos registrou as discussões de uma reunião da recém-criada associação ocorrida em 10 de setembro de 1984, no escritório do “Doutor Castor”, na Avenida Rio Branco, sede provisória da LIESA. Os presidentes debatiam a posição da Riotur pela manutenção dos desfiles em dois dias, ao contrário do que eles desejavam. Isto interferia na definição do valor dos ingressos, no acordo de transmissão com as emissoras de televisão, e colocava a comercialização do carnaval no centro da

⁶⁹ GRUPO dos 10 debate samba e carnaval-85 com Trajano. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 jul. 1984, Cidade, p. 7.

⁷⁰ ESCOLAS de samba querem saber como fica carnaval com a saída das 10 maiores. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 jul. 1984, Primeiro Caderno, p. 12.

⁷¹ LIGA Independente das Escolas de Samba elege Castor seu presidente. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 jul. 1984, Cidade, p. 5.

discussão. Como instrumento de pressão para que o poder público atendesse as exigências da nova entidade, os presidentes ameaçaram não participar dos desfiles no Sambódromo.⁷²

Em 26 de setembro do mesmo ano, o *Jornal do Brasil* publicava a seguinte nota:

GUERRA ABERTA

O banqueiro Castor de Andrade anunciou ontem para quem quisesse ouvi-lo que ou a Riotur aceita as condições especificadas pela Liga das Escolas Independentes – desfile das 10 integrantes da Liga no domingo e de oito outras na segunda-feira – ou a Mocidade Independente de Padre Miguel não participará do carnaval oficial de 85.

São esperadas para hoje ou amanhã novas adesões à decisão de Castor de Andrade, o que deverá levar os organizadores do carnaval a jogarem a toalha e aceitar as regras decididas pela Liga Independente.

Isso porque o contrato de prestação de serviço firmado entre as escolas e a Riotur expira em 10 de janeiro – não vigorando, portanto, durante o carnaval – principalmente, por já ter registro oficial em cartório a Liga Independente das Escolas de Samba – o que lhe garante, quando menos, vida própria para fazer o que bem entender.⁷³

A sabedoria popular do Rio de Janeiro ensina que banqueiro de bicho não joga para perder... Realmente, Castor soube utilizar os recursos dos quais dispunha, a união das agremiações da Liga – assegurada pela direção de outros chefes da cúpula do bicho – em torno do mesmo objetivo e o respaldo jurídico de que as escolas não sofreriam qualquer penalidade prevista em contrato anterior. Além de terem se desligado da AESRJ, as suas obrigações formais com poder público não estariam mais vigorando na data dos desfiles.

Conforme desejava a Riotur, foi firmado o compromisso das escolas da LIESA com a divisão do desfile principal em dois dias, entremeados com escolas ligadas às duas associações. Contudo, consagrou-se um passo importante rumo ao aumento da participação das principais agremiações nas receitas obtidas com venda de ingressos, *merchandising* na Passarela do Samba, e especialmente o direito de transmissão pela televisão.⁷⁴

⁷² SANTOS, Joaquim Ferreira dos. O desfile do samba em 85: entre o luxo dissidente e a pobreza com direitos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 set. 1984, Caderno B, p. 8.

⁷³ ZÓZIMO. Guerra aberta. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 set. 1984, Caderno B, p. 3.

⁷⁴ SAMBA e Estado esboçam acordo para desfile ser em dois dias. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 02 out. 1984, Primeiro Caderno, p. 14.

No começo da década de 1980, o pagamento desse direito pelas emissoras já havia se tornado parte importante das receitas. E como sabemos, a televisão passou a ter influência extraordinária no carnaval a partir do Sambódromo. As Organizações Globo, por sua posição antibrizolista, foram contra tal construção e os embates em torno disso acabaram lhe deixando fora da transmissão na inauguração da Passarela do Samba.⁷⁵

No entanto, a direção da empresa logo procurou rever isso, e existem especulações a respeito de sua influência na própria criação da LIESA. A matéria de Joaquim Ferreira dos Santos a que nos referimos anteriormente aponta um indício desse ação da TV Globo:

Além dos sambistas há outros personagens nessa história. Um deles é a TV Globo que, este ano, desistiu da cobertura do desfile, por ser em dois dias – e levou sua mais inesquecível surra de audiência. A Globo estaria prometendo vantagens à Liga por um único dia d samba e não teria sido por outro motivo que Castor de Andrade, ao sair de uma reunião com o Secretário de Turismo, na última quinta-feira, ligou imediatamente para Edvaldo Pacote, diretor da Rede, e transmitiu-lhe as últimas.⁷⁶

Fechado o acordo da LIESA com a Riotur para a realização dos desfiles do grupo principal em dois dias, os preparativos para o carnaval seguiram sem nenhuma instabilidade. Em 12 de fevereiro de 1985, por ocasião do aniversário de Castor, fora publicada uma matéria com seu pleno consentimento e colaboração no *Jornal do Brasil*, para traçar um perfil do então presidente da LIESA. A reportagem apresentou alguns registros do ambiente na sede da nova associação quando estiveram lá presidentes das agremiações afiliadas para tratar de questões do carnaval. Além das comemorações do aniversário, a agenda do presidente da Liga estava marcada com reunião na Riotur para escolha dos jurados, recepção dos dirigentes das escolas para distribuição dos cheques para pagamento de direitos autorais das gravações dos samba de enredos, conversa para

⁷⁵ RODRIGUES, Mônica. op. cit.

⁷⁶ SANTOS, op. cit.

apaziguar conflitos problemas entre a diretoria do Império Serrano e ainda atendimento do pedido de doação para uma escola de samba do segundo grupo. O envolvimento de Castor com o futebol acabava trazendo para o ambiente da LIESA assuntos do esporte, que ele revelava ser da sua preferência mais do que o samba. O perfil apresentava um Castor simpático, que negava manter ligações com a contravenção, embora reconhecesse episódios desse passado que serviam como demonstração do seu poder.⁷⁷ Examinando as ocorrências sobre Castor no levantamento que realizei em matérias de meados da década de 1980 no JB, notei que a administração do Bangu Atlético Clube absorvia seu tempo até mais do que a Mocidade Independente de Padre Miguel, escola da qual era o patrono.

Castor ficou menos de um ano na presidência da LIESA, com uma diretoria provisória. O segundo presidente foi Anísio Abraão, “benemérito” da Beija-Flor, e membro da cúpula do bicho. Em janeiro de 1986, no seu primeiro ano de mandato, Anísio anunciava numa entrevista concedida ao JB que dentro de três ou quatro anos haveria saída dos patronos do financiamento do desfile das escolas de samba. Isso era colocado por ele como uma mudança irreversível, em função das expectativas com a atuação da LIESA.⁷⁸

A questão é saber se esse discurso não seria apenas satisfação dada à opinião pública na tentativa de afastar suspeitas em relação à origem dos recursos empregados no financiamento das escolas de samba. No entanto, passado o tempo previsto por Anísio, os banqueiros do bicho continuaram como patronos, e alegando que o crescimento do carnaval em função da construção do Sambódromo teria obrigado sua permanência. De toda forma, fica evidente o interesse desses agentes em relação à conquista de autonomia financeira das agremiações através de maior participação delas nas receitas do carnaval.

⁷⁷ CABALLERO, Mara. Castor de Andrade: líder é quem enxerga na frente. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 fev. 1985, Caderno B, p. 7.

⁷⁸ CABALLERO, M. A retirada dos patronos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 jan. 1986, Caderno B, p. 5.

Naquele momento, a LIESA já teria avançado em questões importantes na organização do carnaval. Segundo Anísio, o aumento significativo da subvenção seria resultado da pressão da nova entidade sobre o poder público, e só passou a ser mais eficaz após a dissidência na AESRJ. A LIESA decidiu tomar para si a responsabilidade pela produção do disco dos sambas de enredo, criando um selo e uma gravadora próprios, e até apresentou o projeto de uma revista oficial com o objetivo de substituir a conhecida *Rio, Samba e Carnaval*, editada pelo empresário promotor de camarotes Maurício Mattos. Naquele momento, anunciava-se também o interesse pela elaboração de um plano de participação das escolas na exploração do *merchandising* na Passarela do Samba.⁷⁹

Dois desses pontos merecem atenção especial da gestão de Anísio. Notemos que a discussão sobre o *merchandising*, que passou por atualizações e ainda hoje se desenvolve, já era central nos primeiros anos de atuação da LIESA. Quem se pronunciou com mais propriedade sobre isso naquela gestão foi o Primeiro Secretário Paulinho Andrade, filho de Castor. Ele apontava que os recursos provenientes da venda de espaços de propaganda teriam importante contribuição na geração de receitas para garantir o fim da patronagem.⁸⁰

Em artigo publicado na antiga *Revista Domingo*, do JB, Paulinho Andrade sugeria que o dinheiro dos patronos naquele momento costuma ser empregado mais como empréstimo do que como doação. Para Paulinho, esse adiantamento deveria continuar acontecendo com passar do tempo, em vista da demora comum nos repasses do Estado e da própria LIESA, mas doção da parte dos patronos se tornaria algo de fato desnecessário.⁸¹

O segundo ponto que merece destaque é a criação da gravadora da LIESA para assumir no lugar da Top Tape a produção do disco dos sambas de enredos. Considerada

⁷⁹ Idem.

⁸⁰ CABALLERO, Mara. Samba com merchandising. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 jan. 1986, Caderno B, p. 5.

⁸¹ ANDRADE, Paulinho. Altos lucros do samba. *Revista Domingo (Jornal do Brasil)*, Rio de Janeiro, fev. 1986.

uma iniciativa de Anísio, isto teria permitido um aumento extraordinário dos ganhos das escolas, e especialmente para os compositores, que puderam receber melhor e com mais rapidez os valores correspondentes dos direitos autorais. A medida, que costuma ser lembrada nos discursos de representantes da LIESA quando defendem o papel assumido na organização do carnaval, e conferiu a ela legitimidade significativa entre compositores.

Talvez por essa razão, segundo relato do próprio Anísio Abraão David, a gravadora Top Tape esteve por trás de um “complô” envolvendo alguns presidentes de escolas de samba afiliadas a LIESA que abalou sua gestão com base numa acusação de manipulação do júri. Isso resultou seu afastamento oficial de Anísio pouco antes do carnaval de 1987.⁸²

A sucessão do comando da LIESA acontece de dois em dois anos, e costuma ser no mês de abril, que é sempre depois de um balanço do carnaval. Isso passa por acordos da cúpula do jogo do bicho, que lida com tensões internas relacionadas às questões relacionadas do carnaval e, logicamente, de desdobramentos de assuntos da contravenção.

Em função dessa crise, despontou a figura do Capitão Guimarães para assumir o comando da entidade, até porque fora vice na chapa de Anísio e tinha o respaldo do chefe Castor de Andrade. A eleição Guimarães se deu por aclamação, com pleno apoio de Anísio e de Paulinho Andrade. Aproveitando-se de suas ligações com o submundo do crime durante o serviço militar de repressão aos presos políticos na ditadura, o Capitão Guimarães foi um homem que construiu ascensão rápida e agressiva nos universos da contravenção. Por conta disso e também por seus conhecimentos na área de administração atribuídos à formação como oficial do Exército, ele assumiu o posto de “secretário da cúpula do jogo do bicho”, mesmo sendo dono de um número bem menor de pontos do que

⁸² PERFEITO, Vera. O chefe denuncia um complô. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 01 mar. 1987, Entrevista, p. 10.

certos chefes da contravenção possuíam.⁸³ Guimarães concluiu o mandato de Anísio e iniciou a nova gestão anunciando o propósito de conquistar a “privatização do carnaval”.

Na visão de Chinelli e Silva, a criação da LIESA constituiu o passo decisivo da cúpula rumo a esse processo.⁸⁴ Tenho acordo com os autores ao colocarem que a partir de então a grande questão no âmbito das relações políticas e organizacionais nesse universo ficou pautada pela disputa pelo controle da festa como empreendimento turístico e empresarial. Contudo, entendo que o uso do termo *privatização* seja feito com ressalva para classificação da transferência gradativa das atribuições que eram da alçada do poder público para a entidade representativa das principais agremiações carnavalescas. Isto porque se verificou ao longo do tempo que o fato da LIESA ter assumido o controle da organização do carnaval em termos comerciais não significou de forma alguma que a entidade tenha deixado de pedir e pressionar as autoridades por investimentos públicos em infraestrutura e para as escolas poderem produzir seus desfiles em melhores condições.

Prestes a encerrar seu primeiro mandato como presidente eleito da LIESA, em janeiro de 1989, Guimarães anunciava novos planos para avançar no controle do carnaval em termos de maior participação nas receitas do desfile e retirada de atribuições da Riotur na organização. Numa matéria do JB toda dedicada a ele, e que contou com sua colaboração, Guimarães defendia a ideia de uso da Passarela do Samba apenas como espaço alugado, ou seja, sem nenhuma interferência da Riotur durante a realização do evento. Além disso, ele que a renda obtida com os desfiles das grandes escolas de samba não deveria ficar totalmente com elas, negando-se a negociar qualquer tipo de colaboração para as agremiações dos outros grupos. A crítica a essa proposta argumentava que a LIESA não poderia se colocar como proprietária absoluta de uma festividade de longa tradição da

⁸³ Cf. GÁSPARI, Elio. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 761-375.

⁸⁴ CHINELLI e SILVA, op. cit. p. 217.

qual todas as escolas de samba fariam parte na constituição de um rico patrimônio cultural da cidade do Rio de Janeiro – e eu diria do estado – e não de um grupo em particular.⁸⁵

A mesma matéria apresentava um balanço das conquistas da LIESA a partir de sua criação, na condição de “sócia” da Riotur na realização dos desfiles do primeiro grupo:

Desde a criação da Liga, as escolas deixaram de ser subvencionadas para tornarem-se sócias da Riotur nos desfiles de domingo e segunda de Carnaval na Passarela do Samba. Esse ano, a entidade aumentou sua fatia no bolo – em 89, 40% da venda dos ingressos, 35% da comercialização de *merchandising* e 90% dos direitos de televisionamento vão para os cofres da Liesa. Em cruzados, isso significa NCz\$ 778.182, na hipótese pessimista da ocupação de 85% do Sambódromo. Ano passado, 98% dos lugares da Marquês de Sapucaí foram preenchidos.⁸⁶

À época, o prefeito eleito do Rio de Janeiro era Saturnino Braga, do PDT, e Alfredo Laufer, o presidente da Riotur. As negociações realizadas com a LIESA foram marcadas por concessões do Estado, porém, não significa dizer que o grupo político no poder estivesse atuando na questão do carnaval em sintonia com os interesses da LIESA. Por exemplo, o vereador Maurício Azedo (PDT), conseguiu aprovar um projeto de lei para estatização total do carnaval. Embora tenha sido vetado por Saturnino com parecer da própria Riotur, acabou servindo para colocar freios na ambição exacerbada da LIESA pelo expansão do seu controle sobre a exploração comercial do carnaval. Laufer travou negociações bastante tensas com Guimarães a respeito dos direitos de transmissão de televisão. E no âmbito do relacionamento com as emissoras, a matéria registra duas conquistas importantes para a LIESA em termos técnicos. Primeiro, a uniformização das imagens transmitidas por Manchete e Globo, o que fez reduzir o número de profissionais no Sambódromo, e em segundo, o compromisso de serem fiéis à narrativa do desfile.⁸⁷

⁸⁵ PAIVA, Anabela e MOTTA, Aydano A. Um certo Capitão Guimarães. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 jan. 1989, Cidade, p. 7.

⁸⁶ Idem.

⁸⁷ Idem.

A liderança de Guimarães no comando da LIESA se fortaleceu a ponto do banqueiro do bicho ter exercido três mandatos consecutivos: (1987-1989), (1989-1991) e (1991-1993). Contudo, levanto a hipótese de que sua atuação agressiva em prol da chamada privatização só tenha sido alavancada a partir da segunda gestão, depois de “superado” o desgaste com duas situações de ordem criminal: a suposta associação da cúpula do bicho com o assassinato de Carlos Dória, presidente da Mangueira que tomou a frente nas acusações contra Anísio no caso da escolha dos jurados para 1987; e ainda as denúncias relacionadas à expansão dos negócios de Guimarães no Espírito Santo em associação com o crime organizado por intermédio do delegado Cláudio Guerra, que também havia atuado no serviço de repressão durante a ditadura militar.⁸⁸

É importante observar que, entre o final dos anos 1980 e início dos anos 1990, governo estadual e governo municipal eram exercidos por lideranças políticas de grupos opostos. Em 1991, Moreira Franco (PMDB) era o governador do estado, o prefeito do Rio era Marcelo Alencar (PDT). Sabemos que o Município é responsável direto pela realização do carnaval, através da Riotur. Em fevereiro de 1991, Moreira Franco fez uma inusitada recepção para os patronos das escolas de samba no Palácio Guanabara, a fim de tratar da doação de um terreno público no bairro do Caju, de posse do DETRAN, para o projeto da construção de um museu do samba e de instalações para funcionamento de barracões, uma antiga reivindicação das escolas de samba. Até então, boa parte delas montava suas alegorias em condições muito precárias e arriscadas no Pavilhão de São Cristóvão.⁸⁹

Esse fato repercutiu muito negativamente, pois a opinião pública não admitia que o chefe do governo fizesse tal recepção para conhecidos chefes da contravenção no Rio de Janeiro. As primeiras linhas de uma matéria do JB, em tom de reprovação, colocavam:

⁸⁸Cf. JUPIARA, Aloy e OTÁVIO, Chico. *Os porões da contravenção: jogo do bicho e ditadura: a história da aliança que profissionalizou o crime organizado*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2015. p. 163-167.

⁸⁹ FESTA para os reis do bicho. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 06 fev. 1991, Cidade, p. 1.

Se não fosse a presença do governador Moreira Franco, poderia parecer uma reunião da cúpula do jogo do bicho. Estavam ali Aílton Guimarães Jorge, o *Capitão Guimarães*, Aniz Abraão David, o *Anísio*, Luiz Pacheco Drummond, o *Luizinho*, e Carlos Teixeira Martins, o *Carlinhos Maracanã*. Como se a condição de presidentes de escolas de samba pudesse apagar por algum momento suas extensas folhas penais, os quatro foram recebidos pelo governador no salão verde do Palácio Guanabara, com a mesma pompa dispensada a visitantes ilustres.⁹⁰

Ali o Estado estava tratando a doação do terreno como uma ação de reconhecimento da importância das escolas de samba, e também um investimento para o turismo na cidade e para formação de mão de obra para o carnaval. A matéria apontava o feito como uma conquista de Guimarães enquanto presidente da LIESA, ele ainda se sentia com necessidade de pedir mais recursos aos governos estadual e municipal tendo em vista o financiamento do projeto. Isto mostrava bem como a privatização do carnaval defendida pelos mandatários da LIESA era muito peculiar, resistindo à participação do Estado em assunto de divisão dos lucros gerados pelo espetáculo carnavalesco, mas recorrendo a ele para iniciativas de grande porte que demandam investimento pesado em infraestrutura.

Em meio à repercussão desse caso, o poder da LIESA no carnaval chegou ao ponto do seu presidente encaminhar uma carta exigindo da TV Manchete a retirada de seus principais comentaristas de carnaval da emissora, sob a ameaça dela perder a participação na transmissão dos desfiles. Era uma clara represália ao fato de Fernando Pamplona, Sérgio Cabral e Albino Pinheiro se posicionarem abertamente como críticos da LIESA.⁹¹

No começo do ano de 1993, representantes das escolas de samba foram à Brasília para buscar uma reunião com o Presidente Itamar Franco e junto a ele solicitar a transformação de armazéns do Cais do Porto em barracões e um museu. Por causa do andamento do processo por formação de quadrilha contra a cúpula do bicho que veio a ser

⁹⁰ Idem.

⁹¹ A CENSURA da contravenção. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 fev. 1991, Cidade, Capa.

julgado por Denise Frossard no mês de maio, e da própria resistência da acessoria de Itamar, não foi aceita a presença dos “patronos” das agremiações nesse encontro.⁹²

A consolidação privatização, graças ao aval de autoridades públicas, aconteceu curiosamente no período em que os chefes do bicho estiveram presos. Essa realização do então prefeito César Maia, que há um tempo havia rompido com Brizola, deu-se no segundo carnaval de sua gestão, o que será analisado na parte seguinte deste capítulo, com base em matérias jornalísticas e nas ações civis do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro acerca dos contratos celebrados entre Riotur e LIESA a partir da década de 1990.

⁹² PRESIDENTE ouve reivindicações de sambistas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5 fev. 1993, Cidade, p. 14.

A questão do investimento público depois da privatização do carnaval

A LIESA foi criada com objetivo de disputar frente ao poder público o controle dos desfiles das escolas de samba do grupo principal, na perspectiva de ser um empreendimento turístico e empresarial. Já a partir de 1985 a entidade passou a defender o discurso sobre sua capacidade de assegurar o autofinanciamento da produção dos desfiles, e que para isso seria necessário assumir não só a direção artística, mas também a organização do espetáculo com pleno direito à exploração comercial do Sambódromo.

Como se sabe, os banqueiros do bicho na condição de patronos de algumas das grandes escolas de samba foram os agentes responsáveis pela criação da Liga. Por isso mesmo, desde a fundação da entidade, recai sobre ela o questionamento de ser uma estrutura empresarial a serviço, sobretudo, da cúpula da contravenção no Rio de Janeiro.

No curso das investigações que levaram à condenação dos chefes do jogo do bicho pelo crime de formação de quadrilha, em 1993, essas suspeitas se intensificaram. Em 1994, a lista de pagamento de propinas apreendida no estouro da fortaleza de Castor de Andrade relacionava como receptoras pessoas dos mais diversos segmentos sociais e, naturalmente, políticos. Entre elas estava o deputado federal Paulo de Almeida, presidente da Escola de Samba Unidos da Ponte, que exerceu a presidência da LIESA durante a temporada da cúpula do bicho na prisão. Outro que teve o nome na lista foi César Maia, que havia sido eleito Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro na disputa realizada em 1992.⁹³

A chamada privatização do carnaval foi uma proposta de campanha de César Maia, oficializada através do contrato celebrado entre a Riotur e a LIESA, em 1994, mas para o carnaval de 1995. Maia alegava que a organização a cargo do Município e da Riotur

⁹³ Cf. AULER, Marcelo. *Biscaia*. Rio de Janeiro: Cassará Editora, 2012.

gerava prejuízos e, para evitar esse problema, a solução era transferir a gestão para a LIESA. As razões do suposto prejuízo, porém, não eram devidamente esclarecidas.⁹⁴

Setores da imprensa, vereadores de oposição ao prefeito e representantes do Ministério Público chamavam atenção da contradição que era o poder público entregar o controle do carnaval para uma entidade sabidamente influenciada pelo poder da contravenção.⁹⁵ E, para piorar, a decisão vinha após a grande repercussão da prisão dos chefes do bicho, que mesmo assim continuaram dando as cartas nas suas agremiações.

As notícias da época expressavam uma clara aproximação política entre o prefeito César Maia e o presidente da LIESA, o deputado Paulo de Almeida. O secretário Eduardo Guinle já não estava mais à frente da pasta do Turismo e da Riotur em 1995, quem ocupava este posto era Marcelo Siqueira. As negociações para assinatura do contrato de carnaval foram claramente ditadas pelos interesses da LIESA para que assumisse os lucros deixando só responsabilidades onerosas a cargo do poder público.

As primeiras investigações realizadas pelo MP estadual que tiveram a LIESA como alvo provavelmente aconteceram no curso do processo finalizado em 1993. O objetivo dos promotores era comprovar que operações institucionais da Liga estariam servindo diretamente às organizações do jogo do bicho. Ou seja, levantava-se a hipótese de ser uma empresa de “fachada” utilizada para exploração do carnaval. O próprio presidente da Riotur declarou na época que se essa acusação fosse comprovada haveria revisão do

⁹⁴ MAIA privatiza o carnaval. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 03 mai. 1994, Cidade, p. 15.

⁹⁵ Cf.: BRAGA, Teodomiro. Informe JB. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 set. 1994, Política e Governo, p. 6; LIGA já lucra com a ‘privatização’ do carnaval. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 set. 1994, Cidade, p. 18; “PRIVATIZAÇÃO” será contestada. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 set. 1994, Cidade, p. 17; A FANTASIA da corrupção. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1º out. 1994, Cidade, p. 10; “PRIVATIZAÇÃO” do carnaval pode ser cancelada. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1º out. 1994, Cidade, p. 22; MAIA pode rever contrato da Liga. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 04 out. 1994, Cidade, p. 30.

contrato de carnaval de 1995 que conferia amplos poderes para a LIESA.⁹⁶ Contudo, nada ficou decidido em definitivo, e o Município do Rio de Janeiro manteve o acordo formal.

A Liga representa para nossa sociedade um verdadeiro dilema. Apesar das inúmeras denúncias envolvendo os conhecidos chefes da contravenção ocupantes dos principais postos de comando na entidade, existem plenas condições para que a estrutura empresarial montada funcione legalmente, formalizando contratos, sem que isso configure benefícios diretos para a contravenção, justamente pela informalidade do negócio dos jogos.

Apesar do controle da Liga sobre o carnaval a partir de 1995, presidentes de algumas escolas ainda demonstravam insatisfação com certos aspectos da organização.⁹⁷ Seriam indícios de disputas internas na entidade? Não é fácil saber histórias de bastidores desse universo, mas o domínio dos chefes da contravenção sobre a entidade não garante que seu ambiente interno seja sempre de harmonia, ainda mais se tem dinheiro em jogo.

Ainda no período em que os chefes do bicho estavam na cadeia houve a substituição de Paulo de Almeida por Jorge Castanheira na presidência da Liga. Castanheira era funcionário da entidade desde os primeiros anos, tido como um apadrinhado de Capitão Guimarães, e que teria sido convidado a trabalhar na instituição por Aniz Abraão David quando ocupou a presidência na segunda metade dos anos 1980.

Castanheira procurou de imediato tecer boas relações com o governo municipal, aproveitando a presença de um prefeito muito interessado em se promover politicamente através do carnaval das escolas de samba.⁹⁸ Tanto que declarações do presidente da Riotur eram feitas no sentido de legitimar a organização do carnaval sob o comando da Liga. Às vésperas do carnaval de 1996, o TCM autorizou que fossem feitos contratos sem licitação

⁹⁶ GUEDES, Octávio e FAGUNDES, Renato. Liga das Escolas pode perder lucro dos desfiles. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 fev. 1995, Cidade, p. 15.

⁹⁷ PRIVATIZAÇÃO do carnaval é condenada por campeãs. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 02 mar. 1995, Cidade, p. 16.

⁹⁸ PRESIDENTE da LIESA se reúne com prefeito. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 02 mar. 1995. Cidade, p. 20.

para realização de obras no Sambódromo.⁹⁹ A comercialização de camarotes e a exploração de espaços publicitários, a partir de então, passaram a ser grande negócio para os responsáveis pela exploração da festa a partir da privatização.

Com a vitória do candidato sucessor de Maia nas eleições de 1996, Luiz Paulo Conde, as propostas do governo para o carnaval não se alteraram. Houve, entretanto, a nomeação de Gerard Bourgeaiseau para a secretaria municipal de Turismo e presidência da Riotur. Foi especialmente por causa de denúncias relacionadas à organização das festas de réveillon no ano anterior, com contratação excessiva de funcionários para a empresa de turismo, que despontou a figura do novo secretário anunciando objetivo de melhorar o funcionamento da Riotur com mais planejamento das atividades e adotando estratégias para atração de mais turistas para a cidade. Bourgeaiseau esteve no comando da Riotur no carnaval de 1997.¹⁰⁰ Logo depois, denúncias de contratações injustificadas continuaram acontecendo, assim como outros conhecidos problemas no âmbito da festa.

Uma ação da Escola de Samba Unidos da Ponte, que reivindicava seu direito de voltar ao Grupo Especial após ter sido campeã do Acesso, gerou uma medida judicial que quase colocou novamente a organização do carnaval sob o controle da prefeitura.

Alguns anos após a LIESA ter assumido o controle da organização dos desfiles do Grupo Especial, vimos que os dirigentes das grandes escolas de samba voltaram a apelar por mais investimento público na produção do carnaval, alegando o aumento crescente dos custos para manutenção do alto nível do “maior espetáculo da Terra”.

No carnaval do ano 2000, a LIESA negociou o recebimento de um aporte governamental com o compromisso de que as agremiações desenvolveriam temas relacionados às comemorações dos quinhentos anos do “Descobrimento”. Isto ficou

⁹⁹ TCM decide sobre verba. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 08 mar. 1996. Cidade, p. 20.

¹⁰⁰ Novas fraudes no Reveillon. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 08 fev. 1996. Cidade, p. 20.

acertado no contrato celebrado entre a entidade e a Riotur, esta como representante da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Nos anos seguintes, em nova gestão de César Maia, a Prefeitura continuou repassando recursos financeiros para as escolas de samba de forma direta e sem a existência de um projeto temático vinculado aos enredos.

É complexa a discussão sobre o modo como o Estado deve operar na promoção da cultura, e especialmente no caso dos festejos carnavalescos, devido a seu caráter peculiar. O Sambódromo, por exemplo, é um equipamento público a serviço das escolas de samba, e dificilmente teria sido construído por iniciativa exclusivamente privada. Contudo, trata-se de uma grande estrutura que passou a ser explorada comercialmente por entidades particulares, em termos muito discutíveis, para venda de ingressos, produtos e publicidade associada à promoção de camarotes e à transmissão de televisão.

Nos anos 2000, setores da imprensa carioca passaram a questionar mais intensamente o domínio da LIESA sobre a exploração comercial do Sambódromo, ressaltando os prejuízos que a prefeitura vinha sofrendo por arcar sozinha com custos de manutenção da construção e serviços de infraestrutura necessários à realização dos desfiles. Enquanto isso, a LIESA aumentava sua participação nas receitas do espetáculo.

Não resta dúvida de que o carnaval das escolas de samba é responsável por uma vasta rede de geração de trabalho e serviços pela atração de turistas, consumo de materiais, contratação de artistas, e essa movimentação da economia precisa de alguma forma ser revertida em benefícios diretos para as instituições que são responsáveis pela grandiosidade da festa. Por outro lado, o poder da contravenção sobre a LIESA, o comando dos chefes sobre a direção das agremiações em que exercem o papel de patronos, gera dúvidas na opinião pública no que se refere ao investimento público.

Em 2001, irregularidades e suspeitas de formação de cartel na venda de ingressos para o Sambódromo levaram o MP estadual a abrir uma investigação para apurar

responsabilidades do poder público e da LIESA no caso.¹⁰¹ Uma auditoria da própria Riotur foi realizada a pedido do Prefeito César Maia, e embora não tenha havido uma comprovação do envolvimento de dirigentes da LIESA e da empresa de turismo, a situação fez surgir na imprensa contestações da legitimidade do contrato de carnaval.

Depois da criação da Riotur, entre 1973 e 1986, as agremiações deixaram de receber “subvenções” e passaram a ser remuneradas, através de contrato, como prestadoras de serviço. A partir de 1987, ficou definido que elas teriam participação nas receitas geradas com venda de ingressos, dos direitos de transmissão de TV, e comercialização de produtos e serviços no espaço do Sambódromo.

No começo, a divisão dos ganhos com o poder público era mais ou menos equilibrada, conforme demonstram quadro no retrospecto elaborado pelo MP.¹⁰² A partir de 1993 começou a acontecer um descompasso, com a LIESA assumindo 61% da venda dos ingressos, 100% da comercialização e 100% dos direitos de transmissão. Nos anos que se seguiram, a participação da LIESA na venda dos ingressos só fez aumentar.

Logo após o carnaval de 2005, reportagens denunciavam a disparidade dos lucros da LIESA com o carnaval enquanto que a prefeitura vinha acumulando prejuízos.¹⁰³ Ficava evidente a falta de sustentação da proposta do Prefeito César Maia a favor da privatização em 1995, pois dizia ele que assim o município não mais teria prejuízos... Em decorrência da repercussão, reforçada por reportagem de órgão de imprensa internacional

¹⁰¹ CONTI, Luciana; MENEZES, Maiá. Riotur não tem controle sobre a Liesa. *O Globo*, Rio de Janeiro, 24 fev. 2001, Matutina, Rio, p. 15.

¹⁰² AÇÃO Civil Pública (Irregularidades na contratação da LIESA – 1998-2001). Acervo - Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, 21 dez.2005.

¹⁰³ Cf.: CARNAVAL: prefeitura tem perda, mas Liga fatura R\$ 70 milhões. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 fev. 2005. Capa; AMORA, Dimmi, RODRIGUES, Elaine. O cofre do samba nas mãos do bicho. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 fev. 2005. Rio, p. 16; AMORA, Dimmi, RODRIGUES, Elaine. Escolas são uma fonte de renda para bicheiros. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 fev. 2005. Rio, p. 9.

apontando a relação do carnaval com agentes do crime organizado ¹⁰⁴, o então procurador-geral Marfan Vieira Lima enviou o pedido de investigação para promotorias de tutela coletiva que abririam a série de ações civis públicas para análise sistemática dos contratos de carnaval celebrados entre Riotur e LIESA a partir de 1998. ¹⁰⁵

O Ministério Público é uma instituição que veio conquistando projeção crescente durante a redemocratização a ponto de hoje estar no centro dos acontecimentos políticos do país. ¹⁰⁶ No livro em que apresenta sua trajetória para o jornalista Marcelo Auler, o ex-procurador-geral do Rio de Janeiro, Antônio Carlos Biscaia, fala da sua militância e de mais procuradores para que o MP tivesse condições adequadas de funcionamento e autonomia institucional plena. A figura de Biscaia é emblemática da mudança de status que passou a ter o cargo de procurador-geral depois que a Constituição de 1988 consagrou a indicação como uma atribuição do MP, em lista tríplice a ser apresentada para escolha de um nome pelo governador estadual, deixando de ser mais um secretário.

O trabalho de investigação que resultou na condenação da cúpula do jogo do bicho no Rio de Janeiro certamente não teria acontecido se tivesse ficado somente a cargo das polícias civil e militar. É o que relatam o ex-procurador Biscaia e os promotores que o auxiliaram nesse trabalho, além das informações que demonstram o fracasso de iniciativas anteriores para investigação de crimes relacionados ao bicho.

Entre 1996 e os primeiros anos da década de 2000, a LIESA trabalhou sistematicamente no campo do discurso para legitimar o controle exercido por ela sobre o carnaval. Sempre procurou estabelecer uma comparação descontextualizada e dicotômica entre um passado de incompetência da administração pública e um presente de excelência

¹⁰⁴ BOJUNGA, Cláudia. CNN diz que desfile de escolas do Rio é ilegal. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 fev. 2005. Cidade, p. A7.

¹⁰⁵ Menezes, Maiá. Folia da contravenção na mira. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 fev. 2005. Rio, p. 2.

¹⁰⁶ Cf.: ABREU, Alzira Alves de. *O que é o Ministério Público*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

e credibilidade atribuído exclusivamente ao trabalho da LIESA para melhora de aspectos importantes do desfile que teria resultado na consagração do “maior espetáculo da Terra”.

Essa visão teve uma aceitação significativa em setores da imprensa e, de modo mais forte, no universo das escolas de samba. Além disso, deve-se considerar o poder de décadas exercido pelos chefes da contravenção sobre as agremiações, dominando os canais de relacionamento institucional delas com órgãos públicos, e dificultando possíveis ações coletivas dos sambistas para contestação do caráter meramente comercial e turístico do carnaval, além da forma como as negociações com o Estado vinham sendo conduzidas.

Evidências de irregularidades na organização do carnaval, praticadas com anuência de representantes do poder público, motivaram então o Ministério Público a iniciar em 2005 um trabalho sistemático de análise dos contratos de carnaval, verificando o cumprimento de responsabilidades das partes envolvidas e o uso dos recursos públicos. Em dezembro daquele ano, o MP apresentou uma ação referente a carnavais de 1998 a 2001 que foram realizados na gestão do prefeito Conde, recomendando então que ele, representantes da Riotur e da LIESA, respondessem por improbidade administrativa.

Em sua forma padrão, tais ações começam identificando os agentes em face de quem elas estão sendo movidas, depois apresentam uma síntese dos fatos abordados, seguida de uma breve retrospectiva do financiamento público do carnaval carioca de 1935 até a data do documento, da qualificação da conduta dos réus respaldada na legislação e na literatura jurídica, também utilizadas nas considerações acerca da necessidade de decretação da indisponibilidade de bens e outras medidas cautelares. Por fim, consta o encaminhamento de uma série de pedidos direcionados aos órgãos competentes tomarem providências acerca das práticas dos réus e para recuperação de bens públicos.

A ação apresentada em 2005 chamava atenção para o fato de que, já a partir do primeiro “carnaval privatizado” (1995), o Município passou a acumular prejuízos com a

realização do evento, enquanto que a LIESA auferia lucros cada vez maiores. Isto se deu inclusive com aprovação dos representantes do poder público municipal, autorizando a celebração de contratos lesivos ao município e ainda deixando de zelar pelos termos da Lei de Licitações nas contratações de serviços feitas pela LIESA com dinheiro público.¹⁰⁷

E o que pareceu mais estranho aos promotores foi uma duplicidade de remuneração realizada pelo poder público municipal a partir do carnaval de 2000, quando as escolas de samba passaram a receber patrocínio para desenvolverem enredos relacionados ao carnaval comemorativo do “Descobrimento do Brasil”. Nesse caso, ainda haveria a justificativa do espetáculo temático em razão das celebrações dos 500 anos, só que no ano seguinte o investimento público direto continuou sendo aplicado sob o título de “contraprestação” para manutenção do alto nível artístico do evento pelas escolas. Os promotores argumentavam que a ampliação da participação da LIESA nas receitas básicas do evento e, além disso, a oportunidade de exploração de publicidade e serviços no Sambódromo, já seriam formas suficientes de remuneração para as agremiações.

Anos depois, em janeiro de 2009, o MP apresentou uma segunda ação, esta voltada especialmente para a manutenção da “contraprestação” entre 2002 e 2006, mas com análise também de irregularidades que já haviam sido apontadas pelo órgão e, mesmo assim, continuavam ocorrendo sem providência das autoridades do Município e da Riotur.¹⁰⁸

Ao todo foram oito ações sobre o carnaval, referentes a contratos celebrados entre 1998 e 2012, sendo que a argumentação jurídica da qualificação dos réus se torna repetitiva a ponto dos promotores praticamente reproduzirem nas subseqüentes alguns textos das primeiras. Um exemplo disso diz respeito ao problema de contratações de

¹⁰⁷ AÇÃO Civil Pública (Irregularidades na contratação da LIESA – 1998-2001). Acervo - Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, 21 dez.2005.

¹⁰⁸ AÇÃO Civil Pública (Irregularidades na contratação da LIESA – 2002-2006). Acervo – Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, 06 jan.2009.

serviços oferecidos pela LIESA ao Município e à Riotur em regime de inexigibilidade de licitação. As análises dos contratos de 1998 a 2009, ano este em que o então prefeito Eduardo Paes tentou pela primeira vez processo licitatório, atentam para essa problemática.

Os promotores consideram numa parte específica de cada uma dessas ações o princípio da licitação como sendo básico e necessário para a administração pública. É admissível a existência de “situações – excepcionais e anôma-las – nas quais estão ausentes os pressupostos que tornariam viável a competição entre licitantes”. As autoridades chamam atenção, porém, para que não se faça nada com “dispensa de licitação” quando há, por menor que seja, viabilidade da realização da concorrência.

Nesse sentido, uma discussão fundamental em relação ao carnaval diz respeito ao caráter dos objetos contratos junto à LIESA. Eles seriam singulares a ponto de somente a entidade ter a competência para oferecer e, mais, com dispensa de licitação?

Não resta dúvida de que a realização dos desfiles do Grupo Especial só tem razão de ser com a apresentação daquelas agremiações carnavalescas legitimadas no universo do samba e, em boa parte por esse motivo, apreciadas pelo público pagante das arquibancadas do Sambódromo e por aqueles que assistem aos desfiles pela televisão.

É por isso que se deve conceber de forma diferenciada a direção artística do espetáculo frente à coordenação dos aspectos de infraestrutura e apoio envolvidos no conjunto da organização do carnaval das escolas de samba. Com base nessa colocação, pode-se identificar o que seriam serviços peculiares e serviços comuns, estes podendo ser prestados pela própria LIESA, ou por outras empresas capacitadas e eficientes.

Há um claro entendimento do MP a respeito da singularidade da performance artísticas das agremiações carnavalescas representadas pela diretoria da LIESA, conforme se observa na seguinte passagem da ação sobre os carnavais de 1998 a 2001:

Assim, por exemplo, afigura-se razoável sustentar a inexigibilidade de licitação, na forma do caput do art. 25 da Lei nº 8.666/93, no que diz respeito à contratação das Escolas de Samba do Grupo Especial, através de sua representante, a LIESA. Trata-se, afinal, de uma contratação de caráter personalíssimo: não existem escolas de samba “equivalentes”, que pudessem ser contratadas em substituição àquelas. Assim, por exemplo, o interesse público específico, inerente à promoção da manifestação artística e cultural do carnaval carioca, não restaria integralmente atendido se o Município contratasse a “Vai-Vai” ou os “Gaviões da Fiel”, de São Paulo, para desfilar em substituição à “Mangueira” ou ao “Salgueiro”. O mesmo raciocínio poderia ser estendido a algumas das tarefas atribuídas contratualmente à LIESA, que — diante de sua especificidade — poderiam não ser realizadas a contento caso fosse realizado certame para a seleção de seu executor (p.ex., as tarefas referentes à fiscalização do cumprimento das regras do desfile, ou ao julgamento, atribuição e lançamento de notas às escolas que participaram do desfile).¹⁰⁹

O alvo das ações civis é outro, a contratação da entidade para coordenar a subcontratação de serviços comuns sem o cumprimento dos devidos preceitos legais referentes à administração pública, e constando inobservância das autoridades. Vejamos:

Todavia, afigura-se absurdo estender o mesmo argumento para a contratação de serviços disponíveis no mercado, tal como os pertinentes à edificação de construções temporárias, à contratação de pessoal de limpeza, à contratação de instituição para venda dos ingressos, à montagem e desmontagem de frisas e cadeiras, etc., uma vez que estes serviços não se revestem de qualquer “singularidade”, havendo plena viabilidade de competição entre as empresas capacitadas a desempenhar tais tarefas, a incidência do art. 25, caput da Lei nº 8.666/93, sendo certo que o certame licitatório ensejaria a formulação de propostas mais vantajosas ao Poder Público (p.ex., mediante a percepção de um percentual menor das receitas dos ingressos, a título de “custeio” do evento). Revela-se, pelo exposto, a inconsistência das justificativas de inexigibilidade de licitação apresentadas pelo Município e pela RIOTUR: a circunstância de a LIESA ser “representante exclusiva” das escolas de samba (fls. 18/19 do ANEXO 11.1, em 1999) somente justificaria sua contratação quanto aos serviços artísticos das escolas que participam do desfile, e não quanto aos demais serviços que lhe foram atribuídos. Tampouco favorece aos Réus a alegação de que a LIESA seria tradicionalmente responsável pela promoção do Carnaval, ou de que os seus estatutos lhe autorizariam promover o evento com exclusividade (fls. 275 do ANEXO I e fls. 21 do ANEXO 1.3, em 2001), uma vez que a referida “tradição” e “exclusividade” somente se afiguram como circunstâncias relevantes no que diz respeito à prestação dos serviços pertinentes às atividades artísticas do evento, sendo absolutamente irrelevantes no que diz respeito ao desempenho de tarefas desprovidas de qualquer singularidade (como instalação de construções temporárias, contratação de sonorização, contratação de pessoal e material para limpeza das dependências da Passarela do Samba, contratação de instituição bancária para venda dos ingressos, contratação da instalação e manutenção de banheiros químicos, etc.), as quais poderiam ser satisfatoriamente desempenhadas por incontáveis outras

¹⁰⁹ AÇÃO Civil Pública (Irregularidades na contratação da LIESA – 1998-2001). Acervo - Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, 21 dez.2005. p. 19

pessoas físicas e jurídicas, dentro de seus respectivos ramos de atividade econômica.¹¹⁰

Na continuação do texto, os promotores assinalam ainda que o fato de a LIESA promover a subcontratação de tais serviços seria a prova definitiva da ausência de singularidade dos mesmos, e sendo assim poderiam ser realizados pelo próprio Município ou empresas particulares escolhidas mediante processo licitatório.

Em abril de 2007, a Polícia Federal deflagrou uma imensa operação que prendeu os chefes da contravenção do jogo do bicho e caça-níqueis, assim como policiais e membros do Judiciário, incluindo desembargadores. No centro da investigação estava um esquema montado de compra de sentenças para liberação de casas de bingo eletrônico e importação dos equipamentos utilizados nas máquinas de apostas e jogos e mesmo na administração da tradicional loteria do bicho. Depois da prisão da cúpula do jogo do bicho em 1993, essa operação foi a que mais chamou atenção da opinião pública porque expôs o alto nível de expansão e diversificação dos negócios da cúpula, tanto com empreendimentos lícitos quanto ilícitos, das organizações criminosas do Rio de Janeiro. E ainda, a rede de influência social e política só fez aumentar nos últimos tempos, segundo revelações feitas pelos agentes da Polícia Federal. Além da conhecida influência sobre as polícias, agora ficavam evidentes as já suspeitas ramificações no âmbito do Poder Judiciário.¹¹¹

A partir da década de 1990, os rendimentos da contravenção se tornaram bem maiores no ramo dos caça-níqueis do que na loteria do bicho. O jogo eletrônico passou a ser explorado pelos chefes das organizações criminosas dentro dos limites territoriais estabelecidos para os seus domínios desde o acordo de cúpula da década de 1970.

¹¹⁰ Idem. p.20.

¹¹¹ Cf. Matérias publicadas entre 14 e 28 de abril de 2007 no jornal *O Globo*, fazendo a cobertura dos acontecimentos relacionados à Operação Furacão. Inclusive, ocuparam com destaque o caderno País, reservado pelos editores para os assuntos da política nacional, o que mostra a repercussão do caso em função de denúncias do envolvimento de agentes ocupantes de altos postos no Judiciário e também políticos.

Entretanto, disputas familiares internas, a exemplo da briga violenta entre os herdeiros de Castor de Andrade, acabaram sendo motivadas muito pelo interesse na lucratividade mais expressiva dos caça-níqueis, até porque o costume de apostar no bicho vinha se perdendo nas novas gerações por questões culturais e pela própria dinâmica da vida urbana.

O impacto da Operação Furacão foi duramente sentido nos negócios da contravenção relacionados ao jogo eletrônico, havendo posteriormente uma proibição mais firme sobre o funcionamento das casas de bingo e penalidades para comerciantes de pequeno porte que mantivessem em seus estabelecimentos uma máquina de caça-níquel.

Um reflexo disso é a retirada de publicidade relacionada aos jogos eletrônicos das páginas da *Revista Beija-Flor: uma escola de vida*. No capítulo referente ao estudo de caso da fase recente de enredos da agremiação será trabalhada mais detalhadamente a produção dessa publicação anual da escola de samba. Por hora, vale registrar que, entre 2002 e 2007, mais de cinquenta por cento de sua publicidade era constituída de anúncios de casas de bingo da cidade do Rio (Centro, Copacabana, Botafogo, Barra da Tijuca), região serrana do estado (Petrópolis), além do hotel-cassino uruguaio Conrad, e do Bellagio, em Vegas.



Imagem 1. Publicidade do Bingo Voluntários.¹¹²

¹¹² Cf. página de publicidade. *Revista Beija-Flor: uma escola de vida*. 2004. p.53.



Imagem 2. Publicidade do Bingo Serra. ¹¹³

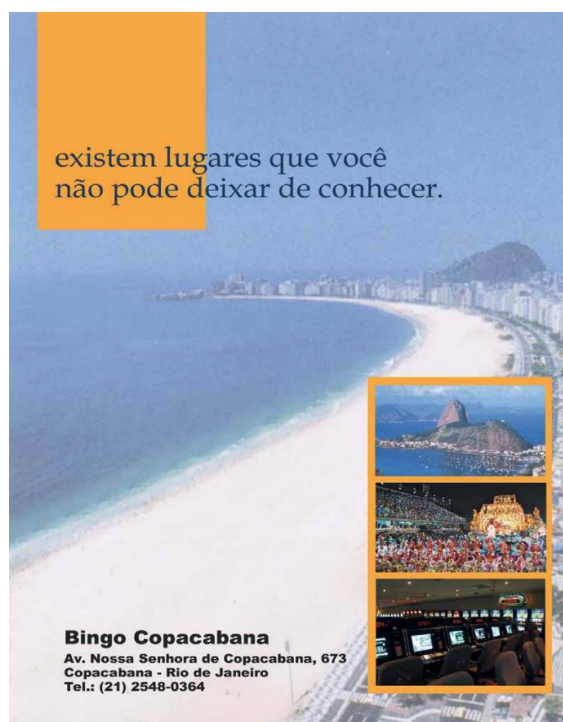


Imagem 3. Publicidade do Bingo Copacabana. ¹¹⁴

¹¹³ Cf. página de publicidade. *Revista Beija-Flor: uma escola de vida*. 2005. p.10.

¹¹⁴ Cf. página de publicidade. *Revista Beija-Flor: uma escola de vida*. 2005. p.65.



Imagem 4. Publicidade do CONRAD.¹¹⁵

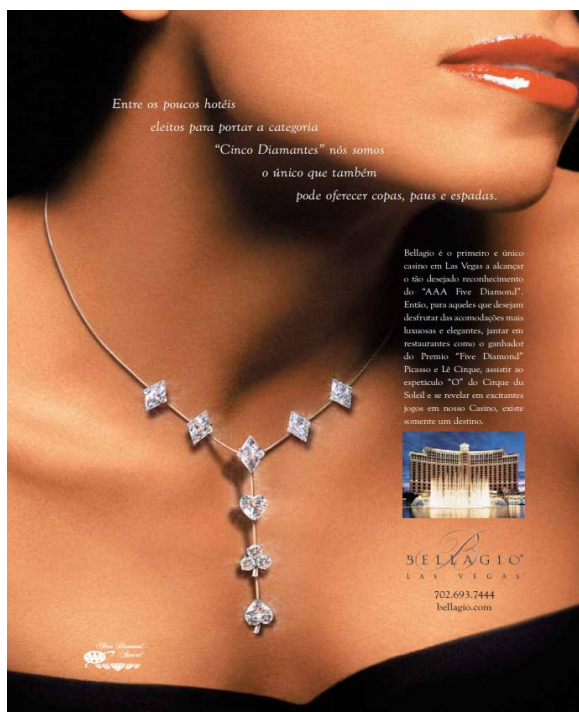


Imagem 5. Publicidade do Bellagio Resort.¹¹⁶

¹¹⁵ Cf. página de publicidade. *Revista Beija-Flor: uma escola de vida*. 2007. p.35.

¹¹⁶ Cf. página de publicidade. *Revista Beija-Flor: uma escola de vida*. 2005. p.49.

Como as áreas dos referidos bingos não fazem parte dos conhecidos domínios de Anísio Abraão na Baixada, à exceção do Bingo Serra, fica difícil por hora esclarecer a quem servia a exploração dos empreendimentos citados, se ao próprio Anísio mediante acordo com outro chefe da contravenção, ou se ele nada tem a ver, tratando-se de simples divulgação. E no que se refere à cúpula da contravenção do Rio de Janeiro, pouco se sabe sobre suas conexões internacionais além de especulações. De toda forma, fica evidente como que o ramo dos jogos, na concepção de entretenimento, aparece associado por interesse de mercado ao público de alto poder aquisitivo. Os anúncios destacam a oferta dos serviços com segurança, conforto, alimentação e estacionamento, elementos fundamentais na dinâmica do setor de diversões para a classe média no Rio de Janeiro.

As imagens do Bingo Copacabana e do Conrad associam o jogo com aspectos do carnaval das escolas de samba. Isso evidencia a visão da cúpula da contravenção que controla o espetáculo mais como entretenimento do que como expressão da cultura, reforçando estrategicamente a ideia de que os jogos incrementariam o mercado de diversões na cidade, junto à praia e outros atrativos que são pontos turísticos. Por outro lado, a mensagem transmitida através das imagens publicitárias se volta para o turismo elitizado, como sugere a fotografia da mulher ostentando o colar de brilhantes na propaganda do Bellagio Resort, hotel-cassino estrangeiro que procurou divulgar seus serviços por uma revista distribuída para brasileiros e estrangeiros no Sambódromo.

Uma empresa de suporte associada ao setor, a Garra Diversões Ltda., fornecedora de equipamentos de eletrônica e prestadora de serviços técnicos especializados, também teve alguns anúncios. Conhecidos por uma antiga relação com o contrabando, os chefes da contravenção passaram a montar empresas de importação – não disponho de documentos

que comprovem que a Garra tenha sido uma delas – por necessidade do ramo dos caça-níqueis, algo que tem associação com fornecedores chineses. As investigações da Polícia Federal no âmbito da Operação Furacão apresentaram indícios desses negócios.



Imagem 6. Publicidade da empresa Garra. ¹¹⁷

Era de costume, ainda, a publicação de notas oficiais da Associação dos Administradores de Bingos e Similares do Rio de Janeiro. Os representantes da entidade costumavam defender a legalização plena dos bingos através do discurso da geração de empregos por meio do desenvolvimento do setor e da arrecadação de tributos pelo Estado que poderiam ser aplicados em áreas urgentes da administração pública. Além disso, eles ressaltavam o apoio dado pela própria Associação a projetos culturais e esportivos, como prova da consciência sobre a responsabilidade social do empresariado. A seguir, temos um dos primeiros anúncios da Associação dos Bingos feitos na Revista Beija-Flor.

¹¹⁷ Cf. página de publicidade. *Revista Beija-Flor: uma escola de vida*. 2003. p.51.



Imagem 7. Anúncio da Associação dos Bingos.¹¹⁸

Escutas telefônicas feitas em meio à operação da PF apontaram indícios de manipulação do resultado no carnaval de 2007, quando a Beija-Flor de Nilópolis conquistou o título de campeã com o enredo *Áfricas – do berço real à corte brasileira*.¹¹⁹ A repercussão disso na imprensa alimentou uma pressão pelo aprofundamento das investigações, inclusive com a proposição de vereadores a abertura de uma CPI com foco na referida suspeita e também para apurar outras possíveis irregularidades no carnaval.¹²⁰

Apontado como principal articulador da “máfia dos caça-níqueis” no esquema da compra de sentenças, Júlio Sobreira era então a pessoa encarregada pela presidência da LIESA para escolha do corpo de jurados dos desfiles do Grupo Especial. Sobrinho de

¹¹⁸ Cf. página de publicidade. *Revista Beija-Flor: uma escola de vida*. 2002. p.35.

¹¹⁹ ENGELBRECHT, Daniel e ANTUNES, Elisabete. Resultado do carnaval deste ano sob suspeita. *O Globo*, Rio de Janeiro, 16 abr. 2007, Rio, p. 12.

¹²⁰ VERDE, Ricardo Villa. A CPI do Carnaval será aprovada hoje na Câmara. *O Dia*, Rio de Janeiro, 19 abr. 2007.

Capitão Guimarães, Sobreira é uma figura representativa das relações pessoais de poder baseadas na confiança que fazem os interesses dos chefes da contravenção prevalecer na organização do carnaval.¹²¹ Deixar a escolha do júri totalmente sob a responsabilidade da LIESA é algo absolutamente questionável, até porque a distribuição das receitas geradas pelo espetáculo – que envolve o uso de equipamentos públicos – é feita em função da ordem de classificação da competição carnavalesca. Portanto, a montagem do júri e a apuração de resultados deveria ter participação direta de representantes do poder público.

Em relação a CPI do Carnaval da Câmara de Vereadores do Rio, o Relatório Final chegou a conclusões sem novidades em vista das ações civis do MP.¹²² A suspeita de manipulação do resultado de 2007 em favor da Beija-Flor de Nilópolis, o que motivou a criação da CPI, não se confirmou. Foram elaboradas propostas para dar transparência á gestão e melhor organização do carnaval, especialmente com a sugestão da retomada do controle do evento pelo poder público municipal.¹²³

Os acontecimentos de 2007 reacendem o debate público sobre a questão do papel do Estado como investidor e organizador do carnaval do Rio de Janeiro.¹²⁴ Trata-se de um terreno fértil para investimentos políticos, e por isso não foi à toa que durante os preparativos para o carnaval de 2006 – ano eleitoral, diga-se de passagem – a então governadora Rosinha Garotinho, evangélica, autorizou investimento público estadual direto na produção dos desfiles das escolas de samba.¹²⁵ Havia na política carioca ferrenha disputa entre o prefeito César Maia e a família Garotinho. Como César Maia investia desde

¹²¹ COODENADOR dos jurados escondia a fortuna. *O Globo*, Rio de Janeiro, 17 abr. 2007, Rio, p. 10.

¹²² RELATÓRIO Final da Comissão Parlamentar de Inquérito do Carnaval (CPI do Carnaval, 2007). Acervo - Câmara Municipal do Rio de Janeiro, 2008.

¹²³ Cf. CPI do Carnaval: Câmara recebe relatório da PF. *O Globo*, Rio de Janeiro, 12 jun. 2007. Rio, p. 18; OTAVIO, Chico. CPI pede auditoria no contrato do Carnaval. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 jun. 2007. Rio, p. 17.

¹²⁴ Cf. DEPUTADO propõe fim de verba para escola de samba. *O Dia*, Rio de Janeiro, 19 abr. 2007; OTAVIO, Chico, JUPIARA, Aloy. MP questiona contratos da prefeitura com a Liesa. *O Globo*, Rio de Janeiro, 10 jun. 2007. Rio, p. 23.

¹²⁵ Cf. ROSINHA cai no samba. *O Dia*, Rio de Janeiro, 16 fev. 2006; CONFETE: Escolas ganham R\$ 4 milhões do estado. *O Dia*, Rio de Janeiro, 22 fev. 2006.

meados da década de 1990 na sua aproximação com os dirigentes de escolas de samba a fim de construir uma imagem ligada ao carnaval, essa entrada em cena da família Garotinho logicamente não foi bem vista pelo prefeito. Mesmo porque a administração do Sambódromo é da alçada do poder público municipal – particularmente da área do turismo – sendo os contratos anuais de carnaval assinados pelos presidentes da Riotur e da LIESA.

A LIESA, por sua vez, só teve a ganhar com essa concorrência, e no carnaval de 2007 contou novamente com recursos estaduais e municipais. Contudo, foi no carnaval de 2008 que os recursos públicos jorraram de todas as esferas de governo.¹²⁶ A aliança entre o PMDB do governador Sérgio Cabral e o PT do presidente Lula esbarrava na liderança de César Maia na capital e, sendo assim, o carnaval se tornou um palco da disputa político-partidária. Lula anunciou apoio federal às escolas de samba através de empresas petroquímicas, entre elas a Petrobrás, e isto gerou reação de Maia a ponto de ameaçar penalizar as agremiações com cancelamento do contrato. Considerava inaceitáveis as contrapartidas que elas assumiriam em função do “patrocínio” federal.¹²⁷

Em 2009, 2010, 2011, 2012 e 2015, a *Revista Beija-Flor* lucrou com publicidade da Petrobrás em anúncios de duas páginas inteiras com pequenas frases e muito bem produzidas graficamente para expressar a atuação da empresa estatal como patrocinadora do carnaval das escolas de samba. Esse é um assunto específico que merece pesquisa mais aprofundada, já que os apoios da Petrobrás se intensificaram a partir do registro do samba como patrimônio cultural imaterial. Nunca houve diretamente patrocínio de enredo feito pela petrolífera. Pelo menos na Beija-Flor, projetos culturais e esportivos desenvolvidos no parque aquático da agremiação, vizinho à quadra de ensaios, foram financiados recentemente com recursos investidos pela empresa. Apesar disso, sabe-se que essa forma

¹²⁶ JUNQUEIRA, Alfredo. Liesa vai levar R\$ 12 milhões. *O Dia*, Rio de Janeiro, 9 dez. 2007.

¹²⁷ AUTRAN, Paula. Patrocínio federal à Liesa causa polêmica. *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 dez. 2007. Rio, p. 24.

de custeio de determinadas atividades realizadas pela agremiação acabam indiretamente favorecendo a produção do desfile, já que ela fica melhor para arcar com tais despesas.

Banco do Brasil foi outra empresa pública de peso que teve anúncios pagos nas páginas da referida revista. Mas tendo sido a Petrobrás patrocinadora oficial do carnaval, cujos preparativos envolvem um consumo extraordinário de produtos sintéticos, observe-se os detalhes de uma imagem publicitária selecionada, entre outras das páginas da revista.



Imagem 8. Publicidade da Petrobrás.¹²⁸

¹²⁸ Cf. página de publicidade. *Revista Beija-Flor: uma escola de vida*. 2012. p.5.

Sobressai o verde e o amarelo das letras e do fundo da página, reforçando a mensagem que justifica o patrocínio da Petrobrás pelo fato do samba carioca ser considerado patrimônio cultural do país. Em 2012, ano desta edição da revista, a empresa estava apoiando projetos de cultura e educação profissionalizante em outras escolas, que são citadas: Portela, Vila Isabel, Rocinha e Salgueiro. Essa visão administrativa da empresa era condizente com os governos do Partido dos Trabalhadores, para os quais a grandes empresas públicas deveriam realizar investimento fora de suas atividades fins de acordo com demandas da população brasileira que precisassem de recursos públicos.

Contudo, era de se questionar o fato das autoridades se mostrarem dispostas a fazer investimentos tão expressivos para escolas de samba, sendo que poucos anos atrás os chefes da contravenção haviam sido presos na Operação Furacão. Junto com isso, os trabalhos da CPI do Carnaval e denúncias da imprensa apontaram a permanência de irregularidades praticadas pela LIESA em diversos aspectos da organização dos desfiles.

Dando continuidade aos trabalhos de apuração do investimento público no carnaval, o MP apresentaria duas novas ações em junho de 2009. A primeira com análise dos contratos de 2007 e 2008, observando que nesse último ano aconteceu novamente um espetáculo temático por ocasião dos 200 anos da instalação da Corte portuguesa no Rio de Janeiro. A prefeitura ofereceu patrocínio para que as agremiações desenvolvessem enredos baseados abordando temas relacionados a esse contexto histórico, e dessa forma justificou a chamada “contraprestação” no contrato de 2008.¹²⁹ A segunda ação analisou apenas o

¹²⁹ AÇÃO Civil Pública (Irregularidades na contratação da LIESA – 2007-2008). Acervo - Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, 2 jun.2009.

contrato de 2009, mas na mesma linha, sinalizando o esforço do MP para analisar o cumprimento dos termos contratuais ainda no mesmo ano da realização do carnaval.¹³⁰

É importante esclarecer que o MP não profere sentenças condenatórias, mesmo dispondo de provas sobre irregularidades ou crimes praticados. Os ex-prefeitos César Maia e Luiz Paulo Conde, além de presidentes e diretores da Riotur nomeados durante seus respectivos governos, tiveram que responder por improbidade administrativa em razão de várias irregularidades apontadas na realização dos carnavais de 1995 a 2008. As ações do MP sobre o carnaval também tiveram a preocupação de apresentar orientações aos agentes públicos para reparação de erros cometidos, digamos assim, e adoção de medidas mais eficazes para aplicação de recursos públicos.

Quando assumiu o prefeito Eduardo Paes, em 2009, as ações do MP e a repercussão do debate acerca do financiamento do carnaval impuseram certas preocupações aos agentes públicos para celebração de novos contratos. Tanto que o primeiro contrato de carnaval assinado na gestão do novo prefeito instituiu processo licitatório para contratação de empresa responsável pela montagem da infraestrutura para os desfiles no Sambódromo.¹³¹

Há consenso entre representante do poder público e da LIESA sobre a responsabilidade da entidade pela direção artística do espetáculo, devido à singularidade das performances realizadas pelas agremiações carnavalescas reconhecidas pelo público. No entanto, serviços básicos podem ser contratos de outros prestadores mediante licitação.

Para o carnaval de 2010, a medida adotada pelo poder público municipal foi recebida com apreensão pelas escolas de samba do Grupo Especial. Seus dirigentes

¹³⁰ AÇÃO Civil Pública (Irregularidades na contratação da LIESA – 2009). Acervo - Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, 22 jan.2009.

¹³¹ Cf. JUPIARA, Aloy, OTAVIO, Chico. Licitação do carnaval. *O Globo*, Rio de Janeiro, 1 mar. 2009. Rio, p. 17; MAGALHÃES, Luiz Ernesto. Carnaval de 2010 vai ter licitação e novas regras para organização. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 ago. 2009. Rio, p. 15.

passaram a dar declarações públicas levantando a possibilidade da não realização dos desfiles, temendo uma possível perda do controle da LIESA na organização.¹³²

Alegações de falta de tempo hábil e exigências do TCM para ajustes na licitação acabaram inviabilizando o processo naquele ano e a Riotur teve que contratar a LIESA. E para o carnaval seguinte, de 2011, a estranha falta de empresas interessadas na administração do Sambódromo favoreceu novamente a escolha da própria Liga.¹³³

Em janeiro de 2012, uma quinta ação apresentada pelo MP chamava atenção para irregularidades, na realização do carnaval de 2010. De acordo com o órgão, os problemas dessa vez revelavam inclusive a negligência do próprio Tribunal de Contas do Município do Rio de Janeiro no exercício de suas atribuições de fiscalização sobre contratações de empresas e prestação de contas do uso de dinheiro público municipal por parte das agremiações. Causava mais estranhamento o fato de o TCM usufruir de um camarote institucional no Sambódromo, previsto em termos do contrato para o carnaval de 2012.¹³⁴

Logo no mês de fevereiro do mesmo ano, uma sexta ação, tendo fundamentação parecida com a anterior, colocava em questão a concessão de camarote institucional também para a Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro.¹³⁵ Em meados de 2008, pouco tempo após a Operação Furacão e a CPI do Carnaval, a imprensa tinha denunciava a rede de influência da contravenção na Câmara e a liderança do vereador Alberto Salles na

¹³² Cf. CARNAVAL tem que ser da prefeitura. *O Dia*, Rio de Janeiro, 2 mar. 2009. Informa do Dia, p. 4; PINHEIRO, Amanda, AZEVEDO, Raphael. Escolas ameaçam não desfilar ano que vem. *O Dia*, Rio de Janeiro, p. 2, 26 ago. 2009; AZEVEDO, Raphael. Liesa: chance de boicote é realidade. *O Dia*, Rio de Janeiro, p. 6, 27 ago. 2008; NASCIMENTO, Christina. Desfile terá auditoria no julgamento. *O Dia*, Rio de Janeiro, p. 10 29 ago. 2009; REUNIÃO na Liga para discutir novidade. *O Dia*, Rio de Janeiro, p. 3, 26 ago. 2009.

¹³³ Cf. SUSPENSA licitação do Carnaval de 2010. *O Dia*, Rio de Janeiro. 8 out. 2009, p.7; BASTOS, Isabela, COSTA, Jacqueline. Prefeitura cancela licitação para carnaval de 2010. *O Globo*, Rio de Janeiro, 8 out. 2009. Rio, p. 17.

¹³⁴ AÇÃO Civil Pública (Irregularidades na contratação da LIESA – 2010). Acervo - Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, 26 jan.2012.

¹³⁵ AÇÃO Civil Pública (Irregularidades na contratação da LIESA – 2011). Acervo - Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, 14 fev.2012.

defesa dos interesses das organizações ligadas à exploração de jogos. Salles era justamente o responsável pela organização do camarote da Câmara de Vereadores no Sambódromo.¹³⁶

Duas últimas ações que estão disponíveis para consulta pública envolveram diretamente representantes da primeira gestão de Eduardo Paes como prefeito. Em junho de 2012, abriu-se uma investigação sobre contratação de empresas para o Projeto Bailes do Rio, cujas atividades de desenrolaram em dezembro de 2011, incluindo o chamado Baile da Devassa, patrocinado pela cervejaria detentora da marca. A questão era sobre a razão do investimento público feito em benefício de uma atividade promocional diretamente ligada a uma empresa privada. Essa ação não teve relação direta com os contratos de carnaval e, por isso, não pretendo discuti-la a fundo.

Em agosto de 2013, entretanto, festejos de réveillon promovidos pela Prefeitura com participação das escolas de samba foram questionados numa ação que apontava o desvio de finalidade do dinheiro público recebido pelas agremiações do Grupo Especial. Estariam usando uma parcela no custeio dos preparativos das apresentações do réveillon e reservando o restante para aplicar na produção dos desfiles de carnaval. A ausência de prestação de contas após a utilização dos recursos constituiu por si só um problema sério, e talvez seja até uma estratégia usada para dificultar a destinação dos recursos.¹³⁷

Desenvolveu-se nesta parte final do capítulo uma análise da documentação produzida por órgãos públicos responsáveis pela fiscalização dos contratos anuais de carnaval, considerando as responsabilidades determinadas para as partes envolvidas. Contudo, é preciso ter cuidado com a perspectiva dos promotores do MP para que não reduza o fenômeno do carnaval das escolas de samba a um simples serviço prestado

¹³⁶ Cf. AMORA, Dimmi. Bicho mantém seus tentáculos sobre carnaval. *O Globo*, Rio de Janeiro, 3 fev. 2008. Rio, p. 13; AMORA, Dimmi. A serviço de Anísio. *O Globo*, Rio de Janeiro, 8 fev. 2008. Rio, p. 12.

¹³⁷ AÇÃO Civil Pública (Irregularidades na contratação da LIESA – 2012). Acervo - Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, 22 jan.2013.

formalmente à Prefeitura, como se a história da festa fosse algo descolada dos contextos político e carnavalesco, onde impera uma difícil separação de limites entre o lícito e o ilícito, entre o legítimo e o ilegítimo, ou como dizem alguns, entre a ordem e a desordem.

CAPÍTULO 2

Instabilidade da patronagem e alternativas de financiamento dos desfiles

A prisão da cúpula da contravenção no Rio de Janeiro

Na terceira parte do capítulo anterior foi analisado o movimento dos presidentes das escolas de samba, e banqueiros do jogo do bicho, rumo ao controle do carnaval enquanto empreendimento turístico e empresarial. A LIESA se consistiu no instrumento institucional legal que viabiliza o alcance de uma série de interesses mediante pressão sobre o poder público, tanto pelo enfrentamento aberto quanto pela adoção de estratégias de negociação em que a cúpula do bicho conta com sua vasta rede clandestina de influência.

Contudo, a década de 1990 foi marcada por uma reviravolta no quadro de estabilidade que vinha sendo construído pela contravenção. Essa mudança tem relação com o retorno de Leonel Brizola ao governo do estado em 1991, apesar do governo não ter assumido de pronto uma postura definida de combate à exploração do jogo do bicho. As particularidades do poder indicam que o processo foi um pouco mais complexo e tem uma combinação de fatores relacionada à autonomia ao cargo de Procurador Geral do Estado.

No primeiro mandato de Brizola, a atuação do Procurador Antônio Carlos Biscaia na investigação de crimes relacionados ao jogo do bicho sofreu resistência tanto dos setores do aparato policial associados às organizações criminosas quanto de segmentos da própria base política do governo. Portanto, Biscaia precisou lidar com a falta de prioridade na política de segurança, e especialmente com a colaboração interessada de agentes públicos para impunidade dos crimes ligados aos negócios da cúpula do bicho.¹³⁸

Aconteceu que, a partir da Constituição de 1988, a indicação de lista tríplice para nomeação do Procurador Geral do Estado ficou assegurada através de eleição interna dos agentes do Ministério Público. Mesmo que a escolha final devesse ficar sob a vontade do Governador, o Procurador teria direito de exercer o mandato completo, superando assim a

¹³⁸ AULER, Marcelo. *Biscaia*. Rio de Janeiro: Cassará Editora, 2012. p.93-98.

situação instável da condição de mais um secretário que pudesse ser substituído pelo chefe do Executivo ao sabor das circunstâncias políticas. Por conta disso, a chegada de Biscaia pela segunda vez ao cargo, com ampla autonomia, foi decisiva para a condução das investigações que viriam a fundamentar a condenação da cúpula do bicho em 1993.¹³⁹

A dificuldade de sustentar a acusação por variados crimes praticados a mando dos chefes da contravenção, inclusive tráfico de drogas, direcionou o foco da promotoria para o crime tipificado como formação de bando ou quadrilha armada. Com base nisso, a juíza Denise Frossard proferiu a sentença que levou a cúpula do Rio à prisão em maio de 1993.¹⁴⁰ O tempo de reclusão ficou em torno de quatro anos, alguns deles foram beneficiados por indultos presidenciais e acabaram saindo das grades um pouco antes desse tempo.

De toda forma, o processo gerou complicações para os negócios do jogo do bicho e representou uma quebra na ideia de impunidade que há muito tranquilizava os poderosos banqueiros e, por outro lado, incomodava parte da sociedade. Havia o entendimento de que Brizola pessoalmente não compactuava com o crime organizado. Todavia, Biscaia relata como foi procurado durante o curso do processo pelo então presidente da ALERJ, deputado José Leite Nader (PDT), o qual tentou interceder pelos interesses da cúpula.¹⁴¹ Isto revela o nível de influência da rede de proteção política a serviço da cúpula do bicho.

Em função desse quadro de instabilidade para a contravenção, surgiram especulações sobre a situação do financiamento do carnaval das escolas de samba, o que constitui o principal assunto de análise neste segundo capítulo da tese. Era dúvida se os patronos continuariam colaborando com a produção dos desfiles. E, ainda, se o espetáculo teria a mesma organização caso eles perdessem o comando de suas agremiações.

¹³⁹ Idem, p. 101.

¹⁴⁰ CHEFÕES do bicho condenados a 6 anos. *O Globo*, Rio de Janeiro, 22 mai. 1993, Matutina, Rio, p. 14.

¹⁴¹ Ibid., p. 112.

Logo depois de proferida a sentença da juíza Denise Frossard, o chefão Castor de Andrade anunciou que ele e seu filho Paulinho Andrade estariam se afastando da direção da Mocidade Independente de Padre Miguel. De acordo com o relato de um antigo diretor da escola de samba da zona oeste, Paulinho do Ouro, Castor teria pensado de início que a ameaça de afastamento dos patronos despertaria algum movimento de pessoas mais ligadas ao universo das escolas apontando que eles seriam indispensáveis para as agremiações.¹⁴²

É difícil definir exatamente a motivação de cada um dos banqueiros que deixaram de atuar como patronos nas suas respectivas agremiações. Capitão Guimarães se afastou da Vila Isabel logo depois da prisão, assim como José Petrus, o Zinho, deixou a Estácio de Sá. Carlinhos Maracanã até se manteve no comando da Portela, porém, segundo a imprensa da época, ele nada colaborou durante os preparativos para o carnaval de 1994.¹⁴³ É provável que a prisão tenha influenciado Maracanã a passar o comando da Portela para Luís Carlos Scafura, filho de José Carlos Scafura, o “Piruiinha”. Luís Carlos participava da Portela há dez anos como presidente de ala comercial, enquanto que seu pai dava suporte financeiro ao Império Serrano. O filho de Piruiinha assumiu a escola para o carnaval de 1995, e até convidou antigos sambistas opositores de Maracanã para retornar à Portela.¹⁴⁴

Outros continuaram afinados com suas escolas de samba, mesmo atrás das grades, e procuraram acompanhar os preparativos para o carnaval através de informações recebidas nas visitas de carnavalescos e diretores das agremiações. Os jornais chegaram a fazer matérias ironizando o que seria uma “romaria” de visitantes a presídios do Rio de Janeiro.

Em matéria produzida por Aydano Motta e Elenilce Bottari, com base em entrevistas dos jornalistas com carnavalescos, apontava-se o problema da demora nos

¹⁴² OURO, Paulinho do. Entrevista concedida ao autor em: 11 Set. 2013.

¹⁴³ BOTTARI, Bottari e MOTTA, Aydano A. Carnaval 94 é planejado atrás das grades. O Globo, Rio de Janeiro, 16 jan. 1994, Matutina, Rio, p. 23.

¹⁴⁴ SEARA, Berenice. Novo bicheiro revoluciona a Portela. O Globo, Rio de Janeiro, 8 fev. 1995, Matutina, Rio, p. 15.

repasses correspondentes ao direito de participação de cada escola de samba nas receitas do desfile. Os artistas explicavam que receber o montante muito próximo do carnaval era um problema, porque as compras dos materiais necessários para a montagem das alegorias acabavam sendo feitas num momento de alta dos preços e possível escassez de produtos. Sem falar do risco delas não serem concluídas a tempo. A mão de obra também seria mais cara perto demais do carnaval. O aporte financeiro dos banqueiros do jogo do bicho acontecia então na forma de um adiantamento, proporcionando certo planejamento das atividades de produção do desfile. Essa situação sugere que os banqueiros do bicho conseguiam recuperar, através dos recursos repassados pela LIESA, aquilo que investiam como empréstimo. Enfim, a prisão dos chefes da contravenção não teria impedido que continuassem atuando como “produtores executivos” do carnaval das escolas de samba.¹⁴⁵

Ainda de acordo com a matéria, o maior sinal de que a forte influência dos banqueiros continuava foram manifestações de apoio vistas no Salgueiro, na Imperatriz Leopoldinense e na Beija-Flor. Por exemplo, no caso das duas últimas escolas, frases de saudação aos patronos foram gravadas na introdução dos sambas de enredo para 1994.

“Luís Pacheco Drumond, a força da sua presença está muito mais viva, dentro de cada um de nós”. (Atribuído ao intérprete da Imperatriz Leopoldinense, Preto Joia)

“Alô Anísio, quem te conhece sabe quem você é. A família Beija-Flor te ama”. (Atribuído ao intérprete da Beija-Flor de Nilópolis, Neguinho da Beija-Flor)

Faixas e cartazes contendo essas frases foram espalhadas por quadras e barracões, e com isso gerada toda uma expectativa de que homenagens aos patronos seriam prestadas em grande estilo no momento dos desfiles. Contudo, uma convocação feita pelo Ministério

¹⁴⁵ BOTTARI, Bottari e MOTTA, Aydano A. Op. cit.

Público do Estado do Rio de Janeiro aos intérpretes serviu para orientar que eles desistissem de qualquer atitude naquele sentido, pois responderiam criminalmente.

O presidente da Estácio de Sá, Acyr Pereira Alves, também foi obrigado a prestar esclarecimentos ao MP-RJ a respeito de um carro alegórico que supostamente estaria sendo preparado para representar, dentro do enredo sobre o centro comercial da SAARA, um desagravo ao banqueiro do bicho benemérito da escola, Zinho, e seus pares da cúpula.¹⁴⁶

Assistindo à gravação do desfile da Estácio de Sá em 1994, os próprios comentaristas da TV Globo destacavam a pertinência da alegoria no desenvolvimento do enredo, pois sempre fez parte das ruas daquele centro comercial a existência de casas lotéricas e pontos de apostas do jogo do bicho. As fantasias do setor de desfile referente ao carro alegórico representavam modalidades de jogos praticados no Rio de Janeiro.



Imagem 9. Carro Globo da Sorte. *Frame* do desfile da Escola de Samba Estácio de Sá exibido pela TV Globo no dia 14/02/1994.

Durante os preparativos para os carnavais de 1994 e 1995, os banqueiros do bicho estiveram cumprindo pena em regime fechado. Mas no final desse último ano alguns deles conseguiram a liberdade condicional. Foi o caso de Anísio, por exemplo, que logo voltou a

¹⁴⁶ PROCURADORIA vai a barracão de escola. O Globo, Rio de Janeiro, 2 fev. 1994, Matutina, Rio, p. 15.

despachar assuntos do carnaval no barracão da Beija-Flor. Paulinho Andrade retornou para sua Mocidade de Padre Miguel, e logo depois do carnaval de 1995 houve o anúncio de que Castor teria decidido reassumir a condição de patrono, sensibilizado pelo desfile da escola com o enredo era *Padre Miguel, olhai por nós!*, que ele assistiu pela televisão. Outros chefes da contravenção só conseguiram sair da prisão no final do ano de 1996, como foram os casos de Waldemir Garcia, o Miro, Capitão Guimarães e Luizinho Drumond.¹⁴⁷

A maior parte deles procurou ficar distante dos holofotes após a saída, apenas Guimarães e Luizinho marcaram presença na avenida no carnaval de 1997. O patrono da Imperatriz teve, inclusive, a ousadia de desfilar no comando da escola, o que fez a imprensa tratar o episódio como símbolo da volta dos bicheiros ao centro do espetáculo.¹⁴⁸ Suspeito que tenha sido um sinal da intenção de Luizinho encabeçar a formação de uma chapa para a eleição para presidência da LIESA que ocorreria no mês de abril daquele ano.

¹⁴⁷ MOTTA, Aydano André. Volta dos 'banqueiros' de bicho ao carnaval agora é sem disfarces. O Globo, Rio de Janeiro, 15 jan. 1997, Matutina, Rio, p. 12.

¹⁴⁸ FAGUNDES, Renato. Os reis da Sapucaí. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 11 fev. 1997, Caderno B, p. 14.

O financiamento dos desfiles através da comercialização dos enredos

Convém agora trabalhar especificamente a hipótese de que a busca por fontes alternativas de financiamento, que resultou na institucionalização da prática de comercialização dos enredos, advém até certo ponto de uma redefinição dos próprios interesses dos banqueiros de bicho no carnaval a partir da condenação da cúpula em 1993.

Desde a criação da LIESA, empresas privadas formais vinham fortalecendo seus negócios com a entidade comandada pelos chefes da contravenção – ressaltando que se saiba que a LIESA também funcione a partir de uma estrutura empresarial formal – para a exploração de atividades relacionadas à produção do espetáculo. Antes disso, as próprias escolas de samba controladas pelos banqueiros do bicho fechavam acordos de exclusividade com cervejarias para a venda de bebidas em suas quadras e também exploração de publicidade nas dependências desses espaços. Participar institucionalmente do financiamento dos desfiles, todavia, era uma ação bem mais complexa. Não estava ausente do horizonte do carnaval, mas também constituía uma tendência das agremiações.

Na edição atualizada de *Serra, Serrinha, Serrano* a intelectual, pesquisadora e cronista Rachel Valença observa como o Império Serrano conseguiu de forma muito espontânea apoio de uma cervejaria para o desfile de 1985, com o enredo *Samba, suor e cerveja, o combustível da ilusão*, concebido por Renato Lage e Lílian Rabelo. Valença, historiadora e sambista de sua escola de coração desde a década de 1970, relata o seguinte:

Fernando Pamplona já declarara no ano anterior que aquele era o último enredo que sugeriria ao Império Serrano. Renato Lage também revelava o desejo de desenvolver um enredo seu. A ideia do enredo de 1985 surgiu num bar. Tudo a ver: falaria de cerveja. Observando grupos de pessoas nas mesas próximas a sua, o carnavalesco atentou para todos os rituais que os apreciadores da bebida seguiam e o quanto ela representava na vida das pessoas. Fez disso um enredo: *Samba, suor e cerveja, combustível da ilusão*. Pela primeira vez, sua mulher à época, Lílian Rabelo, assinaria o carnaval com ele. E este acabou sendo o primeiro enredo patrocinado da história do carnaval, só que não nos moldes

dos patrocínios atuais, sob demanda. O próprio Renato, em entrevista ao jornal O Globo, em 1º de março de 2009, esclarece: ‘Eu tinha um enredo sobre cerveja, então fui à Brahma. Entrei às 9 horas e saí às 18, de porre. Eles me mostraram todo o processo de fazer cerveja. Ter um enredo e ir buscar patrocínio é diferente’.¹⁴⁹

O também imperiano Luiz Antonio Simas, historiador, e cronista dos desfiles nos últimos anos, avalia que a própria cúpula do bicho a partir da criação da LIESA resistiu durante bom tempo que estratégias desse tipo fossem implantadas no conjunto das escolas de samba. Segundo Simas, isto se justificaria pelo receio dos chefes da contravenção à possível concorrência ao consolidado esquema da patronagem, ameaçando a conquista das primeiras posições nos desfiles pelas agremiações apadrinhadas e, até mesmo, comprometendo o poder dos banqueiros de bicho sobre as organizações carnavalescas.¹⁵⁰

Por outro ângulo, é possível imaginar o receio de agentes capitalistas formais em fazer investimento num mercado que não opera somente segundo a lógica do lucro financeiro e, além disso, é marcado pela forte influência do crime organizado.

Talvez tenha sido essa uma das razões que levaram o empresário Maurício Mattos a partir para iniciativa pioneira de produzir o desfile de 1994 da Escola de Samba Acadêmicos da Rocinha como projeto autorizado pelo Ministério da Cultura com recurso dos instrumentos da Lei Rouanet, nossa atual lei federal de incentivo à cultura.

Por meio de incentivos fiscais, o patrocínio foi de um *pool* de empresas, a Nestlé a principal delas, para divulgação do Caldo Maggi. Informações de jornais atribuídas à direção da escola apontavam a colaboração das outras empresas com a doação de materiais para a montagem das alegorias (ferragem e tintas), no caso a Brascan e a Ipiranga.¹⁵¹

Mesmo hoje, consolidados os mecanismos que asseguram empresas financiarem oficialmente todo um projeto de desfile, é difícil estabelecer parceria com o setor privado

¹⁴⁹ VALENÇA, Rachel e VALENÇA, Suetônio. *Serra, Serrinha, Serrano: o império do samba*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2017. p. 256.

¹⁵⁰ SIMAS, Luiz Antonio. Entrevista concedida ao autor em: 17 Dez. 2016.

¹⁵¹ EMPRESAS patrocinam carnaval da Rocinha. *Jornal do Brasil*. 10 fev.1994, Cidade, p.15.

para mais de um desfile de carnaval, mesmo porque acontece naturalmente renovação dos enredos a cada ano, e que se dirá de projetos fora desse objetivo midiático. No entanto, Maurício Mattos estabeleceu parceria com a Nestlé por dois carnavais. No desfile de 1994, com o enredo *Humor para dar e vender*, o acordo de patrocínio obrigou a escola a colocar na base frontal do seu carro Abre-Alas uma propaganda do Caldo Maggi.

A transmissão do desfile pela antiga emissora CNT focalizou bem esse detalhe, e isso merece apreciação nesta análise visto que a interação da televisão com as escolas de samba gerou nas últimas décadas a necessidade de adotarem performance e estética que leva em consideração, ao mesmo tempo, o público do Sambódromo e os telespectadores.



Imagem 10. Carro abre-alas. *Frame* do desfile da Escola de Samba Acadêmicos da Rocinha, desfile do antigo Grupo 1, exibido pela emissora CNT no dia 12/02/1994.

O modelo de financiamento usado pela Rocinha só não teve mais influência porque a escola não conquistou o título naquele ano – ela ficou em terceiro lugar – e também desfilava entre agremiações do “segundo grupo”, espaço de visibilidade muito menor do que o Grupo Especial. E sem falar que a própria estratégia de divulgação da marca do

produto em questão, envolvendo o suporte material do carro alegórico, não ficou atraente em termos estéticos nem mesmo segundo critérios básicos de *marketing* empresarial.

Não foi à toa que o regulamento do grupo de acesso ao Especial no ano seguinte oficializou o *merchandising*, por pressão dos dirigentes de agremiações dispostos a muita coisa para angariar recursos financeiros. Em relação a 1995, a exposição da marca do Caldo Maggi ficou restrita aos instrumentos dos ritmistas da bateria, embora durante os preparativos do desfile o carnavalesco Alexandre Louzada tivesse anunciado a produção de uma alegoria representando o símbolo da galinha vinculado à marca.¹⁵² Consegui captar num vídeo disponível no Youtube da transmissão da antiga TV Manchete o momento exato em que se pode identificar o adesivo “Maggi” sobre um surdo da bateria da Rocinha.



Imagem 11. Instrumentista da bateria. *Frame* do desfile da Escola de Samba Acadêmicos da Rocinha, Grupo de Acesso A, exibido pela TV Manchete no dia 25/02/1995.

¹⁵² BEAUREPAIRE, Lucila de. Grupo de Acesso abre alas para o ‘merchandising’. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 fev. 1995.

É interessante registrar aqui um comentário irônico de Fernando Pamplona, um crítico do fenômeno dos enredos patrocinados, após ter se dado conta uso abundante de plumas nas fantasias da Rocinha, graças ao aporte financeiro recebido pela escola.

É uma plumada danada! Eu tenho a impressão, que, como tem uma “galinha” aí patrocinando esse desfile, pode ser que tenha sobrado pena e castigaram em cima da bateria, em cima do mestre-sala, em cima das baianas... Nós vamos ter pena até o fim do caminho. Valeu o patrocínio!¹⁵³

O mecanismo oficial utilizado pela Rocinha para captação de recursos não foi o mesmo adotado por agremiações do Especial que logo depois saíram em busca de fontes de financiamento alternativas ao jogo do bicho. A Escola de Samba Estácio de Sá, que nessa época participava do Grupo Especial, elaborou um projeto de enredo sobre o SAARA para 1994 com a intenção de obter apoio financeiro direto da associação comercial.

Outro caso relevante aconteceu em função do retorno de Joãozinho Trinta ao carnaval em 1994, pois ele havia ficado um ano afastado por decisão pessoal tomada logo depois de sua demissão da Beija-Flor de Nilópolis após o desfile de 1992. Na Viradouro, Joãozinho desenvolveu o enredo *Tereza de Benguela, uma rainha negra no Pantanal*, projeto pensado para tentar obter patrocínio governamental ou de empresas privadas do estado do Mato Grosso. Isto se confirmou com pequeno aporte, segundo o pesquisador Fábio Gomes em seu livro *O Brasil é um luxo: trinta carnavais de Joãozinho Trinta*. Para o autor, seria da parte do carnavalesco uma antevisão da fase dos enredos patrocinados.¹⁵⁴

Existe consenso no meio carnavalesco e entre os principais estudiosos a respeito do enredo de 1995 da Imperatriz Leopoldinense, *Mais vale um jegue que me carregue do que um camelo que me derrube... lá no Ceará*, como marco da institucionalização da

¹⁵³ PAMPLONA, Fernando. Comentário durante a transmissão do desfile da Escola de Samba Acadêmicos da Rocinha, do Grupo 1, exibido pela TV Manchete em 12 de fevereiro de 1994.

¹⁵⁴ GOMES, F. *O Brasil é um luxo: trinta carnavais de Joãozinho Trinta* / por Fábio Gomes, Stella Villares. São Paulo: CBPC – Centro Brasileiro de Produção Cultural: Axis Produções e Comunicação, 2008. p.235.

comercialização de enredos. Isto se justifica pelo apoio financeiro à escola através da captação articulada pelo então governador Tasso Jereissati (PSDB) junto a empresários do seu estado, o que teve grande consagração pela conquista do carnaval pela Imperatriz.

Na versão da carnavalesca Rosa Magalhães, o enredo de sua autoria teria sido idealizado sem o interesse prévio de usar o tema para obter patrocínio. Essa possibilidade acabou sendo vislumbrada depois, pela diretoria, que apresentou a Jereissati proposta de trabalhar a promoção do Ceará na Passarela do Samba.¹⁵⁵ Em entrevista do *Jornal do Brasil*, realizada meses depois do carnaval de 1995, Rosa ressaltava ainda o fato da confirmação do aporte ter acontecido bem próximo ao carnaval, depois que político já havia tomado posse do cargo, e muito provavelmente interessado na sua promoção.¹⁵⁶

Jereissati desfilou com a Imperatriz, e segundo informações de comentaristas da transmissão da TV Globo, em certo momento passou pela Avenida coberto com a bandeira da escola. Como o patrono Luizinho Drummond ainda estava preso, o político contou até com a tranquilidade de atravessar a avenida se ter que figurar ao lado do contraventor.

Examinando a sinopse desse desfile se percebe como a carnavalesca soube trabalhar a história inusitada do uso de camelos na primeira expedição científica com a presença exclusiva de brasileiros organizada por D. Pedro II. Os trabalhos de exploração foram planejados para serem realizados no Ceará, e lá surgiu a problemática com os animais trazidos da Argélia para o transporte dos equipamentos da expedição. A história inspirou uma verdadeira exaltação do jegue, animal bem adaptado à região nordeste do Brasil e símbolo da luta do povo pela sobrevivência.¹⁵⁷ O enredo trabalhava inteligentemente com

¹⁵⁵ JUPIARA, Aloy. Atrás do patrocínio, e em ritmo de samba. *O Globo*, Rio de Janeiro, 29 jan. 1995, Matutina, Rio, p. 34.

¹⁵⁶ BARREIROS, Edmundo. A outra face da carnavalesca. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8 set. 1995, Caderno B, p. 6.

¹⁵⁷ IMPERATRIZ LEOPOLDINENSE. SINOPSE 1995. Cf. *Academia do Samba – O maior Portal do carnaval brasileiro*. <http://academiadosamba.com.br/passarela/imperatrizleopoldinense/index.htm> Acesso a 6 fev. 2017 às 11:00.

a ideia de que soluções “caseiras” podem ser muito mais úteis para os problemas brasileiros.

Vale citar a letra do samba, síntese perfeita daquele enredo, para mostra que não contém traços de apelos turísticos grosseiros que passariam a ser comuns anos depois.

Ecoam pelo ar
Estórias de tesouros escondidos
Sou poeta da canção
E embarco nesse sonho encantado
Vou com destino ao Ceará
Em busca de um novo eldorado

Levo comigo a ciência
Do país a sapiência
Tudo eu quero relatar
Nessa expedição bem brasileira
Chegam mouros e camelos
Não precisa se assustar

Balançou, não deu certo não
Pois não passou de ilusão
Eles trouxeram o balanço do deserto
Mas não é o gingado certo
Pra cruzar o nosso chão

O jegue escondido na história
Ajuda o sertanejo a tocar seu dia-a-dia
Trabalha, ara a terra sob o sol
E leva o fardo pesado
De um povo sofredor

Mais vale a simplicidade
A buscar mil novidades
E criar complicação
Esquecendo o bom e o útil
Renegar o que é nosso
Gera insatisfação

O sertão não é só lamento
Meu momento é aqui
Faço a festa e lavo a alma
Hoje na Sapucaí

(Autores: Eduardo Medrado, João Estevão, Waltinho Honorato e César Som Livre)

Outras escolas tentaram negociação de patrocínios em função da escolha dos seus temas de enredo para o carnaval daquele ano. O carnavalesco da Mangueira, Ilvamar Magalhães, levou ao governador de Pernambuco uma proposta relacionada ao enredo A

esmeralda do Atlântico, sobre a ilha de Fernando de Noronha, mas não conseguiu receber nenhum aporte financeiro. A diretoria do Império Serrano buscou colaboração de uma empresa de relógios para desenvolver *O tempo não para*, e também não obteve sucesso.¹⁵⁸

Situação pior se deu com a Estácio de Sá, que trocou um projeto sobre história da arquitetura no Brasil pela celebração do centenário do Clube de Regatas Flamengo, depois de uma promessa de apoio feita pelo então presidente do Clube, Cléber Leite. O dinheiro não apareceu, prejudicando profundamente a produção do desfile da escola de samba.¹⁵⁹

Nos dois carnavais que se seguiram, 1996 e 1997, as escolas vencedoras apresentaram enredos na linha do que se considera de cunho autoral no presente contexto. Ou seja, escolha do tema feita sem a intenção calculada de atrair investidores interessados na visibilidade proporcionada pelo desfile para desenvolvimento de projetos de *marketing*.

No entanto, a conquista do bicampeonato pela Imperatriz, em 1995, fez com que outras escolas de samba apostassem na escolha de enredos dessa linha de homenagens logo no carnaval seguinte, entendendo que isso fosse receita garantida para obtenção de patrocínios. A Mangueira, por exemplo, confiou que o Governo de Roseana Sarney confirmaria uma promessa de patrocínio, mas isso não aconteceu conforme planejado e a escola de samba acabou desenvolvendo o mesmo tema, e adquirindo dívidas. Até mesmo o empresário Fernando Horta, presidente da Unidos da Tijuca, apostou num projeto que se tornou mal sucedido, pelas mesmas razões da Mangueira, só que no caso a promessa lhe foi feita pelo governo de Alagoas, cuja Secretária de Cultura na época era Thereza Collor.¹⁶⁰

¹⁵⁸ JUPIARA, Aloy. op. cit.

¹⁵⁹ Um relato mais detalhado das consequências dos problemas enfrentados pela diretoria da Estácio de Sá com a busca de patrocinadores nos carnavais de 1994, 1995 e 1996 é feito nas crônicas de autoria do jornalista Fábio Torres, o Fabato, publicadas no segundo volume da série de livros *Família da Colia*, que reúne textos de diversos autores sobre várias escolas e teve coordenação do próprio jornalista. Cf. “S. O. S. S. A. A. R. A.”, “Urubu e queda no Teleporto: o abrigo no peito do traidor”. In: FABATO, Fábio; FARIAS, Júlio César; SIMAS, Luiz Antonio; CAMÕES, Marcelo; NATAL, Vinícius. *As titias da folia: o brilho maduro de escolas de samba de alta idade*. Rio de Janeiro: Nova Terra, 2014.

¹⁶⁰ MANGUEIRA aguarda dinheiro prometido. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 jan. 1996, Cidade, p. 14.

Existem indícios de que alguns enredos desenvolvidos na forma de homenagens a estados ou cidades estiveram relacionados à operação de negócios dos banqueiros do bicho fora do Rio de Janeiro. O primeiro caso noticiado na imprensa levantando esse tipo de suspeita aconteceu justamente no carnaval de 1997, quando a Acadêmicos do Grande Rio, escola de samba do município de Duque de Caxias, apresentou *Madeira-mamoré, a volta dos que não foram lá no Guaporé*. O patrono da Grande Rio é o banqueiro do jogo do bicho Jaider Soares, que não foi preso junto com a cúpula em 1993, talvez porque não tivesse tanta projeção na época para figurar entre os principais chefes da contravenção.

A repercussão envolvendo o enredo da Grande Rio cresceu especialmente porque o então governador de Rondônia, Valdir Raupp, decidiu promover uma cerimônia em boate famosa da zona sul do Rio de Janeiro em homenagem ao “presidente de honra” da escola de samba de Duque de Caxias, área de sua influência como banqueiro do bicho. À época, o governador do Rio de Janeiro, Marcelo Alencar, deu declarações condenando participação de autoridades nesse tipo de homenagem, embora fosse favorável à legalização do jogo.¹⁶¹

Em matéria do JB publicada no pré-carnaval de 1997, outro banqueiro era apontado como proprietário de pontos do jogo do bicho em outros estados, pelo menos desde 1992. Luizinho Drumond, da Imperatriz, estaria explorando o jogo em Acre, Amapá, Roraima e Pará. Teria sido ele o primeiro contraventor a ultrapassar os limites do estado do Rio de Janeiro para operar seus negócios ilícitos. A matéria ainda apontava que, em 1992, Luizinho seria dono de casas noturnas em Belém e Fortaleza, onde explorava um cassino. Em Manaus, o banqueiro carioca seria apenas sócio numa casa de jogo clandestino.¹⁶²

Em 1998, a Beija-Flor de Nilópolis foi campeã, dividindo o título com a Estação Primeira de Mangueira, tendo desenvolvido o enredo *Pará – O mundo místico dos*

¹⁶¹ MELO, Murilo Fiúza de. Bicheiros na mira. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 fev. 1997, Cidade, p. 16.

¹⁶² MELO, Murilo Fiúza de. ‘Nunca deixei a Imperatriz’. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 fev. 1997, Cidade, p. 18.

caruanas nas águas do Patu Anu, que contou com apoio financeiro captado de empresários locais por intermédio do governador do estado.¹⁶³ Nos três anos seguintes, a Imperatriz Leopoldinense emplacou um tricampeonato, sendo que apenas o último carnaval da série, o de 2001, foi produzido com base num projeto de enredo sobre cana-de-açúcar, na forma de uma homenagem ao estado de Pernambuco, recendo apoio de empresários do agronegócio.

Para o carnaval de 1999, de acordo com registro da imprensa, a tendência do esquema de financiamento em questão já tinha levado onze de quatorze escolas que iriam desfilar no Grupo Especial a anunciarem enredos com a possibilidade de receber patrocínio. O grande problema foi que, bem próximo ao carnaval, a maior parte delas não havia conseguido nada de confirmação de aporte financeiro conforme planejado.¹⁶⁴

Em 2000, por ocasião das celebrações dos 500 anos do Descobrimento, todas as agremiações do Grupo Especial foram contempladas através de projeto do Município do Rio para desenvolverem temas ligados à história do Brasil e assim receberem patrocínio. Logicamente, foi ótimo para diretores de agremiações na busca obsessiva por recursos.

Chegado o novo milênio, a cobertura carnavalesca na imprensa começou a chamar atenção para um aspecto muito interessante do fenômeno da comercialização dos enredos, a atuação de agentes mediadores autônomos com trânsito na ponte entre as agremiações carnavalescas e possíveis patrocinadores interessados em projetos de carnaval. Isso aconteceu mais especificamente na cobertura dos preparativos para os desfiles de 2002.

A pessoa que se destacou mais nesse papel de mediador foi o falecido antropólogo Sérgio Murilo, que costumava ser apresentado na imprensa como um indivíduo de sólida formação acadêmica, fluente em vários idiomas, e muito bem articulado com políticos e presidentes de escolas de samba. No próprio meio carnavalesco surgiram denominações

¹⁶³ Esse enredo marca uma nova fase na história da escola de samba, e que perdura até os dias de hoje.

¹⁶⁴ MOTTA, Aydano A. e HELENA, Letícia. O samba corre a sacolinha. *O Globo*, Rio de Janeiro, 10 jan. 1999, Matutina, Rio, p. 14.

para a atividade realizada por Murilo e outros agentes menos conhecidos, falavam em “corretores”, “atravessadores”, “vendedores” de enredos. Ele preferia ser reconhecido como “captador” para produção cultural dos desfiles, e ainda reivindicava para si a criação dessa função que afirmava ser fundamental à adaptação das agremiações carnavalescas ao modelo empresarial de financiamento da cultura vigente no mundo contemporâneo.

Aydano Motta, jornalista dedicado à cobertura completa do ciclo carnavalesco, publicou importante matéria sobre Murilo em maio de 2001. O jornalista era um dos que relacionava a crescente importância dos tais captadores com dificuldades financeiras enfrentadas pelos banqueiros de bicho para apoiar as escolas. Apontava ainda o aspecto do papel desses agentes para o elo necessário aos acordos de patrocínio que preservavam governantes e empresários da exposição na aproximação com os patronos contraventores:

O crescimento dos captadores é cevado por outro movimento novo no tabuleiro do carnaval, a decadência financeira dos banqueiros do jogo do bicho. Com o crescimento dos jogos instantâneos, os velhos patronos estão perdendo a liquidez de outros tempos. Sem a tradicional enxurrada de dinheiro como alicerce, cresce a oposição aos chefões, ainda que os críticos continuem, por razões óbvias, evitando ponderações à luz do dia. “Não vamos conseguir patrocínio de empresas privadas, mesmo que ele seja liberado no regulamento, porque nenhum empresário aceitará sentar-se para assinar contrato e apertar a mão de um bicheiro”, constata o presidente de uma das principais escolas de samba, com patrono do Rio, que, gentil, fala em preconceito. Para, em seguida, reconhecer o próprio eufemismo.¹⁶⁵

Isso permite afirmar que busca de fontes alternativas para o financiamento do carnaval tem ligação com a necessidade de economia das próprias organizações do jogo do bicho, e eu diria que também com o quadro de instabilidade após a prisão dos principais chefes das pelo crime de formação de quadrilha em 1993. A concorrência gerada por outros tipos de jogos, como aponta o jornalista, também deve ter complicado a vida dos

¹⁶⁵ MOTTA, Aydano A. Alugam-se carnavais. *O Globo*, Rio de Janeiro, 29 mai. 2001, Matutina, Rio, p. 16.

contraventores. Seria exagerado apenas falar em “decadência financeira” dos banqueiros naquela época, até porque já estavam explorando o ramo das máquinas de videopôquer.

Já a reserva dos empresários da economia formal, digamos assim, merece ser considerada com atenção. É certo que muitos governantes e empresários evitam qualquer tipo de relação com instituições controladas por contraventores, mas obviamente não são todos que agem dessa forma. Tanto é que depois de 2002 houve uma multiplicação de parcerias das agremiações comandadas por banqueiros do bicho com mega empresas.

A matéria de Aydano Motta apresenta um levantamento dos enredos baseados em acordos realizados por intermédio do trabalho de Murilo. Vejamos a seguir que são diferentes escolas, a maioria envolvendo patrocínio de governos. Vale mencionar o título completo de cada enredo, com identificação de sua respectiva agremiação, pois isso permite ter ideia da extensão nacional da rede de contatos políticos articulada por Murilo.

1999. Unidos de Vila Isabel. Presidente administrativo: Olício Alvez dos Santos.

Enredo: *João Pessoa, onde o sol brilha mais cedo.*

Observação: Nesse caso, a sinopse era até assinada por Murilo.

2001. Acadêmicos do Salgueiro. Presidente administrativo: Luiz Augusto Duran.

Enredo: *Salgueiro no mar de Xarayés, é Pantanal, é Carnaval.*

2002. Acadêmicos do Salgueiro. Presidente administrativo: Luiz Augusto Duran.

Enredo: *Asas de um sonho. Viajando com o Salgueiro. O orgulho de ser brasileiro.*

2002. Imperatriz Leopoldinense. Presidente administrativo: Wagner Araújo.

Enredo: *Goitacazes... Tupi or not Tupi, in a South American way.*

Observação: Só o título era sugestivo da abordagem que Rosa Magalhães daria ao enredo sobre o município Campos, no Rio de Janeiro, como veremos a seguir.

O caso do enredo sobre o Pantanal, patrocinado pelo governo de Mato Grosso do Sul, seria revelador do senso de oportunidade de Sérgio Murilo. A partir de uma reportagem na televisão, segundo ele, tomou conhecimento do interesse do governador Zeca do PT e prontamente acionou o político para apresentar o projeto. O financiamento seria baseado na atuação de prefeito ou governador junto a empresários locais para que dessem apoiassem através de lei de incentivo à cultura. Pelo trabalho, Murilo ficaria com uma comissão de 20% do valor do contrato celebrado entre as partes envolvidas no projeto.

Acontecia ainda do captador circular com uma mesma proposta apresentando-a para mais de um presidente de escola de samba até conseguir acertar o negócio. O convencimento dos patrocinadores, segundo relato de Murilo para Aydano, acontecia em vista do baixo investimento que tenderia a gerar ganhos extraordinários em espaços mídia na medida em que surgissem espontaneamente inserções da agremiação na cobertura pré-carnavalesca de rádio e de televisão, sem falar no potencial da transmissão do desfile.

O carnaval de 2002 da Imperatriz Leopoldinense, que surgiu de uma captação feita por Murilo, é caso emblemático para se pensar a influência desse tipo de esquema sobre o trabalho de criação artística e questionamentos acerca dos mecanismos institucionais para a realização do financiamento, além dos interesses políticos envolvidos no processo.

Segundo informações prestadas por Murilo na reportagem em questão, de autoria do jornalista Aydano Motta, o projeto sobre Campos teria sido apresentando primeiramente ao patrono do Salgueiro, o falecido Waldomiro Garcia, conhecido como Miro. Por falta de um acordo que fosse satisfatório para o captador, ele então decidiu levar a proposta para

Luizinho Drummond, patrono da Imperatriz, que fechou um acordo sem consultar a carnavalesca Rosa Magalhães, conforme declarações dela publicadas na referida matéria.

Havia a acusação de que o enredo estaria servindo aos interesses do governador Anthony Garotinho, pelo fato de ser originário de Campos e ter no município fluminense uma forte base eleitoral. A direção da Imperatriz contestou essa versão, explicando que a concepção do enredo pela carnavalesca Rosa não teria conotação “política”. De fato, ela teve liberdade na concepção do enredo, apesar de não ter participado da escolha do tema, e por isso ter reclamado publicamente da atitude da direção da escola ao lhe submeter a uma espécie de encomenda.¹⁶⁶ Em razão das discussões, a expectativa para o desfile só cresceu.

Rosa decidiu fazer um enredo sobre antropofagia que começava com a história dos índios Goitacá, a partir das referências de Hans Staden, e que seguia trabalhando o conceito através de redefinições realizadas por movimentos da cultura brasileira, do modernismo – daí a citação de Oswald Andrade no título da sinopse – à tropicália.¹⁶⁷

A partir da escolha do samba, representantes da Prefeitura de Campos começaram a cobrar pelo cumprimento de termos do contrato de patrocínio que obrigava a escola a fazer referência ao município inclusive na letra da música. Como saída para esse primeiro embate, a diretoria da escola teria prometido que na parte visual do desfile essas exigências seriam atendidas de forma satisfatória. Essa problemática foi abordada na matéria de Aloysio Balbi, publicada no jornal O Globo logo depois do desfile, e que trazia ainda notícias do conflito interno no governo campista em torno do conteúdo do desfile:

A prefeitura de Campos, que pagou R\$ 1,8 milhão para que a cidade fosse homenageada pela Imperatriz Leopoldinense, está com seus advogados vasculhando o contrato de parceria para processar a escola carioca e reaver

¹⁶⁶ FERNANDES, Vagner. De professor a corretor da folia. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 jul. 2001, Cidade, p. 26.

¹⁶⁷ IMPERATRIZ LEOPOLDINENSE. SINOPSE 2002. Cf. *Academia do Samba – O maior Portal do carnaval brasileiro*. <http://academiadosamba.com.br/passarela/imperatrizleopoldinense/index.htm> Acesso a 6 fev. 2017 às 15:45.

o dinheiro. Ontem o prefeito de Campos, Arnaldo Vianna, que desfilou na Comissão de Frente da escola na segunda-feira, mostrando-se satisfeito ao término do desfile, confirmou que determinou ao procurador-geral do município, Helson Oliveira, um exame do contrato para saber se as cláusulas determinadas foram cumpridas.

O secretário de Turismo de Campos, Fábio Paes, disse que o espírito do contrato era divulgar o município e neste contexto, segundo ele, o acordo não foi cumprido. Acrescentou que o fato de o prefeito ter elogiado a performance da escola logo após o desfile não pode ser considerado como contradição ante a posição atual, porque estava movido pela emoção e também não havia avaliado o resultado final. Ao deixar a avenida, o prefeito afirmou: o desfile valeu o investimento.¹⁶⁸

Deixando a situação ainda mais tensa, a executiva municipal do Partido dos Trabalhadores pediu ao Ministério Público a abertura de uma ação civil para apurar a utilização de recurso da prefeitura de Campos no financiamento do enredo. Em novembro do mesmo ano, uma juíza de Campos considerou procedente a ação e determinou que a Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense devolvesse tudo o que recebeu através de “convênio” com a prefeitura através da Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima, e a magistrada exigiu ainda o afastamento do presidente da dessa entidade.¹⁶⁹

Em conversa que tive no começo do ano de 2017 com Aloy Jupiara, outro jornalista responsável pela realização de inúmeras matérias sobre patrocínios no carnaval, ele me disse que não houve resolução jurídica definitiva para o caso, tanto que até hoje a Imperatriz não devolveu o dinheiro. Houve o próprio esquecimento da imprensa que não deu continuidade à cobertura, que assuntos de relevância para sociedade.

Contudo, o debate entre os artistas do carnaval naquele momento se apresentava bastante dividido, havendo uma parte deles que condenava os enredos patrocinados e, especialmente, a atuação dos captadores, enquanto outros consideravam necessária a aceitação dessa nova realidade e, para isso, procuravam se organizar e pensar formas mais

¹⁶⁸ BALBI, Aloysio. Prefeitura de Campos processará Imperatriz. O Globo, Rio de Janeiro, 16 fev. 2002, Matutina, Rio, p. 13.

¹⁶⁹ Idem. Imperatriz terá que devolver R\$ 1,8 milhão. O Globo, Rio de Janeiro, 15 nov. 2002, Matutina, Rio, p. 15.

eficientes de exploração das novas fontes de financiamento. Posteriormente, carnavalescos também se envolveram diretamente na captação, o que ainda será discutido nesta tese.

A entrada de grandes empresas nesse processo se efetivou nos anos 2000, e por sinal as experiências mais significativas apareceram no agitado carnaval de 2002, através de escolas comandadas por banqueiros do jogo do bicho. Beija-Flor e Salgueiro acabaram desenvolvendo a mesma temática – aviação – e receberam aporte financeiro de duas companhias aéreas concorrentes no mercado brasileiro, Varig e TAM, respectivamente.

As escolas duas conseguiram fazer abordagens diferenciadas do mesmo tema, mas explicitavam o propósito das empresas na exploração do desfile como espaço de propaganda para seus objetivos de *marketing*. No caso do Salgueiro, o acordo foi firmado por intermédio do captador Sérgio Murilo. Com a Beija-Flor foi diferente, mas isto fica para discussão num determinado ponto do terceiro capítulo, todo dedicado à agremiação.

No carnaval de 2003, a Acadêmicos do Grande Rio desfilou com *O nosso Brasil que Vale*, um enredo sobre a história da mineração, desenvolvido pelo carnavalesco Joãozinho Trinta, e que teve financiamento da empresa Vale do Rio Doce. Muitos consideram essa experiência inovadora do ponto de vista das parcerias de escolas de samba com grandes empresas, pois ganhou forma através de um projeto integrado ao próprio setor de comunicação da Vale. O carnaval foi uma das ações dos diretores desse setor na tentativa de se fazê-la mais conhecida entre os brasileiros e com imagem positiva.

A jornalista Inês Valença realizou uma relevante pesquisa de mestrado na área de Comunicação Social a respeito da relação dos desfiles das escolas de samba com os meios de comunicação de massa. Nesse trabalho, incorporou um estudo do carnaval de 2003 da Grande Rio com o objetivo de mostrar a comercialização impulsionou a transformação do próprio desfile em meio de comunicação, o que marca o contexto atual do carnaval carioca.

Valença ressalta a magnitude do referido projeto, o qual envolveu um conjunto variado de ações de *marketing* apresentando algumas delas dados impressionantes:

Além de patrocinar o enredo *O nosso Brasil que Vale*, desenvolvido pelo carnavalesco Joãozinho Trinta, a Vale do Rio Doce comprou todos os camarotes do setor 9 da Passarela do Samba – 450 metros quadrados e capacidade para trezentas pessoas –, além de dez frisas no mesmo setor (apenas para o domingo de carnaval, dia do desfile da Grande Rio), com entrada exclusiva. Como a adesão dos convidados estrangeiros superou a expectativa da comissão organizadora do evento, a empresa teve que arrematar o camarote do governo do estado, leiloado pela governadora Rosinha Matheus.

Para os cem empregados da empresa e seus respectivos acompanhantes que vieram de todo o Brasil participar do desfile da Grande Rio, a Vale do Rio Doce ofereceu entradas para a arquibancada do setor 9. A mais completa incluiu quatro dias de hospedagem no Rio de Janeiro no Hotel Sofitel, jantar ao sábado de carnaval no Forte de Copacabana, almoço comemorativo, na segunda-feira de carnaval, e visita ao Porto de Tubarão, em Vitória, e jantar de encerramento, na terça-feira de carnaval, além de convite para camarote da Vale do Rio Doce, na Marquês de Sapucaí, e disponibilização de fantasias em quatro alas da Grande Rio.¹⁷⁰

Além da oferta de pacote turístico, foram feitas ações convencionais de divulgação através de vídeos e cartazes que expunham funcionários da empresa junto com ícones da escola de samba (o carnavalesco, o mestre de bateria, o intérprete). Para mobilizar os trabalhadores em prol da campanha de comunicação, promoveu-se um concurso interno com premiação através de doação de fantasias para o desfile, algo provavelmente instigante aos olhos de muitos funcionários da Vale residentes fora do estado do Rio de Janeiro. Houve ainda acordo de patrocínio geral com a LIESA na organização do carnaval, e assim a Vale acertou inserir sua logomarca nos ingressos para o Sambódromo e nas credencias fornecidas para acesso à pista.¹⁷¹ E por conta desse acordo formal com a LIESA, a propaganda esteve presente em espaços da Passarela do Samba, outro aspecto inovador que teria chamado atenção nesse carnaval. No anexo da sua dissertação, Valença disponibiliza a transcrição da entrevista que realizou com representantes do setor de

¹⁷⁰ VALENÇA, I. T. *O espetáculo da tradição: um estudo sobre as escolas de samba e a indústria cultural*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2005. p.78.

¹⁷¹ VALENÇA. Idem. p. 80.

comunicação da Vale do Rio Doce sobre o projeto de carnaval. João Lara, então gerente de *marketing* da Companhia, relatou o seguinte sobre as ações no Sambódromo:

A ação no Sambódromo foi muito grande, foi inédita. Isso dito pelo próprio Capitão Guimarães [presidente da LIESA], pelo próprio Coronel Hélio [diretor comercial da LIESA]. Nós compramos o pórtico da entrada do lado ímpar do Sambódromo e fizemos uma mina da Vale do Rio Doce, onde a gemas eram os instrumentos musicais, as fantasias do carnaval, com o indicativo “Aqui tem Vale do Rio Doce”. Na borda de alumínio de um tarol: “Aqui tem Vale”. No filamento de uma lâmpada: “Aqui tem Vale”. No caulim que tingia o couro de branco: “Aqui tem vale”. E assim por diante. O camarote, nós fizemos o envelopamento mais grandioso da história do Sambódromo também. Envelopamos todo o setor 9. Dois corações de fundo preto e dois corações verde e amarelo escrito “Vale” pulsavam. No centro, uma baiana, que era a marca do evento, com o nome do enredo, *O Nosso Brasil que Vale* e o logo da Companhia. Fizemos um camarote simplesmente espetacular. Nunca houve nada parecido. Isso tudo... Por isso que a Vale às vezes dá impressão de passar certa arrogância (risos). Porque realmente quando faz, faz em uma escala tão grande, tão caprichada, tão cuidada, tão... que a gente acaba falando coisas desse tipo. Pelos próprios testemunhos das pessoas que estão acostumadas com o Sambódromo, desde o pessoal da LIESA até o próprio Maurício Mattos, que tem um camarote lindíssimo [com o mesmo nome da revista, *Rio, Samba e Carnaval*], falou: “Pô, o de vocês ficou realmente um espetáculo”.¹⁷²

O ineditismo e a grandiosidade do projeto interessavam de fato aos organizadores do carnaval, porque eles vislumbravam nisso um modelo que poderia servir para reprodução de outras parcerias de grande retorno econômico e, sobretudo, conferindo *status* para as escolas e para a administração da LIESA, conforme observa Valença.

A autora chama atenção para as dificuldades explicitadas por João Lara e Renata Mondelo, esta integrante do setor de Atendimento do Departamento de Comunicação Institucional, no tocante ao convencimento de outros segmentos da Companhia para investirem no processo de “reposicionamento da marca” através do carnaval. Havia receio de vincular a imagem da empresa ao carnaval por causa de estereótipos em relação aos festejos carnavalescos – do tipo, por exemplo, de que não se tratava de coisa “séria” – e especialmente a preocupação de lidar com agentes ligados ao jogo do bicho.

¹⁷² LARA, João apud VALENÇA. Idem. p.147.

Por isso, os representantes da Vale recorreram à consultoria de pesquisadores do carnaval a fim de pensar melhor na viabilidade e na relevância de um projeto de tal natureza. Em termos estritamente econômicos, vislumbrava-se a possibilidade dos ganhos com a chamada mídia espontânea, já que explorar o mesmo tempo de exposição em TV proporcionado pelo desfile e coberturas de outras fases do ciclo carnavalesco iria demandar um investimento muito mais alto do que o previsto com a realização do projeto.

É importante observar as contrapartidas solicitadas pelos representantes da Vale da junto à escola de samba. Inês Valença perguntou a eles sobre os termos contratuais.

E como é que foi esse acordo? Vocês em algum momento tiveram o temor de que a coisa não fosse feita conforme o combinado?

João Lara – Olha, não. Nós fizemos um patrocínio, um acordo de patrocínio mesmo. Onde nós daríamos uma determinada quantia em troca de contrapartidas. Mas não havia contrapartida do tipo “Nós queremos um desfile assim. Nós queremos um enredo assim”. A contrapartida era de que seria feito um enredo sobre mineração, que a Vale teria direito a tantos ingressos nos ensaios, que a Vale seria mencionada na divulgação na imprensa. Uma contrapartida muito simples e muito genérica. E a escola respeitou não só as contrapartidas, mas todo o pedido que a Vale fez a escola atendeu. Vale ressaltar que o Jayder Soares [presidente de honra] e o Helinho de Oliveira [presidente administrativo] foram absolutamente geniais. Quebraram vários... Resolveram situações aí... A partir de janeiro, todo sábado que tivesse um cliente da Vale no Brasil, a gente incluía o ensaio da escola de samba. E eles foram gentilíssimos com questão de camarote, segurança, infraestrutura no Monte Líbano [clube na Lagoa, onde a Grande Rio realizava ensaios aos sábados]. Toda vez que alguém quis ir ao barracão, qualquer dia da semana, tinha alguém lá. Joãosinho Trinta visitou as áreas operacionais da Vale, fez palestras para os gerentes, conversou com os empregados, encantou as áreas operacionais da Vale. Nada disso estava previsto. Foi muito boa. Coma LIESA também. A LIESA ajudou profundamente a Vale. Tudo que nós pleiteamos nós conseguimos. A relação aí era mais comercial também. Mas todo tipo de facilidade, de ideias, do que é possível, do que não é. Toparam tudo, e tal.

Então houve uma postura bastante profissional?

João Lara – Muito, muito profissional. Muito correta, né? Tivemos um apoio também grande da Ana Maria Maia, em nome da prefeitura do Rio de Janeiro. Tudo que foi preciso a Ana Maria ajudou. Tinha muita gente torcendo para dar certo. As pessoas estavam vendo que podia ser uma mudança de conceito em relação ao carnaval. Foi a primeira vez, não só na minha lembrança, mas também na lembrança da LIESA, que se usou o carnaval institucionalmente. A Vale não tem varejo. Não é Bob's, não é Brahma, não é... A Vale estava trabalhando a marca Vale. Naturalmente isso abre caminho enorme pro samba do Rio de Janeiro. Amanhã, eu vou almoçar com o consulado da China, que está sendo procurado por uma escola de samba para patrocinar um enredo este

ano. O consulado me procurou para saber que relação foi essa. Como é que foi a experiência da Vale no carnaval. Felizmente, eu vou poder dizer: “Olha, foi muito boa”.¹⁷³

Compreende-se que a resposta indica algo importante do ponto de vista artístico, ou seja, a questão da interferência da empresa na concepção do desfile. E realmente não existem registros na crônica carnavalesca sobre qualquer problema neste caso. Aparentemente foram superados constrangimentos para lidar diretamente com certos representantes da agremiação carnavalesca e da LIESA conhecidos por sua ligação com a contravenção. Isto na verdade confirma a interação que as classes superiores no Brasil costumam manter, em função de suas conveniências, com agentes da “desordem” detentores de influência social.¹⁷⁴ E fica clara a percepção tida pelos representantes da empresa de que o carnaval seria “lucrativo” especialmente pelo que a experiência do patrocínio receberia de forma espontânea, como já foi dito aqui. Sem falar que em outra passagem da referida entrevista, constatei que o gerente de *marketing* da Vale destaca contratos que foram fechados pelo presidente Roger Agnelli “no Sambódromo”, e depois passar a ser consultado por empresas interessadas na experiência de “sucesso” no carnaval.

Tudo indica que, do ponto de vista do mercado, a parceria da Vale com a Grande Rio definiu um modelo para patrocínio de grandes empresas no desfile das escolas de samba. Tanto é que no carnaval de 2005, a Nestlé desenvolveu com a agremiação de Duque de Caxias um projeto praticamente nos mesmos moldes do que havia sido feito em 2003. A diferença diz respeito ao ramo de atuação dessa multinacional que opera com a comercialização de dezenas de produtos alimentícios variados, entre eles sorvetes e picolés, que são vendidos nas arquibancadas, camarotes e frisas da Passarela do Samba. É interessante observar como isso implicou nas ações de *marketing* planejadas pela empresa.

¹⁷³ Idem. p.149.

¹⁷⁴ CHINELLI, F. & SILVA, L. A. M. da. op. cit., 2006. p.224.

Angela Maria Di Mare Salles Albuquerque, outra pesquisadora da área de Comunicação Social estudiosa do tema trabalhou com esse segundo caso da Grande Rio para estudar a exploração dos espaços de publicidade na Passarela do Samba. Mais do que Valença, Albuquerque recorreu às observações de campo a fim de analisar as ações de *marketing* criadas pela Nestlé especialmente no Sambódromo, e com isso observou a prática do chamado “envelopamento” na parte de trás das arquibancadas fazendo exposição da marca Nestlé de forma que ficasse visível dos arredores da grande construção, a montagem das arquibancadas populares que ficam fora da Sapucaí. O camarote corporativo teve decoração temática e diversos anúncios de marcas aconteceram nos espaços internos de venda de bebidas e comidas, mais a lateral do viaduto sobre o canal do Mangue onde ficam muitas pessoas olhando às escolas na concentração.¹⁷⁵

Um diferencial do caso estudado por Albuquerque em relação ao projeto da Vale do Rio Doce é que o ramo de atuação da Nestlé influenciou numa ação especial na linha do que se considera um projeto social, na forma de curso profissionalizante, desenvolvido através da escola de samba. Essa seria uma atitude da empresa orientada por sua política de “responsabilidade social” marcada por outras experiências com financiamento de projetos.

De um modo geral, as conclusões da Albuquerque sobre a transformação do desfile das escolas de samba em “mídia publicitária” são as mesmas apresentadas no trabalho de Inês Valença. As entrevistas realizadas no âmbito da segunda pesquisa também foram transcritas e publicadas no anexo da dissertação, o que me possibilitou ter acesso ao material para o exame de aspectos relevantes para esta pesquisa de doutorado.

Por exemplo, o diretor comercial da LIESA em 2005, conhecido no meio como Coronel Hélio, relatou nem entrevista para Albuquerque que a entidade reelaborou o plano

¹⁷⁵ ALBUQUERQUE, Ângela Catarina Di Mare Salles de. *A Passarela do Samba como mídia publicitária – o caso do carnaval de 2005*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2005. P. 53-58.

comercial para o Sambódromo assim que ele assumiu essa atribuição no lugar da Riotur. Segundo Hélio, foram criadas diferentes formas de contratos de patrocínio para exploração de publicidade levando-se em consideração os diferentes “focos de *marketing*” das empresas, dos mais diversos ramos de atuação. Naturalmente, as técnicas para utilização do espaço publicitário dependeriam da realização ou não da transmissão TV com foco sobre as propagandas. As cervejarias teriam sido as empresas pioneiras na produção direta dos seus camarotes corporativos no Sambódromo.¹⁷⁶ Depois passaram a investir nessa produção empresas de outros ramos, pelo menos até o início da presente crise econômica.

Em 2006, a Unidos de Vila Isabel desenvolveu enredo que repercutiu muito desde quando foi anunciado, pelo aspecto político e econômico do aporte prometido por patrocinador estrangeiro. *Soy loco por ti América*, do carnavalesco Alexandre Louzada, resultou da parceria com o governo venezuelano do presidente Hugo Chávez.

Governos estrangeiros já haviam financiado desfiles das escolas de samba do Grupo Especial, a exemplo do caso da Áustria com a Imperatriz Leopoldinense em 1996. Entretanto, questionamentos acerca do patrocínio venezuelano ganharam força especialmente devido à tendência política contrária ao chavismo adotada pelas forças conservadoras do Brasil e fortalecida por meio das grandes empresas de comunicação.

No meio carnavalesco, porém, conta-se que essa proposta havia sido apresentada a outras escolas antes do acordo com a Vila Isabel. Além disso, conforme relatam Leonardo Bruno e Rafael Galdo no volume dedicado à referida agremiação na série *Cadernos do Samba*, o patrocínio só foi confirmado depois de uma entrevista do patrono Moisés a um jornal venezuelano de oposição ao governo chavista denunciando que o presidente Chávez não havia até então cumprido com a sua palavra. A partir daí, Chávez

¹⁷⁶ Idem. p.75-83.

teria se sentindo pressionado a fazer valer o acordo e decidiu viabilizar o aporte financeiro institucionalmente através da companhia estatal venezuelana de petróleo, a PDVSA.¹⁷⁷

Nesse caso, a atuação do patrocinador ficou focada no projeto do desfile, sem ter nenhuma ação de *marketing* a mais no Sambódromo, como foi feito pelas patrocinadoras da Grande Rio em 2003 e 2005. Em conversa informal que tive no ano de 2016 com o pesquisador Vinícius Natal, que também é diretor cultural responsável pelo arquivo da Vila, ele contou que a diretoria da escola preocupou-se em fazer um trabalho sistemático de acompanhamento das notícias vinculadas ao carnaval antes, durante e depois do desfile de 2006, para demonstrar para o respectivo patrocinador e depois a futuros parceiros a visibilidade proporcionada através da mídia com um projeto de enredo na escola de samba.

Outra experiência da Vila Isabel com tema internacional aconteceria no carnaval de 2012, quando a diretoria da escola decidiu aprovar uma proposta sobre Angola apresentado pelo idealizador Martilho da Vila. Baluarte da escola, Martinho é um cantor e compositor conhecido em todo o Brasil e também no país africano, devido a apresentações que faz por lá há décadas, inclusive levando junto outros artistas. Provavelmente pelo prestígio e influência dele foi que a Vila Isabel decidiu apostar no desenvolvimento do enredo com a perspectiva de receber algum tipo de patrocínio. Oficialmente, não existem informações de que isto tenha acontecido, mas o caso merece atenção no que diz respeito à preocupação artística do grande sambista em promover a reaproximação de Brasil e África através do carnaval das escolas de samba, assumindo o que seria um papel de relações públicas da agremiação com a qual é identificado, algo expresso inclusive no seu nome.

Para fechar esse panorama dos enredos patrocinados na fase mais recente do carnaval carioca, apresento o resultado do exame das colocações das escolas de samba que desfilaram no Grupo Especial, de 1995 a 2015. Dos 21 carnavais, em treze deles a escola

¹⁷⁷ BRUNO, Leonardo e GALDO, Rafael. *Cartas ao Poeta: histórias da Vila Isabel*. Rio de Janeiro: Verso Brasil Editora, 2015. p. 209.

vitoriosa apresentou temas que se enquadram no perfil dos chamados enredos patrocinados, sendo que oito aparentemente não tiveram patrocínio vinculado ao tema.¹⁷⁸

Logicamente, em parte dos casos fica a dúvida se houve realmente confirmação do aporte financeiro. Como se sabe, existem notícias de situações em que isso não aconteceu e as escolas precisam seguir com a temática anunciada oficialmente, e sem falar no fato de que esquemas obscuros dificultam o conhecimento das homenagens a cidades ou estados no que diz respeito à fonte dinheiro de pagamento: pública ou de empresas privadas.

Fazendo uma contagem do número de títulos conquistados, separados em “enredos patrocinados” (EP) e “enredos autorais” (EA), fica assim: Beija-Flor (EP 6 – EA 2), Imperatriz (EP 3 – EA 1), Unidos da Tijuca (EB 1 – EA 2), Vila Isabel (EP 2 – EA 0), Mangueira (EP 1 – EA 1), Salgueiro (EP 0 – EA 1) e Viradouro (EP 0 – EA 1). Fora desse quadro, merece atenção a Escola de Samba Acadêmicos do Grande Rio, que, embora nunca tenha sido campeã, apresentou enredos patrocinados em nove carnavais. A supremacia da Beija-Flor é evidente, em mais oito carnavais do período ela também contou com patrocínio, embora não tenha se sagrado vencedora.

Avaliando as colocações nos carnavais do período estudado, é possível falar que a Imperatriz Leopoldinense teria sido a escola que institucionalizou o vínculo do tema de enredo com patrocínio de novas fontes, e a Beija-Flor como a que consolidou essa prática explorando-se de forma mais competente na lógica da competição. As duas escolas, assim como a Grande Rio, são comandadas por banqueiros do bicho, daí a necessidade de refletir sobre o papel desses agentes no quadro atual de suas relações com as agremiações.

É importante também observar a constituição de diferentes modalidades de enredos comercializados segundo as fontes de financiamento, confirmando-se a predominância das

¹⁷⁸ A base de informação é o *link* “Colocações” no site da LIESA: <http://liesa.globo.com/>

homenagens. E como foi dito, nem sempre o projeto de comercialização de um enredo ocorre com o financiamento, conforme se comenta no meio carnavalesco, e assim a escola é obrigada a apresentar o carnaval planejado em situação bem complicada.

Outro dado que merece explicação é que os enredos voltados para “campanhas públicas” são aqueles apoiados por empresas dessa natureza, ou quando se tem recurso governamental para todas as escolas por ocasião de datas festivas, como em função dos 500 anos do Descobrimento e dos 200 anos da Família Real.

Classificação das modalidades de comercialização dos enredos a partir de 1995 ¹⁷⁹					
Ano	Nº de escolas no concurso	Homenagens a estados e/ou municípios brasileiros	Marketing de empresas	Campanhas públicas	Temas estrangeiros
1995	18	3	-	-	-
1996	18	3	-	-	1
1997	16	3	2	-	-
1998	14	3	-	-	-
1999	14	9	1	-	-
2000	14	-	-	12	-
2001	14	6	-	-	-
2002	14	8	2	-	1
2003	14	2	1	1	1
2004	14	4	1	2	-
2005	14	2	4	1	2
2006	14	4	-	-	1
2007	13	1	-	1	3
2008	12	8	-	2	-
2009	12	1	1	1	1
2010	12	2	2	-	1
2011	12	3	3	1	-
2012	12	3	1	-	2
2013	12	4	4	-	2
2014	12	5	1	-	-
2015	12	2	1	-	2

¹⁷⁹ A montagem do quadro tem por base de informações as classificações dos desfiles disponíveis em <http://www.academiadosamba.com.br/memoriasamba/desfiles/index.htm> Acesso em 20 de junho de 2015. As fontes jornalísticas consultadas foram: PATROCÍNIO garante carnaval de grandes escolas. *O Globo*. Rio de Janeiro, 10 de junho, 2001, p. 27; ATRAVESSADOR de enredo. *Extra*. Rio de Janeiro, 2 de fevereiro, 2003, p. 14; CARNAVAL de grandes cifras no Sambódromo. *O Globo*. Rio de Janeiro, 24 de novembro, 2004, p. 24; VILA vai na carona de Chávez. *O Globo*. Rio de Janeiro, 3 de março, 2003, p. 12; BRIGA por milhões na Avenida. *Extra*. Rio de Janeiro, 15 de fevereiro, 2009, p. 3; ATRÁS da verde e rosa, só não vai o Jamelão... *Extra*. Rio de Janeiro, 1 de julho, 2012, p. 3.

Como dito, o caso mais notório nas homenagens a estados/cidades é o da Beija-Flor, tanto que será desenvolvida no terceiro capítulo análise dos carnavais: (1998) *Pará, o mundo místico dos caruanas nas águas do Patu Anu*; (1999) *Araxá - lugar alto onde primeiro se avista o sol*; (2001) *A saga de Agotime – Maria Mineira Naê*; (2004) *Manôa - Manaus - Amazônia - Terra Santa... Que alimenta o corpo, equilibra a alma e transmite a paz*; (2005) *O vento corta as terras dos Pampas. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Guarani. Sete povos na fé e na dor... Sete missões de amor*; (2006) *Poços de Caldas, derrama sobre a Terra suas águas milagrosas – do caos inicial à explosão da vida, a nave- mãe da existência*; (2008) *Macapaba: equinócio solar, viagens fantásticas ao meio do mundo*; (2010) *Brilhante ao sol do Novo Mundo, Brasília do sonho à realidade, a capital da esperança*; (2012) *São Luís: o poema encantado do Maranhão*.

O Salgueiro, por sua vez, equilibra experiências em duas modalidades. 1 – homenagens a estados/cidades: (1998) *Parintins, a ilha do boi-bumbá: Garantido X Caprichoso, Caprichoso X Garantido*; (1999) *Salgueiro é sol e sal nos quatrocentos anos de Natal*; (2001) *Salgueiro no mar de Xarayés, é Pantanal, é carnaval*; (2008) *O Rio de Janeiro continua sendo*; (2012) *Cordel branco e encarnado*; (2015) *Do fundo do quintal, saberes e sabores na Sapucaí*. 2 – campanhas de empresas privadas: (2002) *Asas de um sonho viajando com o Salgueiro, o orgulho de ser brasileiro*; (2004) *A Cana que aqui se planta, tudo dá... Até energia. Álcool – o combustível do futuro*; (2011) *Salgueiro apresenta: o Rio no Cinema*; (2013) *Fama*; (2014) *Gaia, a vida em nossas mãos*.

A consultoria e a pesquisa especializada para projetos de enredos

Uma consequência desse processo de exploração das novas fontes de financiamento para os desfiles nos últimos tempos é que algumas das principais agremiações passaram a contratar profissionais para se responsabilizar pela pesquisa para enredos e pela burocracia relacionada a projetos com benefício das leis de incentivo.

A Unidos da Tijuca, por exemplo, é conhecida pela administração do empresário de origem portuguesa Fernando Horta, que aparenta não possuir negócios com a contravenção. Segundo Mauro Samagaio, fotógrafo exclusivo da Tijuca que me concedeu entrevista, a apresentação em eventos corporativos seria atualmente uma fonte de recursos importante para a escola, especialmente quando estes são realizados na própria quadra de ensaios. Samagaio entende que a criação de um departamento de *marketing* especializado foi uma iniciativa fundamental do presidente Fernando Horta para o trabalho de captação de recursos, porque isso centralizaria as negociações no que diz respeito à comercialização de temas de enredo, evitando o que acontece quando o processo é mediado pelos chamados “corretores de enredos”. O *marketing* se tornou um investimento recomendado, inclusive para qualificar o trabalho promoção e divulgação da imagem das escolas de samba, algo que pesa muito na hora de atrair bons parceiros para quaisquer tipos de patrocínio.¹⁸⁰

O Salgueiro seria outro exemplo nesse sentido, especialmente depois que deixou de contar com patronagem do jogo do bicho. Segundo informações do ex-diretor cultural João Gustavo Melo, entrevistado por mim no âmbito desta pesquisa, a escola também passou a trabalhar com profissionais especializados para viabilizar parcerias mais voltadas para

¹⁸⁰ SAMAGAIO, Mauro. Entrevista realizada pelo autor em: 26 Out. 2015.

empresas privadas interessadas nos benefícios das leis de incentivo à cultura. Nos últimos anos, de fato, o Salgueiro não tem apresentado enredos homenageando cidades/estados.¹⁸¹

Embora os profissionais da Tijuca e do Salgueiro que foram entrevistados por mim não sejam atuantes na área de *marketing*, eles são pessoas que conhecem bem o funcionamento de suas respectivas escolas e podem testemunhar o impacto do fenômeno da comercialização dos enredos em aspectos interessantes da produção dos desfiles.

Gustavo Melo atualmente é doutorando da área de Artes, mas tem formação em Comunicação Social. Passou a trabalhar mais intensamente no Departamento Cultural do Salgueiro quando foi convidado para levantar informações sobre a história da agremiação tijuca para construção de um site oficial. Ele conta que desde a chegada do carnavalesco Renato Lage os membros do Departamento Cultural colaboram com o desenvolvimento do enredo, mas que depois de certo conflito com o carnavalesco eles passaram a não interferir mais na parte de concepção.¹⁸² Gustavo costumava trabalhar na elaboração de textos de sinopses e, especialmente, na escrita das explicações e justificativas do que representam as alegorias e as fantasias que constituem a narrativa visual do desfile. Esse material é fundamental porque cada uma das escolas precisa entregá-lo a LIESA para composição do *Livro Abre-Alas*, base para a avaliação dos julgadores de quase todos os quesitos.

O trabalho de produção de um desfile sempre teve caráter coletivo, e hoje se sabe que mesmo os maiores carnavalescos nunca estiveram sozinhos. Segundo Ramiro Montalvão, antigo integrante da equipe de trabalho de Joãozinho Trinta na Beija-Flor, o artista recebia colaboração inclusive na elaboração textual das sinopses.¹⁸³ No meio

¹⁸¹ MELO, João Gustavo. Entrevista realizada pelo autor em: 14 Jun. 2014.

¹⁸² Cf. NATAL, Vinícius Ferreira. *Cultura e memória na Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio de Janeiro, IFCS-PPGSA, 2014.

¹⁸³ MONTALVÃO, Ramiro. Entrevista concedida ao autor em: 11 Jun. / 20 Jul. 2014.

carnavalesco se reconhece que Joãozinho trabalhou junto com desenhistas e figurinistas, o que não quer dizer que ele não tinha domínio criativo sobre a concepção visual do desfile.

Há, entretanto, uma tendência recente por parte das diretorias das escolas de samba para organizar, e até oficializar, as equipes de auxiliares do carnavalesco. No caso de Gustavo, ele não possuía vínculo profissional com Renato Lage e Márcia Lage, mas sim com a própria escola de samba através do seu Departamento Cultural.

Em situação diferenciada, encontra-se outra colaboradora desta pesquisa, uma integrante da equipe particular do carnavalesco Paulo Barros, independente de qual agremiação ele esteja trabalhando na produção do desfile. Izabel Azevedo é uma pesquisadora acadêmica da Casa da Ciência (UFRJ) e conheceu Paulo Barros na época em que ele ainda não tinha a projeção de hoje, pois atuava no Grupo de Acesso, quando lá ainda lutava por uma ascensão a Paraíso do Tuiuti. E aqui vale lembrar que foi Tuiuti a agremiação envolvida no trágico acidente na Avenida que vitimou a jornalista Liza Carioca, em 2017, sendo beneficiada por uma “virada de mesa” na LIESA em prol da Unidos da Tijuca, e que neste ano surpreendeu positivamente com o enredo *Meu Deus, meu Deus, está extinta a escravidão?* desenvolvido pelo carnavalesco Jack Vasconcelos.

Izabel Azevedo conta que chegou à Tuiuti em 2003 em razão de um projeto de educação proposto pela Casa da Ciência. Houve um bom entrosamento com Paulo, trocaram ideias e nisso ele demonstrou interesse de fazer um enredo sobre o tema ciência. Teria sido o embrião do primeiro enredo da estreia de Paulo Barros à frente de uma escola de samba do Especial, a Unidos da Tijuca, que não figura entre as primeiras colocações dos desfiles apesar de ser uma das agremiações mais antigas do carnaval carioca, mas conquistou grande aprovação do público e um importante segundo lugar em 2004, com *O*

sonho da criação e a criação do sonho: a arte da ciência no tempo do impossível. O grande destaque da cobertura do carnaval foi o chamado “Carro do DNA”.¹⁸⁴

Desde então, Izabel compõe com mais duas pesquisadoras suas amigas da Casa da Ciência a equipe que dialoga com o carnavalesco na fase de concepção dos enredos e, sobretudo, lida com a parte de pesquisa que alicerça os elementos da narrativa do desfile. São elas também que auxiliam na elaboração da sinopse e escrevem todas as explicações e justificativas para o *Livro Abre-Alas*, assim como fazia João Gustavo Melo no Salgueiro.

Izabel possui larga experiência na elaboração de projetos de educação e cultura. Quando conversamos, ela explicou como estava começando a montar o que seria um plano de *marketing* para trabalhar também com a apresentação de propostas de enredos a serem desenvolvidas por Paulo Barros considerando a busca de patrocínios. Na verdade, Paulo costuma ser resistente aos enredos patrocinados. Um aspecto importante do referido plano diz respeito às contrapartidas para os patrocinadores que poderiam ser assegurados pela escola de samba evitando qualquer tipo de interferência no projeto artístico do desfile.

O fotógrafo Mauro Samagaio, amigo de Izabel, explicava na entrevista concedida a mim, conforme mencionei anteriormente, o quanto é importante para a comunicação oficial da agremiação um acervo com registros em fotos e vídeos de boa qualidade técnica e produzidos por profissionais que vivenciam cotidianamente o universo das escolas de samba, desenvolvendo assim a sensibilidade que requer trabalho de grande relevância e poder servir até aos pesquisadores. É claro que a identidade cultural da escola, o fato de ser vitoriosa, o seu lugar, tudo isso influencia na negociação de patrocínios. E ainda, ter boas referências sem saber apresentá-las mesmo com os devidos recursos de mídia é problema.

O presidente da Unidos da Tijuca patrocinou edição de três livros com base no trabalho fotográfico de Mauro Samagaio que documentam respectivamente três desfiles da

¹⁸⁴ AZEVEDO, Isabel. Entrevista concedida ao autor em: 4 Set. 2015.

agremiação que foram concebidos pelo carnavalesco Paulo Barros nos anos de 2011, 2012 e 2013. A organização dos trabalhos ficou a cargo das pesquisadoras Izabel Azevedo e Simone Martins e do fotógrafo Mauro Samagaio.¹⁸⁵ Atualmente, ele continua na Tijuca, mas as pesquisadoras junto com Paulo acabaram de deixar a Vila para assumir a produção do desfile de 2019 da Unidos do Viradouro, num retorno de Paul à escola de Niterói.

¹⁸⁵ Cf.: AZEVEDO, Izabel Cristina de Alencar; SAMAGAIO, Mauro; MARTINS, Simone (orgs.). *Avenida, Unidos da Tijuca: Carnaval 2011, Esta noite levará sua alma*. Rio de Janeiro: G. R. E. S. Unidos da Tijuca (Escola de Samba), 2012; Idem. *Avenida, Unidos da Tijuca: Carnaval 2012, O dia em que toda realeza desembarcou na Avenida para coroar o Rei Luiz do Sertão*. Rio de Janeiro: G. R. E. S. Unidos da Tijuca (Escola de Samba), 2013; Idem. *Avenida, Unidos da Tijuca: Carnaval 2013, Desceu num raio, é revoadada! O Deus Thor pede passagem para mostrar nessa viagem a Alemanha encantada*. Rio de Janeiro: G. R. E. S. Unidos da Tijuca (Escola de Samba), 2014.

CAPÍTULO 3

Estudo de caso: Beija-Flor na era dos enredos patrocinados (1998 a 2015)

A criação da Comissão de Carnaval e a liderança de Laíla

A Beija-Flor é atualmente a maior vencedora dos desfiles na Passarela do Samba, conquistou oito campeonatos e obteve a segunda colocação em doze vezes. A escola de samba vem se destacando no *ranking* da LIESA que se baseia no acúmulo de pontos de todos os concursos. No final da década de 1990 já aparecia em pesquisas de opinião como a escola que possuía o maior número de “torcedores” no estado do Rio de Janeiro, tendo passado a frente de agremiações até mais antigas consideradas tradicionalíssimas.¹⁸⁶

Essa fase recente de sucesso em termos de títulos teve início em 1998, ano do carnaval que marcou de uma só vez a primeira conquista da escola de samba nilopolitana depois da construção do Sambódromo, o começo da experiência de trabalho com a comissão que substituíu a figura do carnavalesco, e o marco da orientação da diretoria para o desenvolvimento de enredos patrocinados evitando-se pesados investimentos do patrono.

Até então, a concepção dos desfiles ficava a cargo do artista carnavalesco com grande autonomia para proposição dos temas e concepção da narrativa visual. Foi assim no tempo de Joãozinho Trinta, e depois dele nas passagens de Maria Augusta Rodrigues e de Milton Cunha, respectivamente: 1993; 1994-1997. No último ano de Milton, entretanto, o enredo *A Beija-Flor é festa na Sapucaí* teria sido uma escolha de Anísio diante da proposta enviada por um jovem admirador da escola que residia fora do estado do Rio.¹⁸⁷

¹⁸⁶ FAGUNDES, Renato; MELO, Murilo Fiúza de; THOMPSON, Fernando; Beija-Flor já ameaça a Mangueira. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 jan. 1997, Cidade, p. 26. A matéria apresenta os resultados de uma pesquisa encomendada ao Instituto Gerp pelo então presidente da Estação Primeira de Mangueira, Elmos dos Santos. A indicação da Beija-Flor no segundo lugar, em termos de popularidade e mesmo tradicionalismo, teria gerado contestação dos métodos da pesquisa por parte do presidente da Portela.

¹⁸⁷ MOTTA, Aydano André. Sugestão de estudante vira enredo na Beija-Flor. *O Globo*, Rio de Janeiro, 02 fev. 1997, Matutina, Rio, p. 25.

A vitória de 1998 fortaleceu na Beija-Flor a liderança de um personagem de longa trajetória no universo das escolas de samba, embora fosse bem menos prestigiado do que os carnavalescos. Refiro-me ao diretor de carnaval Luiz Fernando do Carmo, o Laíla.

Havia mais reconhecimento de gente do samba quanto à competência de Laíla como diretor de harmonia junto ao grupo formado no Salgueiro em torno de Fernando Pamplona e Arlindo Rodrigues, e do qual participaram Joãozinho Trinta, Maria Augusta e Rosa Magalhães. Em seu livro sobre a Beija-Flor, o jornalista Aydano Motta chama atenção para o fato de Laíla ser uma pessoa originária do morro do Salgueiro. Embora não tivesse formação acadêmica nem a inserção profissional dos referidos colegas, ele foi elemento fundamental na equipe por ser o mais ligado à cultura do samba em termos de música e ainda por ser conhecedor da estrutura comunitária da agremiação por dentro.¹⁸⁸

Laíla atuou em momentos importantes da Beija-Flor no tempo de Joãozinho Trinta, com quem teve desentendimentos por razões profissionais, a ponto de afastar-se da escola duas vezes, por livre e espontânea vontade. Em 1994, à procura de trabalho, visitou Anísio Abraão no presídio onde estava a cúpula do bicho e recebeu do patrono a recomendação para retornar à escola como auxiliar do carnavalesco Milton Cunha, com quem teve boa experiência de trabalho, de acordo com as informações do livro de Aydano Motta.

Após decisão de Milton sair da Beija-Flor, anunciada em meados de 1997, Laíla passou a defender junto à diretoria a criação da comissão que vem funcionando até hoje, com algumas mudanças entre os integrantes.¹⁸⁹ A ideia não era inédita no carnaval, mas na visão de Laíla seria uma forma de romper com a injustiça contra profissionais

¹⁸⁸ MOTTA, A. A. *Maravilhosa e soberana: histórias da Beija-Flor*. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2012. p. 60.

¹⁸⁹ A primeira formação da Comissão de Carnaval da Beija-Flor foi a seguinte: Cid Carvalho, Nélon Ricardo, Amarildo Mello, Fran Sérgio, Ubiratan Silva, Victor Santos, Anderson Müller e Paulo Führo. Cf. 'GRUPO dos oito' substitui figura do carnavalesco na Beija-Flor. *O Globo*, Rio de Janeiro, 16 nov. 1997, Matutina, Rio, p. 35. Após o carnaval deste ano, foi o próprio Laíla quem rompeu com a diretoria da Beija-Flor, deixando a função que exercia desde 1998. O diretor assinou com a Tijuca em março de 2018.

invisibilizados na produção dos desfiles através de uma dinâmica de trabalho que costuma ser essencialmente coletiva. No fundo, tratava-se de uma realização pessoal de Laíla depois de tantos anos submetido ao poder centralizador de carnavalescos com os quais lidou.

Em fevereiro de 1998, Laíla concedeu entrevista ao *Jornal do Brasil*, e perguntado sobre mágoas em relação à falta de reconhecimento pelo seu trabalho em particular, ele respondeu: “Claro. Há pessoas que mandam no carnaval e escondem os talentos. Sugam ideias de todo mundo. Eu já trabalhei com gente que usou muita ideia minha, que teve repercussão internacional. E nunca recebi um muito obrigado.”¹⁹⁰

A proposta que Laíla apresentou ainda em 1997 ao presidente de honra da Beija-Flor também se baseava no argumento de que a contratação de um carnavalesco seria muito custosa financeiramente. Alegava que no próprio barracão da escola haveria artistas e artesãos sobre os quais a diretoria poderia depositar confiança, pois teriam competência para assumir plenamente as tarefas a serem executadas na produção do desfile desde que trabalhassem numa equipe organizada e bem dirigida. E desse entendimento, nas palavras do próprio Laíla, ficou definida a sua função como Diretor Geral de Carnaval:

Significa que atualmente sou a pessoa responsável pelo barracão, pela Comissão de Carnaval, pelas reuniões com a diretoria e com a comunidade, pelos ensaios, pelo desfile... enfim, por todos os assuntos de carnaval da escola. É lógico que eu divido tarefas – o diretor de bateria tem a dele, o mestre-sala tem a dele, mas a responsabilidade global é minha. Sou uma pessoa que respeita os limites, o comando e eis a razão porque me faço respeitar. Tudo aqui é planejado, e tenho uma equipe justamente pra isso. Por causa de alguns acontecimentos, fui chamado de brigão. E eu não era o brigão, nunca fui. Defendo a bandeira e o pavilhão de onde estou e o trabalho que eu estiver fazendo.¹⁹¹

Pelo tom da fala, percebe-se que Laíla passou a exercer uma liderança baseada no discurso do reconhecimento do trabalho coletivo, mas que conferiu a ele um protagonismo

¹⁹⁰ CONVERSA de carnaval/Laíla. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 09 fev. 1998, Cidade, p. 15.

¹⁹¹ LAÍLA: o comandante do carnaval da Beija-Flor. Entrevista concedida pelo Diretor Geral de Carnaval à *Revista Beija-Flor, uma escola de vida*. Edição de 2002. jan. p. 18-20.

que também gerou contestações dentro da agremiação. Os carnavais conquistados seguindo com rigor a lógica da competição devem muito à experiência e aos saberes adquiridos e aprimorados por esse verdadeiro mestre depois de tanto “fazer carnaval”, como ele mesmo diz. Isso foi fundamental para sua manutenção no posto durante todos esses anos.

É preciso observar, entretanto, que a autoridade exercida por ele obedece a uma estrutura hierárquica e personalista que tem seu em última instância a figura do patrono da Beija-Flor, Anísio Abraão David. E pelo que acompanhei visitando ensaios na quadra da escola e conversando com componentes, as atitudes e decisões de Laíla muitas vezes sofreram reações de outros diretores, toleradas somente por causa do respaldo de Anísio.

Por exemplo, uma mudança importante impulsionada por Laíla seu deu no tocante ao concurso de samba de enredo. Para ele a participação não deveria ser exclusividade dos membros da Ala de Compositores. Alegava que notas baixas no quesito dadas pelos julgadores estariam contribuindo para classificações insatisfatórias, e que uma melhora nas obras inscritas no concurso aconteceria em função da autorização para concorrentes de fora.¹⁹² Isso gerou tremenda indignação entre os compositores pertencentes à ala, mas foi preciso o próprio presidente aceitar a mudança independente de protestos porque acabou sendo respaldada pelo patrono Anísio Abraão após Laíla convencê-lo.

O Diretor Geral de Carnaval é considerado ainda o principal responsável pela reestruturação de uma nova base comunitária de componentes de Nilópolis e adjacências comprometidos com o desfile da Beija-Flor. Nos anos 1990, a tendência de afastamento das pessoas originárias das comunidades de samba ocorria não só devido à dificuldade de pagar por fantasias, mas também por conta do aumento da criminalidade armada nas

¹⁹² ARRUDA, Edgar. Beija-Flor pensa em mudar a sua ala de compositores. O Globo, Rio de Janeiro, 13 fev. 1997, Matutina, Rio, p. 21.

localidades das quadras de ensaios ¹⁹³ e ainda da influência crescente de ideologias cristãs opostas a participação de seus fiéis no mundo do samba.

O projeto das chamadas Alas de Comunidade é considerado pelos dirigentes da Beija-Flor, e também por respeitados comentaristas de carnaval, como importante fator do bom desempenho nos desfiles durante a fase mais recente. O caráter comunitário sempre foi marcante na vida das escolas de samba, o que houve foi institucionalização de uma nova estratégia para atrair desfilantes baseada na doação de fantasias prontas em troca do compromisso com frequência regular aos ensaios. Aydano Motta explica que essa experiência surgiu na Beija-Flor de forma um tanto espontânea, a partir do envolvimento de pessoas com a montagem de elementos alegóricos que representariam cisnes no carnaval em homenagem à cantora lírica Bidu Saião, em 1995. Os cisnes foram uma ideia de Milton Cunha desenvolvida com várias reproduções no desfile por sugestão de Laíla. ¹⁹⁴

¹⁹³ MOTTA, Aydano A. Estilhaços da guerra do tráfico atingem carnaval. O Globo, Rio de Janeiro, 30 jan. 1995, Matutina, Rio, p. 9.

¹⁹⁴ Op. cit., p. 29-32.

As experiências com a comercialização de enredos

A nova fase de vitórias da Beija-Flor tem relação com uma reorganização interna da agremiação que já vinha acontecendo. A preocupação da direção de carnaval em valorizar o trabalho coletivo, reafirmar laços com a “comunidade”, assim como a ideia de que escola de samba é um todo cujos elementos precisam estar em plena harmonia, expressou-se inclusive na escolha do enredo para o carnaval de 1998.

Houve a realização de um concurso com dezenas de propostas apresentadas e que teriam sido estudadas cuidadosamente por Laíla. O vencedor foi Amarildo Mello, carnavalesco em atuação no Grupo de Acesso à frente da Caprichosos de Pilares que havia conquistado o carnaval de 1997. O projeto de Amarildo sobre a pajelança cabocla da Ilha de Marajó teve por base o livro escrito pela pajé Zeneida Lima, no qual ela conta a sua própria trajetória no culto e apresenta a mitologia dos encantados caruanas e caruás.¹⁹⁵

Como prêmio, Amarildo fora convidado para incorporar a Comissão de Carnaval, mas sua proposta sofreu muitas reformulações até chegar à forma consagrada no enredo. Nos primeiros anos da Comissão, diversos integrantes foram muitas vezes convidados a dar declarações na imprensa acerca da experiência conjunta no trabalho de criação. Costumavam dizer que conflitos existiam, porém, eram rapidamente resolvidos através das mediações exercidas habilmente por Laíla na condição de coordenador geral da equipe.¹⁹⁶

A sinopse do enredo *Pará - O mundo místico dos caruanas nas águas do Patu Anu* é clara quanto ao foco da narrativa na tradição da pajelança na Ilha de Marajó, tendo por referência o referido livro de Zeneida Lima. O lamento de um pajé representado no texto reforça o apelo pela preservação da natureza e dos saberes ancestrais da cultura cabocla.

¹⁹⁵ O livro de Zeneida Lima é *O mundo místico dos caruanas e a revolta de sua ave*. Belém: CEJUPE, 1991. Para um estudo da encantaria no norte e nordeste do Brasil, conferir: PRANDI, Reginaldo (org.). *Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

¹⁹⁶ MUTIRÃO de criatividade. O Globo, Rio de Janeiro, fev. 1998.

A referência ao Pará como unidade da federação aparece no final da sinopse, numa fala em que o pajé associa a tradição cabocla ao conjunto mais amplo da cultura paraense:

“O pajé caboclo canta sua região: ‘O Pará dos encantos: do mercado ver-o-peso, das riquezas minerais; da fauna e da flora imensamente ricas. O Pará dos búfalos, dos boiadeiros, dos Igarapés e da alegria. O Pará místico, das ervas encantadas, dos feitiços e da magia Caruana’”.¹⁹⁷

Na reta final dos preparativos do desfile, a imprensa registrou visita do Governador do Estado Pará ao barracão da Beija-Flor. Ocorreu em meados de fevereiro, e naquele momento o político Almir Gabriel anunciava com orgulho a captação de recursos financeiros através da doação de empresários do estado para patrocinar o enredo da escola de samba. O valor divulgado do aporte era de aproximadamente um terço do orçamento total do desfile. Segundo o Governador, o investimento na promoção turística do estado seria uma necessidade, e serviria para resgatar a autoestima do paraense que até então só teria a exploração mineral em Carajás como grande motivo de orgulho.¹⁹⁸

O patrocínio teve influência no desenvolvimento do enredo, não resta dúvida, tanto que o nome do estado apareceu em destaque no título da sinopse e depois na própria letra do samba de enredo consagrado para o desfile. Contudo, nenhum elemento da narrativa ficou fora do contexto do enredo, sem falar na contribuição da apresentação de uma temática pouco explorada nos desfiles até então. A religiosidade afro ameríndia é muito menos abordada na linha dos enredos afro do que, por exemplo, aspectos da cultura iorubá.

E mesmo que um enredo de escola de samba faça referências questionáveis do ponto da história dessas culturas e do rigor de pesquisas científicas, é preciso reconhecer que mesmo assim os desfiles carnavalescos cumprem um papel relevante de divulgação de

¹⁹⁷ G. R. E. S. BEIJA-FLOR de Nilópolis. Sinopse do Carnaval 1998. Disponível em: <http://academiadosamba.com.br/passarela/beijaflor/index.htm> Acesso a: 3 fev. 2017.

¹⁹⁸ PARÁ investe na Beija-Flor. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 fev. 1998, Cidade, p. 24.

saberes que ainda são pouco abordados na esfera acadêmica e muito menos em expressões da cultura de massa no Brasil como o cinema, as minisséries e as novelas da TV aberta.¹⁹⁹

Em *Samba de enredo: história e arte*, livro produzido em parceria entre o historiador Luiz Antonio Simas e o escritor Alberto Mussa, os autores apresentam através de pesquisa bem documentada o histórico da consolidação desse gênero musical originalmente brasileiro. Observam, entretanto, um quadro crítico para a produção de boas obras a partir da década de 1990, o que tem a ver com a aceleração do andamento dos sambas, perda das referências rítmicas características de baterias emblemáticas de certas agremiações, diminuição do peso do samba de enredo como quesito no próprio regulamento, e com o advento dos enredos patrocinados trazendo prejuízo particularmente para a qualidade das letras. Contudo, Simas e Mussa apontam a Beija-Flor como uma “grande exceção”, considerando inclusive as escolas de samba de maior tradição musical:

A preferência por melodias leves, “pra cima”, a estrutura padronizada e a letra pobre dominam hoje em dia. Poucas escolas de samba podem se orgulhar do que têm levado para a avenida, de 1990 para cá.

A Beija-Flor é a grande exceção, com seus sambas graves, pesados, e o tratamento original que tem dado mesmo aos enredos mais difíceis, oriundos de patrocínio.²⁰⁰

Eis a letra do samba *Pará - O mundo místico dos caruanas nas águas do Patu Anu*:

Beija-Flor
E o mundo místico dos Caruanas
Nas águas do Patu Anu
Mostra a força do teu samba

Contam que no início do mundo
Somente água existia aqui
Assim surgiu o girador, ser criador
Das sete cidades governadas por Auí

Em sua curiosidade, aliada à coragem

¹⁹⁹ Para um aprofundamento da problemática das culturas de diáspora no Brasil, cf.: SIMAS, Luiz Antonio Simas e RUFINO, Luiz. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2017.

²⁰⁰ MUSSA, A. e SIMAS, L. A. *Samba de enredo: história e arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p.119.

Com seu povo ao fundo foi tragado
O que lá existia aflorou, o criador semeou
Surgindo os seres viventes em geral
E de Auí se deu a flora, fauna e mineral

Sou Caruana eu sou
Patu Anu nasceu do girador, obá
Eu trago a paz, sabedoria e proteção
Curar o mundo é minha missão

Pajé, a pajelança está formada
Eu vou na barca encantada
Anhangá representa o mal
Evoque a energia de Auí
Pra vida sempre existir
Oferenda ao mar pra isentar a dor
Com a proteção dos caruanas Beija-Flor

A pajelança hoje é cabocla
Na Ilha de Marajó, vou dançar o carimbó
Lundu e siriá, marujada e vaquejada
Minha escola vem mostrar
O folclore que encanta
O estado do Pará

(Autores: Alencar de Oliveira, Wilsinho Paz, Noel Costa, Baby e Marcão)

A partir de 1990, prevalece a preocupação de que o samba seja uma síntese lógica da narrativa visual. Vejamos como a parte final da letra corresponde ao setor de encerramento do desfile, que representou diversos elementos da cultura paraense e teve no carro alegórico “Pará: a extensão do mundo místico dos caruanas” a representação de uma vila de ribeirinhos da Ilha de Marajó, este importante ponto de atração turística do estado.



Imagem 12. Carro “Pará: a extensão do mundo místico dos caruanas”. Foto: Wigder Frota.

É um recurso conhecido nos desfiles dos últimos anos a construção de plataformas em carros alegóricos usados no encerramento. No caso em questão, foi solução necessária para colocar sobre a alegoria um grupo grande de componentes desconhecidos fantasiados de ribeirinhos em meio a uma cenografia composta de objetos do cotidiano e elementos característicos da fauna e da flora de Marajó, com destaque na frente para canoas e búfalos, meios de transporte na vida real do lugar e perfeitos para expressão de movimento.

Em 1998, depois de 15 anos, a Beija-Flor conquistava mais um título. Foi algo surpreendente para seus componentes e demais simpatizantes. Moradores de Nilópolis saíram pelas ruas em comemoração, mesmo sabendo da divisão do primeiro lugar com a Mangueira que prestou uma homenagem ao compositor Chico Buarque de Hollanda.

Para o patrono Anísio, além da vitória teve o fato daquele carnaval ter sido o primeiro em que voltou a frequentar a Sapucaí depois da prisão da cúpula do bicho,

decretada em maio de 1993. O Desfile das Campeãs foi marcado por protestos do público das arquibancadas setor 1 contra a conquista da Beija-Flor. Expressavam que seria a Viradouro merecedora do primeiro lugar, ironicamente a escola que naquele ano tinha como carnavalesco Joãozinho Trinta, o principal artista responsável pelo despontar da Beija-Flor entre as grandes do carnaval carioca em meados da década de 1970.²⁰¹

Para 1999, a direção da Beija-Flor resolveu apostar num projeto de enredo que acabou se tornando sua primeira experiência focada em aspectos gerais da história de um lugar. Não era a fórmula do carnaval anterior, e a escolha se deu prioritariamente por causa da oferta de patrocínio, segundo informações de reportagem produzida pelos jornalistas Aydano Mota e Letícia Helena. Antes a Beija-Flor estaria interessada num tema afro, entretanto, empresários mineiros teriam apresentado à escola a proposta sobre a história de Araxá que foi transformada no enredo *Araxá - lugar alto onde primeiro se avista o sol*.²⁰²

O desfile mostrou a cidade mineira a partir de suas origens, destacando atrativos turísticos como a arquitetura colonial, a culinária e as fontes de águas medicinais. Geralmente, essa é a abordagem mais interessante para governantes que se empenham em fazer suas cidades ou estados virarem enredo das grandes escolas de samba do Rio de Janeiro. Argumentam que isso gera visibilidade para o lugar e ajuda a promover o turismo.

Pelo lado das escolas, havendo boa aceitação dos habitantes do estado ou da cidade que recebe a homenagem, isso tende a fortalecer a popularidade da agremiação e ainda pode despertar em alguns o desejo de conhecer pessoalmente o carnaval das escolas de

²⁰¹ ANTUNES, Laura; HELENA, Letícia; SOUTEIRO, Tatiana. Beija-Flor desfila sob vaias na festa das campeãs. O Globo, Rio de Janeiro, 02 mar. 1998, Matutina, Rio, p.15.

²⁰² MOTTA, Aydano A. e HELENA, Letícia. O samba corre a sacolinha. O Globo, Rio de Janeiro, 10 jan. 1999, Matutina, Rio, p. 14.

samba no Rio de Janeiro. Na transmissão do desfile pela TV Globo em 1999, o comentarista Albino Pinheiro chamava atenção para uma ala composta só por mineiros.²⁰³

Em 1999, as agremiações receberam sugestão da LIESA para que seus intérpretes gravassem o sambas do CD oficial com a participação de cantores de grupos de samba com projeção na mídia, e com isso os convidados marcaram presença também na Avenida auxiliando no carro de som. O parceiro de Neguinho da Beija-Flor foi o cantor Belo, à época no grupo Soweto, que, inclusive, montou uma ala com os “Amigos do Grupo Soweto”, vindos de São Paulo, representando “A Descoberta da Águas” no enredo. O samba “Araxá” recebeu críticas positivas, e até hoje é lembrado nos ensaios da quadra.

Araxá, Araxá... (obá, obá)
Paraíso hospitaleiro
Onde do alto
Se avista o sol primeiro

É fonte de conhecimentos pra ciência
Prova fiel da existência
Dos primitivos animais
Cenário onde índios e negros
Em luta constante
Contra bravos bandeirantes
O sangue fluía a todo instante
Nasceu enfim, São Domingos do Araxá
Um solo livre pra explorar
Uma nova colonização
Com a vinda do Ouvidor
Surge a libertação

Ana Jacinta de São José... (É beija)
Josefa Carneiro de Mendonça... (Rara beleza)
Josefa Pereira é força e fé... (Que sedução)
A escrava Filomena... (É fascinação)

Tem cheiro bom no ar
Este tempero nos convida a viajar
Quero renascer em tuas águas
Para prolongar a vida
Me hospedar no Grande Hotel
Do seu conforto desfrutar
Com sua genial arquitetura
A Beija-flor em alto astral
Neste carnaval nos traz

²⁰³ TANCREDO, Wendell. *Carnaval Completo- Beija-Flor 1999*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sQPJUNxmAfY>> Acesso em 5 fev. 2017, às 11:00.

Belo recanto de Minas Gerais

(Autores: Wilsinho Paz – Noel Costa – Serginho do Porto)

Justificando o apelo turístico, o nome da cidade aparece logo no primeiro refrão. Mas também faz todo sentido esse começo se considerarmos a explicação do nome segundo sua origem tupi: lugar alto, de onde primeiro se avista o sol. O carro Abre-Alas foi concebido com a preocupação de traduzir passar esse significado, daí as cores laranja e vermelho predominarem na pintura artística e na decoração da alegoria. Assim como aconteceu no samba de 1998, o nome do estado aparece no último verso do samba.

Algo que provavelmente favoreceu o enredo foi o fato de Araxá não ser uma referência desconhecida do grande público. Anos atrás, a TV Manchete havia exibido a novela *Dona Bêja*, com a atriz Maitê Proença no papel principal, e a produção alcançou bons índices de audiência. No desfile, o quarto carro trazia uma reprodução da casa de Bêja, que, segundo os comentaristas do desfile, havia se tornado um museu da cidade.



Imagem 13. Composição do Carro “Força da Mulher”. Foto: Wigder Frota.

Naturalmente, a presença feminina ocuparia lugar central na referida alegoria. A fotografia acima documenta a composição do carro nesse sentido e foca na fantasia de uma Destaque que faz referência ao figurino da novela de época, porém, com um tratamento estético de acordo com o contexto cultural do desfile carnavalesco. Temos um bom exemplo de como as escolas de samba interagem por meio de seus enredos com as produções artísticas de outros universos culturais, o que favorece a rede de influência dos diretores das agremiações com empresas de comunicação e artistas conhecido do público.

Voltando à questão do patrocínio do desfile, as informações disponíveis de que empresários teriam sido os principais colaboradores são bastante superficiais. Como se sabe, os banqueiros do jogo do bicho do Rio de Janeiro exploram essa loteria em outros estados há anos, além de possuírem empreendimentos ligados ao ramo de hotéis e casas noturnas. Com base nisso, faz sentido suspeitar que tal estratégia de comercialização dos enredos homenageando cidades atende a interesses comerciais e políticos dos chefões.

Chama atenção o nível a que chegaram escolas de samba enquanto espaços de articulação a serviço dos interesses das organizações do jogo do bicho junto aos mais diversos tipos de instituições públicas e privadas, nacionais e internacionais.

O enredo sobre Araxá foi pertinente na referência a uma interessante página da história dos jogos de apostas no Brasil. No começo da década de 1940, a construção do Grande Hotel voltado para exploração turística da instância hidromineral do lugar contou com investimentos para o funcionamento de um atraente cassino em suas instalações.

O último carro alegórico do desfile, “Grande Cassino – Templo da Sorte”, representava esse episódio da história de Araxá. Além da conhecida Destaque da Beija-Flor, Linda Conde, vieram sobre a alegoria o jogador Zico, a atriz Solange Couto, e o produtor Alberico Campana, da antiga Plataforma, e inúmeras mulatas figurantes de shows para turistas da boate representando o clima festivo do cassino do Grande Hotel. A

transmissão da TV Globo focalizou a reprodução de um simbólica roleta na parte frontal do carro, mas que visualizamos melhor na fotografia a seguir.



Imagem 14. Carro “Grande Hotel – Templo da Sorte”. Foto: Antônio Carlos.²⁰⁴

Observe-se nas fantasias das desfilantes ao lado da roleta as decorações com dados e cartas de baralho, estas espalhadas sobre cabeça e ombros. É no mínimo uma ironia a montagem desse carro alegórico para o desfile de uma escola de samba sabidamente controlada por um dos maiores chefes da contravenção do Rio de Janeiro. No entanto, a ambiguidade da linguagem artística possibilita que se interprete tal elemento do enredo como conteúdo rigorosamente ligado à história de Araxá, mas também como um discurso sutil em defesa da legalização dos jogos de azar e cassinos no país, seguindo a ideia de que contribuiriam para promoção de divertimentos e geração de empregos para a população.

O comentarista Albino Pinheiro chamava atenção dos telespectadores para o fato da Beija-Flor e outras escolas terem se apegado a temas da cultura brasileira mesmo após a

²⁰⁴ Cf. fotografia que ilustra a matéria jornalística *RBF*. 2003. p. 94.

recente liberação do regulamento para a escolha de temas estrangeiros. Embora se esteja vendo que isso tinha relação com a questão dos patrocínios, é interessante notar como as agremiações contribuem até hoje para que, de alguma forma, o público dos desfiles possa ter uma percepção através das artes sobre nossas diferentes regiões com sua riqueza cultural.

A Beija-Flor ficou em segundo lugar, o que é um bom resultado, mas deixou o sentimento angustiante da perda do título por detalhes entre seus torcedores. A diferença de pontos entre as primeiras colocadas tem sido ínfima no carnaval desde aquela época.

Nos anos seguintes, os enredos em forma de homenagens a cidades foram sendo revezados na Beija-Flor com outras propostas, seja porque acordos de patrocínio nessa linha não foram confirmados ou quem sabe para evitar o desgaste da repetição da receita. De toda forma, de 1998 para cá praticamente todas as propostas de enredo foram desenvolvidas na perspectiva de obter algum tipo de financiamento extra ao convencional.

No carnaval de 2000 todas as agremiações desenvolveram temas relacionados com a celebração dos 500 anos do Descobrimento. Receberam para isso apoio governamental do Município do Rio acertado no contrato geral de carnaval celebrado entre LIESA e Riotur. O enredo da Beija-Flor foi *Brasil, um coração que pulsa forte. Terra de todos ou terra de ninguém?*, inspirado em livro psicografado pelo médium Chico Xavier em que se apresenta uma visão espiritualista do “descobrimento” do Brasil. A escola de Nilópolis obteve o segundo lugar no concurso, tendo sido esse o único carnaval de sua fase mais recente que, mesmo patrocinado, ficou fora da tendência de enredos na forma de homenagens ou desenvolvimento de temas do interesse comercial de empresas privadas.

O vice-campeonato consecutivo, e mais uma vez em derrota para a Imperatriz Leopoldinense, acentuou uma rivalidade entre as duas agremiações que surgiu por ocasião da disputa do carnaval de 1989, quando a Beija-Flor perdeu o título mesmo depois de ter apresentado o impactante e aplaudidíssimo *Ratos e urubus: languem minha fantasia*. No

começo dos anos 2000, o fato do patrono da Imperatriz estar na Presidência da LIESA motivou acusações de favorecimento para a escola de Ramos em função da influência de Luizinho Drumond sobre a composição do corpo de jurados. A construção para a Imperatriz de um perfil de escola extremamente preocupada com desfile técnico, rigorosa quanto à organização dos desfilantes, e de tratamento plástico minucioso, alimentou entre os torcedores das demais agremiações uma grande vontade de derrotá-la no carnaval.

Em 2001, outro enredo voltado para a cultura de um estado brasileiro foi desenvolvido pela Beija-Flor: *A saga de Agotime, Maria Mineira Naê*. A proposta consistia na apresentação de uma versão sobre a fundação da Casa das Minas, tradicional terreiro do candomblé jêje no Maranhão, baseada nos relatos da pajé Zeneida Lima, figura central do carnaval de 1998, que se dizia tataraneta fundadora da casa, a Rainha Agotime.

Originária do antigo Reino Daomé, a chegada de Agotime ao Brasil teria acontecido em função de uma vingança do filho do primeiro casamento do rei, que usurpou o trono logo após a morte do pai e então expulsou Agotime colocando-a num negreiro.

A hipótese de a Rainha ter sido a fundadora da Casa das Minhas foi lançada originalmente por Pierre Verger, e trabalhada por ele num artigo publicado em revista acadêmica.²⁰⁵ O antropólogo Sérgio Ferreti, maior pesquisador dedicado ao estudo da Casa das Minas, segue na linha de Verger, mas no caso do desfile se colocou contrário à forma como a Comissão de Carnaval abordou o tema. A tradição oral da Casa das Minas registra o nome de Maria Jesuína como fundadora, uma mulher que não teria deixado descendentes, segundo contam os mais antigos da casa de culto. Contestando especialmente a referência da Comissão nos relatos de Zeneida Lima, Ferreti destaca num pequeno artigo alguns pontos problemáticos, colocando em questão a autoridade da “pajoa”:

²⁰⁵ VERGER, Pierre. “Uma rainha africana mãe de santo em São Luís”. In: *Revista USP*, 6 (jun-ago1990): 151-158.

Em agosto de 2000, alguns membros da Comissão de Carnaval da Escola, que funciona como Carnavalesco e como autor do enredo, estiveram em São Luís e fizeram rápida visita a este pesquisador e à Casa das Minas. Na ocasião disseram que já haviam escolhido o tema e estavam concluindo a letra do samba-enredo. O enredo A Saga de Agotime, que está sendo divulgado pela Liga das Escolas de Samba do RJ, foi quase integralmente inspirado no romance histórico, muito bem documentado, da pesquisadora e escritora norte-americana Judith Gleazon. Pena que não seja indicado na bibliografia que acompanha o mesmo.

Pode-se argumentar que um samba de Carnaval obedece à liberdade poética, mas o samba da Beija-Flor: Agotimé Maria Mineira Naê possui erros, como vemos, e não representa corretamente a história da casa. Além disso, a estória contada por Zeneida Lima, pajoa paraense que assessorou a Comissão Carnavalesca da Escola, também não é correta, pois, conforme a tradição da Casa das Minas, Maria Jesuína não teve descendentes de sangue no Brasil e, portanto, não pode ser tataravó de Zenaide Lima, que é conhecida na casa como Zuleide Figueira de Amorim. Ela passou pela Casa das Minas em fins dos anos sessenta, foi integrada à comunidade como vodunsi de Poliboji, mas logo se afastou. Tentou abrir filial da casa em Jacarepaguá no Rio de Janeiro, mas esta experiência não foi adiante e possui uma casa em Soure (Marajó), sem nenhuma vinculação com a Casa das Minas. [...] ²⁰⁶

Observa-se o potencial criativo do enredo que envolve a discussão sobre mito, memória, história. Tanto é que estimulou um debate público, mesmo que conflituoso, entre seguidores do culto, estudiosos e cronistas do carnaval diante da versão adotada e difundida pela Comissão de Carnaval. Não é objetivo do trabalho aqui aprofundar discussão sobre a história da Casa das Minas, mas vale notar como a escolha de um enredo requer embasamento em termos de pesquisa para sua concepção e produção plástica visual, demandando todo um saber histórico e de outras áreas do conhecimento. Daí o investimento das grandes escolas na contratação de profissionais especializados na tarefa de pesquisa para auxiliar os carnavalescos, conforme foi discutido no capítulo anterior.

A composição do samba da Beija-Flor para o carnaval de 2001 foi bem trabalhada de forma épica em sua letra, sem falar na qualidade do ponto de vista rítmico e melódico. Não sofreu durante o desfile qualquer descompasso com a bateria, tendo sido executado de modo que os componentes puderam cantar e evoluir com relativa tranquilidade. Estudiosos

²⁰⁶ FERRETI, Sérgio. “Beija-Flor e a Casa das Minas”. In: *Boletim 18 da Comissão Maranhense de Folclore*. p. 2. 20 jan. 2001. Disponível em: <<http://www.antropologia.com.br/colu/colab/c5-sferretti.pdf>> Acesso em 30 jun de 2015 às 19:00.

conhecedores da cultura histórica do gênero, como Simas e Mussa, chegam a considerar o samba de 2001 como um dos melhores já apresentados pela escola de Nilópolis.

Maria Mineira Naê
Agotime no clã de Daomé
E na luz dos seus voduns
Existia um ritual de fé
Mas isolada do reino um dia
Escravizada por feitiçaria
Diz seu Vodum que do seu culto
Um novo mundo renasceria

Vai seguindo seu destino (de lá pra cá)
Sobre as ondas do mar
O seu corpo que padece
Sua alma faz a prece
Pro seu povo encontrar

Chegou nessa terra santa
Bahia viu a nação Nagô-ô-ô
E através dos orixás
O rumo do seu povo encontrou
Brilhou o ouro, com ele a liberdade
Foi pra terra da magia
Do folclore e tradição
Um buquê de poesia
A Casa das Minas
É o orgulho desse chão

Sou Beija-Flor
E o meu tambor
Tem energia e vibração
Vai ressoar em São Luiz do Maranhão

(Autores: Déo, Caruso, Cleber, Osmar)

A abordagem a cultura de um estado brasileiro indicava o perfil de um enredo patrocinado, embora aporte governamental não tenha se confirmado. A narrativa desenvolvida não demonstra mero apelo turístico, especialmente se considerarmos a lógica capitalista marcada pelo racismo contida na mentalidade do empresariado brasileiro desse ramo de negócios. E nem o samba fez citações vagas de expressões da cultura maranhense.

Um terceiro vice-campeonato, com a Imperatriz novamente em primeiro lugar, consagrou no meio carnavalesco a rivalidade entre as duas agremiações. A Beija-Flor

passou a ser vista como escola injustiçada, e especialmente porque sua diretoria vinha desenvolvendo sob a liderança de Laíla o projeto das chamadas alas de comunidade.

Para o carnaval de 2002 a Beija-Flor seguiu com a estratégia de obter patrocínio e conseguiu firmar parceria com a antiga empresa de aviação Varig. Naquele momento, talvez tenha pesado a necessidade evitar o desgaste da repetição de temas vinculados a cidades e estados. O enredo sobre aviação no Brasil foi desenvolvido dentro das expectativas traçadas numa campanha de *marketing* da Varig que assegurou à escola recursos para a produção do desfile. A diretoria da escola anunciou com o orgulho o acordo oficial com a empresa que até então desfrutava de enorme prestígio no país.

Uma novidade importante desse carnaval foi o primeiro número da revista oficial da agremiação que passaria a ser editada anualmente com uma proposta ambiciosa. Segundo os editores, a *Revista Beija-Flor: uma história de vida* vinha assumir a missão de resgatar a história da escola, dando visibilidade a sambistas esquecidos, e além disso faria a divulgação da obra social tocada pela família Abraão David em Nilópolis e apresentação detalhada dos enredos contando inclusive com depoimentos da Comissão de Carnaval.

A *Revista Beija-Flor* é geralmente lançada em semanas antes do carnaval, com evento promocional, e sua maior distribuição é feita de forma gratuita para o público do Sambódromo. É usada pela diretoria como brinde para visitantes selecionados do barracão na Cidade do Samba e da quadra de ensaios em Nilópolis. A tiragem da revista gira em torno de cinco mil exemplares, e de acordo com informações oficiais seria produzida com recursos do patrono da escola, por vezes, mas especialmente com venda de propaganda.

Essa fonte oficial foi trabalhada na minha pesquisa de mestrado, no que diz respeito à obra social da família Abraão David e projetos vinculados à agremiação. No presente trabalho interessam informações relativas aos enredos, sejam os conteúdos artísticos de

cada parte do desfile, ou então relatos explicativos dos preparativos dados por membros da Comissão de Carnaval, dirigentes da escola e até representantes de patrocinadores.

Por exemplo, na edição de 2002 foram publicados dois artigos atribuídos a executivos da Varig. Um deles, assinado pelo diretor da Fundação Rubem Berta, procurava explicar a importância do empresário, o grande homenageado no desfile como sendo o pai da aviação comercial no Brasil. O outro artigo, do vice-presidente Roberto Macedo, expunha sua visão do carnaval como “espetáculo” e, como se vê na citação a seguir, a verdadeira motivação da empresa em patrocinar o desfile de uma grande escola de samba:

Enfim, a apresentação dessas agremiações pela passarela projetada por Oscar Niemeyer, transformou-se, nos últimos anos, numa eficaz e eficiente ferramenta de *marketing*, cada vez mais disputada e utilizada por grandes empresas nacionais e internacionais com estratégias para aumento de vendas e promoção de imagem e produtos nos mercados do país e do exterior. Um evento que representa – para as empresas que se valem dele – um investimento irrisório quando comparado aos custos dos veículos da média convencional.²⁰⁷

O mais interessante desse relato é a revelação explícita de que até mesmo o potencial mercadológico das grandes escolas de samba estaria sendo negociado de forma incompetente pelos seus diretores. Eles estariam proporcionando a empresas patrocinadoras um retorno que deveria estar gerando compensação financeira muito maior para as agremiações. Ou seja, elas estariam vendendo um serviço de mídia extraordinário a um valor abaixo do que seria cobrado regulamente nesse mercado tão movimentado.

Não disponho de fontes que evidenciam a existência de algum tipo de imposição do patrocinador na concepção artística do desfile. A Comissão de Carnaval parece ter encontrado solução inteligente para uma referência ao patrocinador através de alegoria inspirada no cinema americano. Na frente do carro havia a reprodução de um avião comercial com passageiros acenando das janelas para o público das arquibancadas, algo

²⁰⁷ MACEDO, R. Varig e Beija-Flor voando juntas. *Revista Beija-Flor: uma escola de vida*. Nº 1. Jan. 2002. p. 96.

positivo para a interação entre ambos. Isso pode ser observado no detalhe da fotografia a seguir, embora não registre a alegoria por completo. Um gorila gigante agarrado ao edifício na parte de trás sugeria que o avião com seus passageiros seriam uma referência a viagens internacionais para os EUA, um dos sonhos de consumo da classe média brasileira.



Imagem 15. Carro “Portas e Janelas se abrem para o Mundo”. Foto: Wigder Frota.

Mais um vice-campeonato para a Beija-Flor e a escola ainda se viu de volta com dois antigos desafios. A campeã foi a Mangueira, com quem a escola de Nilópolis construiu uma polarização a partir do final dos anos 70 por ser considerada no meio carnavalesco a representante do carnaval moderno das grandes alegorias, enquanto a Manga seria o exemplo maior da tradição das escolas de samba. A outra situação de seu em função de restrições quanto a uma das alegorias, que traria grande escultura da imagem de São Jorge. A Igreja Católica protestou, reacendendo o embates que foi marcante nos tempos do carnavalesco Joãozinho Trinta, e assim a direção da escola preferiu evitar o confronto retirando a escultura do dragão, descaracterizando-se a imagem religiosa. O resultado final dessa história é interessante porque a escultura completa foi depois instalada

num espaço da quadra de ensaios em Nilópolis, sacralizada pelos ritos da macumba, e desde então acontece lá todo 23 de abril uma missa para os devotos do Santo Guerreiro.

Conhecendo-se bem o esquema de poder das famílias Abraão e Sessim desde a sua formação durante a ditadura, é possível afirmar que sempre foram situacionistas. Apenas durante os governos de Leonel Brizola no estado do Rio de Janeiro foi que se firmaram no âmbito da política local assumindo posição clara contra o líder do PDT. Como dizia o falecido Castor de Andrade: a contravenção é sempre governo. E ele ainda declarava que sempre procurava ter “amigos” em todos os governos, não tinha culpa se estes mudavam...

N ampla coligação liderada pelo PT, incluindo partidos da direita, na campanha que elegeu o Presidente Lula em 2002 esteve o Partido Progressista (PP). Em seu sexto mandato consecutivo como deputado federal, depois de ter passado pelo extinto PDS e pelo então PFL, o deputado Simão Sessim conquistou mandato pelo PP. Em função disso, tratou de se aproximar do centro de decisões do governo petista. Não foi à toa que a Beija-Flor escolheu para o carnaval de 2003 um enredo de “crítica social” na forma de uma exaltação do programa Fome Zero, anunciado como medida central no início do governo.

Pouco antes do carnaval a imprensa noticiou que o intérprete Neguinho da Beija-Flor esteve em Brasília, foi recebido no gabinete do presidente, onde formalizou convite para que Lula viesse assistir ao desfile da escola no Sambódromo. A jornalista Ana Paula Macedo fez o seguinte relato do encontro para matéria que foi publicada em *O Globo*:

BRASÍLIA. Com o enredo dedicado ao combate à fome no país, carro-chefe do governo, a Beija-Flor de Nilópolis quer ter o presidente Luiz Inácio Lula da Silva em sua torcida, no Sambódromo, durante o desfile da escola no carnaval. Numa brecha na agenda das audiências, Lula recebeu ontem em seu gabinete o sambista Neguinho da Beija-Flor, que o convidou para assistir à apresentação da escola na Sapucaí. Entusiasmado, Lula teria ficado tentado a aceitar o convite, mas não deu uma resposta definitiva. Vestido de terno e gravata, especialmente para a audiência, Neguinho da Beija-Flor estava acompanhado da ministra da Assistência e Promoção Social,

Benedita da Silva. Ele deu uma camisa da escola de samba de presente a Lula, que será um dos homenageados no desfile da Beija-Flor. (...) ²⁰⁸

A matéria traz uma foto de pose dos dois personagens ostentando camisas temáticas do enredo “Saco vazio não para em pé...”. Lula é declaradamente torcedor da escola de Nilópolis. As informações levam a crer que a então ministra Benedita da Silva foi a responsável pela inclusão do sambista na agenda do Presidente, sendo ela uma parlamentar petista originária do estado Rio de Janeiro, bem articulada com lideranças de outros partidos, e responsável pelo setor ministerial que tratava das políticas de seguridade social.

A *Revista Beija-Flor* teve seu segundo número publicado consagrando um padrão de apresentação das primeiras páginas. A abertura é sempre com o editorial, e depois vêm as mensagens do presidente de honra Anísio Abraão David e do presidente administrativo Farid Abraão David. Em 2003, entretanto, o texto atribuído a Anísio veio seguido por uma mensagem oficial do Presidente Lula dirigindo-se à Beija-Flor para saudá-la pelo enredo.

²⁰⁸ MACEDO, Ana Paula. Lula pode vir para o carnaval. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 fev. 2003, Matutina, Rio, p.18.

PALAVRAS DO PRESIDENTE LULA

As escolas de samba exibem, tradicionalmente, enredos que falam do real e do imaginário, da vida e da história do Brasil.

Os brasileiros podem ver desfilar, em um só dia, a exaltação das belezas de um país extraordinário, as lendas e mitos das populações indígenas, e, mais recentemente, os desafios do nosso tempo.

O combate à fome é o compromisso que firmei com os brasileiros em meu primeiro pronunciamento depois das eleições.

Hoje, há menos de dois meses no governo, vejo o país inteiro vestir a camisa do programa Fome Zero, o que prova, de maneira clara, a sintonia do povo brasileiro, sua capacidade de mobilização para promover a verdadeira mudança do país.

A Beija-Flor, com o lema 'saco vazio não pára em pé', leva para o palco do maior espetáculo da terra um problema - A Fome - que aflige centenas de milhões de seres humanos, nos quatro cantos do Planeta, juntando-se aos que já estão trabalhando no Mutirão Nacional Contra a Fome.

Por isso, é o povo brasileiro que merece a homenagem, os que lutam e os que sofrem, os que têm coragem e são generosos, todos os que atenderam o chamado para acabar com a fome em nosso país. As expressões de carinho que recebo, certamente são a expressão natural da alma brasileira, especialmente dos que, como eu, acreditam que para servir bem ao país, é preciso um coração do tamanho do Brasil.⁽¹⁾

Luiz Inácio Lula da Silva

PRESIDENTE DO BRASIL



(1) Texto escrito pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em resposta à entrevista solicitada em janeiro de 2003 pela revista Beija-Flor - uma escola de vida.

Foto: Renato Sanches - Política do Planalto

Imagem 16. Mensagem do Presidente Lula.²⁰⁹

A história dos desfiles das escolas de samba prova que não é de hoje seu uso como plataforma de propaganda governamental. A própria Beija-Flor já investiu nesse tipo de

²⁰⁹ Cf. imagem da RBF. 2003. p. 7.

proposta com a série do começo dos anos 1970 em louvação ao regime militar: *Educação para o desenvolvimento* (1973), *Brasil ano 2000* (1974) e *O grande decênio* (1975). Isso aconteceu, entretanto, no bojo de ações estratégicas da ditadura em busca de legitimidade nas classes populares frente aos primeiros sinais de fragilidade do “milagre econômico”.

O contexto político do país em 2003 era completamente diferente, Lula tinha acabado de tomar posse como presidente eleito em meio a grande comoção popular, e assumia um discurso voltado para aglutinar apoios no início de um governo novo que despertava muitas expectativas na população. Inclusive o líder do PT foi criticado por setores mais à esquerda do próprio partido pela adoção de plataforma de governo construída com base num pacto selado na perspectiva da conciliação de classes sociais.

As *Palavras de Lula* reconhecem a importância cultural das escolas de samba, a capacidade expressiva dos seus enredos, e destacam a iniciativa da Beija-Flor em contribuição à mobilização nacional articulada pelo governo na política de combate à fome. É preciso ter cuidado com hipóteses baseadas em ideias de cooptação dos populares, imposição de normas de cima para baixo, porque ficam evidentes interesses tanto da parte do governo quanto da parte da agremiação carnavalesca para que o enredo sobre a fome fosse desenvolvido manifestando apoio ao programa Fome Zero. A historiografia mais recente do samba chama atenção para o fato de que desde os primeiros desfiles carnavalescos oficiais na década de 1930 a relação das agremiações com o Estado se pauta por negociações, considerando-se poder de barganha dos representantes do samba.²¹⁰

²¹⁰ Cf.: AUGRAS, Monique. *O Brasil do samba-enredo*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998; SIMAS, Luiz Antônio e FABATO, Fábio. *Pra tudo começar na quinta-feira: o enredo dos enredos*. Rio de Janeiro: Mórula, 2015.

O enredo da Beija-Flor em 2003 continha referências a processos históricos do Brasil e do mundo – violência contra os povos indígenas, escravização de africanos, quilombolas, Independência, Revolução Francesa - com o objetivo de mostrar experiências de luta do povo contra desigualdades e injustiças. A letra do samba carregava um tom de protesto, porém, o conjunto de referências históricas gerou um excesso de citações que não colaborou para uma construção poética mais criativa, comparando-se o samba em questão com outros da própria escola. Basta lembrar as obras musicais de 1998 e de 2001.

A parte final do desfile trouxe a manifestação mais explícita de apoio da agremiação ao governo do Presidente Lula. O “O Grande Banquete” trazia duas grandes esculturas, uma delas na frente, representando o falecido presidente administrativo Néelson Abraão, lembrado na Beija-Flor por sua forte ligação com a comunidade local. O destaque principal do carro era Sônia Capeta, homenageada após ter passado o título de Rainha da Bateria para Raissa Oliveira, menina de doze anos também moradora do município.

E a segunda escultura representava o Presidente Lula, estando o boneco trajado com terno e gravata, sem nenhuma referência visível do Partido dos Trabalhadores – até por questão de regulamento – e nem de sua herança nordestina ou do passado como líder sindical no ABC paulista. O boneco foi construído com articulações para que seus braços fossem movimentados como acenos para o público, gesto simbólico do Presidente. No desfile era possível ver o detalhe da mão sem o dedo que Lula havia perdido em acidente de trabalho sofrido décadas atrás. Vale ressaltar o cuidado dos artistas com esse detalhe, pois vários traços do ex-presidente são alvo de piadas preconceituosas de seus opositores. A ausência do dedo é uma delas, assim como o estilo da barba dos tempos de metalúrgico, o sotaque nordestino da fala de Lula, e ainda os erros cometidos de Língua Portuguesa.



Imagem 17. Carro “O Banquete”. Foto: Wigder Frota.

Outra leitura importante dessa alegoria é a do discurso da família Abraão David como grande benfeitora do povo nilopolitano, e especialmente da força transformadora operada pela Beija-Flor na vida social e cultural das pessoas do lugar. Isso remete aos projetos assistenciais vinculados à escola de samba e também ao trabalho em favor da ampla participação da “comunidade” no desfile carnavalesco assegurando a ela a doação de fantasias. A segunda parte do samba de enredo reforça completamente essa visão:

Nasce então
Poderosa guerreira
E desenvolve seu trabalho social
Cultura aos pobres, abrigou maltrapilhos
Fraternidade, de modo geral
Brava gente sofrida da Baixada
Soltando a voz no planeta carnaval
Eu quero: liberdade, dignidade e união
Fui lata, hoje sou prata

Lixo ouro da região
Chega de ganhar tão pouco
Tô no sufoco: vou desabafar
Pare com essa ganância, pois a tolerância
Pode se acabar...
Oh meu Brasil
Overdose de amor nos traz
Se espelha, na família beija-flor
Lutando eternamente pela paz

(Autores: Betinho, J. C. Coelho, Ribeirinho e Glyvaldo)

Não disponho de informações concretas sobre participação direta do deputado Simão na concepção do enredo abraçando a campanha do Fome Zero. É preciso ter em mente, porém, que o velho representante político do poder familiar na esfera federal provavelmente estaria a serviço dos interesses da Beija-Flor se fosse necessário favorecê-la de alguma forma no mercado de “corretores de enredos” tão baseado em relações pessoais.

Mesmo que o carnaval de 2003 não se enquadre no tipo das homenagens a cidades e estados brasileiros, trata-se de uma experiência que abriu importantes conexões políticas para os dirigentes da escola de samba. E, finalmente, rompeu com experiências de derrotas sofridas por ínfima diferenças de pontos - foram quatro vice-campeonatos consecutivos.

Laíla sempre assumiu não ser propriamente um carnavalesco, embora diga que tem conhecimento da função por conta dos muitos anos dedicados ao trabalho no carnaval. Logicamente, ele era figura de peso na decisão sobre a escolha dos enredos, e costumava sempre defender a busca dos patrocínios alegando que uma escola de samba com desfile do porte da Beija-Flor precisava pagar inúmeros profissionais de qualidade e não conseguiria manter-se apenas com os repasses das LIESA e “ajuda” do patrono Anísio Abraão David.

Para 2004, Laíla teria vislumbrando um tema voltado para a região Norte, depois de ter passado três anos fazendo viagens com o objetivo de assistir ao Festival de Parintins.

Os artistas e artesãos que trabalham nessa festa, que tem outro calendário, costumam atuar também na montagem das alegorias para as grandes escolas de samba do Rio de Janeiro.

Essa ponte é reveladora do nível de influência social das agremiações carnavalescas do Rio de Janeiro. Existe um longo histórico de incorporação de artes e saberes de outros universos culturais na produção dos desfiles das escolas de samba. Contudo, o fato mais significativo do enredo em questão foi o acordo da Beija-Flor de Nilópolis com o Governo do Amazonas para desenvolver um enredo na forma de uma homenagem à capital Manaus.

A terceira edição da revista anual da agremiação trouxe uma entrevista com o governador do Amazonas, Eduardo Braga (PMDB), político de origem paraense que construiu sua carreira na cidade de Manaus. Falou-se de aspectos relacionados ao desenvolvimento do seu estado, inclusive de questão indígena e sustentabilidade, aproveitando-se para uma verdadeira propaganda das propostas e ações do governo amazonense. No final da entrevista, ele foi indagado sobre o enredo da escola de samba.

RB - Como o senhor analisa a decisão da Beija-Flor de Nilópolis elaborar o desfile de 2004, ano em que a agremiação completa 50 anos de existência, abordando a questão da Amazônia?

EB – É fundamental que utilizemos nossa cultura para falar daquilo que temos e fazemos de bom. A Beija-Flor, atual campeã do carnaval carioca, é uma vitrine muito importante para a comunidade internacional. Eles precisam saber que cuidamos bem da nossa diversidade. Isso evitaria comentário maldosos de grupos que insistem na tese de internacionalização da Amazônia. Tenho tomado conhecimento de que os diretores da escola têm vindo constantemente colher subsídios aqui do estado e que artistas nossos, de Parintins, estão ajudando a concretizar o carnaval da escola. Isso é importante, para dar fidelidade à abordagem que a agremiação dará na Avenida. Ouvi o samba-enredo e gostei muito. É preciso falar dessa Amazônia que dá certo e o Amazonas, em particular, tem muito a colaborar nesse sentido. Espero que, com esse tema, a escola ganhe mais um campeonato.²¹¹

Por mais que a ideia de preservação ambiental desejada pelo governador no carnaval da Beija-Flor seja relevante, o fato é que a escola de samba, ao completar 50 anos

²¹¹ BRAGA, Eduardo, governador do estado do Amazonas. In.: *Revista Beija-Flor, uma escola de vida*. Nº 3. p.45.

da sua oficialização como grêmio recreativo, decidiu desenvolver um enredo motivada exclusivamente pela promessa de patrocínio governamental para produção do desfile.

Diferentemente dos enredos de 1998 e 2001, a abordagem não foi centrada num tema específico do universo cultural da região, do estado ou mesmo de sua capital. Contribuiu para o sucesso do desfile a escolha de um samba de 2004 que possui uma das melhores melodias entre as composições da fase mais recente da escola, e que teve notas máximas dos julgadores além de ter recebido críticas positivas no meio carnavalesco. Tratando-se de uma tradição cultural em que a musicalidade é fundamental para o conjunto das performances, um bom samba contribui decisivamente para um bom desfile. A letra, como se pode ver a seguir, não tinha nada de muito original em sua construção, sem falar que enredos abordando a região Norte já não representavam uma grande novidade. Por outro lado, a referência ao nome da cidade homenageada não dá entender que introduzida de maneira forçada, fora do contexto como se fosse um mero apelo propagandístico.

A ambição cruzou o mar
Trazida pelo invasor
A Espanha veio explorar
Pilhar e semear a dor

Amazônia Terra Santa
Dos igarapés, mananciais
Alimenta o corpo, equilibra a alma
Transmite a paz

Brilhou o Eldorado
No coração da mata as guerreiras
Belezas naturais, riquezas minerais
O reino de Tupã ergue a bandeira

Êh! Manôa
Minha canoa vai cruzar o Rio Mar
Verde paraíso
É onde Iara me seduz com seu cantar

Força, mistério e magia
Fruto da energia o meu guaraná
A lágrima que o trovão derramou
A terra guardou semente no olhar
Maués, Anauê, cultura milenar
Anauê, Manaus, Mamirauá

Viva a Paris Tropical

Água que lava minh'alma
Ao matar a sede da população
Caboclo é a homenagem hoje é
A todo povo da floresta um canto de fé

Se Deus me deu vou preservar
Meus filhos vão se orgulhar
A Amazônia é Brasil, é luz do criador
Avante com a tribo Beija-Flor

(Autores: Cláudio Russo, Zé Luiz, Marquinhos, Jessi, Leleco)

O bicampeonato da Beija-Flor se baseou em estratégias que vinham sendo aprimoradas pela sua diretoria desde o primeiro desfile da Comissão de Carnaval em 1998. A “força da comunidade” dispensaria atitudes ousadas como “paradinhas” de bateria, performances fora do comum para o casal de mestre-sala e porta-bandeira e também para os integrantes da Comissão de Frente. Láíla sempre foi muito atento com a passagem das alas da Velha Guarda e das Baianas, que pela idade elevada dos componentes não poderiam ser submetidos a passo acelerado em caso de possíveis problemas da escola para o cumprimento do tempo regulamentar. No total, desfilam por volta de quatro mil pessoas.

Talvez por isso as atenções tenham ficado tão divididas com as inovações desenvolvidas pelo carnavalesco Paulo Barros na Unidos da Tijuca, vice-campeã. Paulo vinha da experiência com escola do Grupo de Acesso e ganhou destaque com o enredo *O sonho da criação, a criação do sonho. A arte da ciência no tempo do impossível*, especialmente por causa da alegoria do DNA que praticamente não usou recursos plásticos, teve pessoas com pintura corporal sobre uma estrutura realizando uma coreografia.



Imagem 18 – Carro “Criação da Vida”. Foto Wigder Frota.

Houve imensa repercussão e, mesmo que não fosse algo totalmente novo, aconteceu de tal forma que impactou pessoas que vinham reclamando da “mesmice” nos desfiles. A partir daquele carnaval, Barros ocuparia lugar de destaque entre os carnavalescos do Grupo Especial com um trabalho centrado na ideia do novo, da surpresa, do espetacular até a última potência. Por outro lado, o artista vem recebendo críticas por um suposto exagero nas apropriações de elementos do cinema americano e da Broadway.

O enredo da Beija-Flor para 2005, sobre as missões jesuíticas, foi anunciado oficialmente pela diretoria da agremiação com o apoio do Governo do Rio Grande do Sul e da Prefeitura de São Miguel das Missões. A *Revista Beija-Flor* informava às vésperas do carnaval que a ideia tinha partido de Lafla, pensada anos antes, em meio a uma viagem do

diretor de carnaval pela região sul do país. Abordar o papel dos jesuítas exaltando a expansão da fé cristã favoreceu uma reaproximação com a Igreja depois de recentes atritos.

A escolha de um enredo, assim como sua concepção estética, costuma acontecer a partir de um diálogo com experiências anteriores da própria agremiação, e tendo em vista tendências do momento presente no carnaval. Em 2002 e 2003, a Beija-Flor havia retomado dos tempos de Joãosinho Trinta o embate com a Igreja Católica, por causa do uso de símbolos da tradição cristã em alegorias e na concepção de alas. A repercussão disso não foi favorável para a escola. Em 2003, surgiu a ideia de uma encenação em que Cristo seria representando portando arma. Seria uma denúncia da violência nas ruas do Rio...

Por mais que o enredo tenha sido definido em função da possibilidade de captação de aporte governamental, é preciso observar que a equipe de artistas da Beija-Flor soube desenvolver o tema das missões jesuíticas sem transformá-lo num simples pretexto para apresentação de cenas e paisagens do Rio Grande do Sul como propaganda turística.

Na campanha pelo tricampeonato, a Beija-Flor fez mais investimento em comunicação e criou o jornal de circulação interna *O Beija-Flor*. Conforme apresentado na introdução deste trabalho, esse veículo oficial do grêmio existiu entre 2004 e 2010 com publicação mensal, por vez com uma edição extra no mesmo período, cobrindo os preparativos do desfile e atividades na quadra de ensaios durante o ano inteiro. A distribuição acontecia no barracão e no Centro de Atendimento Comunitário – Néelson Abraão David (CAC-NAD). O jornal reforçava a divulgação do enredo publicando os textos da sinopse e entrevistas com os membros da Comissão de Carnaval e demais profissionais envolvidos na produção do desfile.

A edição de fevereiro de 2005 do jornal registrou com fotografias a participação do então governador Germano Rigotto e do prefeito de São Miguel das Missões no desfile. Antes disso, Rigotto esteve em visita ao barracão, onde literalmente vestiu a camisa da

escola e posou ao lado do patrono Anísio Abraão para uma foto do jornal recebendo um exemplar da edição de 2003 da *Revista Beija-Flor: uma escola de vida*, numa demonstração do apoio político ao projeto de carnaval da agremiação nilopolitana.



Imagem 19. Germano Rigotto e Anísio Abraão.²¹²

Trata-se de agenda pública de um governador de estado com encontro de um dirigente de escola de samba, porém, publicamente conhecido como um dos maiores contraventores do Brasil. A foto por si só não evidencia envolvimento do representante público com qualquer tipo de ilícito, todavia, é extremamente problemática do ponto de vista da ética na gestão pública. Nos anos 2000, poucos anos depois da condenação dos banqueiros do bicho em 1993, tornaram-se novamente comuns e aceitáveis por parcela sociedade aparições públicas de políticos junto com conhecidos chefes da contravenção.

A direção da Beija-Flor atribuiu a conquista do tricampeonato especialmente ao trabalho em equipe da Comissão de Carnaval e à força da “comunidade” no desfile. O foco no lado técnico da organização do desfile era algo muito semelhante ao que já vinha

²¹² C. REVISTA Beija-Flor. *O Beija-Flor*. Ano 1. Fev. 2005. p.11.

fazendo a Imperatriz Leopoldinense nos seus carnavais. Na Beija-Flor, passou-se a trabalhar fortemente o sentimento de pertencimento, a dedicação aos ensaios, mas atentando para que a disciplina não esvaziasse os componentes do seu conteúdo emotivo.

Às vésperas do carnaval de 2005, o jornalista Marcelo de Melo, estudioso das escolas de samba e torcedor da azul e branca de Nilópolis, escreveu um artigo para explicar a ascensão dela no carnaval carioca na segunda metade dos anos 1970. No texto, algumas referências ao enredo de 2005 chamavam atenção justamente para a atitude disciplinada a que haviam se acostumado os desfilantes da Beija-Flor, algo até favorável para a expressão do espírito trabalhado entre os padres integrantes Ordem dos Jesuítas.²¹³

Outro aspecto fundamental do desfile vitorioso foi a qualidade do samba de enredo. Em se tratando da era dos patrocínios, mais uma vez a letra do samba da Beija-Flor foi tratada de modo que não apresentasse referências deslocadas de nomes de cidades ou do próprio Estado do Rio Grande do Sul. Além do mais, o samba possuiu uma abertura fortíssima com a invocação quase completa à Santíssima Trindade: “Em nome do Pai, do Filho / A Beija-Flor é Guarani / Sete Povos / Na fé e na dor / Sete Missões de amor”. Se para a maioria das pessoas do carnaval isto tende a ser uma exaltação da fé cristã, lembrando que a agremiação vinha de enfrentamentos com autoridades eclesiásticas, temos um estudioso como Luiz Antonio Simas para nos chamar atenção do quanto são complexas as culturas de diáspora como o samba. Versos contando a saga dos jesuítas, porém, cantados sob uma estrutura rítmica negra cujo fundamento está nas macumbas cariocas.

A conquista de 2005 consagrou o segundo tricampeonato da história da Beija-Flor. Desde os anos 1970 o seu lugar estava assegurado entre as “grandes” do carnaval carioca, portanto, o mérito da nova fase de vitórias passou a ser explicado pela diretoria e

²¹³ MELLO, Marcelo de. Em Nilópolis, disciplina de jesuíta. *O Globo*, Rio de Janeiro, 10 fev. 2005, Opinião, p.7.

reconhecido na imprensa como a valorização do trabalho coletivo, tanto dos artistas quanto dos participantes do desfile através das alas de comunidade num momento de degradação e fragmentação de laços comunitários que atingia até mesmo agremiações ditas tradicionais.

O novo momento da escola significou um contraponto à ideia exclusivista do artista genial – entenda-se Joãozinho Trinta nas entrelinhas de declarações de Laíla – como único responsável concepção dos desfiles de sucesso. Contudo, as recentes conquistas da Beija-Flor não constituíram um fenômeno que tenha produzido mudança no padrão estético do carnaval, como nos anos 70. A contribuição foi no sentido de revalorização de fundamentos do samba como o ritmo, o canto e a dança, vinculados ao “chão” da escola. Daí a conformação de uma rivalidade entre a escola de Nilópolis, sob o comando de Laíla, e a Tijuca de Paulo Barros, que inclusive teve naquele momento dois vices consecutivos.

A busca pelo tetra atraiu muitas atenções para a Beija-Flor, e também acirrou a disputa geral em vista do empenho das coirmãs para barrar a conquista de um título de tanto peso, inédito para a Beija-Flor como para a maior parte delas. No meio carnavalesco se chegou a falar de um “efeito Beija-Flor” sobre a produção dos desfiles das concorrentes e ainda ganhou força a ideia de que para vencer o concurso elas deveriam se preocupar antes de tudo em vencer a agremiação nilopolitana, um raciocínio típico do futebol.

Agentes do mercado dos patrocínios se voltaram para Nilópolis, tanto que se cogitou entre a própria diretoria da escola a possibilidade de escolha de um tema relacionado a um país, Angola ou Venezuela. Como se sabe isto não aconteceu e o projeto inspirado no país latino-americano acabou sendo abraçado pela direção da Vila Isabel.

O desenvolvimento deste capítulo vem demonstrando que alguns casos de enredos patrocinados, desenvolvidos na forma de homenagens a cidades e/ou estados brasileiros, resultaram em desfiles criativos em termos da arte carnavalesca do samba. São vários os fatores em jogo para alcançar esse sucesso, a começar pela capacidade de negociação da

diretoria da agremiação com os patrocinadores a fim de assegurar a maior liberdade possível para criação dos artistas. Eles precisam conhecer bem o lugar, a sua cultura, para então poderem elaborar uma narrativa significativa tanto no aspecto verbal quanto visual.

O anúncio do enredo para o carnaval de 2006 foi dado na edição de abril do ano anterior no jornal *O Beija-Flor*. No dia 25 desse mês e ano, um encontro no barracão entre integrantes da diretoria da escola e autoridades do município de Poços de Caldas teria resultado na confirmação da cidade turística de Minas como “inspiração” para o enredo. Estiveram diretamente envolvidos na discussão dos detalhes da “parceria” o patrono Anísio Abraão, o presidente administrativo Farid Abraão, e da parte de Poços vieram o Prefeito Sebastião Navarro e o presidente da Câmara de Vereadores, Marcus Togni.



Imagem 20. Comitativa de Poços de Caldas com a diretoria da Beija-Flor.²¹⁴

Observe-se acima a presença do intérprete Neguinho da Beija-Flor, ícone da agremiação do próprio carnaval, sendo o único artista do samba na foto. Personagens como ele cumprem o papel de “embaixadores” em recepções e visitas realizadas para agentes de fora do universo das escolas de samba. Imagine como muitos políticos de atuação local pensam na oportunidade de aparecer ao lado de figuras conhecidas do carnaval carioca.

²¹⁴ Cf. COM A FORÇA de um vulcão. *O Beija-Flor*. Nº. 6. Ano 2. 2006. p.10.

Na mesma matéria, justifica-se o potencial da cidade mineira “dar enredo” por causa de suas características históricas e belezas naturais. É lembrada a existência de uma cultura de desfiles de escolas de samba em Poços e a suposta aprovação da população para o projeto de carnaval do governo municipal junto à Beija-Flor de Nilópolis. O presidente da Câmara de Vereadores é apresentado, inclusive, como dirigente da escola Saci Pô, a maior campeã dos desfiles da cidade, e por isso considera a “Beija-Flor de Poços”.

A ideia do projeto junto com a tricampeã do carnaval carioca teria partido de Marcus Togni, apresentada primeiramente ao seu amigo Tamir Dias, então encarregado de barracão da Beija-Flor. Tamir teria levado a proposta ao conhecimento do escultor Shangai, à época um dos integrantes da Comissão de Carnaval, e então ele passou a tratar com Anísio e Laíla a necessidade de viajar a Poços para estudar melhor a viabilidade do enredo em torno de uma espécie de homenagem à importante cidade turística mineira.

Ainda no final de abril, conforme registro da edição do mês seguinte de *O Beija-Flor*, a Comissão se reuniu com Togni no barracão e a partir dali ficaram definidos o enfoque do enredo e a divisão dos setores do desfile. Já naquele momento estava marcada a posição da escola em fazer da homenagem a Poços de Caldas apenas uma referência dentro do enredo, e não o conteúdo completo do desfile. Uma fala atribuída a Laíla sintetizou esse entendimento: “Vamos falar das águas para chegar a Poços de Caldas”.

Apesar de elogios à Comissão, esse não deve ter sido o resultado mais desejado pelo representante da cidade de Poços na reunião. Entretanto, Togni teria ficado satisfeito pela convergência de interesses alcançada junto à agremiação de tal porte, especialmente no momento em que estava contagiada pela disputado do inédito tetracampeonato. Nas palavras do “sambista” e Presidente da Câmara de Vereadores de Poços de Caldas, estava em jogo a “possibilidade de tornar o desfile um ícone propulsor da venda da imagem da

cidade”. Eu diria até que para ele, pessoalmente, a promoção política por causa de sua atuação direta como articulador do projeto de carnaval era lucro mais do que garantido.

A estratégia de divulgar a cidade através do carnaval envolveu o uso de espaços de publicidade no jornal e na revista da agremiação. Na capa da edição mensal do jornal em que foi publicada a sinopse já era perceptível o apelo propagandístico. O destaque da foto para as águas de uma cachoeira, representativa do ponto de vista da mensagem de preservação, de lazer sem agressão à natureza, da simbologia das religiosidades afro-brasileiras tão influentes no universo do carnaval, e das belezas da própria cidade mineira.



Imagem 21. Capa jornal. ²¹⁵

Nos meses mais próximos do carnaval, edições do jornal trouxeram anúncios oficiais da Prefeitura de Poços fazendo propaganda dos pontos turísticos da cidade. Não tenho notícia de escolas que conseguem produzir jornais e revistas através da venda de

²¹⁵ Cf. *O Beija-Flor*. Nº. 8. Ano 2. 2002.

exemplares, até os *sites* independentes dedicados à cobertura do carnaval sobrevivem com limitações financeiras. Portanto, é bem provável que o patrocínio dos enredos sirva também para o custeio de projetos de comunicação das agremiações. A seguir, observamos o primeiro anúncio de uma série de anúncios, destacando fontes de águas curativas.

O milagre das águas de Poços de Caldas

Poços de Caldas é com certeza uma das maiores estâncias balneárias da América do Sul. Sua história, diretamente ligada às águas, começou a ser escrita a partir da descoberta das primeiras fontes e nascentes de águas sulfurosas, no século XVII. As águas raras e com poderes de cura foram responsáveis pela prosperidade da cidade ainda em seus primórdios, quando as terras começavam a ser ocupadas por ex-garimpeiros, desiludidos com o declínio da atividade aurífera na região das minas.

O poder das águas sulfurosas seduziu nomes ilustres do país, ao longo da história, como D. Pedro II e Getúlio Vargas, e até hoje pode ser destruído nas diversas fontes facilmente encontradas na cidade, como a Fonte dos Micaços. Localizada na Praça D. Pedro II, esta fonte de água limpa, cuja temperatura pode chegar a 41°C, é a mais visitada da cidade. Suas águas sulfurosas, de forte odor, são responsáveis pela lenda mais antiga de Poços de Caldas, que data do início da colonização do município. Numa época de fortes crenças, os primeiros habitantes da região acreditavam que o local era habitado por demônios, tudo por causa do forte cheiro de enxofre que emanava das águas. Hoje, os visitantes no Banheirão Mário Mourão, localizado na mesma praça.

As Termas Antonio Carlos, cujo prédio histórico de estilo neo-romano representa um dos principais cartões-postais da cidade, é outro balneário de Poços muito procurado por seus excelentes serviços. Com banhos, duchas e sauna, as Termas atendem desde pessoas que buscam apenas um relaxamento a pacientes para tratamento médico.

Na cidade também podem ser encontradas fontes de águas radioativas de ação diurética, como a Monjoleiro, e sulfetadas hipertermiais, como a Pedro Botelho. Essas águas brotam do solo a uma temperatura que varia de 17°C a 45°C. Já o Fontanário José de Jacó desperta a curiosidade por possuir uma fonte cuja água mistura-se com óleo.

Poços também é admirada pela qualidade de suas águas minerais. Criada em 1929, aproveitando os recursos naturais da Serra de São Domingos, a Fonte dos Amores atrai turistas pelo cenário romântico que envolve o lugar. Um véu de água cai de grande altura pelos degraus de pedra em meio a um bosque bucólico. Destaca-se, por entre os arbustos, a estátua de mármore de dois jovens abraçados, esculpida pelo italiano Giulio Starace. A seu lado o visitante pode ler, em uma placa de bronze, um poema de Alberto de Oliveira: "Neste recanto o amar tudo convida/Que amor é vida./Amal/Amal/Mas, a quem pôs aqui tanta beleza/A alma da natureza/Uma oração manda:/Omal/Omal".

São as águas que moldam o Véu das Novas. Situada no Ribeirão das Antas, a cachoeira é formada por três quedas d'água. A principal, de dez metros de altura, cujas águas formam corredeiras e avançam em uma velocidade que encanta, numa paisagem entre rochas e mata ciliar. A Cascata das Antas é outra queda d'água que merece ser visitada. De grande potencial hidrelétrico, ela concilia beleza e tecnologia.

As águas que movimentam Poços de Caldas mexem no coração dos turistas que visitam a cidade.

Serviço

Termas Antonio Carlos
De segunda a sábado, das 9h às 13h e das 15h às 21h e domingo, das 9h às 13h.
Tel.: (35) 3697-2317. Parque Afonso Junqueira.

Oferece: banhos, duchas, sauna, massagem e limpeza de pele.

NO SEU PRÓXIMO PASSEIO PROGREME POÇOS DE CALDAS
Aqui se fazem voos!

Visite a mais bela e acolhedora estância hidromineral do país e aproveite suas belezas naturais, as delícias da cozinha mineira e, principalmente, os benefícios de suas águas milagrosas.

PREFEITURA MUNICIPAL DE POÇOS DE CALDAS

Imagem 22. Publicidade da Prefeitura de Poços.²¹⁶

A *Revista Beija-Flor* também teve uma matéria nessa linha, ressaltando a importância do enredo chamar atenção para a necessidade de preservação da água e colocar a cidade de Poços como exemplo nesse sentido. O texto da revista explicava o desenvolvimento histórico da cidade em virtude de suas fontes de águas medicinais.

O título da matéria - ver imagem a seguir - trazia chamada irreverente, convidando para o turismo e ressaltando a posição de suposta superioridade da escola de Nilópolis frente às principais do Rio de Janeiro. Ora, o projeto de patrocínio público para uma

²¹⁶ Cf. O MILAGRE das águas de Poços de Caldas. *O Beija-Flor*. Nº. 10. Ano 2. 2006. p. 3

agremiação de renome tende a ser mais justificável para as autoridades envolvidas, se bem que houvesse uma consulta à população da cidade homenageada seria possível encontrar número significativo de pessoas contra o aporte de verba para qualquer escola do Rio.



Imagem 23. Publicidade da Prefeitura de Poços. ²¹⁷

A sinopse lançada no começo de junho de 2005 teve publicação no jornal mensal da agremiação, junto com entrevista dos integrantes da Comissão: Bira, Fran Sérgio e Shangai. O primeiro se manifestou sobre o fato de o tema água ser recorrente na história recente dos desfiles, inclusive como enredo de dois anos atrás na Beija-Flor que falou de

²¹⁷ Cf. O MILAGRE das águas. RBF. 2006. p. 45.

preservação em meio à homenagem prestada a Manaus. Bira esclareceu que, na linha de enredos seguida pela escola, a concepção do enredo precisa de uma fundamentação histórica sempre envolve temas centrais da formação do Brasil, como a colonização portuguesa, escravidão, heranças indígenas e africanas. Nesse sentido, a pesquisa mais refinada através de diversos recursos e instrumentos teria sido o caminho para a realização de abordagens mais originais e relevantes, segundo o artista.

Como se trata de arte é compreensível que a fundamentação do enredo tenha ampla liberdade conceitual, podendo abrir margens para visões diferentes dentro da própria equipe de trabalho, e até bastante complicadas em termos do que se entende como História. Basta comparar as falas de Fran e Shangai a partir de uma mesma pergunta do jornal.

Beija-Flor: A gente percebe que a escola está fazendo uma incursão na história com uma preocupação de recontar, até de maneira pedagógica, a cada ano. Para 2006, há a questão geográfica de Poços de Caldas, a topografia, a água. Visto isso, como vocês vão montar o carnaval?

Fran Sérgio: Esse ano vamos partir para o não-histórico. Decidimos buscar um caminho diferente dos últimos anos. O último enredo foi bem histórico, uma maravilha de história. Em 2006, vamos percorrer um outro caminho, que é a parte mística da água. Estamos pegando os atlantes, a vinda deles para Poços de Caldas. É um enfoque baseado na mística.

Shangai: Até porque continua, de algum modo, histórico. Estamos contando uma história atemporal, mas história. Contamos a formação da terra, do universo. Falamos que, antes de tudo, havia o poder e a força, porém não existia nada. O que seriam o poder e a força sem o nada? A explosão do caos inicial é exatamente a ordem, é o movimento. Sem isso, nada existe. A explosão tem a ordem como reação, é o caos. A ordem é a reação. Para ver o tamanho da explosão, veja que a reação é do tamanho da ação. A reação formou o universo. Isto é história.

Shangai foi certamente o mais envolvido dos membros da Comissão de Carnaval na produção do desfile de 2006. Enfático na defesa dos enredos patrocinados, devido aos custos atuais do carnaval, ele trabalhou no que poderíamos considerar o estudo de viabilidade para a cidade “virar enredo”, viajando para Poços em busca de informações que dessem suporte para desenvolvimento artístico do desfile.

A trajetória de Shangai vem dos anos 70, no Salgueiro, passando depois por outras escolas exercendo os ofícios de escultor, entalhador, gravador e carnavalesco. Na Beija-Flor desde 1998, o artista se colocava como um entusiasta da concepção da equipe da Comissão, e sobre o funcionamento costumava fazer comparações interessantes:

Costumo dizer que a Comissão dá certo porque somos líquidos homogêneos. Além disso, temos um grande misturador para que desses elementos saia um produto harmônico. Os elementos são eu, Fran Sérgio, Bira e Cid Carvalho. O misturador é o Laíla. E o fixador, seu Anízio, o homem que mais gosta de carnaval Brasil! Nós não temos um papel fixo, vamos onde está a bola. Todo mundo sobe no bloqueio e ataca! A cada ano acontece de uma maneira diferente. Descobri que não sou pesquisador, apenas levo sorte. Descubro coisas talvez por não utilizar a internet. Gosto de livros e costumo frequentar bibliotecas. Percebi que levo sorte também com patrocínio.

No carnaval, a sorte com dinheiro não é garantia absoluta para o sucesso no desfile. Portanto, o caminho seguido pela Beija-Flor para 2006 levou em conta a preocupação diante da situação da escola estar novamente abordando uma cidade mineira, com uma base histórica semelhante no que se refere ao passado colonial. Outro ponto seria a necessidade de redução do número de componentes, tanto nas alas comerciais quanto nas alas de comunidade. Laíla iniciou na Beija-Flor processo de extinção das alas particulares.

Na mesma edição de *O Beija-Flor*, a sessão denominada Papo de Diretoria trazia uma breve entrevista com Anísio e Farid Abraão. Perguntado sobre as expectativas em relação ao enredo, o patrono destacou a sua confiança na equipe de artistas da escola e a liberdade de criação concedida à Comissão. Na defesa da escolha do tema, o presidente administrativo explicitou o enfoque do enredo sobre a questão da água e argumentou que não iria se tratar de um simples projeto patrocinado:

Pode parecer um simples enredo – Poços de Caldas, cidade turística – mas não é. É um tema muito atual, haja vista a preocupação do mundo com a falta de água no futuro. Água é vida, é energia; não se vive sem ela. Temos um tema atual e muito importante. Escolhemos Poços de Caldas, porque foi quem realmente abraçou a Beija-Flor nos patrocinando. Uma parte até pequena, mas o tema é o mais importante. Não fomos para Poços pelos 1,2 milhões.

Teríamos até um tema mais valioso financeiramente do que o seu conteúdo como grande enredo. Fomos para Poços pela várias fontes de águas minerais da região, reconhecidas no Brasil e no exterior. Há um entendimento de grandes cientistas que dizem que onde há água há vida, como visto em missões feitas pelo universo. Temos que pedir a Deus que possamos ter a capacidade de desenvolver bem esse enredo. Nos temas apresentados nos últimos anos, tivemos essa felicidade, e, com a água, não vai ser diferente. Vamos dar uma mensagem muito valiosa nesse carnaval.

Com o desenvolvido definitivo do enredo, a parte plástica no tocante a Poços de Caldas absorveu em sua produção o correspondente a um terço do orçamento do desfile, e ficou realmente com o interesse das autoridades responsáveis pelo patrocínio que desejavam ver nas alegorias e fantasias a expressão de louvor à fama turística da cidade por suas estâncias hidrominerais. A correspondência entre a parte artística do desfile dedicada só a Poços e o valor repassado em patrocínio não foi mera coincidência.

Além da tradicional leitura da sinopse na quadra da Beija-Flor, houve uma apresentação na sede da Secretaria Municipal de Turismo de Poços de Caldas com o objetivo de estimular a participação de compositores mineiros no concurso de sambas de enredo. Uma primeira seleção aconteceu por lá com o objetivo de selecionar os melhores sambas para que depois entrassem na disputa com os concorrentes do Rio de Janeiro.

Trabalhou-se pela construção de um enlace entre Poços de Caldas e a Beija-Flor. Ao longo do ano foram realizadas apresentações da escola, bateria e Velha Guarda. Da parte da cidade, um grupo de pessoas foi mobilizado por Togni para desfilar na Sapucaí.

O Presidente da Câmara de Vereadores esteve oficialmente em reuniões com a diretoria no barracão da Cidade do Samba e em atividades na quadra de ensaios. *O Beija-Flor* registrou, por exemplo, a presença da autoridade no evento “Café com Empresários”, realizado no espaço do camarote do presidente de honra, na quadra, a fim de atrair parceiros comerciais para a Beija-Flor. A realização desse evento resultou numa foto de capa para o jornal da agremiação, com Marcos Togni destacado entre público ouvinte no exato momento da explanação do presidente administrativo da escola, Farid Abraão David.



Imagem 24. Capa do jornal *O Beija-Flor*.²¹⁸

A final do concurso de sambas de enredo costuma ser o acontecimento mais importante no espaço da quadra, trata-se do ponto alto de um processo que pode durar mais de um mês e que por si só constitui um fenômeno social e cultural em meio à produção geral do carnaval. Uma escola grande como a Beija-Flor pode chegar a ter dezenas de composições inscritas, assinadas em média por três ou quatro pessoas, e que mobilizam torcida e músicos para apresentações durante as eliminatórias. Existem as questões de estilo do gênero musical, de performance dos intérpretes contratados, interesses políticos e econômicos envolvidos, identificação do samba com as características do intérprete e da própria agremiação carnavalesca, enfim, tudo isso tem peso no universo do samba de enredo. E a final é um evento que conta com a presença de “celebridades”, convidados especiais dos compositores e, recentemente, representantes dos patrocinadores do enredo.

²¹⁸ Cf. *O Beija-Flor*. Nº 10. Ano 2. 2006.

Na final de sambas do enredo sobre Poços, o Prefeito Sebastião Navarro marcou presença e, inclusive, fez foto posando com a camisa do enredo entre o presidente administrativo da Beija-Flor, Farid Abraão, e o presidente de honra, Anísio. O local do registro é o camarote do patrono, lugar por onde transitam pessoas “ilustres” originárias dos mais diferentes universos sociais, o que marca o prestígio social do patrono e contraventor. É preciso ressaltar que a foto foi publicada num jornal de circulação interna da agremiação, mas mesmo assim atesta-se uma aparição pública do Prefeito de Poços sem preocupação aparente de associação de sua imagem com a do contraventor. Além do mais, como Anísio é um “cabo eleitoral” influente em eleições locais e estaduais, pode-se considerar que para muitos membros da classe política convém aparecer ao seu lado.



Imagem 25. Farid, Navarro e Anísio, final de samba de enredo. ²¹⁹

Em relação ao samba, a referência à cidade de Poços tem registro logo no primeiro refrão: “Sou Beija-Flor / Poços de Caldas é a referência / Do caos inicial à explosão da vida / Sou água nave-mãe da existência”. E também aparece no final da segunda parte da letra (junto com o nome do estado): “Poços de Caldas tu és Minas Gerais / Levanta sobre a

²¹⁹ Cf. UM GRANDE samba. *O Beija-Flor*. Nº 13. Ano 2. 2006. p. 8-9.

Terra suas águas milagrosas / Preservação a sinfonia da vida / Ouço o lamento da natureza que chora / E o clamor que vem das águas / A eternidade pode começar agora”. Como observam Simas e Mussa, pelo menos um de cada refrão nos dois que se costuma compor nos últimos anos para os sambas de enredo têm sido utilizado para expressão do orgulho do pertencimento à agremiação. É a comunicação da escola com ela mesma, o que colabora para a empolgação dos componentes no desfile, e nessa caso da Beija-Flor teve o mérito de não ter ficado com versos que narram uma experiência fora do enredo.

Cantado na avenida, quando se chegava ao verso “Uma grande explosão” a bateria fazia parada longa que, segundo comentaristas de carnaval, não teria sido boa iniciativa porque em algumas vezes isso acabou prejudicando a retomada do andamento do samba.

Marcus Togni, presidente da Câmara de Vereadores de Poços, também compareceu à quadra para prestigiar a final do concurso de samba de enredo e esteve depois na festa de lançamento do CD das Escolas de Samba do Grupo Especial para o carnaval de 2006.



Imagem 26. Lançamento do CD. *O Beija-Flor*.²²⁰

²²⁰ Cf. FESTA do bem. *O Beija-Flor*. N. Ano 2. 2006. p.4-5.

O enredo que partiu da ideia de uma homenagem a Poços de Caldas acabou se transformando numa obra de clamor pela preservação das fontes da água doce e a proteção dos oceanos, citando a cidade mineira como um exemplo de cuidado com tal riqueza. Assim como a obra musical escolhida passa por lapidações depois de composta até chegar finalmente ao desfile, em função dos resultados de ensaios com os componentes que vão apontando caminhos nesse sentido, a abordagem do tema e mesmo a recepção do público mais amplo podem sofrer a influência de uma série de situações durante os preparativos.

Por exemplo, um ponto positivo para a divulgação do enredo da Beija-Flor para o carnaval de 2006 foi uma recepção, no barracão, ao então Ministro da Cultura, Gilberto Gil, artista com histórico de apoio às causas do Partido Verde. Na verdade, Gil estava em visita oficial com várias autoridades às instalações da recém-inaugurada Cidade do Samba.

A seguir, a foto de capa do jornal da escola, uma verdadeira propaganda espontânea através da imagem de Gil ostentando a camisa do enredo oferecida a ele como presente.



Imagem 27. Capa do jornal com Gil.²²¹

²²¹ Cf. O Beija-Flor. N. 15. Ano 2. 15 fev. 2006.

Aparecem na mesma foto Nelsinho David, diretor da agremiação, e o presidente Farid Abraão, que tem longa carreira política e por isso mesmo deve ter se sentido muito satisfeito com a aparição ao lado do grande artista e então ministro. As camisas do enredo se tornaram para todas as escolas de samba do Rio de Janeiro outro importante meio de divulgação, sua venda costuma movimentar um mercado bastante explorado por vendedores ambulantes, para além dos espaços de venda em quadras.

Observa-se na estampa frontal da camisa, exposta na imagem, que não existe referência específica a Poços de Caldas, pois o que se tem é uma representação de uma visão espacial do planeta marcada pelo azul das águas, ressaltando a importância desse elemento na constituição da vida. O símbolo central da agremiação é um pássaro singelo que por si só remete à ideia de natureza. Dois deles aparecem na camisa, junto com flores coloridas, e um deles beija a estrela da esperança pelo título inédito do tetracampeonato.

Numa outra imagem, Gil aparece em cena emblemática. Ele e o então Prefeito César Maia estão numa sala do barracão e fazem a tradicional demonstração de respeito à agremiação beijando o seu pavilhão, aos cuidados da porta-bandeira Selminha Sorriso. O casal de mestre-sala e porta-bandeira atua sempre na recepção e saudação de pessoas ilustres em diversos compromissos sociais da escola de samba e em rituais típicos do mundo do samba, como por exemplo, batizados de agremiações, encontros de casais, velhas guardas, baianas e outras alas. Na quadra da Beija-Flor, são sempre os casais que fazem uma apresentação junto com a bateria para dar início aos ensaios. Selminha e Claudinho fazem religiosamente a saudação a São Jorge e Ogum, protetores da Beija-Flor, aos pés da grande imagem construída como alegoria que foi depois consagrada na quadra.



Imagem 28. Sirkis, Gil, Selminha Sorriso e César Maia.²²²

Do ponto de vista propriamente político, a força dessa imagem é reveladora do potente instrumento político construído nesse sentido a serviço família Abraão David. Um escola de samba da Baixada Fluminense que tem seu barracão no Centro do Rio de Janeiro, sendo um espaço de articulação com autoridades públicas de peso. Um ministro que é, ao mesmo tempo, uma dos artistas mais importantes da história da música brasileira, homem negro baiano, afinado com o universo musical do samba carioca. Por sua vez, César Maia vinha construindo desde seu primeiro mandato no começo dos anos 90 uma aproximação com o universo do samba, especialmente dos dirigentes. Foi ele quem concretizou o processo de entrega da gestão da festa a LIESA e ainda foi o responsável pela construção da Cidade do Samba, arrendada às escolas de samba e que passou a ter uma Prefeitura própria, comandada pelo filho do banqueiro do bicho Capitão Guimarães, naturalmente sob a indicação do poderoso pai influente chefe da contravenção e comandante da LIESA.

O desfile da Beija-Flor acabou confirmando uma percepção que surgiu no meio das escolas de samba antes mesmo do carnaval. O enredo deu um tratamento relativamente

²²² Cf. O MINISTRO cantor visita a casa da Beija-Flor. *O Beija-Flor*. Nº 15. Ano 2. 15 fev. 2006. p.6.

excessivo aos mares em detrimento dos rios, e tendo em vista que a cidade homenageada pelo poder de suas fontes de águas medicinais se localiza num estado brasileiro que não é litorâneo. Talvez a expectativa frustrada com a promessa de um investimento mais alto na produção do desfile tenha influenciado a mudança de abordagem que ficou tão evidente.

Somente o sétimo e o oitavo setores foram dedicados com exclusividade à cidade. A penúltima alegoria representava o extinto vulcão sobre o qual Poços de Caldas teve sua construção. Fechando o desfile, vinha uma alegoria que representava o nascimento da cidade mineira como sendo a volta dos míticos atlantes, uma versão de sua vocação para o uso sustentável das águas medicinais a serviço do seu povo e de todos os visitantes.



Imagem 29. “Carro Poços de Caldas – a Cidade das Águas – a Nova Atlântida”.

Foto: Wigder Frota.



Imagem 30. Carro “O retorno dos atlantes – o equilíbrio do planeta e o futuro da humanidade”. Foto: Wigder Frota.

Comparando-se as duas alegorias em termos estéticos, fica claro que a primeira recebeu um tratamento mais convencional quanto ao estilo carnavalesco. A imagem rústica do vulcão, a origem colonial da cidade, tudo isso facilita o emprego de recursos já bastante utilizados nos desfiles. Destaques usando fantasias exuberantes na linha barroca, muito coloridas, adereçadas com plumas e grandes esplendores e chapéus. Já a última alegoria contou com a aposta num estilo futurista, que nunca foi o forte da Beija-Flor e sim de carnavalescos que passaram pela Mocidade como Renato Lage e Lílian Rabelo. Formas cônicas, cores metálicas, neons, adereços e esculturais que transmitiam uma impressão de fundo do mar até muito mais próxima de cenas espaciais da ficção científica no cinema.

Enfim, as apostas da escola sofreram por alguns equívocos, e mesmo assim fez bom desfile que lhe assegurou a vaga entre as Campeãs, mas em quinto lugar. Para uma escola que desde 1998 vinha aparecendo em primeiro ou segundo, e entrou empolgada com a chance de um inédito tetracampeonato em 2006, a quinta posição gerou frustrações e isso

provavelmente obrigou a refletir sobre possíveis erros cometidos. Logo após o desfile, o carnavalesco Cid Carvalho, integrante da Comissão de Carnaval desde a primeira formação, anunciou sua saída e foi tentar voo solo na campeã Unidos de Vila Isabel.

Coincidentemente, veio para a agremiação nilopolitana Alexandre Louzada, o carnavalesco campeão daquele mesmo ano pela própria Vila Isabel, com o enredo sobre a latinidade cujo patrocínio do governo venezuelano, por meio de sua estatal do petróleo, havia sido oferecido primeiro para Beija-Flor. Louzada deixou a Vila descontente com a atitude da diretoria de lá ao atribuir coautoria a Joãozinho Trinta no enredo *Soy loco por ti, América: a Vila canta a latinidade*. E para piorar a situação, houve o anúncio de que Joãozinho participaria como carnavalesco na produção do próximo carnaval.

A convite de Laíla, com quem havia trabalhado na Acadêmicos do Grande Rio em 1993, o carnavalesco transferiu-se para a Beija-Flor para ser mais um integrante da Comissão de Carnaval. Houve um cuidado, especialmente da parte do Diretor Geral de Carnaval, em esclarecer que os preparativos do desfile continuariam sendo realizados em equipe, sem que ninguém por vaidade ou autoritarismo se sobrepusesse aos pares. Por sua vez, Louzada demonstrou conhecimento aceitação da estrutura e da organização de trabalho na agremiação, lembrando que já tinha sido chamado duas outras vezes antes por Laíla para integrar a Comissão - uma delas justamente na primeira formação em 1997 - mas que então resolveu aceitar por saber que seria capaz de contribuir com a Comissão.

Em entrevista para *O Beija-Flor*, numa edição de meados de março de 2006, Louzada falou sobre suas expectativas em relação ao trabalho com o grupo de artistas.

O Beija-Flor – Você já conhecia os outros membros da Comissão? Como será a estrutura de trabalho com eles?

Louzada – Já conheço todos eles. Como disse, quando a Comissão foi formada, também fui convidado. Conheço inclusive os que já deixaram a Comissão. O carnaval se incumbe de nos aproximar, nos deixar mais íntimos. Conheço o

Shangai há muitos anos, antes mesmo de vir para a Comissão. Já conhecia o Bira e o Fran Sérgio. Tenho certeza de que não vou ter dificuldade de trabalhar com eles. Todos vão gostar de mim. E eu já gosto de todos eles. O negócio é saber pisar onde está chegando. Tenho que respeitar o espaço de cada um, e eles o meu.

O Beija-Flor – Todo carnavalesco tem um estilo próprio. E cada escola tem um peso diferente. Você terá que adaptar o seu estilo nessa mudança de casa?

Louzada – Cada escola tem a sua tradição, o seu modo de trabalho, mas o estilo é imposto pelo carnavalesco. Aqui na Beija-Flor são várias cabeças pensando. Criou-se um estilo de carnaval. Mas vou dar um diferencial a isto. A Beija-Flor vai mudar um pouquinho. A Comissão permanece desde quando foi formada, mas agora vai entrar uma pessoa com características diferentes. Alguma coisa vai mudar. Não sei se sensível ou drasticamente. O Laíla falou o seguinte: se eles não achassem que precisavam de uma outra pessoa não teriam me chamado. Sinto-me feliz com essa colocação, porque é sinal de que estarei somando. Vou poder dar a minha marca. Não será o carnaval com a marca do Alexandre sozinho, mas vai ter algo meu. Assim como dos outros da comissão também.

No final da mesma entrevista, Louzada informa que trouxe consigo propostas de enredo que apresentaria para a diretoria e os colegas da Comissão, e que já se sentia confiante ao saber que o patrono Anísio Abraão asseguraria o desenvolvimento de um tema mesmo sem vínculo de patrocínio caso fosse mais apropriado para a escola.

O anúncio oficial do enredo aconteceu no dia 12 de maio de 2006, véspera do dia da assinatura da Lei Áurea, em 1888, e da celebração dos Pretos Velhos na Umbanda. A escolha desta data para o anúncio não foi por acaso, conforme explicação da própria diretoria, pois mais uma vez em sua história a Beija-Flor iria desenvolver um enredo afro.

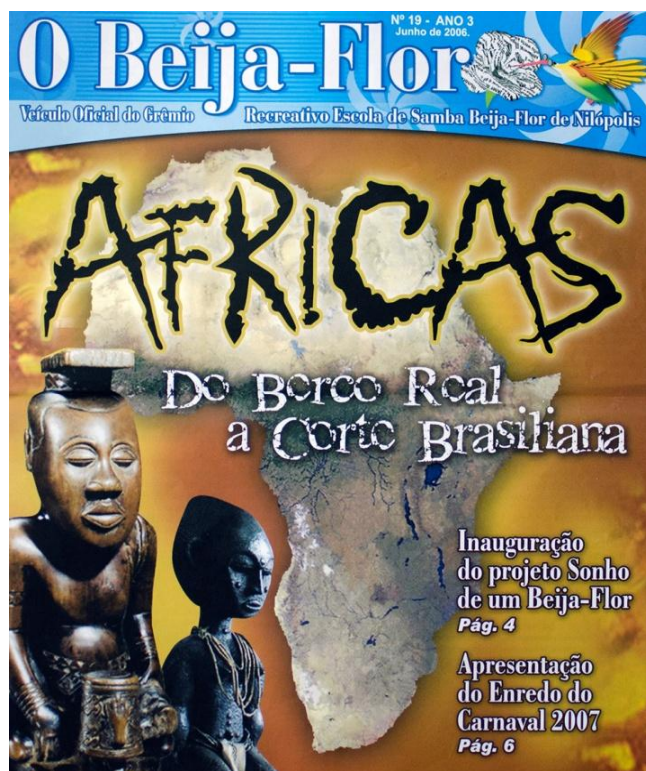


Imagem 31. Capa do jornal.²²³

Depois que o Salgueiro de Fernando Pamplona e Arlindo Rodrigues, nos anos 1960, consagrou o desenvolvimento de temas relacionados à história e à cultura dos africanos escravizados no Brasil, as pessoas do samba passaram a ter muita simpatia por enredos nessa linha.²²⁴ Assim como o Salgueiro, a Beija-Flor construiu para si a partir do trabalho de Joãozinho Trinta o perfil de uma escola identificada com tais enredos, basta lembrar alguns com bons resultados: *A criação do mundo na tradição nagô* (1976, 1º. lugar), *A grande constelação das estrelas negras* (1983, 1º. lugar), *Sou negro, do Egito à liberdade* (1988, 3º. lugar) e *A saga de Agotime – Maria Mineira Naê* (2001, 2º. lugar).

²²³ Cf. *O Beija-Flor*. No. 19. Ano 3. 2006.

²²⁴ Cf. PAMPLONA, Fernando. *O encarnado e o branco*. Rio de Janeiro: Novaterra Editora, 2013; GUARAL. *Nem melhor, nem pior: Os Acadêmicos do Salgueiro e a história do negro nos desfiles dos anos de 1960*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015.

Áfricas – do berço real à corte brasileira foi uma proposta apresentada por Alexandre Louzada e que teve total aprovação de Lafla. O carnavalesco conta que tinha essa ideia há muito tempo, sendo inclusive do conhecimento do diretor de carnaval desde quando eles dois trabalharam juntos na Grande Rio. Em diversas exposições sobre o enredo, Louzada foi enfático ao colocar sua preocupação em evitar a repetição de histórias de dor e sofrimento dos africanos escravizados. O próprio título expressa o reconhecimento de que as sociedades africanas antes mesmo do tráfico atlântico tinham Estados estruturados, governados por soberanos de dinastias muito antigas, e que isso costuma ser esquecido até nos conteúdos das escolas de educação básica em nosso país. A intenção do carnavalesco seria trabalhar as experiências de luta contra o sistema escravista abordando as estratégias de reinvenção da vida e as expressões das culturas de diáspora no Brasil. O sentido de realeza no enredo estaria associado à riqueza cultural dos povos africanos.

Um trecho da sinopse ilustra bem esse posicionamento:

Hoje o samba vem mostrar seu legado e faz do pranto lembranças distantes, das lágrimas, pérolas e diamantes, do sofrimento e da resistência, o seu rico tesouro.
Vem transformar o banzo, o sentimento acorrentado num elo forte de ouro, uma aliança com Aruanda, da trajetória dos tumbeiros, criar uma odisseia de bravura de quem venceu o inferno mar, na travessia da Calunga levar uma oferenda como quem se entrega ao destino no doce abraço de Iemanjá e no violento jogo do oceano, uma dança a cada onda, vislumbrando no horizonte a esperança de outra África por encontrar.

Apesar do forte costume dos enredos nessa linha trazerem muitas referências do culto aos orixás, o carnaval da Beija-Flor foi sensível à diversidade das culturas de diáspora no Brasil e abordou expressões das heranças bantas e da religiosidade de origem daomeana, que é tão marcante no Maranhão conforme mostrou o enredo de 2001. O projeto de *Áfricas* foi autoral, ou seja, não foi pensado *a priori* para contar com captação

de patrocínio governamental ou empresarial, e isso explica porque nenhum país africano teve seu nome mencionado na letra do samba ou aspecto cultural representado em alegoria.

Contudo, a Beija-Flor conquistou um apoio político importante do Governo Federal, provavelmente fruto da aproximação estabelecida com o enredo de 2003 em que se abordou o tema da fome com uma louvação do Programa Fome Zero e homenagem da Lula. O Presidente havia criado a Secretaria Nacional de Igualdade Racial e vinha desenvolvendo também uma política externa de aproximação com países do continente africano, o que contou inclusive com comitivas do presidente em sete visitas em África relacionadas a interesses estratégicos do Brasil na área econômica.²²⁵ Se não houve investimento governamental direto na produção do desfile, na época do lançamento da sinopse também foi anunciado o projeto “Sonho de um Beija-Flor”, financiado com recurso da Petrobrás para desenvolvimento de um curso de balé e atividades e atividades esportivas nas dependências do Parque Aquático da quadra da Beija-Flor de Nilópolis. A obtenção de recursos públicos para o custeio de projetos vinculados à agremiação carnavalesca cria uma desoneração que permite centralização de recursos na produção do desfile, e ainda assegura de forma muito conveniente prestígio político para o patrono.

Durante os preparativos do carnaval, a Ministra Matilde Ribeiro, da Secretaria de Igualdade Racial, esteve em visita oficial ao barracão da Cidade do Samba, conforme registrou em foto o jornal *O Beija-Flor*. Faz todo sentido uma representante do governo com a responsabilidade da referida pasta cumprir agenda junto a atividades de instituições das culturas de diáspora. Entretanto, vale ressaltar a aproximação com uma escola de samba, que pertence a um universo cultural distante do cotidiano, da prática de pesquisa e mesmo da militância de muitos intelectuais acadêmicos até o momento presente. Aqui

²²⁵Cf. VISENTINI, Paulo Gustavo Fagundes e PEREIRA, Analúcia Danilevez. “A política africana do governo Lula”. p. 4. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/nerint/folder/artigos/artigo40.pdf> Acesso em 22 mai. 2017 às 22:00.

tomo como base observações que faço no meio universitário e político, considerando especialmente pessoas da minha relação pessoal que estudam cultura brasileira. A percepção de que escolas de samba são dominadas pela contravenção, de que estão culturalmente “manipuladas” pelos interesses da mídia e do mercado, deixando de ser genuínas expressões culturais negras de resistência, tudo isso faz com que pensadores e agentes políticos importantes se mantenham distantes do necessário conhecimento delas.



Imagem 32. Farid, Matilde, Bira (Comissão) e Maria Ceixa (atriz, assessora da Min.). ²²⁶

Já foi falado neste capítulo a respeito da articulação dos dirigentes da Beija-Flor com autoridades de diferentes esferas de governo. Contudo, o fato é que as escolas de samba devem ser contempladas por políticas de cultura de longo prazo que reconheçam a sua importância como instituições que produzem saberes, educam as camadas populares e servem a elas como espaço fundamentais para construção de laços de solidariedade.

O barracão como uma grande oficina de produção de arte incorpora muitos trabalhadores, sem imposições em relação à etnia, religiosidade e gênero. A foto acima, tirada na sala da presidência, tem ao fundo uma imagem de parede com a representação

²²⁶ Cf. AGENDA. *O Beija-Flor*. Nº 27. Ano 4. p.2

umbandista de Iemanjá. Ora, em quantos espaços de trabalho no Brasil há esse tipo de decoração? Daí a contribuição que as escolas de samba, mesmo tendo problemas graves na sua organização social, dão para o fortalecimento da cidadania no Brasil contemporâneo.

Deve-se problematizar essa tendência para o igualitarismo pelo fato desse processo se dar um ambiente de trabalho arriscado do ponto de vista de acidentes e que funcionada em ritmo bastante exaustivo quando se aproxima o carnaval, sem falar nas contratos informais que geram precariedade das condições de inúmeros profissionais. Mesmo assim, são muitas as histórias de pessoas que chegaram sem nenhuma formação, tendo nível de escolaridade muito baixo, mas que descobriu uma vocação nesse universo. O trabalho exaustivo não deixa de conter um sentido de realização diante da construção de alegorias que surgem de trabalho com técnicas elaboradas e criador de beleza estética.

Uma mensagem de Lula saudando o enredo da Beija-Flor para o carnaval de 2007 foi publicada entre as primeiras páginas da revista anual da agremiação. É mais uma prova da estratégia de aproximação política do governo com o universo do samba através de instituições da cultura de massa com forte penetração nas camadas populares.

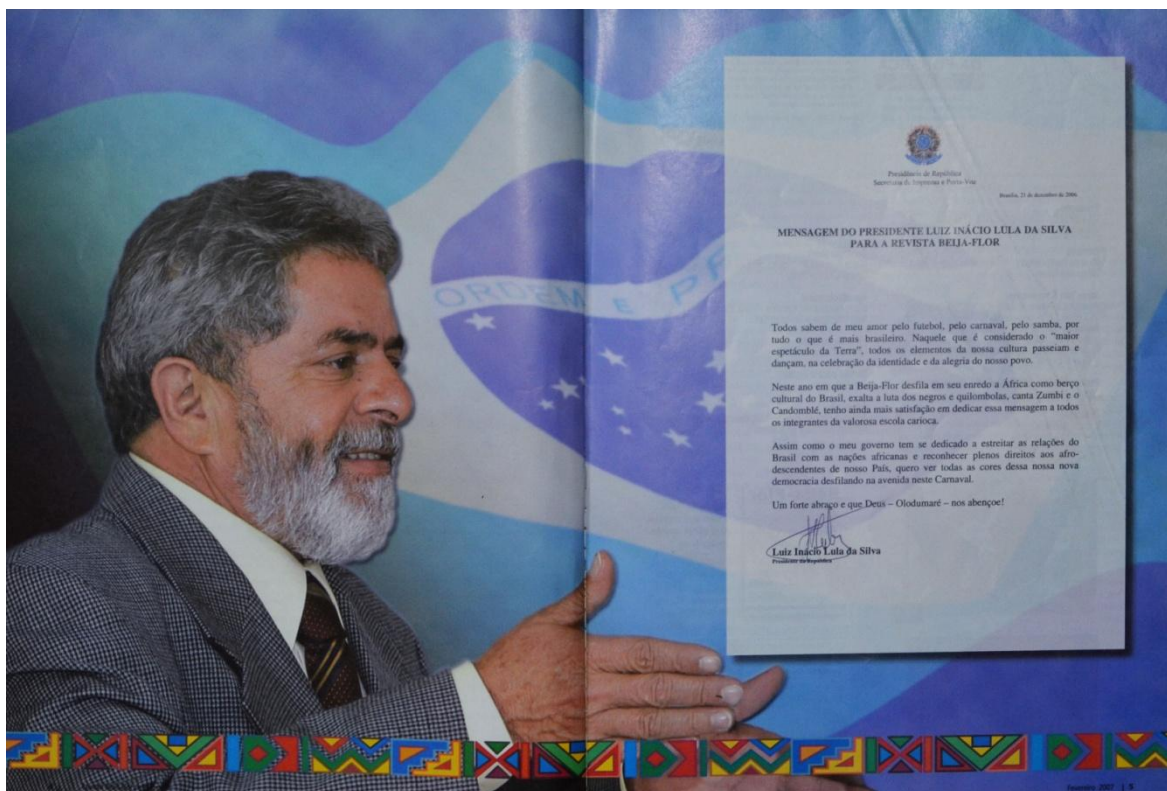


Imagem 33. Mensagem do Presidente Lula.²²⁷

Eis a transcrição do texto:

Presidência da República
Secretaria de Imprensa e Porta-Voz
Brasília, 21 de dezembro de 2006.

MENSAGEM DO PRESIDENTE LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA PARA A REVISTA BEIJA-FLORES

Todos sabem do meu amor pelo futebol, pelo carnaval, pelo samba, por tudo o que é mais brasileiro. Naquele que é considerado o “maior espetáculo da Terra”, todos os elementos da nossa cultura passeiam e dançam, na celebração da identidade e da alegria do nosso povo.

Neste ano em que a Beija-Flor desfila em seu enredo a África como berço cultural do Brasil, exalta a luta dos negros e quilombolas, canta Zumbi e o Candomblé, tenho ainda mais satisfação em dedicar essa mensagem a todos os integrantes da valorosa escola carioca.

Assim como o meu governo tem se dedicado a estreitar as relações do Brasil com as nações africanas e reconhecer plenos direitos aos afrodescendentes de nosso país, quero ver todas as cores dessa nova democracia desfilando na avenida neste Carnaval.

Um forte abraço e que Deus – Olodumaré – nos abençoe!

Luiz Inácio Lula da Silva
Presidente da República

²²⁷ Cf. *RBF*. 2007. p. 6 e7.

Discurso condizente com a estratégia adotada pelo Presidente buscando consolidar sua base política entre os setores mais pobres da população. Petistas e outros políticos e militantes do campo das esquerdas estiveram recentemente bastante vinculados ao circuito alternativo de rodas de samba da cidade que é em boa parte independente do poder que os contraventores do Rio de Janeiro exercem sobre as agremiações carnavalescas, sem falar nos blocos que desde o início dos anos 2000 passaram a ter importância de peso nos festejos carnavalescos cariocas. Jornalistas identificados com tal campo político e afinados com carnaval, consultados por mim no âmbito desta pesquisa chamam atenção para a mudança de foco dos próprios jornais do grupo Globo nos últimos tempos, com o direcionamento de Globo para a cobertura dos blocos, mas concentrados no Centro e na zona sul do Rio de Janeiro; e do Extra, voltado para os preparativos dos desfiles das escolas de samba tradicionalmente sediadas no subúrbio carioca e na Baixada Fluminense. Ou seja, confirma-se uma tendência da classe média carioca, da qual é originária a maior parte dos intelectuais, inclusive de esquerda, de aproximar-se mais dos atuais blocos.

A edição de 2007 da *Revista Beija-Flor* trouxe também uma pequena entrevista com a Embaixadora da África do Sul no Brasil, Lindwie Zulu, falando sobre experiência de luta do povo sul-africano contra o regime de *apartheid*, a questão racial no Brasil e possíveis iniciativas para o governo do nosso país enfrentar o problema do racismo.

O fato do enredo de uma escola de samba motivar esse tipo de debate é prova do quanto essa instituição é relevante para a cultura brasileira. E ainda mostra um caminho de ação cultural para promoção do diálogo no âmbito das relações internacionais, justificando a manifestação de apoio da Presidência da República à iniciativa do enredo. Não se trata de um caso de enredo de homenagem, porém, fica evidente a articulação de interesses políticos da parte de todas as instituições envolvidas no processo de negociação.

O carnaval da Beija-Flor recebeu avaliação muito positiva dos comentaristas da TV Globo durante a transmissão. E do conjunto de comentaristas das mídias alternativas também. Ressaltava-se a estratégia da direção de carnaval para a mobilização de sua comunidade de desfile com a escolha de um enredo afro propício para a identificação dos simpatizantes da agremiação e de acordo com experiências anteriores de sucesso.

A vitória foi marcante para o ano de estreia de Alexandre Louzada como integrante da Comissão de Carnaval. Ele teve ao mesmo tempo a conquista do primeiro bicampeonato de sua carreira, lembrando o campeonato anterior com a Vila. Essa consagração atraiu atenções da imprensa para a atuação de Louzada no âmbito da equipe da Comissão.

Durante os dois mandatos do Presidente Lula, o governo federal buscava se aproximar das escolas de samba inclusive proporcionando recursos para o financiamento do carnaval e desenvolvimento de projetos educacionais e esportivos. Isto ocorreria de maneira mais firme depois do registro do samba do Rio de Janeiro como patrimônio cultural imaterial, em 2007, por obra dos pesquisadores articulados junto ao Centro Cultural Cartola, sob a direção da sambista pesquisadora acadêmica Nilcemar Nogueira.

Ainda no primeiro mandato de Lula foi criado o Programa Escola de Fábrica que visava promover a formação de jovens estudantes da rede pública, de baixa renda familiar, em diversas modalidades profissionais. Com isso, a Escola Técnica Federal de Química – hoje é Instituto Federal do Rio de Janeiro – articulou uma parceria com a Escola de Samba Beija-Flor e a Prefeitura de Nilópolis para desenvolver cursos profissionalizantes relacionados à confecção de fantasias, montagem de carros alegóricos e pintura corporal. Como docente contratado para o projeto, recurso que o curso oferecia aos alunos aulas de disciplinas regulares e temas transversais, realizadas nas dependências do Centro de Aperfeiçoamento Comunitário Nelson Abraão David, localizado no espaço da antiga quadra da Beija-Flor, e ainda havia aulas práticas com instrução de artesãos no barracão.

É provável que tenha havido influência do deputado federal Simão Sessim para viabilizar esse projeto. Ele costuma de colocar como responsável pela instalação da unidade do antigo CEFET em Nilópolis por meio de sua atuação parlamentar junto ao Governo Federal. Conhecidos meus, entre atuais professores do IFRJ e ex-alunos, relatam que o deputado tem simpatizantes entre os profissionais da instituição e através disso ele procura se promover politicamente, inclusive adentrando a vida administrativa da unidade.

Pouco depois do carnaval de 2007, a euforia da Beija-Flor foi atingida pela denúncia de manipulação no julgamento dos desfiles. Através de escutas telefônicas feitas por policias federais da Operação Furacão, deflagrada no mês de abril, foram identificados indícios de irregularidade. Conforme comentado no primeiro capítulo, houve abertura da CPI do Carnaval para investigações sobre a organização da festa. Ao final da CPI as suspeitas não foram confirmadas, e depois não houve da parte dos dirigentes da LIESA maiores esforços a fim de dar mais transparência ao processo de escolha dos jurados.

A edição da *Revista Beija-Flor* para o carnaval de 2008 dedicou nas primeiras matérias um conteúdo especial chamando atenção para os desafios que envolveriam a produção de um desfile do porte das escolas de samba do Grupo Especial e, sobretudo, para a conquista de um título. Evidentemente, a intenção era justificar o mérito da agremiação nilopolitana em suas recentes vitórias, depois da imensa repercussão negativa com a divulgação das suspeitas da Polícia Federal nas páginas dos jornais cariocas.

Em “Beija-Flor de Nilópolis cumpre seu dever na Avenida”, o jornalista Ricardo da Fonseca, um dos editores da *Revista Beija-Flor*, coloca que dedicação e trabalho seriam importantes para quaisquer agremiações, e comuns a todas do Grupo Especial. A escola, por sua vez, teria um diferencial, discutido em matérias produzidas para a edição de 2008.

É interessante que o referido texto segue com uma parte intitulada “A credibilidade do julgamento”, na qual se promove um elogio à “competência” da LIESA na organização

dos desfiles e especialmente ao trabalho do então diretor cultural da entidade, o pesquisador Hiram Araújo. A responsabilidade pelo julgamento foi transferida do poder público para os dirigentes das escolas de samba em meio às discussões para realização do carnaval de 1987, quando Anísio Abraão era o presidente da LIESA. Hiram ficou encarregado da coordenação de jurados e, segundo conta à Revista, desenvolveu trabalho pioneiro de formação, estabelecimento de critérios de julgamento e justificativas de notas. Os métodos desenvolvidos teriam sido adotados, inclusive, por outras associações.

Depois dessas considerações, a matéria de Ricardo da Fonseca parte para explicar o diferencial atribuído a Beija-Flor como justificativa dos seus títulos no carnaval. E nisso entra o essencial do trabalho de comunicação da agremiação, ou seja, a promoção dos profissionais que trabalham junto a ela, da diretoria e da “comunidade”, e a liberdade de criação dos artistas somada à disposição de apostar em novos talentos. Tudo isso é apresentado como algo que depende especialmente da figura do patrono Anísio Abraão David, referendado pelos depoimentos de artistas de peso no carnaval, como a professora e carnavalesca Maria Augusta, do reconhecido diretor de carnaval Laíla, e de revelações da própria escola, no caso o carnavalesco e comentarista de TV Milton. Por fim, as explicações do jornalista Ricardo da Fonseca sustentam a existência de provas da seriedade da LIESA no julgamento e do mérito da agremiação nilopolitana, cuja trajetória de conquistas seria motivo para o afastamento de suspeitas de manipulação em seu benefício.

Escolas campeãs no Grupo Especial costumam receber propostas de enredo até mesmo sem pedido da diretoria. O enredo de 2008 da Beija-Flor, por exemplo, teria surgido de uma aproximação espontânea entre o então Secretário Municipal de Cultura de Macapá, Sérgio Lemos e Alexandre Louzada. À *Revista Beija-Flor*, o carnavalesco contou que recebeu de Lemos o convite para fazer um *workshop* sobre produção de carnaval que veio a acontecer na cidade do Amapá, e lá teria brincado com o Secretário dizendo que

Macapá daria um bom enredo. Lemos levou a história a sério e incentivou o artista a conhecer melhor a cidade, municiando-o com materiais de pesquisa. Como se não bastasse, Louzada aproveitou a presença no lugar para fazer mais observações de sua cultura.

O desenvolvimento do enredo foi traçado por Alexandre Louzada, contando com a experiência dos artistas da Comissão de Carnaval na realização de outros projetos na linha de homenagens e que, em dois carnavais recentes, foram vitoriosos: 1998 e 2004.

O carnavalesco conta que conseguiu consolidar na escola de Nilópolis uma trilogia idealizada por ele e que começou na Vila Isabel, com a latinidade. Na Beija-Flor foi dado o segundo passo, com *Áfricas*, e teve o fechamento com *Macapaba – equinócio solar: viagens fantásticas ao meio do mundo*, abordando a herança cultural indígena na formação da cidade localizada na região norte do Brasil. Vale lembrar que a escola estava fazendo uma segunda “viagem” ao norte do país, pois havia homenageado Manaus em 2004.

O imaginário de uma cidade formada através da chegada de viajantes de diferentes povos foi o que norteou o desenvolvimento de *Macapaba – Equinócio Solar – viagens fantásticas ao meio do mundo*. Com base em narrativas míticas, nos saberes e costumes que constituem herança cultural multifacetada do lugar, marcado ainda pela significativa posição geográfica cortada pela linha do Equador, os integrantes da Comissão de Carnaval trabalharam para a construção de uma narrativa didática, linear e claramente estruturada.

Enredos na forma de homenagens a cidades e estados brasileiros costumam levantar suspeitas de ilícitos nos acordos de patrocínio estabelecidos entre governantes e dirigentes de escolas de samba, estes muitas vezes conhecidos por sua ligação com os chefes da contravenção. Além disso, trata-se de projetos culturais com investimento público que acontecem fora dos domínios territoriais dos governos. Sem falar nos péssimos exemplos de falta de criatividade da parte de algumas agremiações que fizeram carnavais nessa trilha. Contudo, reafirmo a necessidade de reconhecermos o quanto é relevante para

um povo que até hoje se conhece mal ter a oportunidade de ver sua grandeza territorial e a rica diversidade cultural representadas através da arte carnavalesca das escolas de samba.

No âmbito desta pesquisa, entrevistei Carlos Carvalho, cenógrafo e pesquisador da área de Artes que trabalhou como auxiliar direto de Alexandre Louzada na produção dos carnavais de 2007, 2008 e 2009.²²⁸ Carlos conta que viajou junto com integrantes da Comissão de Carnaval para Macapá a fim de aprofundar pesquisas para o enredo, e lá houve atividades com dançarinos e ritmistas da escola. O diálogo com artistas locais, na visão do cenógrafo, proporcionou uma rica experiência para todos e a Comissão ainda pode contar com a participação de tais artistas em aspectos da produção do desfile.

Carlos não considera que tenha existido alguma interferência indevida da parte dos patrocinadores na concepção do enredo ou mesmo no seu desenvolvimento. Ressalta que Louzada não é um carnavalesco que se nega, *a priori*, a pensar a realização de projeto de enredo com patrocínio, porque seria um artista de muita capacidade de diálogo, experiente na dinâmica coletiva do trabalho na produção do carnaval, e ciente da grande responsabilidade da administração do custos no atual contexto de comercialização da festa.

Duas coincidências teriam sido inspiradoras para proposição de um enredo em homenagem à cidade pelos seus de 250 anos. O desfile da Beija-Flor provavelmente ocorreria no dia do aniversário, consagrando uma saudação aos habitantes de Macapá na Passarela do Samba carioca através de transmissão de televisão com repercussão mundial. Outro ponto fundamental mencionado pelo carnavalesco foi o conhecimento de uma espécie rara de beija-flor, o chamado Brilho-de-fogo, que tem *habitat* em terras do estado do Amapá. A descoberta foi tão importante para concepção do desfile que o carro abre-alas veio com uma escultura representando a “viagem” da escola à terra do Brilho-de-fogo.

²²⁸ CARVALHO, Carlos. Entrevista concedida ao autor em: 30 Jun. 2016.



Imagem 34. Carro abre-alias “Brilho de Fogo – Rastro Iluminado ao Paraíso do Fenômeno Solar”. Foto: Wigder Frota.

O abre-alias tem naturalmente importância especial pelo papel que cumpre no enredo, pelo que narra. Apresenta luxo e grandiosidade, basta ver as proporções da alegoria no conjunto da imagem fotografada, sem falar no uso intenso de acetatos dourados na decoração da escultura do pássaro e detalhes de labaredas como referência ao astro-rei.

No caso da Beija-Flor são os melhores aderecistas do barracão que se encarregam da decoração do abre-alias, até porque é nesse carro que sempre desfila como destaque principal a esposa do presidente de honra, “primeira-dama”, e com ela familiares e amigas fazendo “composições de carro” – destaques secundárias colocadas nas pontas dianteiras e nas laterais, a exemplo da imagem. Portanto, podemos imaginar o cuidado redobrado com a segurança na montagem dessa alegoria. O tratamento estético refinado, a decoração com

os melhores materiais plásticos, a qualidade dos artistas, todo isso é também ostentação de riqueza, com a posse de uma bela mulher, em demonstração de poder do patrono da escola.

Comentaristas de TV pela Rede Globo observaram durante a transmissão que a “comunidade” da Beija-Flor estaria ressentida com questionamentos acerca do mérito da escola na vitória do carnaval anterior. Os componentes teriam se apresentado com o objetivo de dar uma demonstração redobrada de garra e orgulho, como sugeria o primeiro refrão do samba: “O meu valor me faz brilhar / Iluminar o meu estado de amor / Comunidade impõe respeito / Bate no peito eu sou Beija-Flor”. Como já foi comentado neste capítulo, uso de um dos refrões como uma espécie de “grito de guerra” passou a ser uma marca das escolas, especialmente na Beija-Flor, e os compositores investiam nisso até pensando como fórmula de sucesso para valorização de suas obras nas disputas internas.

Mais uma vez, a Beija-Flor foi campeã e, a despeito de suspeitas no julgamento, conseguiu mostrar que um enredo “CEP”, se desenvolvido de forma competente e tratamento artístico criativo, pode ser bem avaliado pelos componentes, público e júri.

A liberdade para Louzada propor o enredo de 2009 seria em parte reconhecimento do prestígio acumulado pelo carnavalesco com três vitórias consecutivas. Carlos Carvalho relatou para mim que as negociações do aporte financeiro no carnaval de 2008 teriam ficado totalmente a cargo da diretoria, mas que em 2009 o encaminhamento do projeto, concebido pelo próprio Louzada na perspectiva de captar recursos de patrocínio, envolveu o carnavalesco diretamente nas negociações e com o auxílio profissional técnico de Carlos.

O enredo trataria do costume do banho abordado em diferentes períodos históricos e contextos culturais, de modo que fosse uma exposição didática e linear e não uma narrativa conceitual. O tipo de empresa potencialmente interessada numa campanha de marketing através do enredo seria uma ligada a segmentos de higiene pessoal e cosméticos.

Carlos Carvalho conta que foi responsável por articular um processo formal de negociação com representantes de marketing da multinacional Gessy Lever, e levado a isso depois de ter conhecido um livro editado com patrocínio desse grupo empresarial cujo tema era justamente o banho. Aconteceram reuniões para apresentação do projeto artístico, comunicação formal por e-mail, para tratar de possíveis ações da empresa e exploração de publicidade, nas normas estabelecidas pela LIESA, e especialmente de acordo com os termos do contrato de transmissão de TV assinado com Rede Globo.

As negociações haviam avançado bastante, recorda Carlos Carvalho, porém, o anúncio da prisão preventiva do patrono Anísio Abraão por causa de uma primeira condenação no processo gerada através da Operação Furacão, fez com que os representantes da multinacional cancelassem a parceria, alegando que a direção do grupo empresarial temia ver sua imagem associada aos problemas de Anísio com a Justiça.

O poder familiar vinha desfrutando de tanta força política que o próprio Presidente Lula chegou a gravar uma mensagem com pedido de voto para o filho do deputado Simão, Sérgio Sessim, quando este se candidatou à sucessão de Farid Abraão na Prefeitura em 2008. Como morador da cidade lembro bem da circulação de carros de som fazendo campanha a favor de Sérgio com a gravação de Lula se referindo ao “jovem Secretário de Obras de Nilópolis”. Seria interessante saber se gravações assim foram feitas por Lula para outras candidaturas de políticos ligados à base do Governo Federal naquela época.

Os desfiles de 2009 do Grupo Especial contaram com a presença do Presidente Lula como expectador, junto com o então aliado governador Sérgio Cabral no seu camarote oficial. Durante a apresentação da Beija-Flor o intérprete Neguinho fez saudações na passagem do carro de som em frente ao local onde estavam as autoridades. Naquele carnaval, a Beija-Flor perdeu a chance de conquistar o terceiro tri de sua história.

Nas últimas décadas, os patronos enfrentaram várias situações em que foram submetidos ao constrangimento público por denúncias relacionadas à contravenção. A impressão é que aprenderam a usar de forma estratégica a saída temporária de cena, contando com recurso de bons advogados, para retornarem ao palco do carnaval assim que a “temperatura” das denúncias fica mais baixa. Com isso, a operação da vasta rede de influência dos contraventores continua acontecendo, sem que aliados políticos e outras figuras próximas se exponham. Por outro lado, existem apoiadores dessa rede de poder ligada a negócios ilícitos que mesmo sendo detentores de projeção pública não se preocupam em esconder o relacionamento com os conhecidos chefes da contravenção.

Observando a movimentação dos agentes mediadores de patrocínios junto às diretorias das escolas do Grupo Especial, tendo em vista o carnaval de 2010, pessoas do meio carnavalesco comentam informalmente que o projeto de enredo sobre os cinquenta anos de Brasília, que antes teria sido oferecido para a Portela, acabou sendo realizado na Beija-Flor graças a articulações de bastidores feitas por dirigentes desta agremiação.

Desde meados dos anos 60, o poder familiar em Nilópolis se baseia num elo entre dois ramos: Sessim e Abraão. Seria preciso investigar mais a fundo o papel do deputado federal Simão Sessim na construção do referido projeto de enredo, pois, apesar de não podermos afirmar que ele tenha interferido para atrair o aporte, verificamos que o político esteve presente em diversas atividades para os preparativos do desfile envolvendo a diretoria da escola de samba, a Comissão de Carnaval e autoridades do Distrito Federal.

Integrantes da Comissão fizeram viagens a Brasília a fim de aprofundar as pesquisas e também cumprir agenda social para divulgação do enredo, como já havia se tornado costume devido à tendência dos temas da Beija-Flor. Tido como figura central da equipe de carnavalescos, Louzada não fez objeção ao fato do projeto artístico ter resultado da encomenda de uma homenagem à cidade mediante aporte governamental.

No final de maio de 2009, *O Beija-Flor* anunciou a confirmação do patrocínio de três milhões de reais vindos do governo do Distrito Federal para a escola desenvolver a homenagem ao cinquentenário da inauguração de Brasília. Na matéria, o jornal trazia trechos de depoimentos de Alexandre Louzada justificando o enredo pela magnitude da construção da capital federal, patrimônio cultural da humanidade, e também por ela ser uma “esquina do Brasil” através da qual se cruzam pessoas de todas as regiões do país.

Além do desfile, a agremiação se comprometeria com participações em festejos espalhados pelo país em louvação da construção de Brasília. E, dentro disso, o presidente administrativo Farid Abraão David comunicou, para o mês de julho, o envio de uma comitiva da Beija-Flor composta de membros da Comissão de Carnaval, ritmistas, mestre-sala e porta-bandeira, para a apresentação de dez sambas produzidos por compositores locais fazendo parte do concurso oficial para escolha do “hino” da escola em 2010.

A foto vinculada à notícia mostra autoridades do governo do DF – não identificadas pelo jornal –, além do presidente Farid, o vice Nelsinho David, os carnavalescos Louzada e Fran Sérgio, a porta-bandeira Selminha Sorriso e o deputado federal Simão Sessim.



Imagem 35. Comitiva do DF e diretoria da BF depois do fechamento do patrocínio.²²⁹

²²⁹ Cf. EM 2010, a Beija-Flor é Brasília. *O Beija-Flor Sustentável*. Nº 1. Ano 1. jul. 2009. p.9

As escolas de samba desde muito tempo são cobiçadas por políticos interessados em usá-las para ampliação de sua rede social. Eles aparecem em festividades nas quadras, vão a ensaios, acompanham personalidades em visitas aos barracões, e com isso aproveitam as oportunidades de posar com ícones das agremiações para fotografias.

Em outubro de 2009, um grupo estimado pelo jornal *O Beija-Flor* em torno de 50 pessoas veio de Brasília para visitar a Cidade do Samba, o barracão da escola, e ainda participar de um dos ensaios de quinta-feira na quadra. Na oportunidade, o discurso dos representantes do governo que tiveram em reunião exclusiva com a Comissão de Carnaval no barracão foi genuinamente diplomático, tentando expressar vontade de aproximação com os nilopolitanos e demonstrar o quanto o enredo seria importante no sentido de fazê-los conhecer melhor, assim como o público do desfile, a distante capital federal.

Como participantes da referida reunião, foram nominalmente citados pelo jornal: o chefe da Casa Civil do Governo do Distrito Federal, José Geraldo Maciel; o secretário de Estado de Cultura, Silvestre Gorgulho; o superintendente do Arquivo Público do Distrito Federal, Luiz Ribeiro de Mendonça; o presidente da Brasiliatur, João Oliveira; e o secretário de Governo, José Humberto Pires de Araújo. A ausência do governador José Roberto Arruda (DEM) foi justificada por sua agenda oficial de compromissos, mas para compensá-la, o secretário de Cultura anunciou a proposta de montar no mês seguinte, novembro, uma exposição permanente sobre Brasília na quadra da escola, disponibilizando inclusive uma minibiblioteca para os visitantes. Em função disso, seria programada uma palestra do governador sobre a capital federal para estudantes da rede pública de Nilópolis.

Um momento interessante desse encontro, conforme registra o jornal, é representativa do enfoque definido pela equipe de artistas da Comissão para traçar narrativa do desfile, certamente do agrado dos responsáveis pelo patrocínio:

Antes de irem para a quadra, os membros da comitiva presentearam a Beija-Flor, através de seus carnavalescos. O secretário de Governo, José Humberto Pires de Araújo, passou às mãos de Alexandre Louzada uma imagem de Dom Bosco, padroeiro de Brasília. O santo visionário, dizem historiadores, teria sonhado com o surgimento de uma civilização entre os paralelos 15 e 20. O sonho tornou-se realidade, e mais, a capital federal, nascida das palavras do então presidente Juscelino Kubitschek, mediante o projeto do urbanista de Lucio Costa e as linhas arquitetônicas de Oscar Niemeyer.

- Trouxemos Dom Bosco para cá porque assim como ele sonhou com a construção de nossa cidade, nós sonhamos com o sucesso do Carnaval da Beija-Flor. Além disso, estamos certos de que a escola é uma relevante representante da cultura brasileira, tal qual Brasília é importante símbolo e agente no desenvolvimento de nosso país – concluiu ele, notoriamente emocionado.²³⁰

A matéria enumera várias atrações turísticas da cidade, reforçada pela fala do secretário de Turismo do Governo do Distrito Federal chamando atenção para a rica vida cultural e para qualidade dos serviços lá oferecidos, num claro sinal do objetivo publicitário que costuma vir na “comissão de frente” desse tipo de projeto de carnaval.

No final de outubro, a final de samba de enredo atraiu para a quadra da escola diversas autoridades, pertencentes a partidos políticos distintos. Na edição de *O Beija-Flor* que trouxe a cobertura do evento temos um breve relato da noite de disputa que envolveu quatro sambas concorrentes, dando destaque à presença de autoridades no palco: o vice-governador do Distrito Federal Paulo Otávio Alves Pereira (DEM), o ministro do Trabalho e Emprego Carlos Lupi (PDT) e o vice-prefeito de Nilópolis, Oswaldo Costa (PDT), o “Ratinho”, além dos deputados Simão Sessim (PP) e Ricardo Abraão (PTN). À época, os Sessim estavam filiados ao fisiológico PP, partido da base do governo Dilma, e o ministro Lupi já presidente nacional do PDT, provavelmente estava lá a convite do correligionário “Ratinho” que era então o presidente do diretório municipal do partido em Nilópolis. Uma

²³⁰ *O Beija-Flor Sustentável*. Nº 3. Ano 2. nov. 2009. p.7

presença que também mereceu destaque, e aí devemos pensar que se justificava pelo próprio tema do enredo, foi da neta do ex-presidente JK, Anna Christina Kubitschek.

Abaixo temos uma foto do patrono Anísio Abraão, ao centro, recepcionando em seu camarote da quadra a filha de JK, o vice-governador do DF, o ministro e o vice-prefeito.



Imagem 36. Anna Kubitschek, Paulo Otávio, Anísio, Lupi e “Ratinho”.²³¹

Na política nilopolitana, assim como e boa parte da região metropolitana do Rio de Janeiro, o gênero samba de enredo é ainda a maior referência na composição de “jingles” para campanhas eleitorais, e em alguns casos essas peças são cantadas por conhecidos intérpretes das agremiações carnavalescas. Neginho Beija-Flor, logicamente, presta serviço há anos para os políticos das famílias Abraão e Sessim. Seu irmão Nêgo, também um intérprete reconhecido, gravava para “Ratinho”. Este foi assassinado a tiros perto de sua residência em Nilópolis, em plena luz do dia, às vésperas das eleições municipais de 2016. O que se comenta na cidade é que o crime teve motivação política, pois o então candidato havia transitado em pouco tempo por grupos divergentes em busca de alianças.

²³¹ Cf. BEIJA-FLOR escolha samba com harmonia perfeita e bela melodia. *O Beija-Flor Sustentável*. Nº 3. Ano 1. nov. 2009. p.11

O poder familiar em Nilópolis foi adversário ferrenho do ex-governador Leonel Brizola, sempre esteve ligado a partidos de direita desde antes da ditadura militar (UDN, ARENA, PDS, PFL, PP, PTN), e somente o quadro recente de descompromisso com os princípios que nortearam os partidos criados com a redemocratização é que se justifica termos uma situação como esta registrada na foto, que se tornou comum com contribuição da política de alianças do centro para a direita que se estabeleceu nos governos Lula.

No final de 2009, uma problemática surgiu com a repercussão midiática do caso “Mensalão do DEM”, a partir da denúncia do envolvimento direto do governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda, e aliados, num esquema de pagamento de propinas. Dali em diante a diretoria da Beija-Flor procurou evitar agenda pública com autoridades do governo do DF e a Comissão de Carnaval passou a negar veementemente a existência de conteúdo “político” no enredo. Uma coletiva de imprensa noticiada pelo jornal da agremiação aconteceu em fevereiro de 2010, depois do escândalo, e já bem perto do carnaval. Nessa ocasião, Laíla veio a se pronunciar sobre a possibilidade de vaias na Avenida, dizendo que não temia esse tipo de manifestação porque a escola também não se propunha a desenvolver um enredo “chapa branca” direcionado pelo governo do DF.

A cidade é um símbolo da arquitetura moderna e sua imagem graças às obras de Oscar Niemeyer, apresentadas pela propaganda turística de agências governamentais como atrativos aos visitantes, e de certa forma para o grande número de funcionários públicos e parlamentares residentes, mas que são originários de estados das diversas regiões do país.

Nesse sentido, uma publicidade oficial paga pela empresa de turismo do Distrito Federal teve publicação na *Revista Beija-Flor*, explorando a celebração dos cinquenta anos da capital federal para divulgar o Centro de Convenções Ulysses Guimarães.



Brasília está comemorando 50 anos. E nada melhor que uma cidade em festa para receber o seu evento. O Centro de Convenções Ulysses Guimarães, localizado no centro da capital, conta com infraestrutura completa e capacidade para mais de nove mil pessoas. Além disso, você também vai se surpreender com os monumentos do arquiteto Oscar Niemeyer e com as obras de renomados artistas brasileiros que fizeram da capital Patrimônio Cultural da Humanidade. Brasília é muito mais do que você imagina.



Para mais informações, ligue 61 3214-2756.
Centro de Convenções Ulysses Guimarães.
Monumental como Brasília.
ccug@brasiliatur.df.gov.br



Imagem 37. Publicidade da empresa Brasilatur.²³²

O caminho dos enredos da Beija-Flor na forma de homenagens a cidades e estados tem sido mais de explorar o imaginário de mitos e lendas relacionados às identidades locais, a exemplo do caso de Brasília que foi mostrada pela diversidade étnica e cultural de sua população. Houve apenas uma alegoria fazendo referência direta à obra arquitetônica de Niemeyer, a penúltima: “Capital da Esperança: orgulho e patrimônio mundial”. Essa linha de desenvolvimento do enredo não retira criatividade, entretanto, é algo que costuma servir estrategicamente à diretoria da escola de samba quando precisa preservar de

²³² Cf. *RBF*. 2010, p.45.

constrangimentos possíveis patrocinadores, evitando discursos de contestação, atitudes transgressoras, já que a agremiação vem apostando tanto na captação de patrocínios.

A escolha de um enredo abre muitas possibilidades de renovação estética do desfile de uma escola de samba e do próprio ambiente dela, a depender das forças que a controlam. Do ponto de vista dos patronos ligados à contravenção, esse processo propicia o funcionamento de um mecanismo eficiente de ampliação da sua rede de influência social e política, tornando-se extremamente favorável para o fortalecimento dos negócios.

Se o enredo sobre Brasília acabou repercutindo mal para a Beija-Flor em razão das denúncias de corrupção que atingiram o principal responsável pelo patrocínio, o governador do DF, o anúncio de uma homenagem ao cantor e compositor Roberto Carlos no carnaval seguinte mudou rapidamente a atmosfera negativa que pairava sobre a escola.

Segundo informações oficiais da agremiação, a ideia teria partido de Anísio. Conta-se no meio carnavalesco que veio à cabeça do patrono quando esteve com a esposa Fabíola numa das edições do projeto Emoções e Alto Mar, através do qual Roberto Carlos faz shows em transatlânticos com produção do grupo que administra sua carreira. É importante observar que, desde 2007, a bateria da Beija-Flor vinha sendo contratada para apresentações dentro do projeto. No desfile de carnaval, a fantasia dos ritmistas representou marinheiros, em alusão à participação em edição do projeto com o “Rei”.

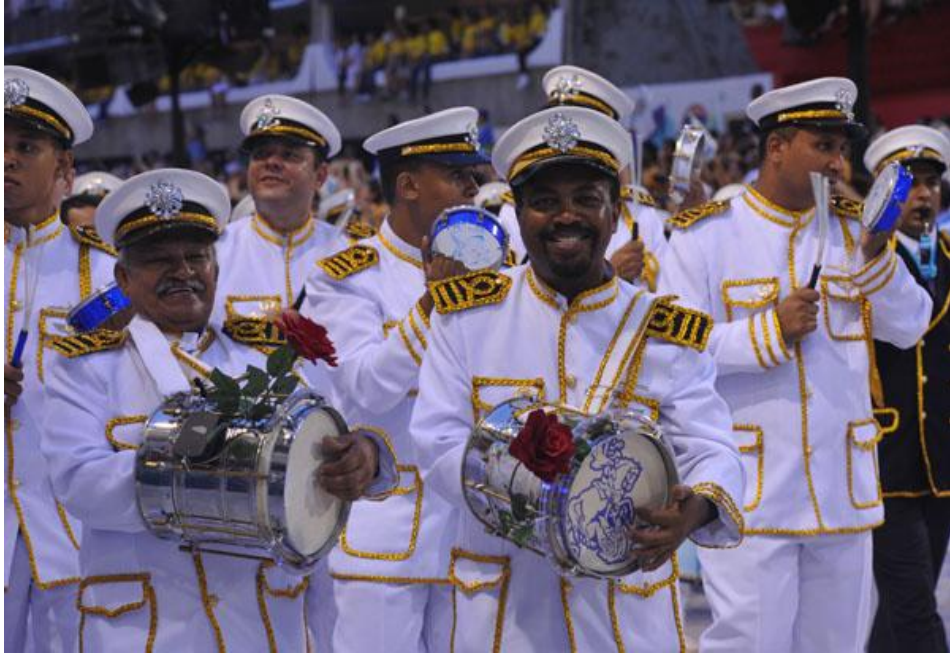


Imagem 38. Ritmistas no desfile de 2011. Foto do Site Oficial da LIESA.

A confirmação oficial do enredo veio depois de uma reunião de Laíla com o próprio “Rei” acompanhado de seus assessores. Em entrevista para o canal Globo News, logo depois do resultado de 2011, o diretor de carnaval comentou que o conjunto da Comissão não acreditou de imediato que a trajetória de Roberto Carlos pudesse ser bem desenvolvida e aceita pelo público num desfile de escola de samba, já que não se tratava do universo cultural e musical de sua origem e de trabalho na carreira artística.

De toda forma, era imaginável que o desafio de fazer um carnaval sobre a vida e a obra do “Rei” pudesse ser compensado devido a sua imensa popularidade, pelo carisma, e por todas as atenções que iria atrair junto a setores importantes da mídia, gerando muita divulgação espontânea para o enredo através dos grandes meios de comunicação. Até mesmo para os veículos de comunicação da agremiação havia a possibilidade de autopromoção graças à popularidade de Roberto Carlos. Veja-se a capa da revista anual.



Imagem 39 – Capa com Roberto Carlos.²³³

Até pouco tempo atrás desfilava na Urca, bairro do Rio de Janeiro onde mora o cantor, o bloco carnavalesco Exalta Rei, somente com músicas de sua carreira. Havia, portanto, um bom exemplo de que mesmo os não sambistas poderiam se sentir motivados a apreciar o carnaval da Beija-Flor em razão da paixão pelo artista. E como se não bastasse, a multinacional Nestlé fez um investimento de três milhões de reais na produção do carnaval, fruto dos interesses da empresa vinculados à parceria nas produções do “Rei”.

A força da figura de Roberto Carlos sempre esteve muito ligada a sua identidade religiosa católica, a ponto de ter gravado canções importantes nesse sentido. Respeitando algumas exigências pessoais do homenageado, a Comissão conseguiu chegar a um bom resultado no tratamento plástico do desfile, e também soube trabalhar com a simbologia relacionada à devoção religiosa do “Rei” fazendo um diálogo com o grande público.

²³³ Cf. *RBF*. 2011.



Imagem 40. Roberto Carlos em destaque na alegoria. Foto: Ricardo Moraes. Reuters/Veja.

É interessante notar que uma agremiação conhecida por embates com a censura da Igreja Católica conseguiu criar a oportunidade de trazer para o carnaval uma representação Divina, só que perfeitamente dentro dos cânones eurocêntricos do catolicismo. O Cristo Mendigo, de 1989, era o completo oposto disso, representado como protetor do povo pobre, da gente das ruas, em associação um universo inclusive condenado pela Igreja. Na imagem do carnaval de 2011, a proteção Divina na mensagem da última alegoria do desfile se dirigia ao cantor homenageado e também ao público da Sapucaí e da transmissão de TV.

Na entrevista de Laíla para o canal Globo News, referida anteriormente, ele fez questão de agradecer aos membros da Comissão que teriam trabalhado pelo sucesso do desfile vitorioso, sem nenhuma menção a Alexandre Louzada. Fechou a conversa com o repórter dizendo que, se um dia fosse desfeita a Comissão, gostaria de ter Renato Lage na Beija-Flor como carnavalesco. Era um sinal de que a relação profissional com Louzada estava abalada, apesar da conquista de mais um título com imensa repercussão midiática.

O ano de 2011 seria realmente o último do carnavalesco na agremiação nilopolitana. Louzada adquiriu centralidade na Comissão, a ponto de ter se tornado o integrante mais solicitado na mídia para prestar esclarecimentos sobre os enredos e sobre a produção dos desfiles. Segundo contam no meio carnavalesco, isso gerou inimizades.

Numa entrevista em vídeo recente para o site especializado Carnavalesco, Louzada afirmou que já havia se entendido pessoalmente com o diretor de carnaval Laíla depois do tempo passado de sua saída da Beija-Flor. Entretanto, falou que dentro da equipe da conhecida Comissão nem todos possuiriam a mesma competência e desempenho no trabalho. Lembra que Bira e Bianca Behends foram colaboradores importantes durante a sua passagem pela escola, dando a entender que teve divergência com Fran Sérgio.

Em 2012, a Beija-Flor decidiu revisitar o Maranhão através do seu enredo. Na ocasião da leitura da sinopse de *São Luís, poema encantado do Maranhão* foi anunciado que o governo de Roseana Sarney (PMDB) iria patrocinar o projeto de carnaval para que fosse uma homenagem a São Luís do Maranhão pelos quatrocentos anos da capital. Seria, de acordo com autoridades do estado, uma forma de divulgar a cultura da cidade e promovê-la do ponto de vista do potencial turístico de seu patrimônio.

A informação de que o aporte financeiro seria feito com recursos públicos destinados à divulgação turística gerou reação da oposição ao governo, que cobrou esclarecimentos sobre os mecanismos institucionais para o investimento na escola do Rio de Janeiro e também transparência na utilização dos recursos.²³⁴ É importante ressaltar que, embora o enredo prestasse homenagem à cidade de São Luís, o governo municipal não teve relação com o projeto, pois fazia uma oposição de direita aos Sarney.

²³⁴ CUTRIM, John. Governo precisa esclarecer melhor apoio dado à Beija-Flor e os benefícios que a parceria pode trazer para o Estado. *Jornal Pequeno* 03 jun. 2011 Disponível em: <<http://jornalpequeno.blog.br/johncutrim/governo-precisa-esclarecer-melhor-o-apoio-a-beija-flor-e-os-beneficios-que-a-parceria-pode-trazer-para-o-estado/>> Acesso em: 06 fev. 2018.

Um *blog* dedicado à cobertura da política maranhense, situado no campo das oposições à família Sarney e a seus apoiadores, fez uma relevante cobertura dos assuntos relacionados ao carnaval da Beija-Flor desde o anúncio do enredo.²³⁵ A tendência das postagens feitas por diversos colaboradores foi de contestação do apoio governamental, especialmente por entenderem que a decisão de promover a cidade através do desfile de uma grande escola de samba atenderia muito mais a objetivos particulares dos Sarney do que propriamente à realização de uma política na área do turismo. E as críticas se tornaram ainda mais contundentes por conta da escolha de um samba que não teria agradado em termos de representação da cultura maranhense e, sobretudo, um desfile que acabou sendo percebido mais como uma homenagem ao carnavalesco Joãozinho Trinta – falecido meses antes - do que a celebração dos quatrocentos anos da cidade.

A versão definitiva do samba de enredo resultou de uma “fusão”, prática que não é estranha ao final de concursos realizados na Beija-Flor. Por exemplo, uma determinada composição pode ter um refrão considerado mais adequado, enquanto que outra apresentaria parte que melhor descreve o enredo. Busca-se ter acordo dos compositores para a junção. Existem ainda casos relacionados à necessidade das diretorias das agremiações conciliarem interesses dos compositores, por diversas razões, entre elas a preocupação de compensar finalistas pelos gastos na promoção do samba durante o concurso, o que envolve contratação de instrumentistas e cantores, gravação da música em estúdio, clipes, e organização de torcidas com aluguel de ônibus e pagamento de bebidas.

A seguir, a letra da versão final do samba de enredo de 2012:

Tem magia em cada palmeira que brota em seu chão
O homem nativo da terra
Resiste em bravura à dor da invasão

²³⁵ Cf. *Marrapá!* <http://www.ma10.com.br/marrapa/>

Do mar vêm três coroas
Irmão seu olhar mareja

No balanço da maré
A maldade não tem fé sangrando os mares
Mensagem da dor
Liberdade roubou dos meus lugares
Rompendo grilhões, em busca da paz
A força dos meus ancestrais

Na casa nagô a luz de Xangô, axé
Mina-jêje um ritual de fé
Chegou de Daomé, chegou de Abeokutá
Toda magia do vodun e do orixá

Ê rainha, o bumba meu boi vem de lá
Eu quero ver o cazumbá
Sem a serpente acordar
Hoje a minha lágrima transborda todo mar
Fonte que a saudade não secou

Ó Ana assombração na carruagem
Os casarões são a imagem
Da história que o tempo guardou
No rádio o *reggae* do bom
Marrom é o tom da canção
Na Terra da Encantaria a arte do gênio João

Meu São Luís do Maranhão
Poema encantado de amor
Onde canta o sabiá
Hoje canta a Beija-Flor!

Autores: J. Velloso, Adilson China, Carlinhos do Detran, Sílvio Romai, Hugo Leal, Gilberto Oliveira, Samir Trindade, Serginho Aguiar, Jr Beija-Flor, Ricardo Lucena, Thiago Alves e Rômulo Presidente

O número de “autores” evidencia a problemática que é fazer uma junção de sambas concorrentes... Numa das postagens do *blog Marrapá* sobre o samba de enredo fundido sob a coordenação de Laíla, uma jornalista tecia alguns os seguintes comentários:

Todo mundo sabe que a Beija-Flor é uma escola que tem tradição de muita proximidade com a cultura afrodescendente. As duas primeiras estrofes da letra lembrando o martírio dos negros escravizados e a menção à casa de Nagô deixam claro que a escola optou por ressaltar essa tradição. Até aí tudo bem. Nas estrofes seguintes, em que pese o esforço da Escola para citar símbolos ligados à cultura e história ludovicenses, não há como não ler a letra e sentir que falta algo nela. Percebe-se claramente que a Beija-Flor escolheu citar *en passant* temas específicos a respeito de São Luís para conseguir explorá-los com mais

detalhes na passarela: a tradição indígena, o Bumba Meu Boi, Ana Jansen, os casarões do Centro Histórico, o reggae, Joãozinho Trinta e Alcione – a marrom, etc...

O problema está na distância entre a alienação de um samba-exaltação que se apropria apenas de parte do imaginário de uma Ilha, que pelo menos nos últimos 60 anos se quis **Rebelde**. Isso sequer é sugerido na letra do samba.

Não dá pra homenagear decentemente São Luís sem lembrar que é a capital do Maranhão que carrega sozinha (ou quase, porque tem Imperatriz também) a tarefa de renovar politicamente um estado marcado pelo atraso político e econômico.

Tudo bem que a cidade agoniza num mar de indiferença e distanciamento, mas de todos os adjetivos que São Luís escolheu para si ao longo dos séculos: Upaon Açu, Atenas Brasileira, Ilha do Amor, França Equinocial, Ilha Rebelde, Capital Brasileira do reggae, sem contar a vaidade local com o prêmio de Patrimônio da Humanidade dada pela UNESCO; a Beija-Flor optou por criar um imaginário sobre a cidades que diz muitas coisas, sem dizer nada.

Como boa ludovicense, vejo no samba-enredo da Beija-Flor apenas o direcionamento para explorar no desfile propriamente dito, as mesmas alegorias e adereços que tem tornado o carnaval de passarela do Rio de Janeiro, a cada ano que passa, uma coisa desinteressante até para os turistas mais endinheirados.

Vai ser um desfile cheio de fantasias de índios, alegorias louvando a África, provavelmente um carro para homenagear Joãozinho Trinta e outro trazendo Alcione e uma cambada de maranhenses “ilustres” simpáticos ao grande financiador dessa farra carnavalesca: o Governo do Estado do Maranhão.²³⁶

Concordo com a observação de que o enredo se baseou numa apropriação – que de toda forma é seletiva – do imaginário de São Luís que acabou deixando a narrativa desprovida sem um foco. O samba de 2001, sobre Agontime, independente das contradições diante da tradição oral da Casa das Minas, é uma contraposição positiva.

Contudo, é muito complicado estabelecer uma regra para o que deve ou não estar presente na narrativa do samba e no visual do enredo. Esse é um desafio dobrado com os patrocínios no universo do carnaval, tanto que a própria postagem sugere que os únicos artistas maranhenses citados assim foram por recomendação dos patrocinadores.

No final de sua vida, já bastante doente e sem recursos próprios, Joãozinho Trinta estreitou ainda mais laços com família Sarney. De qualquer forma, a sua importância como artista do carnaval e a ligação profunda que teve com a história da Beija-Flor seriam mais que suficientes para que recebesse homenagem naquele enredo, sobretudo depois do seu

²³⁶ TEIXEIRA, Lúcia. Falando com Franqueza. *Marrapá!* 23 out. 2011.

falecimento. Um problema para a escola foi que essa ideia acabou gerando muita expectativa e comentários na cobertura jornalística a ponto de ofuscar outros aspectos do enredo. O carro alegórico acoplado que encerrava o desfile reproduzia na frente um casarão antigo de São Luís, e na parte de trás uma escultura de Joãozinho em meio a figurantes fantasiados de mendigos, citação de *Ratos e urubus, larguem minha fantasia*.



Imagem 41. Velha Guarda à frente do Carro “A Histórica São Luís e a Arte do Gênio João”. Foto: Wigder Frota.

Os componentes da Velha Guarda, em primeiro plano na fotografia, representam com seu prestígio e sua autoridade uma homenagem especial da escola de samba ao carnavalesco responsável pela ascensão na década de 1970 com a conquista do primeiro tricampeonato. Apesar de possíveis julgamentos sobre o destaque dado à memória de Joãozinho no enredo valeu muito a pena observar como símbolos das agremiações carnavalescas podem ser trabalhados como recursos altamente expressivos de

comunicação, a exemplo do casal de mestre-sala na recepção de visitantes. É importante registrar que após sua saída Beija-Flor logo depois desfile de 1992, Joãozinho só voltou à quadra em Nilópolis no final de 2011, quando foi recebido com uma homenagem da diretoria e de toda escola superando desavenças do passado. Pouco depois veio a falecer...



Imagem 42. Carro “A Histórica São Luiz e a Arte do Gênio João” – parte traseira acoplada. Foto Wigder Frota.

Acima temos a imagem da alegoria que lembrava o carnavalesco em associação com o carnaval mais marcante de sua carreira: *Ratos e urubus: larguem minha fantasia*. Obra de imensa repercussão dentro e fora do carnaval, pela capacidade que teve de expressar contradições da estrutura social do nosso país e da própria festa. O enredo teria sido também uma resposta do carnavalesco a críticos que consideravam seu trabalho artístico desatento aos problemas sociais e políticos, a além de ser apegado à estética do luxo e do gigantismo das alegorias em detrimento das tradições das escolas de samba.

A oposição ao patrocínio manifestada por adversários do governo maranhense chamou atenção para um aspecto que costuma ser bastante obscuro nessa modalidade de enredos patrocinados. A confirmação do aporte só ocorreu bem próximo ao carnaval, através de fonte governamental, e as informações indicam que uma fundação teria sido utilizada como operadora do repasse da maior parte dos recursos à Beija-Flor. Um milhão e meio de reais haviam sido antecipados sob a justificativa de investimento na promoção turística do estado, e a parte maior de oito milhões ficara por conta da Fundação São Luís Convenções e Eventos, contratada em janeiro de 2012, segundo informações prestadas ao *blog* Marrapá pelo então deputado estadual Marcelo Tavares (PSB-MA).²³⁷

Tem sido comum as homenagens a cidades e estados financiadas com investimento de dinheiro público gerarem insatisfação, já que tais recursos poderiam estar sendo usado para atender demandas mais urgentes, inclusive no âmbito da própria cultura local. E a situação ficou ainda mais complicada porque a homenagem ficou um tanto maculada pela Operação Dedo de Deus contra banqueiros do bicho, inclusive Anísio, que ficou foragido.

Foram poucas as experiências da Beija-Flor com enredos patrocinados sob a condição de abordagem de temas de interesses corporativos específicos. Como não obteve sucesso esperado no desfile de 2012, pode ser que daí tenha surgido preocupação da diretoria em mudar momentaneamente a linha de enredos ditos regionais. De acordo com matéria da edição de 2013 da *Revista Beija-Flor*, propostas diferentes chegaram à diretoria e houve a escolha daquela considerada melhor, uma parceria com associação empresarial.

A revista não informa, mas há indícios em outro meios de que houve um papel importante da produtora de eventos Camarote Brasil no desenvolvimento do projeto do enredo sobre o cavalo Mangalarga Marchador. Administrada por Alexandra Pirotelli,

²³⁷ CARNAVAL da Roseana: Estado gastará R\$ 9,5 milhões com a Beija-flor. *Marrapá!* 14 fev. 2012. Disponível em: <<http://www.ma10.com.br/marrapa/20337/>> Acesso em 10 fev. 2017 às 18:30.

cunhada de Anísio Abraão e destaque em alegorias nos desfiles da escola desde os anos 90, a empresa já vinha se responsabilizando pelo agenciamento de shows de sambistas da agremiação no Brasil e no exterior. Além disso, é a agência que administra o *site* oficial da LIESA e também produz e comercializa o atraente Camarote Rio no Sambódromo.

Com o fechamento do projeto de enredo, a Camarote Brasil promoveu shows de samba em feiras agropecuárias especializadas na raça do cavalo, fez agenciamento de convites para criadores assistirem ao desfile no camarote corporativo assim como para entrada deles em alas e na composição de carros, como no encerramento do desfile. Por tudo isso é provável que a Camarote Brasil tenha atuado como mediadora entre a Comissão de Carnaval e os representantes da Associação de Criadores no que tange ao artístico.

Segundo membros da Comissão, o investimento em pesquisa foi decisivo para a concepção da extensa narrativa visual que requer o desfile de uma escola das proporções da Beija-Flor, em termos de número de componentes e divisão de setores. Fran Sérgio concedeu entrevistas para a imprensa falando do rico imaginário acerca do cavalo na história da humanidade e sobre como isto poderia favorecer o desenvolvimento do enredo.

Do ponto de vista do presidente da Associação Brasileira de Criadores de Cavalo Mangalarga Marchador (ABCCMM), Magdi Shaat, o interesse no projeto de carnaval era fundamentalmente comercial. Na entrevista que concedeu à *Revista Beija-Flor*, Shaat falou sobre os custos relativamente baixos da criação do animal, contestando a ideia de que seria um bem de luxo. E ainda relatou uma série de utilidades para além dos serviços comuns em que o Mangalarga costuma prestar em fazendas dentro e fora do país. Ao final da entrevista, o representante dos criadores explicitou a justificativa do projeto de enredo.

E por que um desfile sobre Mangalarga Marchador?

Magdi Shaat - Se você traduzir o Carnaval em números terá a resposta. A Rede Globo de Televisão transmite a cobertura internacional para 115 países dos

cinco continentes com público estimado de 580 mil assinantes. Isso sem falar na cobertura nacional que atinge milhões de espectadores potenciais, e que é replicada nas revistas, sites especializados, rádios, entre os formadores de opinião do país. Visualizamos o Carnaval não só como a maior festa popular do Brasil, mas como um grande canal de divulgação da raça, cuja dimensão ainda não temos condições de mensurar porque trata-se de uma experiência única. Nunca na história da raça foi feito um trabalho de marketing deste vulto. Queremos com o desfile mostrar que o Mangalarga Marchador faz parte da cultura brasileira, é um patrimônio nacional de grande riqueza sob vários aspectos. Todo o trabalho de pesquisa desenvolvido pela Beija-Flor, que culminou com a criação do enredo, das alegorias e fantasias, e que nós acompanhamos de perto, foi feito com base em informações e fontes históricas fidedignas, oficiais e técnicas.

Fica evidente o interesse comercial do patrocinador, sobretudo porque o carnaval é um evento que tem transmissão mundial através da TV. Esta serve como referência para estimativas de ganhos em propaganda na campanha de marketing através de um desfile no Grupo Especial e para contratos de publicidade no Sambódromo. Nem chega a aparecer na fala do entrevistado conceitos que se tornaram basilares no discurso empresarial da fase do neoliberalismo, como por exemplo, incentivo à cultura, ou mesmo responsabilidade social.

Por outro lado, existe uma questão obscura no ramo de criação de cavalos de raça que é a montagem de esquemas para lavagem de dinheiro. Não tenho como abordar essa prática com farta documentação, embora alguns indícios permitam levantar suspeita do envolvimento de contraventores com esquemas dessa natureza. Um conhecido aliado e sócio de Anísio na região serrana do Rio, o político Mário Tricano, é um dono de haras.

Vale ressaltar que a edição de 2013 da *Revista Beija-Flor* teve publicidade paga por empresas desse ramo. A seguir, imagem da propaganda do Haras Beija-Flor, empreendimento de nome simbólico que funciona em território de domínio de Anísio.



Imagem 43 – Publicidade do Haras Beija-Flor.²³⁸

A mensagem da propaganda se refere à “marca Beija-Flor” como uma espécie de selo de qualidade para os serviços prestados. O Haras possui uma “web site” - <http://www.harasbeija-flor.com.br/> - para apresentação de sua estrutura, promoção dos animais em destaque, divulgação de leilões e encontros de criadores, com uma sessão para exibição de registros fotográficos de tais atividades. Uma foto publicada mostra a participação artística de integrantes da bateria da Beija-Flor em leilão realizado em 2016.

A imagem produzida para a página da revista contém apropriação de um forte símbolo do carnaval carioca, o monumento criado por Oscar na Praça da Apoteose. A representação indica o caráter festivo com detalhes de luzes e queima de fogos. Em função da transmissão dos desfiles pela televisão, o Sambódromo e a Apoteose talvez estejam

²³⁸ Cf. *RBF*. 2013. p.23.

entre as formas arquitetônicas brasileiras mais conhecidas no mundo. O pássaro símbolo da agremiação aparece no centro da imagem num desenho de traço suave delineando apenas os contornos da ave tocando com o bico uma flor acima do nome comercial do haras, o que pode se entendido como uma espécie de consagração do empreendimento. Imagens de dois cavalos da raça Mangalarga Marchador compõem uma espécie de moldura nas laterais, com fotos recortadas dos animais com detalhes seus músculos visíveis e pelos brilhantes.

Na mesma edição, outra página de publicidade relacionada ao projeto de enredo trazia imagens com textos indicando qualidades do animal para atividades no trabalho rural e de lazer em hotéis-fazendas. Uma forte preocupação das campanhas de marketing dos criadores da raça Mangalarga parece ser com a quebra da ideia de que o animal seria artigo de luxo, de alto custo para manutenção, incompatível com o poder aquisitivo das famílias proprietárias médias do campo no Brasil. É apresentado, inclusive, como “cavalo popular”.



Criar cavalo Mangalarga Marchador não é um bicho de sete cabeças!!!

Sabe por que?

Porque ele é dócil, confortável, rústico e econômico. Um cavalo popular, para todas as idades.

Mangalarga Marchador,

do tamanho do seu sonho, ao alcance de qualquer um. Um amigo fiel!

Você também pode ter um!



Imagem 44. Publicidade da criação de cavalos.²³⁹

²³⁹ Idem. p.75.

É interessante uma comparação das imagens anteriores com a alegoria publicitária, por assim dizer, que foi apresentada no último setor fechando o desfile. O carro era composto com várias esculturas realistas do Mangalarga, em tamanho quase real, e bustos do cavalo proporcionalmente maiores. Esse tom realista da alegoria se reforçava pelo fato de criadores do cavalo e familiares desfilarem fazendo composição e papel de destaques.



Imagem 45. Carro “A Raça do Mangalarga Marchador – Cavalo sem Fronteiras”. Frente da alegoria. Foto: Wigder Frota.

Esse oitavo e último setor, conforme descrição do roteiro do desfile apresentado pela edição da *Revista Beija-Flor*, continha duas alas vestidas com fantasias que representavam trabalhadores do universo de criação do Mangalarga: peões e ferrageadores. Outras duas alas abordavam a montaria como esporte e o uso da equitação para fins

terapêuticos, função para as quais a raça seria muito recomendada. A última ala foi a da Velha Guarda, representando os criadores, que foram os financiadores do desfile.

A seguir, a foto mostra a traseira do carro, parte que também recebeu bom tratamento plástico, vide os bustos colocados na decoração. Para o público do Sambódromo, depois da passagem da escola, foi essa imagem que continuou até certo ponto ao alcance da visão, fixando a lembrança do elemento central do enredo.



Imagem 46. Carro “A Raça do Mangalarga Marchador – Cavalo sem Fronteiras”. Traseira da alegoria. Foto: Wigder Frota.

Com a criação da Comissão de Carnaval, a direção da Beija-Flor procurou realizar bons investimentos para manter o padrão imponente e luxuoso que é marca da escola desde

a época de Joãozinho Trinta, ou seja, entre 1976 e 1992. A valorização do visual no julgamento só fez aumentar de lá para cá, todavia, abundância de recursos sem o talento e a competência de bons artistas não oferece garantia de sucesso na produção do espetáculo.

Analisando os desfiles da Beija-Flor a partir de 2006, observo dificuldade da Comissão para definir um traço mais inventivo na construção de narrativa dos enredos. Parece existir da parte da equipe muita capacidade para “descrever” e pouca para problematizar, produzir um discurso mais autoral, apresentar originalidade em termos estéticos, o que não significa simplesmente ausência de contestação política nos enredos.

Na passagem de Louzada pela Beija-Flor, especialmente se analisarmos o enredo *Áfricas: do berço real à corte brasileira*, a referida dificuldade parece ter ficado bem resolvida. Não seria nem por questão de cerceamento da liberdade de criação em função do direcionamento da escola para enredos patrocinados, mas sim de competência artística. Tanto que depois de sua saída a Comissão já incorporou e dispensou várias pessoas, o que começou a ser visto como sinal de desgaste da experiência criada por Laíla na Beija-Flor.

Nesse sentido, o que poderia justificar um enredo dedicado a uma personalidade? Um retrospecto dos desfiles de carnaval nos revela nomes de escritores, compositores, atores, ou seja, quase sempre artistas são as figuras reverenciadas pelas escolas de samba através de enredos, apesar de a maior parte deles ser originária do mundo do samba.

Contudo, a comercialização dos enredos trouxe a tendência de homenagens a figuras proeminentes do mercado, certamente em função da busca por maiores chances de captar de recursos financeiros. A exemplo disso, tivemos enredos sobre profissionais liberais de destaque e mesmo empresários: o cirurgião plástico Ivo Pitanguy, Caprichosos de Pilares (1999); o empresário Assis Chateaubriand, Grande Rio (1999), o apresentador Sílvio Santos, Tradição (2001); e o empresário Rubem Berta, Beija-Flor (2002).

Nessa linha podemos incluir homenagens a artistas que têm lugar no “latifúndio midiático”, especialmente da televisão. Basta ver o que foram os enredos da Acadêmicos do Grande Rio (2017), sobre Ivete Sangalo, e da Imperatriz (2016), sobre Zezé de Camargo e Luciano – diga-se de passagem, o samba de enredo desse desfile é belíssimo.

Para 2014, a Beija-Flor lançou mão de um enredo que prestaria homenagem ao publicitário, diretor de televisão e empresário José Bonifácio Sobrinho, o Boni, e que foi anunciado como outra iniciativa que frutificou por causa do desejo pessoal do patrono Anísio. Não resta dúvida que Boni seja uma figura conhecida pelos tantos anos de trabalho e pela posição de poder que ocupou na Rede Globo de Televisão. Todavia, a carreira dele foi sempre de um homem de bastidores, o que provavelmente seria um complicador para o desenvolvimento do enredo. Daí a proposta da Comissão de Carnaval contar uma história da comunicação no mundo e dentro disso ressaltar a contribuição atribuída a Boni no processo de modernização da televisão brasileira durante as últimas quatro décadas.

Boni chegou a fazer declarações públicas apontando sua preocupação com o suposto potencial de sua história de vida “dar samba”, conforme se observa no final da entrevista que concedeu à revista da agremiação editada às vésperas do desfile em 2014:

RBFN– E como recebeu a ideia do Anizio de fazer um enredo em sua homenagem?

Boni – Eu estou no carnaval desde 1963, trabalhando nas rádios, na televisão, fazendo coberturas, mas nunca pensei em ser enredo de carnaval. Ainda mais da Beija-Flor de Nilópolis, a melhor das escolas. Tenho certeza de que “Boni” não dá samba, mas aceitei feliz porque o Anizio me explicou que é algo mais ligado à história da comunicação, e sob essa ótica há muito que falar. Por isso, estou esperando que a Beija-Flor faça um grande carnaval. É lógico que estou muito agradecido ao Anizio e ao pessoal da Beija-Flor pela homenagem, porque sei que é, também, o reconhecimento público por tudo que fizemos em favor da comunicação no Brasil. Nosso grupo trabalhou muito para construir uma emissora líder e de padrão internacional. Sou grato por esse reconhecimento a todos os que fizeram a televisão brasileira. O enredo vai contar a história da comunicação mundial e a televisão brasileira tem um papel importantíssimo na exportação da nossa cultura.²⁴⁰

²⁴⁰ O ASTRO iluminado Boni. *RBF*. 2014. p.16.

Boni costuma ressaltar que sua relação profissional com as escolas de samba vem dos anos 60, quando trabalhou na cobertura dos desfiles pela extinta TV Tupi. Nos anos 70, por intermédio do cenógrafo Arlindo Rodrigues, na época carnavalesco da Mocidade Independente de Padre Miguel, ele teria tomado consciência da força cultural do carnaval e resolveu ingressar de vez nesse universo, inclusive passando a desfilar na Mocidade de Padre Miguel, que já era apadrinhada pelo chefe da cúpula do bicho Castor de Andrade.

Numa entrevista que concedeu ao jornalista Rafael Galdo, para o jornal *O Globo*, o empresário explicou porque a aproximação tida com Anísio também vinha de longe, dos bastidores do carnaval, quando passou a ser um colaborador discreto da Beija-Flor:

[...] A minha relação com o Anísio vem do meu começo na TV Globo. Mesmo quando fui fazer a Mocidade, a Beija-Flor era muito mais pobre, não tinha o cacife do Castor. O Anísio ia lá pegar resto de cenário, pedaços de coisas que estavam sobrando. Eu ajudava a Beija-Flor. Eu tinha a Mocidade de um lado, mas tinha um carinho especial pela Beija-Flor do outro. Fui criando uma amizade com o Anísio, que sempre foi muito grato a esse tipo de ajuda, isso nunca cessou. No auge da Mocidade, estava lá sempre ajudando a Beija-Flor. De um jeito ou de outro eu saía nas duas escolas. Desfilava sempre do lado do Anísio, ele fazia questão. Quando o Joãozinho fez um enredo sobre televisão, ajudamos bastante lá. Joãozinho era muito meu amigo, um querido amigo. Então, eu via sempre essa dualidade. Uma que eu ajudava e a outra em que eu participava. Estou aqui como um profissional, fazendo um desfile. [...] ²⁴¹

É interessante observar que Boni nunca escondeu sua amizade com Castor e, da mesma forma com Anísio, anos depois. As transmissões de desfiles, com inúmeros flashes do personagem devidamente trajado entre os dirigentes das agremiações é a maior prova disso. Boni e sua esposa, além do amigo Ricardo Amaral, marcam essa presença há anos sem qualquer constrangimento. Sequer houve até hoje qualquer contestação dos proprietários do grupo Globo ou de clientes do serviço de propaganda da emissora. Se bem

²⁴¹ GALDO, Rafael. Entrevista: José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, Boni. *O Globo*, Rio de Janeiro, 30 jan. 2014, Matutina, Rio, p. 16.

que nas fotos que ilustram a autobiografia do publicitário não aparece nenhuma dele junto com Castor ou Anísio na Passarela do Samba, apesar da seleção de imagens de carnaval com globais, o seu amigo Amaral e uma de Roberto Carlos, sozinho, no desfile de 2011.

A seguir, uma foto do empresário posando à frente da escola no desfile de 2010, com roupa que identifica a diretoria da agremiação, mas também é distribuída para pessoas da rede de influência do poder familiar. Essa prática é motivo de muitos ressentimentos entre os componentes da escolas, que se julgam com mais direitos de ocupar tal posição de destaque do que pessoas “de fora” que mal são vistas na quadra. Outro detalhe importante é a credencial da LIESA que está sendo usada por Boni, o que confere o direito de transitar livremente pela pista durante o desfile de qualquer agremiação. Jornalistas reclamam da restrição para que mais profissionais tenham essa credencial, a fim de exercer seu trabalho de cobertura, enquanto que “celebridades” conseguem isso mais facilmente junto à LIESA.

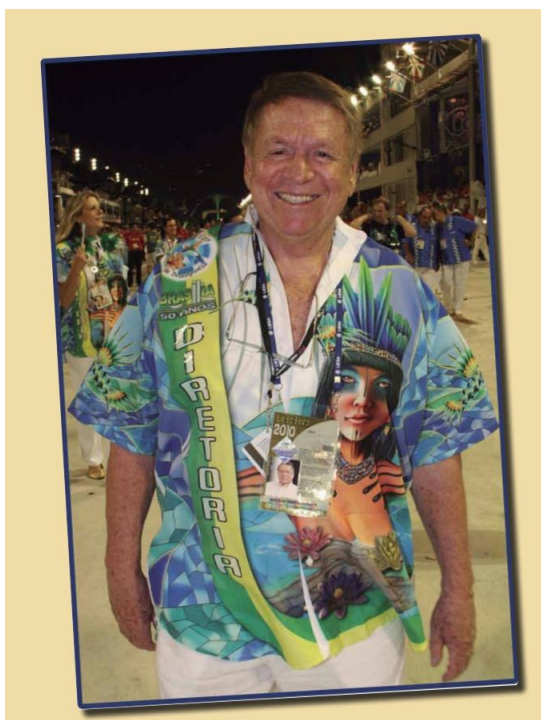


Imagem 47. Boni desfilando com roupa de diretor, desfile de 2010.²⁴²

²⁴² Cf. O ASTRO iluminado Boni. *RBF*. 2014. p.8.

Historicamente, a legitimidade dos velhos banqueiros do jogo do bicho tem a ver com o assistencialismo praticado nas camadas populares suburbanas e, mais especificamente, com a patronagem no universo do carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro. Contudo, é preciso considerar que a proteção dos negócios e a manutenção das organizações informais – vale ressaltar que o carnaval também se tornou empreendimento econômico – dependem da extensão da rede de influência dos chefes para conexão com representantes de setores externos ao samba nas camadas superiores da sociedade.

Isso envolve a corrupção de autoridades, mas também contratos oficiais para concessão de recursos públicos para as agremiações carnavalescas. E ainda negociações com grandes empresas privadas para contratação de serviços e exploração de espaços de publicidade no Sambódromo. Se governantes e empresários podem imaginar a vida obscura dos patronos, por que aceitam fazer acordos com eles ou com seus representantes?

A conhecida amizade entre o executivo mais importante das Organizações Globo com chefes da contravenção no Rio de Janeiro deve ser observada em função dessas considerações que apresentamos. É possível considerar que o primeiro episódio significativo da defesa dos interesses da Rede Globo de Televisão junto à cúpula do jogo do bicho tem relação com a própria criação da LIESA, logo depois do primeiro carnaval realizado no Sambódromo. Isso foi marcado pelo conflito em torno da negociação para transmissão dos desfiles, conforme discussão o primeiro capítulo da tese, onde se tratou da construção da Passarela do Samba. Havia um embate mais profundo entre Roberto Marinho e o então governador Brizola que se converteu numa questão do carnaval.

Em sua autobiografia, Boni procura esclarecer que jamais houve vontade de sua parte, como representante da Rede Globo, para rejeitar a transmissão dos desfiles como se fosse uma reação ao poder de Brizola sobre a organização do carnaval, em função do

Sambódromo. Ele explica uma situação envolvendo a diretoria da antiga Rede Manchete como justificativa da perda dos direitos de transmissão do carnaval de 1984.

[...] Nas reuniões preliminares, fui contra essas propostas [da volta na Apoteose e dos desfiles em dois dias com a criação do Supercampeonato] e começou a se criar um ambiente delicado de entendimento entre o Darcy, representado pelo Carlos Imperial, e a Globo. Por outro lado, o governo, com o Sambódromo na mão, assumiu a negociação dos direitos de transmissão anteriormente discutidos com a Associação das Escolas de Samba. A coisa foi engrossando e, pressionado, achei uma saída: combinei com o Moysés Weltman, da Manchete, que ele compraria o carnaval sozinho e depois repassaria a minha parte. Uma vez assinado o contrato, no entanto, o Weltman não me atendia mais e o Bloch não respondia a nenhum telefonema do dr. Roberto Marinho. Como a Globo havia ajudado a Manchete a receber as concessões dos seus canais, inclusive fazendo, de graça, o projeto técnico para o Ministério das Comunicações. O dr. Roberto declarou guerra ao Adolfo Bloch.

Ficamos fora do carnaval. No Rio, a Manchete deitou e rolou na audiência, mas no resto do Brasil, sem carnaval, a programação da Globo cresceu em relação aos anos anteriores. Essa é a verdade completa da história. O Brizola, de forma demagógica, tentou inventar que a Globo quis boicotar o Sambódromo. Uma infantilidade. Não iríamos perder o evento [p. 401] por causa disso. Quanto à Manchete, foi para ela uma “vitória de Pirro”. Cutucou o leão com vara curta. Nós, que éramos aliados deles, passamos a considerá-los inimigos e, como a característica da Globo foi sempre de um “corredor de fundo, de longa distância”, a Manchete sofreu muito com o não cumprimento do acordo. [...] ²⁴³

No seu livro “O quarto poder”, o jornalista Paulo Henrique Amorim levanta dúvidas a respeito do empenho apresentado por Boni. Entretanto, Amorim reconhece que houve tentativa do próprio Roberto Marinho junto a Adolpho Bloch para fazer um acordo de transmissão em *pool* que contemplasse as duas emissoras. Por ignorar as solicitações de Marinho, Bloch teria assegurado exclusividade da Manchete na transmissão.

Contudo, o que é mais relevante e merece consideração no referido relato de Boni é a parte em que ele diz ter sido graças a sua ligação com a Mocidade de Castor de Andrade, e com isso a conquista de apoio dos demais patronos banqueiros do jogo do bicho, que a direção da recém-criada Liga Independente das Escolas de Samba exigiu do governo que a TV Globo voltasse a fazer parte das transmissões dos desfiles. Boni conta o seguinte:

²⁴³ OLIVEIRA SOBRINHO, J. B. *O Livro Boni*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011. p.402.

[...] Sem diálogo com o Brizola, procurei o Castor de Andrade, o Anísio Abraão David, o Capitão Guimarães e o Luizinho Drumond, pedindo ajuda às escolas. O Castor, devido às minhas relações com a Mocidade Independente, foi categórico:

- Ou a Globo volta a transmitir os desfiles ou vamos desfilar em Niterói.

Não foi por esse motivo que foi fundada a LIESA (Liga Independente das Escolas de Samba), pois a retomada da negociação do carnaval era o objetivo principal. Juntou a fome com a vontade de comer. A LIESA foi fundada e passamos a ter uma arma contra o Brizola. [Grifo meu] Ele me recebeu em seu apartamento em Copacabana e eu levei o documento de fundação assinado por 12 das maiores escolas. Ele espumava de ódio, mas ligou para o Marcelo Alencar, então prefeito, e pediu que me recebesse junto com a diretoria da recém-fundada LIESA. Fomos ao alto da Tijuca e o quarteto Castor, Anísio, Guimarães e Luizinho negociou a retomada dos direitos, o processo de organização e o controle de uma festa que, legitimamente, pertence às escolas e não ao poder público.²⁴⁴

De fato, a criação da LIESA não se justifica apenas por essa questão. No entanto, fica claro que a grande empresa de comunicação obteve um importante benefício por meio da ligação pessoal do seu principal executivo com a cúpula da contravenção do Rio de Janeiro, e que não por acaso é também a cúpula do carnaval das escolas de samba.

Isso confirma a posição dos sociólogos Luiz Antonio Machado da Silva e Filipina Chinelli, com os quais tenho acordo, ao assinalarem que a precariedade do controle de classe no Brasil leva os representantes da “ordem” a se aliarem aos da “desordem”.

Boni se transferiu para a Beija-Flor após da morte de Castor, em 1999. Já tinha desfilado com sua mulher Lu de Oliveira por ocasião do enredo sobre a televisão, em 1992, o último desenvolvido pelo carnavalesco Joãozinho Trinta. Em 2004, concedeu entrevista à *Revista Beija-Flor*, e nessa oportunidade também se manifestou sobre o episódio da transmissão dos desfiles de 1984, conforme discutido anteriormente, mas na maior parte do depoimento ele tratou de sua trajetória profissional. E o mais interessante é que os entrevistadores deixavam transparecer enorme satisfação pelo fato de estarem registrando nas páginas da publicação o testemunho de uma personalidade reconhecida e respeitada no meio empresarial, especialmente na área de comunicação, que é tão cara ao carnaval. O

²⁴⁴ Idem. p. 403.

aval de Boni daria credibilidade ao projeto da revista e, talvez, ajudá-la a atrair contratos de publicidade com empresas de proprietários amigos do ex-diretor da Rede Globo.

A partir da edição de 2011, Boni passou a escrever na própria *Revista Beija-Flor* assumindo um papel de empresário-intelectual em defesa da forma de organização do carnaval conduzida sob a direção da LIESA. De lá para cá, vem reforçando através dos textos o discurso de que os banqueiros do jogo do bicho, na condição de patronos das agremiações, teriam sido os responsáveis pela sobrevivência do carnaval das escolas de samba e pela elevação da festa à condição de “maior espetáculo da Terra”.

[...] Quanto custa tudo isso? A preciosa mão de obra que é empregada em larga escala nas escolas tem que ser remunerada. O espírito de corpo está presente, mas o nosso corpo físico precisa de comida. E os materiais? O valor é muitas vezes maior do que se possa imaginar. Ingressos, subsídios, direitos, todas as rendas somadas ficam muito abaixo do custo real. Aí vêm os patronos. Muita gente os acusa de utilizar as comunidades e estabelecer uma relação com elas de poder e subserviência. Deixa Falar. Sou testemunha que essa relação não existe. Como em toda empresa, há uma hierarquia nas escolas de samba. É claro que os patronos são beneficiados com o reconhecimento pela sua participação, mas todas as empresas e governos gastam fábulas para criar uma boa imagem. Não se pretende aqui criar uma ideia de mecenato, pois a competição e o prestígio são elementos. Mas, sem a organização trazida pelos patronos e sem os investimentos feitos por eles não existiriam escolas com a criatividade e a qualidade que existem hoje. Empregos seriam descartados, fornecedores teriam sua atividade financeira reduzida e comunidades deixariam de ser atendidas. Conheço em detalhes as realizações da Beija-Flor em Nilópolis, com o assistência médica, esportes, educação e apoio social. É um belo trabalho que colhe prestígio, mas nada é pedido em troca. [RBF. 2011: 79]

Não resta dúvida que os custos da produção do desfile de uma agremiação do Grupo Especial são bastante elevados. Os barracões empregam farta mão de obra, sobretudo informal, e movimentam toda uma cadeia de consumo de bens e serviços dentro e fora do carnaval favorecendo empresas dos mais diversos ramos e o próprio Estado. Todavia, no quadro atual, os ganhos das escolas em função dos direitos de participação nas receitas do espetáculo são significativos, a questão é a própria lógica da grandiosidade do evento alimentada pela LIESA acaba criando uma situação quase insustentável.

As decisões acerca da organização do carnaval e da direção das principais escolas continuam fica restrita aos velhos patronos, que na verdade são grandes responsáveis pela primazia do visual nos desfiles e pelo gigantismo das alegorias em detrimento do samba. Atualmente, os dirigentes das escolas de samba, eles mesmos homens de negócios, aceitam ainda mais submissões impostas pelas autoridades e pelo empresariado que participa da exploração da festa, deixando-os interferir cada vez mais em prejuízo da qualidade. Exemplo disso é que não acontece mais a transmissão ao vivo das primeiras escolas.

Examinando matérias da edição de 2012 da Revista, verifica-se que Boni expressou através de artigo profunda indignação com a prisão temporária decretada para Anísio Abraão, às vésperas do carnaval, em virtude de investigações decorrentes da Operação Dedo de Deus, da Polícia Civil. Saiu em defesa do amigo com as seguintes palavras:

Estive na quinta-feira, dia 9 de fevereiro de 2012, no barracão da Beija-Flor. Lá, a alegria e a competência de sempre, a busca da perfeição liderada pelo motor criativo e executivo da escola de Nilópolis, o gigante Laíla. Vi um trabalho emocionante executado pelo Fran Sérgio, Bira, Victor e André Cesari. Que time!

[...]

Mas havia também dor e tristeza na Beija-Flor. O comandante supremo, Anizio Abrahão David, mesmo doente e sem poder ser tratado estava ausente, encarcerado numa jaula sem que pese sobre ele nenhuma acusação concreta. Não pretendo aqui defender o jogo do bicho, mas repudiar a forma como se instaurou a campanha contra os bicheiros, utilizados como matéria-prima da construção de carreiras políticas e de interesses pessoais de alguns que – sem ter o que mostrar e sem ter bandeira social – querem fazer de seu currículo o combate à contravenção como se fosse uma luta contra crimes hediondos. Chega de falsidade.

[...]

Não quero discutir o jogo do bicho em si. Quero, no entanto, falar do Anizio que eu conheço e que, além do mecenato ao Carnaval, foi um dos grandes responsáveis pela elevação da qualidade de temas, produção e organização do Desfile das Escolas de Samba nas últimas décadas. Vão lá a Nilópolis e vejam o trabalho social que ele desenvolve: as escolas, as creches, a assistência médica e social... Trabalho que nenhum de seus detratores jamais fez nada parecido. O que dizer, então, da grossa corrupção cujo conteúdo todo dia aflora no país? E com que suavidade e carinho têm sido tratados esses ladrões. Dilma está sendo firme e justa. Mas ninguém apedreja esses culpados confessos porque isso não dá voto. Não sou e nem pretendo ser juiz das ações do Anizio. Mas, se querem julgá-lo, que o façam sem a vilania da perseguição. Ratos e urubus... larguem a hipocrisia. [RBF, 2012: 11]

Embora menos frequente ao barracão da escola nos últimos anos, até por questão de idade, Anísio continua sendo uma liderança fundamental. A dinâmica de funcionamento de toda Beija-Flor ainda depende muito de decisões pessoais do patrono, especialmente nos casos em que é preciso administrar conflitos, alguns deles decorrentes da contravenção. Portanto, seu distanciamento é realmente um complicador para o andamento dos trabalhos.

Existe hoje no Brasil uma tendência de espetacularização de certas prisões, ainda mais quando está em jogo a reputação de pessoas. Os casos da chamada Operação Lava Jato traz bons exemplos relacionados a políticos e empresários. Em 2012, prisões de chefes da contravenção já não eram desconhecidas da sociedade, alguns deles vinham respondendo inclusive a processos ligados à Operação Furacão, de 2007. É interessante a argumentação de Boni ao citar a obra social de Anísio e seu papel no carnaval como algo que o credencia na sociedade, independente de ter relação com a contravenção.

Outro aspecto que costuma ser criticado por Boni através de artigos e entrevistas publicados na revista é a falta do devido conhecimento, por parte das autoridades, para a importância cultural das escolas de samba. A partir disso, ele aborda os aspectos de infraestrutura, produção e comercialização sob a lógica do carnaval como espetáculo.

É uma pena que as autoridades pensem pequeno e entendam o Carnaval apenas como um evento turístico. Não é: o Carnaval é uma manifestação cultural popular e legítima. E as Escolas de Samba, em especial, precisam de investimentos. O desfile das Escolas, em si, é tão somente o fecho de um esforço humano brutal e de um amor descomunal pelo evento. Não sou chauvinista e não tenho preconceito contra artistas internacionais. Mas escorre grana grossa dos cofres públicos e dos anunciantes para pagar “shows” milionários de invasores culturais, enquanto se ouve besteiras do calibre de que “o dinheiro da subvenção doado às Escolas de Samba dá para fazer um razoável desfile”. Dá para fazer??? Que é isso? Tem que haver verba para fazer, de verdade, o maior espetáculo da Terra e as Escolas já provaram que têm capacidade para isso. Nada contra um “Rock in Rio”, do competente e empreendedor Medina, um Steve Wonder, Lady Gaga, Madonna ou qualquer grupo e cantores de fora. Mas são espetáculos sem qualquer cunho de cultura local, absolutamente inferiores e apagados perto da criatividade, da importância, da magnitude e do brilho das Escolas de Samba. [RBF, 2013: 48] Para fazer o que precisa ser feito e não para “o que dá para fazer” é necessário que o poder público reavalie a sua política de investimentos e passe a priorizar

nosso Carnaval. Vamos acabar com a conversa fiada e, em detrimento do lixo cultural estrangeiro, vamos dar prioridade ao que é bom e autenticamente brasileiro. Atualmente, as Escolas estão correndo atrás dos enredos vendidos para patrocinadores, para garantir a produção do desfile e a sobrevivência do Carnaval. É um risco incrível para a degeneração do espetáculo. Em alguns anos, essa prática autofágica levará as Escolas de Samba a consumir o restante da carne magra e da pele seca que esconde seus problemas. [RBF. 2014: 49]

É procedente a crítica a respeito de despreparo e falta vontade política de autoridades no que se refere às escolas de samba. Entretanto, não se pode negar que há investimentos públicos significativos na produção da festa, apesar dos objetivos predominantemente turísticos. Cabe discussão se tais investimentos são de fato suficientes.

A atuação do Ministério Público Estadual contra os termos dos contratos de carnaval celebrados entre Riotur e LIESA foi outro alvo das críticas do empresário-intelectual no mesmo artigo publicado, e desconsiderando irregularidades que já haviam sido comprovados através de análise de documentos em anos anteriores. Vejamos:

A situação de dificuldade em que vivem as escolas remete seus diretores à busca pelos ENREDOS PATROCINADOS. Diretores de Carnaval e carnavalescos se viram para transformar um comercial em história “palatável” e disfarçar o anúncio em enredo. Eu tenho certeza de que isso vai arruinar o Carnaval e há muito venho batendo nessa tecla. Conheço o Carnaval antes e depois da LIESA. Se não fossem os patronos e a perfeita organização da LIESA, os desfiles já teriam acabado há muito tempo ou teriam virado blocos de sujo. Pois que os governantes e o Ministério Público parem de colocar dúvidas sobre o destino das verbas michas e pobres destinadas às escolas de samba. São Insignificantes diante dos custos reais. E além do mais a grana chega tarde. As verbas só chegam no último momento, quando o dinheiro para produzir o espetáculo já foi gasto, tomado emprestado, usando créditos ou tirado do caixa das escolas que têm de onde tirar. Os patronos coçam o bolso e põem a grana deles para arder. Enquanto isso, o Carnaval rende milhões para os cofres públicos. As autoridades que descubram métodos de controle – os mais rígidos possíveis – e não se limitem a dar subvenção ou ajuda às escolas de samba. Que contratem a preço justo os serviços delas. Paguem o que vale esse “show” maravilhoso, sem igual no mundo. Contratem as escolas de samba através da LIESA para que se possa produzir e entregar de verdade o MAIOR ESPETÁCULO DA TERRA. A LIESA entregará um produto da mais alta qualidade. Coisa profissional. Eu sou fiador. [RBF, 2015: 67]

A comercialização dos enredos pode ter sido uma alternativa no começo de fenômeno, em meados da década de 1990, mas depois se tornou uma estratégia muito clara

de financiamento dos desfiles capaz de gerar lucros inclusive para mediadores dos contratos de patrocínio. Da forma como Boni coloca, parece que as agremiações são forçadas a seguir por esse caminho. E conforme analisado no segundo capítulo deste trabalho, foram muitos os casos até aqui em que a promessa do aporte não se confirmou deixando as diretores de escolas à própria sorte para arcar com os custos.

O Ministério Público não exerce ação punitiva a partir de suas investigações, o órgão cumpre inclusive um papel orientador para medidas dos representantes do poder público. Estes, por sua vez, deveriam trabalhar junto às agremiações desenvolvendo uma política de cultura adequada no sentido de corrigir irregularidades na aplicação de recursos.

A relação dos contraventores com autoridades e gente da chamada alta sociedade deve ser analisada por diversas perspectivas, entretanto, a proposta deste trabalho não é promover julgamento moral. Tais ligações constituem um fato marcante da vida social no Rio de Janeiro, e até por isso é preciso saber que “amizade” não significa necessariamente colaboração com atos ilícitos atribuídos aos chefes da contravenção.

A exposição de tantas experiências e interesses comuns explica a decisão de Anísio Abraão em promover através do enredo de sua Beija-Flor uma homenagem ao amigo Boni. A seguir, um registro fotográfico da cerimônia da leitura da sinopse para apresentação do enredo aos compositores. Boni e Anísio aparecem usando a camisa comemorativa do enredo *Boni: o astro iluminado da comunicação brasileira*. Num detalhe da estampa, ao lado da imagem de rosto do homenageado, tem o símbolo da Rede Globo de Televisão.



Imagem 48. Boni e Anísio.²⁴⁵

Embora Boni não seja mais diretor na Rede Globo há alguns anos, o filho “Boninho” se tornou seu herdeiro em funções de direção no grupo empresarial e vem exercendo o comando da programação televisiva de entretenimento, o que inclui logicamente a transmissão do carnaval das escolas de samba. As decisões recentes da Rede Globo sobre não exibir os desfiles das primeiras escolas do Grupo Especial foram tratadas e comum acordo entre Boninho e o presidente administrativo da LIESA, Jorge Castanheira.

²⁴⁵ Idem. p.14.

Sem falar que este assumiu para si a responsabilidade de atuar como captador de patrocínios e ainda de auxiliar a Comissão de Carnaval na concepção do desfile, conforme explicou na entrevista para o jornal *O Globo* semanas antes do carnaval.

[...] O patrono é necessário à medida que, sem ele, a escola não sobrevive. Tenho certeza absoluta de que os banqueiros do jogo do bicho que patrocinam as escolas são importantes até hoje do ponto de vista de organização do carnaval, mas que gostariam de botar menos dinheiro do bolso deles. A Beija-Flor está pronta. É o maior projeto da história do carnaval: R\$ 15 milhões. Metade do dinheiro que gastou vai receber de algum lugar. A outra metade tem de vir do patrono. Estou ajudando nisso. Fiz reuniões com eventuais patrocinadores. Então, o homenageado tem que ajudar a passar o pires. Como introduzi algumas ideias de tecnologia na Beija-Flor, estou correndo na rua para buscar dinheiro. Minha contribuição estou dando assim. O carnaval tem de ser visto de outra maneira pelo poder público para que seja, e pode ser, muito melhor do que é.

Se orçamento do projeto foi realmente de quinze milhões, confirma-se como um dos mais altos da Sapucaí naquele ano. O grande problema é que, para além dos valores assegurados às agremiações do Grupo Especial por repasses das cotas de ingressos, televisão e propaganda no Sambódromo, pouco se sabe da origem e do fluxo dos recursos empregados no desfile. Além disso, conforme discutido no segundo capítulo desta tese, é cada vez menos existente o investimento direto dos patronos, o que fazem é empréstimo.

Havia dúvida acerca da possibilidade de transformação da trajetória de Boni num bom enredo. Por mais que seja um profissional ligado a acontecimentos importantes da história do rádio e da televisão no Brasil, nunca apresentou programas nas TVs em que trabalhou, e mesmo no ramo da publicidade não deixou marca ou estilo como tantos outros mais ligados à área de criação. No campo do designer, por exemplo, a Rede Globo teve em seus quadros uma figura de ponta e com reconhecimento artístico. Hans Donner, cujo de estilo futurista poderia render um bom carnaval pelas mãos de Renato Lage, é inclusive casado com a dançarina e modelo Valéria Valença, que fez por anos o papel da Globeleza.

Outro aspecto a ser observado é que durante o ano de 2013 nosso país foi surpreendido com grandes manifestações de rua a partir do mês junho. A Rede Globo foi um dos alvos de protesto, pelo menos num primeiro momento, especialmente por causa de sua conhecida cobertura manipuladora e associada às forças políticas de direita quando o assunto é mobilização popular. Jornalistas e câmeras da emissora chegaram a ser agredidos em protestos. Em virtude de tudo isso, um enredo sobre personagem historicamente vinculado à Rede Globo gerava certa preocupação acerca da visão que o público do Sambódromo poderia ter e até mesmo jurados sensibilizados pelo clima das manifestações.

No desfile dividido em oito setores contou, a Comissão de Carnaval reservou os três primeiros para representar uma viagem na história da comunicação no mundo, e os cinco últimos ficaram totalmente voltados para contar a vida do homenageado. Isso confirma que a figura de Boni teve peso fundamental no desenvolvimento do enredo através de uma narrativa centrada em três pilares, as suas grandes paixões, origem familiar e campos de atuação profissional. Um dos carros do desfile foi emblemático por que trouxe numa plataforma inúmeros artistas da Globo, amigos do ex-diretor, o que mostra como o enredo de uma escola de samba é capaz de promover articulações de pessoas e instituições.



Imagem 49. Carro “Televisão – A Emoção está no ar”. Foto: Wigder Frota.

O desfile em si não apresentou problemas em termos de defeitos técnicos nos carros alegóricos, e também não houve qualquer tipo de hostilidade dirigida ao grupo Globo. Conforme proposto pelo próprio Boni, que trabalhou junto à Comissão durante os preparativos, as alegorias exploraram recursos de tecnologia, especialmente telões montados para apresentação de fotos e vídeos de acordo com temas respectivos de cada setor. Um dos carros, por exemplo, expressava a ideia de que o futuro das comunicações deve ser considerado com base no conceito de interação, ou seja, cada vez mais os veículos precisarão estar abertos à participação do público. O que representava isso na alegoria era o funcionamento de um mecanismo para recepção e transmissão em tempo real de imagens enviadas por pessoas que estavam assistindo ao desfile pela TV ou na própria Sapucaí.



Imagem 50. Carro “O Mundo na Rede em Tempo Real – O Futuro da Comunicação”.

Foto: Wigder Frota.

Contudo, as notas recebidas dos julgadores foram ruins a ponto de retirarem a agremiação do Desfile das Campeãs. Obteve um sétimo lugar, fato inédito desde que se consagrou no grupo das grandes do carnaval carioca em meados da década de 1970. O diretor de carnaval Laíla chegou a comentar que julgadores teriam confundido uma possível visão negativa a respeito da figura pessoal de Boni com a devida análise do desenvolvimento do enredo segundo os critérios técnicos do regulamento da LIESA.

Eu assisti a esse desfile do Sambódromo e registro que, da arquibancada, foi difícil compreender, por exemplo, a apresentação da Comissão de Frente. Por ideia do coreógrafo Marcelo Misailidis o casal de mestre-sala e porta-bandeira atuou na mesma cena em que os

bailarinos Comissão, algo estranho para a tradição dos desfiles, e que não funcionou bem até mesmo por causa do recurso técnico de uma fumaça que dificultava a visualização.

Boa parte do desfile foi dedicada a representações de gostos pessoais do homenageado – artes e culinária, por exemplo –, o que deixou a narrativa prejudicada pela falta de referência a costumes populares que seriam muito mais propícios para o tratamento carnavalesco e capazes de sensibilizar sambistas e o público em geral. Outro ponto foi na forma como desfilou o próprio Boni ao lado da Rainha da Bateria, Raíssa Oliveira. Ele estava fantasiado de Carlitos, personagem de Chaplin, assim como os ritmistas, e acabou dividindo atenções tanto com a Rainha e, de certa forma, com o conjunto da bateria.



Imagem 51. Boni e Raíssa no desfile. Portal UOL Carnaval. Foto: Antonio Scorza.

Como colaborador da *Revista Beija-Flor*, Boni tem sido persistente por meio dos textos na reivindicação por mais investimento público na produção do carnaval. É interessante como um genuíno representante do mercado, defensor da competência dos dirigentes da LIESA e da concepção do carnaval como negócio, esteja reconhecendo que o Estado precisa ter um papel de peso na organização atual dos desfiles e, para tanto, articular ações específicas para festa no âmbito de uma política de cultura específica.

A comercialização dos enredos se desenvolveu ao ponto de envolver interesses no âmbito das relações internacionais. A proposta da Beija-Flor para o carnaval de 2015 foi homenagear um país africano, algo que dentro da tradição dos desfiles a partir da década de 1960 com os carnavais do Salgueiro costuma despertar identificação nos componentes. Conforme foi discutido na parte deste capítulo referente ao carnaval de 2007 da Beija-Flor, a escola tem em sua trajetória boas experiências na linha dos chamados enredos afros.

A ideia do enredo sobre a desconhecida Guiné Equatorial trouxe boas expectativas, especialmente depois da péssima colocação no desfile anterior com Boni, e ainda vinha com a possibilidade de um forte patrocínio. Estima-se que o aporte financeiro recebido para a produção do desfile sobre a Guiné tenha sido o maior da história do carnaval. O valor, no entanto, foi proporcional ao tamanho da repercussão negativa relacionada à fonte do dinheiro – duvidosa, diga-se de passagem - atribuída primeiramente ao governo do país.

O pequeno país da África Ocidental, terceiro maior produtor de petróleo do continente, jamais tinha ocupado tanto espaço na mídia brasileira. Entretanto, apareceu por meio de matérias que apontavam a miséria do seu povo em contraste com a riqueza da família do ditador que controla um regime marcado por sérias denúncias de corrupção e perseguição violenta aos opositores.²⁴⁶ Algumas reportagens contaram com a colaboração de refugiados, estudiosos e representantes de entidades de defesa dos direitos humanos, chamando atenção para os desrespeitos praticados há décadas pela ditadura de Teodoro Obiang Nguema Mbasogo, que tem como futuro sucessor seu primogênito Teodoro Nguema Obiang Mangue, chamado de Teodorín.²⁴⁷ Este é conhecido pela ostentação da

²⁴⁶ Cf. CAMPOS, Lucien de. [Ditador de Guiné Equatorial doa R\\$ 10 milhões à Beija-Flor de Nilópolis](http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/02/ditador-de-guine-equatorial-doa-r-10-milhoes-a-beija-flor-de-nilopolis.html). *Pragmatismo político*. Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/02/ditador-de-guine-equatorial-doa-r-10-milhoes-a-beija-flor-de-nilopolis.html>> Acesso em 17 fev 2015 às 20:00; Cf. UM DITADOR no carnaval do Rio. *El país – Brasil*. 19 fev. 2015 Disponível em:<http://brasil.elpais.com/brasil/2015/02/17/opinion/1424197404_799744.html> Acesso em 19 fev. 2015 às 21:00.

²⁴⁷ Cf. PELLEGRINE, Marcelo. Entrevista – Ativista da Guiné Equatorial condena apoio à Beija-Flor. *Carta Capital*. 22 fev. 2015. Disponível em:<<http://www.cartacapital.com.br/internacional/beija-flor-guine-equatorial->

riqueza e denunciado por esquemas de lavagem de dinheiro em várias partes do mundo, inclusive Brasil, onde é dono de automóveis e apartamentos em São Paulo e no Rio.²⁴⁸

Conta-se que o ditador Obiang seria frequentador do Sambódromo há dez anos, e que seu filho foi o responsável pela aproximação com a Beija-Flor. Há registro fotográfico no jornal *O Beija-Flor* da presença de Teodorín no camarote de Anísio Abraão, na quadra da Beija-Flor, à época dos ensaios para o carnaval do enredo *Áfricas*, de 2007.²⁴⁹

A versão de Lafla para a negociação do enredo sobre a Guiné Equatorial, de acordo com informações publicadas na *Revista Beija-Flor*, foi a seguinte:

Lafla explica os porquês da escolha desse enredo tão festejado em Nilópolis: ‘Após o Carnaval de 2014, o qual temos certeza de que a Beija-Flor foi julgada de maneira parcial, decidimos que precisávamos de um Carnaval mais impactante, que trouxesse de volta os grandes desfiles da nossa escola. De acordo com uma pesquisa que a Comissão de Carnaval realizou, chegamos à conclusão de que o tema ‘África’ era o caminho. Mas tínhamos que ver como colocaríamos esse enredo em prática. Especialmente porque muitas escolas já falaram sobre esse tema – inclusive nós –, e precisaríamos nos manter mais uma vez na vanguarda, no que se refere ao desenvolvimento de um enredo. Outro item importante que precisaríamos definir estava relacionado aos custos. Quem acompanha a realidade de um espetáculo de Carnaval no Grupo Especial sabe que os recursos que as escolas dispõem são insuficientes, frente às despesas. Colocar uma escola na avenida é um custo muito grande. Por isso, a busca de um patrocinador é fundamental. Em 2013, a Beija-Flor realizou um show na Guiné Equatorial, que foi muito bem recebido pelo público e pelos organizadores, que gostaram muito do que apresentamos. Esse contato com o país foi importante, porque o governo de lá, sabendo que estávamos buscando patrocinadores, manifestou interesse em estar com a Beija-Flor nesse carnaval. Os representantes da Guiné Equatorial nos procuraram e depois de algumas negociações fechamos a parceria, com a proposta de fazermos um Carnaval

[2029.html](#)> Acesso em 22 fev. 2015 às 10:45; Cf. ÁVILA, Juan Tomás. Carta de um escritor da Guiné Equatorial aos cariocas. 19 de fev de 2015. (Tradução de Antônio Rodrigues). *Rede Angola*. 20 fev. 2015. Disponível em: <<http://www.redeangola.info/especiais/carta-de-um-escritor-da-guine-equatorial-aos-cariocas/>> Acesso em 20 fev. 2015 às 23:00.

²⁴⁸ Cf. CASADO, José. Filho de ditador gasta em compras o dobro da dívida com o Brasil. *O Globo*, Rio de Janeiro, 4 ago. 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/filho-de-ditador-gasta-em-compras-dobro-da-divida-com-brasil-9345732>> Acesso em 22 fev. 2015 às 14:20; Cf. ARAÚJO, Vera. Ministério Público Federal apura doação da ditadura da Guiné Equatorial à Beija-Flor. *O Globo*, Rio e Janeiro, 20 fev, 2015. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/carnaval/2015/ministerio-publico-federal-apura-doacao-da-ditadura-da-guine-equatorial-beija-flor-15387143>> Acesso em 22 fev. 2015 às 10:45.

²⁴⁹ Na pequena foto, Teodorín aparece posando com a porta-bandeira Selminha Sorriso, e junto com ela ostenta ritualmente o pavilhão da escola de samba. E como indica outra foto publicada ao lado da primeira, compartilhando a legenda, outros visitantes ilustres estiveram no camarote na ocasião daquele ensaio de 2007: “O Embaixador da Guiné Equatorial, Teodoro Nguema Obiang, ‘caiu’ no samba junto com Selminha Sorriso, as atrizes, Zezé Motta e Maria Ceíça, a Ministra da Igualdade Racial Matilde Ribeiro e o Presidente Farid Abraão”. NOSSA cara... Nossa gente! *O Beija-Flor*. Nº 27, Ano 4, fev. 2007.

abordando África e falando sobre o país deles - sua cultura e seus atrativos. Tem estado tudo muito afinado e estamos todos muito otimistas em relação ao que apresentaremos na Avenida'.²⁵⁰

Coloca-se o aspecto financeiro como determinante na produção de um carnaval “competitivo”, como se costuma falar no meio. Todavia, não é garantia de sucesso e outros fatores envolvidos precisam ser considerados. E por mais que a escolha do enredo seja fruto de uma decisão da diretoria, é importante que seja bem recebida pelos demais segmentos da agremiação – o que é favorecido quando o tema se associa com o perfil dela – e possibilite uma abordagem que dê conta da relevância e da originalidade do tema.

Em relação à preocupação com custos, é interessante notar a fala de que os recursos disponíveis para as escolas, em função do que recebem através das receitas do desfile, não são suficientes. É evidente que a patronagem não é mais determinante no financiamento do desfile e, contrariamente às previsões dos primeiros presidentes da LIESA na década de 1980, a forma de organização que passou prevalecer no carnaval também não garantiu autonomia da vida financeira das escolas conforme o crescimento contínuo do espetáculo.

A Rainha da Bateria Raíssa Oliveira chegou a declarar que ela teria sugerido informalmente a realização do enredo quando esteve na Guiné, em 2013, com um grupo de passistas e ritmistas para a realização do show pelos 45 anos da independência do país.²⁵¹

Em fevereiro de 2015, *O Globo* passou a tratar o assunto em tom de denúncia através da coluna de Ricardo Noblat, jornalista de tendência direitista na cobertura política. Sobre a aproximação do ditador Obiang com a Beija-Flor, Noblat colocava que Teodorín teria convencido o pai a contratar um show particular com artistas da agremiação, mas para

²⁵⁰ UM GRIÔ conta a história: um olhar sobre a África e o despontar da Guiné Equatorial. *Revista Beija-Flor: uma escola de vida*. 14ª edição. fev. 2015. p.13.

²⁵¹ ALENCAR, Emanuel; MAGALHÃES, Luiz Ernesto; GRILLO, Marco; GALDO, Rafael; BERTA, Rubem. Com enredo apoiado por governo autoritário da África, Beija-Flor chega ao 13º título. *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 fev. 2015. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/carnaval/2015/com-enredo-apoiado-por-governo-autoritario-da-africa-beija-flor-chega-ao-13-titulo-15370476>> Acesso em 19 fev. 2015 às 17:10.

uma apresentação em camarote comprado pela família numa das vezes em que estiveram no Sambódromo durante o carnaval, criando a partir de então uma ligação.²⁵²

Aydano André Motta, jornalista que cobre os assuntos do carnaval desde os anos 1990 e que conhece bem o universo da Beija-Flor, havia noticiado ainda no mês de outubro o pedido que foi feito à escola, através da Embaixada da Guiné, para uma mudança na letra do samba escolhido. A justificativa era no sentido de evitar confusão entre a Guiné Equatorial e o outro país africano de mesmo nome vitimado pela epidemia de ebola.

O jornalista apresentava a comparação dos versos depois da mudança:

Na primeira versão, as citações eram no refrão do meio da obra (“Um africano rei que não perdeu a fé/ Era meu irmão, filho da Guiné!”) e na segunda estrofe (“Dessa mistura vem o meu axé... Canta Brasil! Dança Guiné!”). A alteração foi na última, que passou a ser “Dessa mistura faço carnaval/ Canta Guiné Equatorial”. Assim estará no CD oficial de 2015.²⁵³

Por conta disso, a Comissão de Carnaval precisou dar declarações, especialmente através de *sites* especializados, explicando que não estava sofrendo interferências do patrocinador, e que não levaria o enredo para o campo da “política”.²⁵⁴ A narrativa, segundo eles, abordaria as características naturais e as tradições culturais do país.²⁵⁵

O Globo fez ainda uma consulta à juíza aposentada Denise Frossard. Conhecida publicamente pela condenação dos chefes do bicho, em 1993, ela se pronunciou sobre o

²⁵² NOBLAT, Ricardo. Presidente da Guiné Equatorial dá R\$ 10 milhões para desfile da Beija-Flor que exalta o país. *O Globo*, Rio de Janeiro, 11 fev. 2015. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/carnaval/2015/presidente-da-guine-equatorial-da-10-milhoes-para-desfile-da-beija-flor-que-exalta-pais-15303852?utm_source=Facebook&utm_medium=Social&utm_campaign=O+Globo> Acesso em 12 fev. 2015 às 20:45.

²⁵³ MOTTA, Aydano André. Ebola faz a Beija-Flor alterar letra de seu samba-enredo. *O Globo*, Rio de Janeiro, 25 out. 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/saude/ebola-faz-beija-flor-alterar-letra-de-seu-samba-enredo-14358994>> Acesso em 26 out. 2014 às 16:00.

²⁵⁴ “É UMA DITADURA benéfica”, diz diretor da Beija-Flor, campeã do Carnaval. *Diário do Centro do Mundo*. 18 fev. 2015. Disponível em: <<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/e-uma-ditadura-benefica-diz-diretor-da-beija-flor-campea-do-carnaval/>> Acesso em 22 fev. 2015 às 10:00.

²⁵⁵ BARRACÕES do Especial: Beija-Flor busca retorno de sua plástica diferenciada para buscar o título. *Carnavalesco*, 5 fev. 2015. Disponível em: <<http://www.carnavalesco.com.br/noticia/barraces-do-especial-beija-flor-busca-retorno-de-sua-plstica-diferenciada-para-buscar-o-titulo/11224>> Acesso em 5 fev. 2015 às 20:40.

caso chamando atenção para precauções que deveriam ser tomadas em relação à origem do dinheiro recebido pelas agremiações através de patrocínios. Todavia, ela dava a entender que seria descrente quanto a possíveis ações dos dirigentes nesse sentido porque teriam um longo histórico de ligação com organizações dedicadas às atividades ilícitas.²⁵⁶

Articelistas de revistas e espaços alternativos de mídia também se manifestaram condenando o recebimento do patrocínio atribuído ao governo de Obiang.²⁵⁷ No entanto, colocavam que o empenho de veículos das Organizações Globo na cobrança pela ética no financiamento do carnaval deveria passar por revisão dos próprios vínculos do grupo empresarial de comunicação com a instituição controlada pela cúpula do jogo do bicho e responsável organização do carnaval, especialmente no que diz respeito aos contratos de transmissão pela televisão e uso de espaços de publicidade na Passarela do Samba.²⁵⁸

O principal executivo da Rede Globo de Televisão durante décadas, José Bonifácio Sobrinho, assume abertamente sua relação pessoal com os banqueiros do jogo do bicho, a ponto de ter sido o homenageado do enredo da Beija-Flor em 2014. Boni não esconde o histórico de sua atuação profissional representando os interesses corporativos da empresa de comunicação em negociações acerca do carnaval com os chefes da contravenção.

A Rede Globo de Televisão é agente central na organização do espetáculo carnavalesco, tem o acordo de mais de vinte anos com a LIESA para transmitir com exclusividade o desfile das escolas de samba, algo que é duramente criticado por cronistas do carnaval por conta da forma como a emissora apresenta os desfiles. Conta-se que a

²⁵⁶ MARCOLINA, Bárbara e GALDO, Rafael. Juíza Denise Frossard critica enredo patrocinado por ditador de um país africano: “dinheiro sujo”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 12 fev. 2015. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/carnaval/2015/juiza-denise-frossard-critica-enredo-patrocinado-por-ditador-de-pais-africano-dinheiro-sujo-15315108>> Acesso em 12 fev. 2015 às 14:00.

²⁵⁷ Cf. O QUE você precisa saber sobre a Guiné Equatorial. *Diário do Centro do Mundo*. 18 fev. 2015. Disponível em: <<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/o-que-voce-precisa-saber-sobre-a-guine-equatorial/>> Acesso em 18 fev. 2015 às 21:00.

²⁵⁸ Cf. BRITO, Fernando. Alô, galera da CBN, vocês sabiam que o bicho já teve “O poste no ar” na Globo? *O Tijolaco – ‘A política, sem polêmica, é a arma das elites’*. 20 fev. 2015. Disponível em: <<http://tijolaco.com.br/blog/?p=24890>> Acesso em 20 fev. 22:00.

cúpula da contravenção não ousa interromper essa exclusividade da TV Globo temendo ser alvo de pressão midiática por meio da exposição de suas atividades ilícitas.

Até hoje não se sabe concretamente a origem do financiamento daquele carnaval da Beija-Flor. No auge do debate público, a pesquisadora da Comissão de Carnaval, Bianca Behrends, chegou a afirmar que o apoio governamental da Guiné se deu apenas por meio do suporte de informações durante uma viagem que fizeram ao país.

Talvez não se tenha percebido no dia do desfile, mas as palavras de agradecimento do Embaixador da Guiné através de um texto publicado *Revista Beija-Flor* indicavam outros agentes envolvidos no financiamento do desfile:

‘Esta maravilhosa homenagem à República da Guiné Equatorial preparada pela Beija-Flor de Nilópolis com o apoio do nosso governo, de nossa população e das empresas brasileiras que trabalham hoje no nosso país, simboliza o estreitamento cada vez maior das relações de amizade e cooperação sincera entre estas duas nações irmãs.

Esperamos que na estória deste samba, nas representações alegóricas, nas fantasias, na dança e em diversos detalhes deste carnaval da Beija-Flor, o mundo reconheça a proximidade da cultura brasileira com a cultura guinéu-equatoriana e que fique marcado para sempre no coração de nossos povos que as nossas histórias andam juntas e que os nossos caminhos muitas vezes são os mesmos’.²⁵⁹

Dr. Benigno Pedro Matute Tang
Embaixador da República da Guiné Equatorial no Brasil.

Quais seriam as empresas brasileiras a que se referia o Embaixador? Logo depois da apuração dos resultados do desfile, a vitória da Beija-Flor ganhou repercussão mundial. Surgiu, então, uma segunda versão, a partir de declaração do carnavalesco Fran Sérgio²⁶⁰, e também do governo da Guiné²⁶¹, de que empreiteiras brasileiras com atuação no país teriam sido responsáveis pelo financiamento do carnaval da Beija-Flor. Na fala do

²⁵⁹ TEXTO de agradecimento do excelentíssimo Sr. Embaixador da República da Guiné Equatorial no Brasil, Dr. Benigno Pedro Matute Tang. *Revista Beija-Flor, uma escola de vida*. Nº 14. Fev.2015. p.8.

²⁶⁰ ALENCAR, Emanuel; MAGALHÃES, Luiz Ernesto; GRILLO, Marco; GALDO, Rafael; BERTA, Rubem. A ditadura de Nilópolis. *O Globo*, Rio de Janeiro, 19 fev. 2015, Matutina, Rio, p. 6.

²⁶¹ GRILLO, Marco. Governo da Guiné Equatorial afirma que patrocínio à Beija-Flor partiu de empresas brasileiras. *O Globo*, Rio de Janeiro, 19 fev. 2015.

carnavalesco foram mencionadas a Odebrecht e a Queiroz Galvão, e como se tratava de empreiteiras investigadas na Operação Lava-Jato, os jornais das grandes empresas de comunicação repercutiram imediatamente a notícia. Nenhuma das empresas confirmou. A Odebrecht divulgou nota na imprensa negando essa possibilidade.²⁶²

Por mais que a aproximação do governo brasileiro com regimes ditatoriais seja condenável politicamente, e que as operações de grupos empresariais brasileiros em África venha ocorrendo na conhecida lógica da exploração capitalista neoliberal, fico tentado a pensar que a repercussão atingida pelo caso se deveu muito mais por pressão de setores contrários aos governos do PT. O objetivo seria mais expor as contradições do recente processo internacionalização de grandes empresas brasileiras do que propriamente uma preocupação com o carnaval ou com as questões humanitárias no continente africano.

À época, o senador Cássio Cunha Lima (PSDB-PB), anunciou que pediria informações ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio a respeito obras financiadas pelo BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) na Guiné Equatorial. A suspeita do líder do partido no Senado era de que recursos do banco tivessem sido usados pelas empreiteiras brasileiras apontadas como financiadoras do enredo da escola de samba Beija Flor, campeã do Carnaval do Rio. De acordo com informações do *site* de política *Brasil 247*, identificado com os governos do PT, o partido da oposição estava trabalhando pela instalação de CPI mista no Congresso (com deputados e senadores) com o objetivo de investigar o BNDES. Portanto, a ideia dos tucanos seria

²⁶² ODEBRECHT nega que tenha patrocinado a Beija-Flor. O Globo, Rio de Janeiro, 19 fev. 2015. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/carnaval/2015/odebrecht-nega-que-tenha-patrocinado-beija-flor-15380443> Acesso em: 08 fev 2018.

incluir as investigações sobre eventuais obras na Guiné Equatorial nos trabalhos da futura comissão de inquérito.²⁶³

Uma crônica de Luís Carlos Magalhães para o *site* Carnavalesco discutia a reação à vitória do desfile da Beija-Flor lembrando que a escola havia cumprido perfeitamente as exigências do regulamento do concurso, independente da fonte do seu patrocínio, e que apresentou competência carnavalesca para além da abundância de recursos.

Um trecho do texto trata com refinada ironia outro aspecto da questão muito pouco problematizado pelas grandes empresas de comunicação, e que passava justamente pela diferença no tratamento dado ao patrocínio que recebeu outra escola de samba, a Unidos da Tijuca, vindo de um país famoso por ter bancos onde costuma ser depositado dinheiro de famosos corruptos brasileiros e do mundo. Vejamos:

- Alô. Luís Carlos, gostei tanto dos seus elogios ao samba, do 10 que você deu na Rádio Tupi, que resolvi convidá-lo para meu camarote do próximo sábado.
- Oh! meu caro Teo, agradeço muito, mas não sei...temo pela minha reputação, você sabe que há uma campanha nas redes sociais exigindo a perda do título da Beija Flor. Você sabia disso?
- Sei sim, como sei. Acabou o tiro saindo pela culatra. A ideia era com os 10 milhões fazer o povo brasileiro conhecer as belezas naturais e a cultura do nosso país. E, no entanto, nunca se falou tão mal da Guiné Equatorial. Todas as nossas mazelas saem na TV brasileira todos os dias.
- Mas e aí, então não valeu a pena?
- Olhe, eu compreendo isso tudo, só não concordo em tirar o título da escola. E se isso acontecer vou te fazer um pedido. É pra você pedir a anulação do resultado da Tijuca também.
- Mas como vou fazer isso? Baseado em quê? O enredo da escola foi a Suíça, um país de profunda tradição democrática.
- Pois é, rapaz. Essa que é a questão complicada, saber quem fez mais mal à humanidade do ponto de vista da corrupção e dos desvios do dinheiro público tirando-o dos programas sociais destinados à pessoas necessitadas.
- Continuo sem entender nada.
- Eu explico: de fato, minha família desviou muuuuuuto dinheiro público no meu país. E sabe pra onde ia esse dinheiro? Pra Suíça, pra aqueles bancos lá. E ninguém acha isso feio.
- Mas... é diferente...
- Mas o quê? Do ponto de vista ético é muito parecido. Mas você tem razão ao dizer que é diferente, e é mesmo. Nós somos um paizinho pequeno, com

²⁶³ PSDB quer investigar financiamento da Beija-Flor. Brasil 247, 19 fev. 2015, Disponível em: <https://www.brasil247.com/pt/247/rio247/170563/PSDB-quer-investigar-financiamento-da-Beija-Flor.htm> Acesso em: 08 fev. 2018.

de elementos marginais, mas não é assim que acontece. Independente das abordagens feitas nos desfiles, eles costumam expressar a diversidade cultural do Brasil.

Outro fato importante é que o carnavalesco precisa alicerçar a construção de sua narrativa visual com uma boa base de saber histórico, o que não significa dizer que o artista precise da autoridade acadêmica nessa área, mesmo porque a linguagem carnavalesca impõe uma resignificação de valores oriundos de outros universos culturais. Não está no regulamento do desfile a exigência de que os enredos devam levar em conta a diferença entre memória e História, o que se cobra é o desenvolvimento lógico e estruturado dos mesmos.

Para os carnavalescos, o problema mais complicado tem sido lidar com interferências dos patrocinadores na concepção plástico-visual do carnaval, sem falar na pressão sobre os compositores na feitura dos sambas de enredo. Na verdade, quando autoridades de um estado ou de um município decidem pelo patrocínio de um enredo, isso não costuma levar em conta consulta conselhos de cultura, artistas locais, especialistas.

Seria interessante uma pesquisa mais aprofundada para saber se os moradores desses lugares escolhidos como temas se reconhecem com o que foi contado através do desfile, o que abre uma boa discussão sobre a questão da identidade. Apesar de tudo, é significativa a possibilidade do desfile de uma escola de samba desempenhar uma função pedagógica, ainda mais se olharmos para o trabalho de pesquisa que se impõem para todos aqueles que lidam com a criação nesse universo. Essa experiência é riquíssima e precisaria ser trabalhada de forma mais sistemática no espaço da escola formal.

Lamentavelmente, a lógica do mercado que se impõem sobre a organização do carnaval das escolas de samba vem cada vez mais transformando os desfiles em espaços de propaganda, e assim fica difícil pensar os enredos como forma de transmissão do saber histórico numa perspectiva mais crítica, irreverente e renovadora do mundo.

No meio carnavalesco surgem propostas interessantes para elaboração de modelos de patrocínio. Envolvem a preocupação com a garantia de visibilidade para as empresas apoiadoras, mas preservando a produção de possíveis interferências na concepção artística. Vale citar uma observação do carnavalesco e blogueiro Luís Fernando Reis, responsável por carnavais da Caprichosos de Pilares na década de 1980:

Nesse ramo de patrocínio sempre vem na minha cabeça a forma diferente de patrocínios de outras manifestações culturais. Quando, por exemplo, uma peça teatral é exibida, ela não conta a história de um banco, não fala de petróleo, nem de aço ou refrigerante. Ela tem o patrocínio cultural sem que a obra teatral seja alterada e nem sirva de vitrine para as empresas que patrocinam.²⁶⁶

Outro que já deu boas contribuições para o debate foi o jornalista Anderson Baltar, idealizador do projeto da Rádio Arquibancada, que funciona fazendo a cobertura de disputas de sambas de enredo, ensaios técnicos e desfiles, além de dar suporte para textos de pesquisadores do carnaval e fazer entrevistas e debates sobre os assuntos do meio.²⁶⁷

Num artigo relevante publicado no final de 2009, Baltar chamava atenção para a importância do enredo enquanto quesito no julgamento do desfile, e ressaltava a vitória de um “enredo autoral” no carnaval daquele ano como algo importante para indicar caminho para as escolas apostarem na mesma linha frente a tantos enredos patrocinados.

Baltar não se coloca como alguém que rejeita totalmente os enredos com patrocínio, mas faz uma série de ponderações sobre problemas que aí acontecem, na linha do que se discutiu nesse estudo. O mais relevante de sua proposta é a apresentação de um modelo alternativo, próximo do que defende Reis, a fim de que o acordo seja conveniente para as partes envolvidas e, especialmente, garanta a autonomia artística dos desfiles.

²⁶⁶ REIS, Luís Fernando. E aí, tem patrocínio? (Parte II). *SRDZ Carnaval*. 17 mai. 2008. Disponível em: <<http://www.sidneyrezende.com/noticia/2071+e+ai+tem+patrocinio+parte+ii/preview>> Acesso em 2 fev. 2015 às 18:50.

²⁶⁷ Cf. *Rádio Arquibancada - O melhor do Carnaval*: <http://www.radioarquibancada.com.br/site/>.

O que eu defendo é que as escolas de samba encontrem um modelo de patrocínio que não atrele verbas publicitárias à criatividade de seu carnavalesco. Por exemplo: a Petrobras é a maior fomentadora de cultura do país, patrocinando anualmente uma incontável quantidade de peças teatrais e filmes. Em quantos deles você já viu uma torre de petróleo? Ou um posto de gasolina BR? Por que será que só as escolas de samba são obrigadas a atrelar seu roteiro de desfile às vontades do patrocinador? Por que não explorar outras formas de mídia, como inserções comerciais, produtos licenciados com a marca do patrocinador, placas de publicidade na quadra, anúncios nas camisas do ensaio técnico?

Neste ponto, ainda acho que falta uma visão maior de business para nossos diretores que os faça entender que patrocínio não é favor, e sim uma parceria comercial, onde os dois lados têm de ser satisfeitos. A escola de samba, com a verba tão providencial para dar um plus em seu carnaval - não esqueçamos que a verba da Liesa é suficiente para fazer um bom cortejo. A empresa, com sua marca atrelada a entidades culturais reconhecidas mundialmente. Sinceramente, não consigo engolir um dirigente de uma grande escola dizer que "estamos correndo atrás de um patrocínio". Algo está errado. Se houvesse uma administração de marketing que valorizasse o papel que as escolas de samba realmente têm, haveria uma fila de empresas querendo investir nelas, isso sim.²⁶⁸

Este capítulo se encerra com a indicação dessas propostas que expressam preocupações do presente com o carnaval das escolas de samba e ainda apontam caminhos a serem explorados em pesquisas futuras. É difícil saber, por exemplo, se é possível fazer um carnaval “competitivo” apenas com os repasses da LIESA, visto que as agremiações não costumam ter contabilidade transparente. Enfim, existem questões que apontam para a necessidade de reflexão no próprio meio sobre a existência das escolas, seus fundamentos, algo que tem sido feito muito mais nos espaços alternativos de mídia do que dentro delas.

²⁶⁸ BALTAR, Anderson. A importância de um bom enredo. *SRDZ Carnaval*. 11 abr. 2009. Disponível em: <<http://www.sidneyrezende.com/noticia/35908>> Acesso em 2 fev. 2015 às 19:10

Considerações finais

Essas considerações foram escritas logo após a realização de um carnaval marcado por intenso debate a respeito da redução dos investimentos públicos municipais diretos que vinham sendo feitos na produção dos desfiles durante a gestão de Eduardo Paes.

Por decisão repentina e unilateral do atual prefeito Crivella, em seu primeiro ano de mandato, a verba que era concedida às agremiações do Grupo Especial, por fora dos ganhos de participação nas receitas do Sambódromo, foi reduzida pela metade e liberada para as escolas com pagamento em parcelas, sem nenhum cronograma estabelecido.

À época do “corte”, no primeiro semestre de 2017, surgiram muito comentários de estudiosos do carnaval em rede social. Inclusive o autor desta tese fez observações, as quais serão recuperadas aqui como uma espécie de epílogo, já que o trabalho trata da história do tempo presente e de um tema que é reconhecidamente de interesse público.

Dos quatro últimos prefeitos da cidade do Rio de Janeiro, não é possível identificar um que não tenha recebido algum tipo de apoio, durante campanha eleitoral, da parte de proprietários das grandes empresas de ônibus, grandes empresas de comunicações, grandes empreiteiras e ainda de figuras conhecidas por suas ligações com empresas informais, por assim dizer, suspeitas de atuar em diversos ramos de negócios ilícitos.

A atitude do atual prefeito frente aos dirigentes da LIESA, descumprindo promessas feitas antes da sua eleição, surpreendeu muita gente e também ao autor enquanto pesquisador. No entanto, ficamos forçados a pensar que foi uma jogada estratégica num momento em que lideranças religiosas neopentecostais estão bem mais enraizadas e reconhecidas nas camadas populares do que presidentes de escolas de samba. Em meio ao debate da recente problemática, o professor Luiz Antonio Simas se manifestou através de sua rede social a fim de chamar atenção para o caráter ultraconservador do projeto de poder da Igreja Universal do Reino de Deus que só avançou nos últimos tempos.

Além do mais, Crivella tem a máquina pública em mãos e pode perfeitamente apontar problemas concretos que precisam realmente ser resolvidos na organização das escolas de samba do Grupo Especial para o carnaval, e com isso pressionar os dirigentes da LIESA. Até faz sentido imaginar que o atual prefeito venha a atuar nessa linha, mas sem qualquer preocupação sincera e profunda com a melhora da festa. São fatos a elitização do público nas arquibancadas do Sambódromo, a informalidade do trabalho dos profissionais atuantes nos barracões, a contabilidade obscura das agremiações carnavalescas, etc.

Em tempos de “escândalos de corrupção nunca vistos na história do Brasil”, conforme alardeiam jornais do país, preocupa muito mais o fato de a maioria das pessoas ficarem chocadas com a prática de ilícitos, que logicamente prejudicam bastante as nossas vidas, mas não reagirem com a mesma indignação contra projetos e medidas prejudiciais para a classe dos trabalhadores que são aprovados dentro da lei por obra de parlamentares e membros do Executivo financiados em suas campanhas pelo grande empresariado. Assim foi votada a “reforma trabalhista”, o mesmo pode acontecer com a “reforma da previdência”, e vão lucrando com publicidade governamental as emissoras de rádio e TV.

O poder dos chefes da contravenção sobre o carnaval das escolas de samba é algo muito sério e isso só fez aumentar o autoritarismo nas agremiações e o exercício da sua contabilidade sem transparência. Os negócios obscuros desses chefões são motivo de suspeita e alvo de denúncias por crimes graves, mas aí tem todo o dilema brasileiro das práticas assistencialistas, da aceitação de certos tipos de violência... Só que o pior problema talvez seja permanecer com força na sociedade a ideia de que complacência com esse tipo de coisa é característica exclusiva das camadas populares, o que não é verdade.

Desde a criação da LIESA, nunca foi política de cervejarias, empresa de “fast-food”, emissoras de TV, bancos e outras grandes empresas, vetar a realização de negócios com a entidade representativa das escolas, cuja cúpula sempre foi composta pelos

conhecidos chefes da contravenção do Rio de Janeiro. Portanto, por mais que se veja a relação da contravenção com as escolas de samba como sendo algo problemático, é preciso reconhecer que isto se mantém ao longo do tempo porque há convergência de interesses da contravenção com setores das camadas superiores: empresários, políticos, militares, etc.

Os dirigentes de maior peso na direção da LIESA estão num quadro de negociação mais complicado do que em tempos anteriores, não resta dúvida. Por isso mesmo é possível apostar que continuarão fazendo valer a máxima atribuída ao falecido Castor de Andrade: “A é contravenção é sempre governo”. Isto quer dizer que devem acontecer entendimentos entre dirigentes de LIESA, a Riotur, e o Município, nem que sejam de caráter pontual – a aceitação da entrega da chave da cidade pelo prefeito foi um sinal – e a despeito das agremiações dos outros grupos de desfiles fiquem numa situação mais precária do que de costume. A criação da LIESA em meados da década de 1980 abriu um verdadeiro fosso entre as suas afiliadas e as agremiações de fora no que diz respeito ao acesso a canais de comunicação política para obtenção de recursos públicos e privados.

Devido à crise política e econômica que atinge o país, há indicações de que as possibilidades de enredos patrocinados por empresas privadas ficaram mais difíceis, assim como a comercialização dos camarotes corporativos no Sambódromo. Governadores e prefeitos, com seus orçamentos mais apertados e certamente temendo investigações por agentes do MP e da PF cada vez mais determinados por suas convicções e não por provas, parece que estão bem cautelosos quanto a entrar na cena do carnaval como patrocinadores.

Através desta pesquisa demonstrou-se que não é simples estabelecer com rigor os custos de um “carnaval competitivo”, ou então um padrão de valores que nos permita assegurar que uma fantasia seja “luxuosa”, uma alegoria seja “imponente”. São categorias fundamentadas em valores estéticos que não se pautam necessariamente pela lógica econômica capitalista, mesmo porque a forma competitiva dos desfiles gera uma dinâmica

que dificulta qualquer possibilidade de compromisso entre as direções das escolas sobre o quanto aplicarão na produção do desfile, ainda mais quando se dispõem de bons recursos.

Pensando a vida de uma escola de samba na perspectiva da produção do desfile de carnaval é possível ver que os preparativos seguem uma série de etapas que se desdobram ao longo de praticamente um ano inteiro. Mal termina um carnaval, já se começa a pensar no outro... Existem atividades iniciais na quadra, e o barracão começa com seus trabalhos logo assim que o projeto plástico-visual entra na elaboração de modelos. O ideal é que o trabalho de ferragem para as alegorias tenha partida por volta dos meses de agosto ou setembro. Daí por diante as outras etapas podem avançar num cronograma definido.

O planejamento é fundamental. A possibilidade de contar com dinheiro em caixa para compra de materiais de qualidade com preços mais em conta, a contratação de mão de obra fora de regime de urgência, tudo isso barateia os custos da produção. A presença de trabalhadores nos barracões das escolas de samba costuma aumentar nos meses que antecedem o carnaval, operando um mercado bastante informal que funciona assim não apenas em razão do caráter sazonal das atividades, mas também porque as agremiações costumam receber em parcelas os recursos de participação nas receitas dos desfiles.

Alguns jornalistas e pesquisadores costumam defender que, diante da economia que gira em torno do carnaval, as escolas de samba deveriam ser compensadas com mais recursos financeiros do poder público e também da rede hoteleira, de cervejarias, etc. Outros, por sua vez, endossam as colocações do Ministério Público que tendem para o pensamento de que seria suficiente a participação nas receitas dos desfiles somada a verbas privadas que as agremiações ainda podem receber negociando com agentes do mercado.

É necessário considerar os obscuros e complicados problemas de administração das escolas de samba, porém, também é preciso reconhecer que até hoje não existe uma política pública de cultura séria e bem elaborada para o carnaval em geral. Há anos o

próprio Estado realiza ações que se preocupam fundamentalmente com o aspecto comercial e turístico dos desfiles das escolas de samba, deixando de lado o grande potencial das agremiações enquanto instituições que poderiam estar mais envolvidas com suas comunidades locais através de projetos em parceria com as redes pública e privada de Educação Básica, instituições científicas e secretarias municipais de cultura.

Existem em algumas escolas de samba projetos de memória e atividades culturais permanentes que não se pautam somente pelo espetáculo de carnaval. Contudo, secretarias de Educação tanto do estado quanto dos municípios da região metropolitana não procuram estabelecer parcerias consistentes com esses projetos e sequer estimulam a formação de seu quadro de professores tendo em vista as diretrizes curriculares específicas relacionadas por lei às matrizes afro da cultura do samba, das escolas de samba e as artes carnavalescas.

Apesar de mudanças importantes no financiamento do carnaval que diminuíram bastante a dependência do dinheiro dos patronos chefes da contravenção, esses agentes ainda possuem vários trunfos no jogo de cartas da organização do carnaval. Observa-se que, no tempo presente, a aceitação social desses mandatários do samba se baseia mais na convergência de seus interesses com o empresariado envolvido no negócio do carnaval do que propriamente na legitimidade obtida junto às comunidades de samba.

Através da LIESA, inúmeras mercadorias e serviços podem ser comprados e vendidos legalmente, com recibos, prestação de contas, etc., basta vontade administrativa. A questão é que a Liga realiza um grande espetáculo usando equipamentos urbanos como o Sambódromo e a Cidade do Samba que demandaram muitos investimentos públicos para sua construção, e da forma como as coisas acontecem temos provas claras de exploração do bem público em benefício de interesses particulares. Além disso, prevalece na gestão do carnaval uma forte tendência monopolista e concentradora, como se vê nos termos

contratuais de transmissão de TV e serviços de alimentação, sendo altamente prejudiciais para o público e, inclusive, para geração de mais receita através do espetáculo.

Há anos a venda de alimentos nas arquibancadas do Sambódromo vem sendo concedida pela LIESA à conhecida multinacional do ramo de lanches rápidos que cobra caro e deixa muito a desejar na qualidade dos produtos e serviços. Já a compra pela Rede Globo dos direitos de transmissão, com exclusividade, impõe uma padronização de imagens que retira dos telespectadores a possibilidade de explorar as múltiplas visões do espetáculo, sem falar na interferência direta na questão de publicidade e, mais recentemente, na decisão lamentável da TV Globo de não transmitir as primeiras escolas.

A partir do estudo de caso sobre a Beija-Flor demonstrou-se que a estratégia de captação de patrocínios baseada nos enredos de homenagens a cidades e estados é estimulada fundamentalmente por interesses mercadológicos e políticos. Contudo, contar histórias brasileiras através dos desfiles não deixa ser algo relevante, tendo em vista das dimensões continentais do nosso país, da sua grande diversidade cultural, e do fato de ser mal conhecido pelo próprio povo em virtude dos nossos problemas no sistema educacional. A capacidade de negociação da agremiação junto com a competência artística dos carnavalescos e seus auxiliares pode gerar bons desfiles mesmo com temas encomendados.

Devido às questões apontadas no começo destas considerações, a estratégia de homenagens vem rendendo poucos frutos para o conjunto das escolas e, segundo críticos de carnaval, tende a se esgotar. Só que na Beija-Flor a diretoria ainda não entregou os pontos, visto que o enredo de 2016 sobre o Marquês de Sapucaí teve de forma um tanto dissimulada a tentativa de captação junto ao município mineiro de Nova Lima, a terra do Marquês, e isto também passou pela proposta de Iracema, em 2017, junto ao Ceará.

O que parece ser uma fase crítica de investimentos mais abundantes provenientes do mercado tem sido motivo para dirigentes das escolas pressionarem ainda mais o poder

público a atuar de forma compensatória. Isto só confirma que a organização do carnaval precisa da participação do Estado e ainda demanda ações inteligentes e eficazes numa política de cultura. Mesmo com todo discurso inicial de autossuficiência das agremiações, mediante a concessão completa da organização do carnaval para o controle da LIESA, não demorou muito para a corrida dos dirigentes dessa entidade aos cofres públicos.

Ao longo do tempo, impressiona a capacidade de adaptação das escolas de samba a diferentes contextos históricos desde os anos 1930. Isto tem muito a ver com a multiplicidade de saberes e artes desenvolvidas na cultura do samba e do carnaval, e com a força de mobilização comunitária e política que essas instituições ainda possuem.

Um desfile de escola de samba se desenvolve por meio de diferentes linguagens operando ao mesmo tempo, e daí a grande abertura para o diálogo com diferentes setores sociais, diferentes instituições, e a possibilidade de despertar variados tipos de sensibilidades em quem assiste e, ainda mais, em quem se entrega a tal experiência.

É pena que a potência cultural das escolas de samba ainda seja desprezada entre setores da intelectualidade, agentes do poder público, e lamentavelmente essas instituições carregadas de tanto poder criador e transformador continuem até hoje sob a forte influência de homens de negócios obscuros alinhados com as conveniências do mercado.

LISTA DE SIGLAS

AESRJ – Associação das Escolas de Samba do Rio de Janeiro
JB – Jornal do Brasil
LIESA – Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro
MP-RJ – Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro
RBF – Revista Beija-Flor: uma escola de vida
RIOTUR – Empresa de Turismo do Rio de Janeiro

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1. Publicidade do Bingo Voluntários. RBF. 2004. p.53 (p. 80)
Imagem 2. Publicidade do Bingo Serra. RBF. 2005. p.10 (p. 81)
Imagem 3. Publicidade do Bingo Copacabana. RBF. 2005. p.65 (p. 81)
Imagem 4. Publicidade do Hotel Cassino Conrad. RBF. 2007. p.35 (p. 82)
Imagem 5. Publicidade do Bellagio Resort. RBF. 2005. p. 49 (p. 82)
Imagem 6. Publicidade da empresa Garra. RBF. 2003. p.51 (p. 84)
Imagem 7. Anúncio da Associação dos Bingos. RBF . 2002. p.35. (p. 85)
Imagem 8. Publicidade da Petrobrás. RBF . 2002. p.5. (p. 88)
Imagem 9. Carro Globo da Sorte. Frame do desfile da Escola de Samba Estácio de Sá exibido pela TV Globo no dia 14/02/1994 (p.99)
Imagem 10. Carro Abre-alas. Frame do desfile da Escola de Samba Acadêmicos da Rocinha, Grupo 1, exibido pela emissora CNT no dia 12/02/1994 (p.103)
Imagem 11. Instrumentista da bateria. Frame do desfile da Escola de Samba Acadêmicos da Rocinha, Grupo de Acesso A, exibido pela TV Manchete no dia 25/02/1995 (p.104)
Imagem 12. Carro “Pará: a extensão do mundo místico dos caruanas”. Foto: Wigder Frota. (p.143)
Imagem 13. Composição do Carro “Força da Mulher”. Foto: Wigder Frota. (p.146)
Imagem 14. Carro “Grande Hotel – Templo da Sorte”. RBF. 2003. p. 94. Foto: Antônio Carlos. (p. 148)
Imagem 15. Carro Portas e Janelas se abrem para o Mundo. Foto: Wigder Frota. (p.155)
Imagem 16. Mensagem do Presidente Lula. RBF. 2003. p.7. (p. 158)
Imagem 17. Carro “O Banquete”. Foto: Wigder Frota. (p.161)
Imagem 18. Carro “Criação da Vida”. Foto Wigder Frota. (p.166)
Imagem 19. Germano Rigotto e Anísio Abraão. O Beija-Flor. Ano 1, fev. 2005. p.11. (p. 168)
Imagem 20. Comitiva de Poços de Caldas com a diretoria da Beija-Flor. O Beija-Flor. Nº. 6. Ano 2. 2006. p.10. (p.171)
Imagem 21. Capa sobre o enredo de Poços. O Beija-Flor. Nº 8. Ano 2. Capa. (p.173)
Imagem 22. Publicidade da Prefeitura de Poços. O Beija-Flor. Nº 10. Ano 2. 2006. p.3. (p.174)
Imagem 23. Publicidade da Prefeitura de Poços. RBF. 2006. p.45. (p.175)
Imagem 24. Capa do jornal. O Beija-Flor. Nº 10. Ano 2. 2006. (p.179)
Imagem 25. Farid, Navarro e Anísio, final de samba de enredo. O Beija-Flor. Nº 12. Ano 2. 2006. p. 9. (p.180)
Imagem 26. Lançamento do CD. O Beija-Flor. Nº 13. Ano 2. 2006. p. 5. (p.181)

Imagem 27. Capa do jornal com Gil. O Beija-Flor. Nº 10. Ano 2. 2006. (p. 182)

Imagem 28. Sirkis, Gil e Maia. O Beija-Flor. Nº 15. Ano 2. 15 fev. 2006. p.6. (p.184)

Imagem 29. “Carro Poços de Caldas – a Cidade das Águas – a Nova Atlântida”. Foto: Wigder Frota. (p.185)

Imagem 30. Carro “O retorno dos atlantes – o equilíbrio do planeta e o futuro da humanidade”. Foto: Wigder Frota. (p.186)

Imagem 31. Capa. O Beija-Flor. Nº 19. Ano 3. 2006. (p.189)

Imagem 32. Farid e Matilde Ribeiro. O Beija-Flor. Nº 27. Ano 4. p.2. (p.192)

Imagem 33. Mensagem do Presidente Lula. RBF. 2007. p. 6 e7. (p.194).

Imagem 34. Carro abre-alas “Brilho de Fogo – Rastro Iluminado ao Paraíso do Fenômeno Solar”. Foto: Wigder Frota. (p.201)

Imagem 35. Comitiva do Distrito Federal e diretoria depois do fechamento do patrocínio. O Beija-Flor Sustentável. Nº 1. Ano 1. jul. 2009. p.9. (p. 205)

Imagem 36. Anna Kubitschek, Paulo Otávio, Anísio, Lupi e “Ratinho”. O Beija-Flor Sustentável. Nº 3. Ano 1. nov. 2009. p.11. (p. 208)

Imagem 37. Publicidade da empresa Brasilatur. RBF. 2010, p.45. (p. 210)

Imagem 38. Ritmistas no desfile de 2011. Foto do Site Oficial da LIESA. (p. 212)

Imagem 39. Capa com Roberto Carlos. RBF. 2011. (p. 213)

Imagem 40. Roberto Carlos em destaque na alegoria. Foto: Ricardo Moraes. Reuters/Veja. (p. 214)

Imagem 41. Velha Guarda à frente do Carro “A Histórica São Luís e a Arte do Gênio João”. Foto: Wigder Frota. (p. 219)

Imagem 42. Carro “A Histórica São Luiz e a Arte do Gênio João” – parte traseira acoplada. Foto Wigder Frota. (p. 220)

Imagem 43. Publicidade do Haras Beija-Flor. RBF. 2013. p.23. (p.224)

Imagem 44. Publicidade da criação de cavalos. RBF. 2013. p. 75. (p.226)

Imagem 45. Carro “A Raça do Mangalarga Marchador – Cavalos sem Fronteiras”. Frente da alegoria. Foto: Wigder Frota. (p. 227)

Imagem 46. Carro “A Raça do Mangalarga Marchador – Cavalos sem Fronteiras”. Traseira da alegoria. Foto: Wigder Frota. (p. 228)

Imagem 47. Boni desfilando com roupa de diretor, desfile de 2010. RBF. 2014, p.8. (p.232)

Imagem 48. Boni e Anísio. RBF. 2014. p.14. (p.241)

Imagem 49. Carro “Televisão – A Emoção está no ar”. Foto: Wigder Frota. (p.244)

Imagem 50. Carro “O Mundo na Rede em Tempo Real – O Futuro da Comunicação”. Foto: Wigder Frota. (p.245)

Imagem 51. Boni e Raíssa no desfile. Portal UOL Carnaval. Foto: Antonio Scorza. (p.246)

FONTES

● ENTREVISTAS CONCEDIDAS AO AUTOR

- AZEVEDO, Isabel. Pesquisadora da Casa da Ciência (UFRJ) e integrante da equipe consultora do carnavalesco Paulo Barros. Realizada em: 4 Set. 2015.
- BASTOS, Rafaela. Musa da Comunidade da Mangueira, geógrafa e pesquisadora especializada em gerenciamento de projetos e economia comportamental. Realizada em: 4 Jul. 2016.
- BISCAIA, Antônio Carlos. Ex-Procurador Geral do Estado do Rio de Janeiro e ex-deputado federal pelo Partido dos Trabalhadores (PT-RJ). Realizada em: 10 Dez. 2014.
- CARVALHO, Carlos. Cenógrafo, pesquisador, professor de História da Arte e ex- do carnavalesco Alexandre Louzada em sua passagem pela Beija-Flor. Realizada em: 30 Jun. 2016.
- FABATO, Fábio. Jornalista da área de Comunicação da FINEP, escritor, produtor cultural e cronista, e comentarista de rádio e televisão no carnaval carioca. Realizada em: 21 Jan. / 28 Jan. 2015.
- JUPIARA, Aloy. Jornalista, ex-coordenador do júri do Prêmio Estandarte de Ouro do jornal O Globo, pesquisador e colaborador do projeto de elaboração do dossiê “Matrizes do samba no Rio de Janeiro” para registro do samba carioca como patrimônio cultural do Brasil. Entrevista realizada em: 30 Abr. / 8 Dez. 2014.
- MAGALHÃES, Luís Carlos. Advogado, pesquisador, escritor, professor, comentarista de carnaval em rádio e sites especializados, ex-diretor cultural e atual Presidente Administrativo da Escola de Samba Portela. Realizada em: 8 Jun. / 27 Jun. 2016.
- MELLO, Marcelo de. Jornalista de O Globo, antigo membro e atual coordenador do júri do Prêmio Estandarte de Ouro do jornal O Globo Realizada em: 8 Dez. 2014.
- MELO, João Gustavo. Jornalista, escritor, pesquisador e ex-diretor cultural da Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro. Realizada em: 14 Jun. 2014.
- MONTALVÃO, Ramiro. Diretor de teatro, produtor cultural, funcionário aposentado da área de comunicação da empresa Vale do Rio Doce, ex-integrante da equipe de Joãozinho Trinta na Beija-Flor de Nilópolis. Realizada em: 11 Jun. / 20 Jul. 2014.
- OURO, Paulinho do. Ex-diretor de carnaval da Mocidade Independente de Padre Miguel, administrador de barracão com passagem por outras escolas de samba, compositor e autor de enredos. Realizada em: 11 Set. 2013.
- PAVÃO, Fábio. Antropólogo, professor e Presidente do Conselho Deliberativo da Escola de Samba Portela. Entrevista realizada em: 26 Jan. 2015.
- RIBEIRO, Trajano. Ex-dirigente do Partido Democrático Trabalhista (PDT-RJ), ex-secretário estadual de Turismo e Esportes do Rio de Janeiro, ex-presidente da Riotur. Realizada em: 17 Dez. 2016.
- SAMAGAI, Mauro. Fotógrafo da Escola de Samba Unidos da Tijuca. Realizada em: 26 Out. 2015.
- SANTANA, Gláucia. Procuradora do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, umas das responsáveis pelas ações civis públicas de investigação dos contratos de carnaval celebrados entre Riotur e Liesa. Entrevista realizada em: 16 Dez. 2014.
- SIMAS, Luiz Antonio. Historiador, pesquisador, macumbeiro, compositor e estudioso do samba, das escolas de samba e das culturas de diáspora no Brasil. Entrevista realizada em: 17 Dez. 2016.

VALENÇA, Rachel Teixeira. Vice-presidente do Museu da Imagem e do Som, pesquisadora aposentada da Casa de Rui Barbosa, colaboradora do projeto de elaboração do dossiê “Matrizes do samba no Rio de Janeiro” para registro do samba carioca como patrimônio cultural do Brasil, ex-presidente da ala das crianças e ex-presidente administrativa do G. R. E. S. Império Serrano, atualmente integrante da Velha Guarda. Realizada em: 23 Dez. 2015 / 8 Jan. 2016.

● DOCUMENTOS JURÍDICOS

- AÇÃO Civil Pública (Irregularidades na contratação da LIESA – 1998-2001). Acervo - Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, 21 dez.2005.
- AÇÃO Civil Pública (Irregularidades na contratação da LIESA – 2002-2006). Acervo - Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, 6 jan.2009.
- AÇÃO Civil Pública (Irregularidades na contratação da LIESA – 2007-2008). Acervo - Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, 2 jun.2009.
- AÇÃO Civil Pública (Irregularidades na contratação da LIESA – 2009). Acervo - Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, 22 jan.2009.
- AÇÃO Civil Pública (Irregularidades na contratação da LIESA – 2010). Acervo - Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, 26 jan.2012.
- AÇÃO Civil Pública (Irregularidades na contratação da LIESA – 2011). Acervo - Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, 14 fev.2012.
- AÇÃO Civil Pública (Irregularidades na contratação da LIESA – 2012). Acervo - Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, 22 jan.2009.
- AÇÃO Penal (Sentença da Operação *Hurricane*). Acervo - Ministério Público Federal, 12 mar. 2012.
- RELATÓRIO Final da Comissão Parlamentar dos Bingos (CPI dos Bingos, 2005). Acervo - Senado Federal, 2006.
- RELATÓRIO Final da Comissão Parlamentar de Inquérito do Carnaval (CPI do Carnaval, 2007). Acervo - Câmara Municipal do Rio de Janeiro, 2008.

● SITES

Academia do samba – O maior portal do carnaval

Acesso: <http://academiadosamba.com.br/>

Carnavalesco

Acesso: <http://www.carnavalesco.com.br/>

Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro

Acesso: <http://liesa.globo.com/>

Rádio Arquibancada – O melhor do carnaval

Acesso: <http://www.radioarquibancada.com.br/site/>

SRZD Carnaval

Acesso: <http://www.srzd.com/carnaval/>

● FONTES JORNALÍSTICAS

- A BATALHA da transmissão. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 fev. 1988, Primeiro Caderno, p. 7.
- A CENSURA da contravenção. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 fev. 1991, Cidade, Capa
- A FANTASIA da corrupção. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 01 out. 1994, Primeiro Caderno, p. 10.
- A LIGAÇÃO jogo-tóxicos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 jul. 1988, Cidade, p. 5.
- ACADÊMICOS da Rocinha apela para a Lei Rouanet. *O Globo*, Rio de Janeiro, 11 fev. 1994, Matutina, Rio, p. 13.
- AGENTES de turismo alemães denunciam “máfia hoteleira”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 04 fev. 1984, Cidade, p. 7.
- ALBUQUERQUE, Ricardo. Sapucaí sem licitação. *O Dia*, Rio de Janeiro, 22 abr. 2010, p.10.
- ALEMÃO prepara boicote contra carnaval caro. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 04 fev. 1984, Primeiro Caderno, Capa.
- ALEMÃO quer boicotar carnaval de 85. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 07 fev. 1984, Cidade, p. 6.
- ALENCAR, Emanuel; MAGALHÃES, Luiz Ernesto; GRILLO, Marco; GALDO, Rafael; BERTA, Rubem. A ditadura de Nilópolis. *O Globo*, Rio de Janeiro, 19 fev. 2015, Matutina, Rio, p. 6.
- ALENCAR, Emanuel; MOURA, Athos. Estrutura do telhado da quadra da Beija-Flor de Nilópolis despenca. *O Globo*, Rio de Janeiro, 09 jul. 2011, Matutina, Rio, p. 25.
- ALENCAR, Marcus. Atravessador de enredo. *Extra*, Rio de Janeiro, 02 fev 2003, Geral, p.14.
- ALENCAR, Marcus; MARIA, Eliane. Na Beija-Flor, festa dez e cansaço zero. *Extra*, Rio de Janeiro, 27 fev. 2004, Geral, p. 8.
- ALEVES, Francisco Edson. Polícia vai atrás dos bicheiros. *O Dia*, Rio de Janeiro, 20 abr. 2010, p. 14.
- ALÍVIO no bolso do samba. *O dia*, Rio de Janeiro, 24 set. 2009, p. 8.
- ALMEIDA, Carlos Helí de. Bidu Sayão cai no samba. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 07 abr. 1994, Caderno B, p. 1.
- ALMEIDA, Carlos Helí de. Cinema com a ginga do samba. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 jul. 1997, Segundo Caderno, p. 12.
- ALONSO, Ursula. Carnaval começa a atrair investidores internacionais. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 15 jan. 1996, Caderno A, p. 9.
- AMORA, Dimmi. A serviço de Anísio. *O Globo*, Rio de Janeiro, 8 fev. 2008, Matutina, Rio, p. 12.
- AMORA, Dimmi. A Unidos da Tijuca, a escola dos enredos sem patrocínio. *O Globo*, Rio de Janeiro, 30 jan. 2005, Matutina, Rio, p. 24.
- AMORA, Dimmi. Bicho mantém seus tentáculos sobre carnaval. *O Globo*, Rio de Janeiro, 30 fev. 2008, Matutina, Rio, p. 13.
- AMORA, Dimmi. Cesar Maia quer desfile também na Atlântica. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 fev. 2001, Matutina, Rio, p. 9.
- AMORA, Dimmi; JUPIARA, Aloy. MP move ação contra Cesar, ex-prefeito e Liesa. *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 jan. 2006, Matutina, Rio, p. 13.

ANÍSIO aconselha jurados. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 04 fev. 1987, Cidade, p. 5.

ANÍSIO desmente. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 mar. 1987, Cidade, p. 4.

ANÍSIO nega que ajudará Trajano para constituinte. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 jan. 1986, Cidade, p. 8.

ANTUNES, Laura; CONTI, Luciana. Liga aceitou reservas até para as arquibancadas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 22 fev. 2001, Matutina, Rio, p. 14.

ANTUNES, Laura; HELENA, Letícia; SOUTEIRO, Tatiana. Beija-Flor desfila sob vaias na festa das campeãs. *O Globo*, Rio de Janeiro, 02 mar. 1998, Matutina, Rio, p. 15.

APOTEOSE na Passarela será obrigatória mas não contará como quesito. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 jan. 1984, Cidade, p. 6.

ARAÚJO, Bernardo. Cadê as contas das escolas de samba? *O Globo*, Rio de Janeiro, 30 jan. 2005, Matutina, O País, p. 8.

ARAÚJO, Vera. Patrocínio na mira do MPF. *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 fev. 2015. Matutina, Rio, p. 10

ARQUIBANCADAS aumentam em 1973. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 07 dez. 1972, Cidade, p. 16.

ARQUIBANCADAS custarão Cr\$ 18 mil a prazo e geral vai a Cr\$ 1 mil 500. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 nov. 1983, Cidade, p. 6.

ARRUDA, Edgar. Beija-Flor pensa em mudar a sua ala de compositores. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 fev. 1997, Matutina, Rio, p. 21.

AS GRANDES escolas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 fev. 1977, Caderno B, pp. 6- 8

ASSEMBLÉIA aprova a Riotur. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 jun. 1972, Primeiro Caderno, p. 10.

AUTOMAÇÃO no bicho causa desconfiança. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 out. 1985, Cidade, p. 20.

AUTRAN, Paula. Beija-Flor quer simular a pororoca na Sapucaí. *O Globo*, Rio de Janeiro, 11 jan. 2008, Matutina, Rio, p. 17.

AUTRAN, Paula. Riotur atrasa a decoração da Av. Rio Branco. *O Globo*, Rio de Janeiro, 25 fev. 2001, Matutina, Rio, p. 13

AUTRAN, Paula; HELENA, Letícia. Um desfile milionário e sob a luz da polêmica. *O Globo*, Rio de Janeiro, 24 jan. 2002, Matutina, Rio, p. 20.

AVENIDA do Samba: uma passarela em discussão. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 set. 1983. Caderno B, capa.

ÁVILA, Juan Tomás. Carta de um escritor da Guiné Equatorial aos cariocas. 19 de fev de 2015. (Tradução de Antônio Rodrigues). *Rede Angola*. 20 fev. 2015. Disponível em: <http://www.redeangola.info/especiais/carta-de-um-escritor-da-guine-equatorial-aos-cariocas/>. Acesso em: 06 fev. 2018.

AZEVEDO, Raphael. Liga quer enxugar as escolas para o carnaval 2010. *O Dia*, Rio de Janeiro, 17 abr. 2009, p. 10.

AZEVEDO, Raphael. Carnaval da Viradouro à deriva. *O Dia*, Rio de Janeiro, 21 abr. 2010, p. 8.

AZEVEDO, Raphael. Liesa: chance de boicote é realidade. *O Dia*, Rio de Janeiro, 27 ago. 2009, p. 06.

AZEVEDO, Raphael. Menos recursos para o Carnaval. *O Dia*, Rio de Janeiro, 28 jun. 2008, p. 9.

AZEVEDO, Raphael; BRAGA, Élcio. Contas da Liesa estão na mira. *O Dia*, Rio de Janeiro, 25 mar. 2009, p. 06.

AZEVEDO, Raphael; PINHEIRO, Amanda. Escolas ameaçam não desfilar ano que vem. *O Dia*, Rio de Janeiro, 26 ago. 2009, p. 02.

AZEVEDO, Ticiania; CARNEIRO, Marcelo. Cuíca e violinos ensaiam juntos na Beija-Flor. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 fev. 1995, Cidade, p. 20.

BALBI, Aloysio. Imperatriz terá que devolver R\$ 1,8 milhão. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 nov. 2002, Matutina, Rio, p. 15.

BALBI, Aloysio. Prefeitura de Campos processará Imperatriz. *O Globo*, Rio de Janeiro, 16 fev. 2002, Matutina, Rio, p. 13.

BALBI, Aloysio. Salgueiro abre as portas para o álcool brasileiro. *O Globo*, Rio de Janeiro, 27 fev. 2004, Matutina, Rio, p. 16.

BALTAR, Anderson. A importância de um bom enredo. *SRDZ Carnaval*. 11 abr. 2009. Disponível em: < <http://www2.sidneyrezende.com/noticia/35908>> Acesso em: 06 fev. 2018.

BANERJ começou ontem a venda para desfile das escolas e já vendeu 61 camarotes. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 dez. 1984, Cidade, p. 8.

BANERJ já prepara a campanha de vendas para o carnaval. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 29 dez. 1983, Cidade, p. 6.

BANERJ vende ingressos para os desfiles no dia 20. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 fev. 1984, Carnaval, p. 13.

BARBOZA, Marília. Coisas do Carnaval. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 jan. 1984, Carnaval, p. 2.

BARRACÕES do Especial: Beija-Flor busca retorno de sua plástica diferenciada para buscar o título. *Carnavalesco*, 5 fev. 2015. Disponível em: <http://www.carnavalesco.com.br/noticia/barracoes-do-especial-beija-flor-busca-retorno-de-sua-plastica-diferenciada-para-buscar-o-titulo/11224> Acesso em: 06 fev. 2018.

BARRAQUEIRO busca lugar no carnaval. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 fev. 1984, Cidade, p. 6.

BARREIROS, Edmundo. A outra face da carnavalesca. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8 set. 1995, Caderno B, p. 6.

BARRETO, Diego; BRAGA, Elcio. Beija-Flor promete cavalgada hoje. *O Globo*, Rio de Janeiro, 16 fev. 2013, Matutina, Rio, p. 11.

BARRETO, Maria Alice Paes. Diretor da Riotur quer turismo com imaginação. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 jun. 1983, Cidade, p. 7.

BARROS, Maria Luisa. Carnaval em Julho está nas mãos de Cabral. *O Dia*, Rio de Janeiro, 13 mar. 2008, p. 7.

BARROS, Maria Luisa. Cesar se diz contra carnaval em julho. *O Dia*, Rio de Janeiro, 14 mar. 2008, p.5.

BARROS, Maria Luisa; CRUZ, Adriana. Mais bicheiros longe da prisão. *O Dia*, Rio de Janeiro, 27 dez. 2011, p. 16.

BASTOS, Isabela; COSTA, Jacqueline. Prefeitura cancela licitação para carnaval de 2010. *O Globo*, Rio de Janeiro, 08 out. 2009, Matutina, Rio, p. 17.

BEAUREPAIRE, Lucila de. Grupo de Acesso abre alas para o ‘merchandising’. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 fev. 1995, Matutina, Rio, p. 14.

BEIJA-FLOR aposta em Maria Augusta. *O Globo*, Rio de Janeiro, 21 jul. 1992, Jornais de Bairro, p. 21.

BEIJA-FLOR é bicampeã. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 07 fev. 2008, Capa, p.1.

BEIJA-FLOR é a campeã com fome e miséria na Sapucaí. *O Globo*, Rio de Janeiro, 06 mar. 2003, Matutina, Capa, p. 1.

BEIJA-FLOR e Imperatriz já têm samba-enredo de 98. *O Globo*, Rio de Janeiro, 08 out. 1997, Matutina, Rio, p. 15.

Beija-Flor escolhe Anísio Abraão seu novo presidente. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 03 mar. 1987, Primeiro Caderno, p. 34.

BEIJA-FLOR leva o Estandarte. *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 fev. 2001, Primeira página, p. 1.

BEIJA-FLOR levará para avenida Adão e Eva negros. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 fev. 2003, Matutina, Rio, p. 17.

BEIJA-FLOR pensa em mudar a sua ala de compositores. *O globo*, Rio de Janeiro, 13 fev. 1997, Matutina, Rio, p. 21.

BEIJA-FLOR promete fazer um carnaval de emoção. *O Globo*, Rio de Janeiro, 09 fev. 1988, Matutina, Rio, p. 14.

BEIJA-FLOR quer encenar luta do bem e do mal. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 fev. 2003, Matutina, Rio, p. 18.

BEIJA-FLOR recria o Grande Hotel de Araxá na avenida. *O Globo*, Rio de Janeiro, 07 fev. 1999, Matutina, Rio, p. 22.

BEIJA-FLOR tira o lixo para fazer a festa. *O Globo*, Rio de Janeiro, 10 fev. 1989, Matutina, Rio, p. 7.

BERTOLA, Alexandre. O carnaval se faz em silêncio: está todo mundo de olho na gente. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 jan. 1979, Matutina, Cultura, p. 35.

BICHEIROS apoiam o jogo legal desde que fiquem com o controle dos pontos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 06 mai. 1985, Primeiro Caderno, p. 12.

BICHEIROS fazem esforço concentrado para ajudar PDT. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 02 out. 1986, Cidade, p. 4.

BICHEIROS, livres, reassumem carnaval com estilo discreto. *O Globo*, Rio de Janeiro, 01 fev. 1998, Matutina, Rio, p. 33.

BITTENCOURT, Mona; CONTI, Luciana. Riotur fez carnaval com contratações. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 mai. 1997, Cidade, p. 42.

BONFIM, Beatriz. Passarela do Samba não terá decoração no carnaval, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 nov. 1983, Caderno B, Capa.

BOTTARI, Bottari e MOTTA, Aydano A. Carnaval 94 é planejado atrás das grades. *O Globo*, Rio de Janeiro, 16 jan. 1994, Matutina, Rio, p. 23.

BRAGA, Elcio. Birro derrubou o cavalo da Beija-Flor. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 fev. 2013, Matutina, Rio, p. 10.

BRAGA, Ronaldo; GOULART, Gabriela. Polícia prende o bicheiro Anísio, da Beija-Flor. *O Globo*, Rio de Janeiro, 12 já. 2012, Matutina, Rio, p. 19.

BRAGA, Teodomiro. Informe JB. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 set. 1994, Política e Governo, p. 6.

BRANCO, Adriana Castelo; CONTI, Luciana. Carnaval vira caso de polícia. *O Globo*, Rio de Janeiro, 21 fev. 2001, Matutina, Rio, p. 15.

BRITO, Fernando. Alô, galera da CBN, vocês sabiam que o bicho já teve “O poste no ar” na Globo? *O Tijolaco*, 20 fev. 2015. Disponível em: <http://www.tijolaco.com.br/blog/alo-galera-da-cbn-voce-sabiam-que-o-bicho-ja-teve-o-poste-no-ar-na-globo/> Acesso em: 06 fev. 2018.

BRIZOLA anuncia superdesfile. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 fev. 1985, Cidade, p. 7.

BRIZOLA faz banco crescer ao usá-lo com objetivos políticos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 fev. 1986, Política, p. 2.

BRUNO, Cássio; LIMA, Ludimilla; OTÁVIO, Chico. Amigo de Anísio, Mário Tricano tenta voltar à prefeitura de Teresópolis. *O Globo*, Rio de Janeiro, 24 ago. 2008, Matutina, O País, p. 4.

BRUNO, Cássio; LIMA, Ludimilla; OTÁVIO, Chico. Nunca dá zebra para o bicho. O Globo, Rio de Janeiro, 24 ago. 2008, Matutina, O País, p. 3.

BRUNO, Leonardo. 'O desfile será grandioso'. *Extra*, Rio de Janeiro, 19 fev. 2006, Geral, p. 9.

BRUNO, Leonardo. Beija-Flor contra-ataca. *Extra*, Rio de Janeiro, 29 jan. 2005, Geral, p.7.

BRUNO, Leonardo. Escolas campeãs comemoram hoje no Sambódromo. *Extra*, Rio de Janeiro, 28 fev. 2004, Geral, p. 7.

CABALLERO, Mara. A retirada dos patronos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 jan. 1986, Caderno B, p. 5.

CABALLERO, Mara. Colocação vai definir lucro de escola de samba a partir de 89. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 out. 1987, Cidade, p. 2.

CABALLERO, Mara. Castor de Andrade: líder é quem enxerga na frente. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 fev. 1985, Caderno B, p. 7.

CABALLERO, Mara. Liga fortalece financeiramente as escolas de samba. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 jan. 1987, Cidade, p. 5.

CABALLERO, Mara. Portelenses se dividem sobre enredo da escola. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 fev. 1987, Cidade, p. 12-b.

CABALLERO, Mara. Samba com merchandising. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 jan. 1986, Caderno B, p. 5.

CABALLERO, Mara. Samba oficializa jurados em coquetel. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 jan. 1987, Primeiro Caderno, p. 12-a.

CABALLERO, Mara. Samba troca de bicheiro e quer verba logo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 abr. 1987, Cidade, p. 7.

CABRAL e Maia confirmam presença na Avenida. *Extra*, Rio de Janeiro, 17 fev. 2007, Geral, p. 10.

CADEIRAS bem postas darão visão perfeita. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 dez. 1983, Cidade, p. 7.

CAMAROTE na passarela custará até Cr\$ 10 milhões e arquibancada Cr\$ 30 mil. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 dez. 1983, Cidade/Vestibular, p. 4.

CAMAROTE da passarela é funcional. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 09 jan. 1984, Cidade, p. 6.

CAMAROTES para o carnaval podem agora ser vendidos a Estados e Embaixadas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 fev. 1984, Cidade, p. 7.

CAMPOS, Lucien de. Ditador de Guiné Equatorial doa R\$ 10 milhões à Beija-Flor de Nilópolis. Pragmatismo político. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/02/ditador-de-guine-equatorial-doa-r-10-milhoes-a-beija-flor-de-nilopolis.html> Acesso em: 17 fev. 2015.

"CARNAVAL deve ser da Prefeitura". O Dia, Rio de Janeiro, 02 mar. 2009, Informe do Dia, p. 04.

CARNAVAL 'privatizado' sofre nova acusação. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 set. 1994, Cidade, p. 36.

CARNAVAL 85 tem sorteio e subvenção. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 04 dez. 1984, Cidade, p. 6.

CARNAVAL começa e cidade é toda de Momo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 fev. 1987, Cidade, Capa.

CARNAVAL começa na sexta e terão 2 campeãs. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 dez. 1983, Cidade, p. 5.

CARNAVAL de 96 poderá ter merchandising. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 03 mar. 1995, Cidade, p. 16.

CARNAVAL de 1985 já está definido e os preços dos ingressos saem na segunda. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 set. 1984, Cidade, p. 6.

CARNAVAL é construído no Pavilhão. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 jan. 1984, Cidade, p. 7.

CARNAVAL só terá pronta licitação semana que vem. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 03 set. 1983, Cidade/Nacional, p. 6.

CARNAVALESCOS são contra apoteose que Darcy imagina. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 dez. 1983, Cidade, p. 29.

CASADO, José. Anistia é apoio para os Obiang. *O Globo*, Rio de Janeiro, 4 ago. 2013, Matutina, O Mundo, p.39

CÁSSIA, Cristiane de. Riotur reverá contrato com Liga das Escolas de Samba. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 mar. 2001, Matutina, rio, p. 22.

CASTOR debate carnaval 85 com Niterói. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 set. 1984, Cidade/Estado, p. 7.

CERQUEIRA, Sofia.; HELENA, Letícia. Passarela do Samba vai levar até um banho de cheiro. *O Globo*, Rio de Janeiro, 07 fev. 1997, Matutina, Rio, p. 13.

CHAVES, Sandra. Beija-Flor já tem o seu samba. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 03 nov. 1986, Cidade, p. 2.

CHEFÕES do bicho condenados a 6 anos, *O Globo*, Rio de Janeiro, 22 mai. 1993, Matutina, Rio, p. 14.

COMISSÃO cancela leilão de camarotes. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 fev. 1984, Primeiro Caderno, Capa.

COMISSÃO do carnaval se reúne com Darcy Ribeiro para estabelecer normas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 dez. 1983, Cidade, p. 8.

COMUNIDADE não se compra. *Extra*, Rio de Janeiro, 19 fev. 2015, Capa.

CONDENAÇÃO dos bicheiros deve sair hoje. *O Globo*, Rio de Janeiro, 21 mai. 1993, Matutina, Rio, p. 13.

CONGRESSO vai ouvir bicheiros. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 03 mai. 1985, Cidade, p. 9.

CONSÓRCIO quer gerir carnaval por 7 dias. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 ago. 1983, Cidade/ Nacional, p. 9.

CONTI, Luciana. Beija-Flor fará festa amazônica na Sapucaí. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 09 fev. 1994, Cidade, p. 14.

CONTI, Luciana. Liga muda critérios de julgamento. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 09 fev. 1999, Cidade, p. 22.

CONTI, Luciana; MENEZES, Maiá. Contrato do carnaval sob suspeita. *O Globo*, Rio de Janeiro, 23 fev. 2001, Matutina, Rio, p. 13.

CONTI, Luciana; MENEZES, Maiá. Riotur não tem controle sobre a Liesa. *O Globo*, Rio de Janeiro, 24 fev. 2001, Matutina, Rio, p. 15.

CONTI, Luciana; ROCHA, Carla. Polícia investiga merchandising. *O Globo*, Rio de Janeiro, 02 mar. 2001, Matutina, Rio, p. 10.

CONTRAVENÇÃO declara guerra ao pôquer da máfia corsa. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 02 nov. 1986, Cidade, p. 35.

CONTRAVENÇÃO no Carnaval. *O Dia*, Rio de Janeiro, 16 dez. 2011, p. 8.

CONTRAVENTOR nega briga. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 06 out. 1987, Cidade, p. 10-a.

COSTA, Ana Claudia. Falta de dinheiro atrasa carnaval- 99. *Jornal do Brasil*, 06 out. 1998, Cidade, p. 24.

COSTA, Ana Cláudia; MOURA, Athos; RAMALHO, Sergio. ‘Missão impossível’ não prende chefões do bicho. *O Globo*, Rio de Janeiro, 16 dez. 2011, Matutina, Rio, p. 29.

COUTINHO recebe Haddad. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 mar. 1983, Cidade, p. 15.

CPI do carnaval: Câmara recebe relatório da PF. *O Globo*, Rio de Janeiro, 12 jun. 2007, Matutina, Rio, p. 18.

CPI quer inspeção em contas da Liesa. *O Dia*, Rio de Janeiro, 22 jan. 2008, p. 3.

CRUZ, Adriana. Anísio vai responder processo em liberdade. *O Dia*, Rio de Janeiro, 26 dez. 2011, p. 13.

CRUZ, Adriana. Moisés: 23 anos de prisão. *O Dia*, Rio de Janeiro, 01 dez. 2011, p. 16.

CRUZ, Adriana. Regalias atrás das grades. *O Dia*, Rio de Janeiro, 26 jan. 2011, p. 15.

CRUZ, Adriana; CUNHA, Vania; MOREIRA, Gabriela. O Império de luxo do bicho. *O Dia*, Rio de Janeiro, 18 dez. 2011, p. 18.

CRUZ, Adriana; MOREIRA, Gabriela. Esquema do bicho investia na ligação com políticos. *O Dia*, Rio de Janeiro, 17 dez. 2011, p. 8.

CSN se oferece para fazer arquibancadas do carnaval. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 05 set. 1983, Cidade, p. 5.

CUFUENTES, Pedro. Um ditador no carnaval do Rio. *El país – Brasil*. 12 fev. 2015, Disponível em: <
https://brasil.elpais.com/brasil/2015/02/12/politica/1423700885_880122.html> Acesso em: 08 fev. 2018.

CUTRIM, John. Governo precisa esclarecer melhor apoio dado à Beija-Flor e os benefícios que a parceria pode trazer para o Estado. *Jornal Pequeno* 03 jun. 2011 Disponível em: <
<http://jornalpequeno.blog.br/johncutrim/governo-precisa-esclarecer-melhor-o-apoio-a-beija-flor-e-os-beneficios-que-a-parceria-pode-trazer-para-o-estado/>> Acesso em: 06 fev. 2018.

DAMASCENO, Natanael. Crise afeta preparativos do carnaval. *O Globo*, Rio de Janeiro, 17 jan. 2009, Matutina, Rio, p. 20.

DANUZA. “Independência”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 out. 1993, Caderno B, p. 3.

DARCY aceita ajuda oferecida por contraventores. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 abr. 1986, Política, p. 4.

DARIANO, Daniela. Carnaval: contrato sai hoje. *O Dia*, Rio de Janeiro, 30 out. 2008, p. 5.

DARIANO, Daniela. Enfim, Beija-Flor canta vitória. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 06 mar. 2003, Rio, C1.

DAS Lágrimas, uma lição de fé. A bandeira da Beija-Flor na avenida. *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 fev. 1984, Matutina, Cultura, p. 17.

DATTIOLI, Vicente.; GOULART, Gabriela.; LEÃO, Luciana. Carnaval em Liquidação. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 jan. 1996, Cidade, p. 34.

DECISÃO das escolas de samba causa surpresa nos sambistas e no Governo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 jul. 1984, Nacional, p. 7.

DELÍRIOS do carnaval. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 fev. 1984, Primeiro Caderno, p. 10.

DENÚNCIAS de corrupção já instruíram 19 inquiridos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 04 set. 1983, Cidade, p. 12.

DESFILÉ de samba tem impasse. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 07 set. 1984, Cidade, p.5.

DESFILÉ do carnaval. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 06 set. 1989, Cidade, p. 3.

DESFILE tem mudanças: Riotur e Liga das Escolas de Samba assinam contrato. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 02 nov. 1989, Cidade, p. 3.

DESFILES de carnaval já têm um regulamento. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 03 jan. 1984, Cidade, p. 6.

DESFILES de carnaval têm os horários já definidos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 jan. 1984, Ciência/ Cidade, p. 6.

DIAS, Luciano. Um patrono chamado marketing. *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 jan. 1996, Matutina, Rio, p. 22.

DIRIGENTES da Liesa se reúnem para discutir repressão a bicheiros. *O Globo*, Rio de Janeiro, 17 jan. 2012, Matutina, Rio, p. 16.

DJALMA Arruda, 64, presidente da Liesa. *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 ago. 1998, Obituário, p. 20.

DONO de cassino no Paraná paga fiança e é libertado. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 out. 1987, Nacional, p. 4.

DUART, Solange. 'Grupo dos Oito' substitui figura do carnavalesco na Beija-Flor. *O Globo*, Rio de Janeiro, 16 nov. 1997, Matutina, rio, p. 35.

DUART, Solange. Ação judicial preocupa as escolas de samba do Rio. *O Globo*, Rio de Janeiro, 27 ago. 1998, Matutina, Rio, p. 15.

DUART, Solange. Beija-Flor promete carro inovador. *O Globo*, Rio de Janeiro, 09 fev. 2001, Matutina, Rio, p. 17.

DUART, Solange. Carnaval: ingressos à venda a partir de hoje. *O Globo*, Rio de Janeiro, 16 jan. 2001, Matutina, Rio, p. 15.

DUART, Solange. Patrocínio garante carnaval de grandes escolas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 10 jun. 2001, Matutina, Rio, p. 27.

DUART, Solange. Riotur reassume a organização do desfile do carnaval carioca. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 out. 1998, Matutita, Rio, p. 17.

DUARTE, Flávia. Uma fortuna na Sapucaí. *O Dia*, Rio de Janeiro, 18 fev. 2007, p. 4.

DUARTE, Solange. Mulher-pássaro da Beija-Flor vira Pinah dos anos 90. *O Globo*, Rio de Janeiro, 07 jan. 1997, Matutina, Rio, p. 20.

DUMAR, Deborah. Carnavalesco critica modo como fazem o carnaval 84. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 nov. 1983, Cidade, p. 5.

DUMAR, Deborah. Uzeda se demite da Riotur e alega motivos pessoais. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro. 2 fev. 1983, Primeiro Caderno, p. 8.

EM 2008, só 12 escolas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 fev. 2006, Cidade, p. A6.

EM NILÓPOLIS, conquista teve um gostinho de desabafo, *Jornal do Brasil*, Cidade, p. A10.

EMPRESÁRIO não concorda com carnaval em agosto. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 mar. 1987, Cidade, p. 2.

EMPRESAS patrocinam carnaval da Rocinha. *Jornal do Brasil*. 10 fev.1994, Cidade, p.15.

ENCONTRO impossível. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 05 ago. 1983, Primeiro Caderno, p. 10.

ENGENHEIRO nega perigo que Deputado vê na Passarela. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 fev. 1984, Cidade, p. 9.

ENTREVISTA com Wigder Frota: fotógrafo da Sapucaí. *Carnavalizados*. 14 nov. 2017. Disponível em: <http://carnavalizados.com.br/noticias/entrevista-com-wigder-frota-fotografo-da-sapucaí/>

ESCOLA tem direito de vetar 3 nomes do júri do samba. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 09 fev. 1985, Cidade, p. 9.

ESCOLAS de samba debatem artigo dos desfiles que consideram mal redigido. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 04 jan. 1984, Cidade, p. 6.

ESCOLAS de samba fazem estatuto. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 03 ago. 1984, Primeiro Caderno, p. 12.

ESCOLAS de samba ganham 15 minutos para a “apoteose”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 dez. 1983, Cidade, p. 6.

ESCOLAS de samba levam protesto a Governador. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 dez. 1984, Cidade, p. 7.

ESCOLAS de samba têm nota pronta criticando Governo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 ago. 1983, Cidade, p. 25.

ESCOLAS de samba vão recusar proposta da Riotur sobre desfile. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 ago. 1986, Cidade, p. 8.

ESCOLAS de samba vetam 48 nomes indicados para o júri. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 fev. 1985, Cidade, p. 8.

ESCOLAS do grupo 1B não aceitam abrir o carnaval. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 09 dez. 1983, Cidade, p. 5.

ESCOLAS e agências recusam carnaval que Trajano quer. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 set. 1984, Cidade/ Estado, p. 16.

ESCOLAS propõem alugar Sambódromo e fazer desfile. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 mar. 1988, Cidade, p. 6-b.

ESCOLAS redigem documento sobre o carnaval paralelo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 jul. 1984, Cidade, p. 8.

ESCOLAS vão ao Sambódromo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 08 set. 1989, Cidade, p.4.

ESCOLAS de samba querem saber como fica carnaval com a saída das 10 maiores. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 jul. 1984, Primeiro Caderno, p. 12.

ESCOLHA de samba-enredo esquentando clima nas escolas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 out. 1987, Cidade, p. 2.

“É UMA DITADURA benéfica”, diz diretor da Beija Flor, campeã do Carnaval. *Diário do Centro do Mundo*. 18 fev. 2015. Disponível em: <<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/e-uma-ditadura-benefica-diz-diretor-da-beija-flor-campea-do-carnaval/>>. Acesso em: 22/02/2015.

EX- PEDETISTA lembra que Darcy terá apoio de um acusado de torturas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 abr. 1986, Política, p. 3.

EX-PRESO diz como “capitão” Guimarães ensinou tortura. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 05 nov. 1986, Cidade, p. 14-a.

FAGUNDES, Renato. Desfile vira horário político do Brasil. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 jan. 1997, Cidade, p. 21.

FAGUNDES, Renato. Os reis da Sapucaí. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 fev. 1997, Caderno B, p. 14.

FAGUNDES, Renato; MELO, Murilo Fiuza de; THOMPSON, Fernando; Beija-Flor já ameaça a Mangueira. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 jan. 1997, Cidade, p. 26

FALTA de verbas paralisa a Prefeitura do Rio. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 31 dez. 1983, Retrospectiva 83- Política, p. 5.

FANTASMA de Joãozinho Trinta ronda a Beija-Flor. *O Globo*, Rio de Janeiro, 31 jan. 1993, Matutina, Rio, p. 30.

FEIJÓ, Ateneia. No país do Carnaval, até as escolas de samba são empresas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 08 nov. 1987, Economia, p. 26.

FERNANDES, Cláudia. Uma mina na Sapucaí. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 fev. 2003, Primeiro Caderno, p. C5.

FERNANDES, Vagner. Carnaval fabricado sob encomenda. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 jul. 2001, Cidade, p. 26.

FERNANDES, Vagner. De professor a corretor da folia. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 jul. 2001, Cidade, p. 26.

FERNANDES, Valéria. Castor se considera um grande pai. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 08 jan. 1984, Carnaval, p. 3.

FERNANDES, Valéria. Prefeitura põe o carnaval em concorrência pública. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 ago. 1983, Cidade/ Nacional, p. 5.

FESTA para os reis do bicho. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 06 fev. 1991, Cidade, p. 1.

FILHO de Castor é assassinado a tiros na Barra. *O Globo*, Rio de Janeiro, 22 out. 1998, Matutina, Rio, p. 18.

FILHO de Castor é morto. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 out. 1998, Cidade, p. 21.

FLUMINENSE tenta desvendar mistério de seu benfeitor. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 mar. 1987, Esportes, p. 23.

FOI um Rio que passou na Sapucaí. *O Globo*, Rio de Janeiro, 4 fev. 2008, Caderno Especial, p. 1.

FRANCO, Francisco Manoel de Mello. Pobre Rio querido. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 mar. 1983, Opinião, p. 11.

FREIRE, Flávio. SP recorre a empresas para financiar carnaval. *O Globo*, Rio de Janeiro, 05 fev. 2005, Matutina, O País, p. 9.

GERK, Cristine. Verba pública para o samba é liberada. *O Dia*, Rio de Janeiro, 26 nov. 2010, p. 33.

GOLPE contra o poder da contravenção no Rio. *O Dia*, Rio de Janeiro, 16 dez. 2011, p. 4.

GOULART, Gabriela. “Este é o ano da volta por cima”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 09 fev. 1998, Cidade, p. 15.

GOULART, Gabriela. A literatura visita o quintal do samba. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 07 jan. 1998, Cidade, p. 21.

GOULART, Gabriela. Anísio deixa o hospital e vai para Bangu II. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 jan. 2012, Matutina, Rio, p. 21.

GOULART, Gabriela. Beija-Flor vai levantar voo na Sapucaí. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 jan. 1997, Cidade, p. 15.

GOULART, Gabriela; SHUBNEL, Daniela. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 fev. 1996, Cidade, p. 16.

GOVERNO e Escolas lutam por TV. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 set. 1984, Cidade, p. 5.

GRANDES escolas ameaçam carnaval paralelo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 jul. 1984, Primeiro Caderno, Capa.

GRANDES escolas de samba vão se separar das menores. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 jul. 1984, Cidade/Nacional, p. 5.

GRILLO, Marco; MAGALHÃES, Luiz Ernesto. Nem governo da Guiné se entende sobre patrocínio. *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 fev. 2015, Matutina, Rio, p. 13.

GRUPO dos 10 debate samba e carnaval-85 com Trajano. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 jul. 1984, Cidade, p. 7.

GUGLIANO, Monica. ‘Eu, enredo? Com 90 anos sim’. *O Globo*, Rio de Janeiro, 01 fev. 1999, Matutina, O País, p. 9.

GUINLE deixa a Secretaria de Turismo, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 09 set. 1994, Cidade, p. 16.

GUINLE demitirá hoje a diretoria da Riotur, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9 mar. 1993, Cidade, p. 15.

HADDAD começa nomeando um interventor para a Riotur. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 mar. 1983, Cidade, p. 5.

HADDAD intervém na Riotur e já tem secretariado. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 mar. 1983, Primeiro Caderno, Capa.

HELENA, Letícia. Os 30 anos do título que mudou a folia. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 fev. 2006, Matutina, Rio, p.15.

HELENA, Letícia; MARQUEIRO, Paulo. O dinheiro dá as cartas na Sapucaí. *O Globo*, 22 fev. 2004, Matutina, Rio, p. 15.

HELENA, Letícia; MENDONÇA, Alba Valéria. Na Sapucaí, um desfile (quase) sem patrocínio. *O Globo*, Rio de Janeiro, 23 jan. 2003, Matutino, Rio, p. 15.

HERDEIRO de bicheiro, profissão engenheiro. *O Globo*, Rio de Janeiro, 22 out. 1998, Matutina, Rio, p. 18.

HERINGER, Carolina; JUPIARA, Aloy; OTÁVIO, Chico. Inquérito apura uso de verba por escolas de samba. *O Globo*, Rio de Janeiro, 24 jan. 2012, Matutina, Rio, p. 17.

HORA de limpar as quadras. *O Globo*, Rio de Janeiro, 30 jan. 2008, No Embalo, p. 18.

IMPASSE atrasa o lançamento de disco de escolas de samba. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 06 nov. 1985, Cidade, p. 12.

IMPÉRIO é campeão e Anísio e Luizinho vão à justiça. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 fev. 1982, Cidade, p. 8.

INFORME JB, Privatização I e II, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 jan. 1993, Política e Governo, p.6.

INFORME JB. Folclore. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 mar. 1983, Política, p. 6.

INFORME JB. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 06 mai. 1987, Cidade, p. 5.

INFORME JB. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 mai. 1972, p. 10.

INFORME JB. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 fev. 1988, Internacional, p. 6.

INFORME JB. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 set. 1974, p. 10.

INFORME JB. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 ago. 1972, p. 10.

INFORME JB. Lance-livre. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 07 jul. 1983, Nacional, p. 6.

INFORME JB. Racha no samba. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 06 out. 1984, Cidade, p.6.

INFORME JB. Revolução no samba. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 05 jul. 1984, Primeiro Caderno, p. 6.

INGRESSOS: Ação de cambistas deixa clima tenso. *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 fev. 2001, Matutina, Rio, p. 14.

JAMIL Haddad vai à Assembléia buscar buscar votos do PDS. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 mar. 1983, Política, p. 8.

JAMIL sai magoado com Brizola. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 29 nov. 1983, Cidade, p. 6.

JORGE Lafond de volta à Beija-Flor de Nilópolis. *O Globo*, Rio de Janeiro, 24 jan. 1998, Matutina, Rio, p. 24.

JUPIARA, Aloy. Alice, quem diria, vai sambar na Beija-Flor. *O Globo*, Rio de Janeiro, 30 jan. 1991, Matutina, Rio, p. 9.

JUPIARA, Aloy. Atrás do patrocínio, e em ritmo de samba. *O Globo*, Rio de Janeiro, 29 jan. 1995, Matutina, Rio, p. 34.

JUPIARA, Aloy; OTÁVIO, Chico. Licitação do carnaval. *O Globo*, Rio de Janeiro, 01 mar. 2009, Matutina, Rio, p. 17.

JURADOS para o desfile iniciam curso com festa. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 jan. 1987, Cidade, p. 12-a.

LAGE, Miriam. Ivo Pitangy: A natureza de um mago. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 jul. 1985, Caderno B, p. 7.

LANÇA-PERFUME. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 jan. 1984, Carnaval, p.3.

LANCE-LIVRE. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 05 out. 1994, Política e Governo, p. 6.

LAUFER garante que sanará déficit da Riotur até dia 31. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 29 ago. 1987, Cidade, p. 12-b.

LEITÃO, Leslie. Fachada para máfia da jogatina. *O Dia*, Rio de Janeiro, 07 mai. 2010, p.12.

LEMOIS é contra “apoteose”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 dez. 1983, Cidade, p. 9.

LICITAÇÃO do carnaval não atrai empresas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 21 ago. 2010, Matutina, rio, p. 30.

LIGA cuida do carnaval de olho no lucro. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 08 out. 1987, Cidade, Capa.

LIGA das Escolas pode perder lucro dos desfiles. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 fev. 1995, Cidade, p. 15.

LIGA do samba apresenta júri. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 ago. 1987, Cidade, Capa.

LIGA Independente das Escolas de Samba elege Castor seu presidente. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 jul. 1984, Cidade, p. 5.

LIGA já lucra com a ‘privatização’ do carnaval. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 set. 1994, Cidade, p. 18.

LIGA pode ser afastada. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 04 out. 1994, Cidade, p. 30.

LISTA de Secretários sai hoje. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 mar. 1983, Cidade, p. 14.

LOGOMARCA feita por Hans Donner apresentada pela LIESA como símbolo da privatização do carnaval. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 jan. 1995, Cidade, p. 12.

LUIZ Carlos Magalhães: ‘É da Beza Flô?’. *Carnavalesco*, 20 fev. 2015. Disponível em: <http://www.carnavalesco.com.br/noticia/luis-carlos-magalhaes-e-da-beza-flo/11672> Acesso em: 08 fev. 2018.

LUIZ, Antero. Interventor vê ‘coisas esquisitas’ na Riotur. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 29 mar. 1983, Cidade, p. 7.

LUIZ, Antero. Interventor vê “coisas esquisitas” na Riotur. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 29 mar. 1983, Cidade, p. 7.

LUIZINHO Drumond está livre: Bicheiro não passou nem 24 horas na cadeia. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 fev. 1999, Matutina, Rio, p. 12.

MAC LAREN enriquece enredo da Vila Isabel com tradição na área naval. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 06 fev. 2005, Primeiro Caderno, p. H6.

MACEDO, Ana Paula. Lula pode vir para o carnaval. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 fev. 2003, Matutina, Rio, p.18.

MACEDO, Ana Paula.; MENDONÇA, Alba Valéria. Beija-Flor volta a festejar título e já conserta alegorias para amanhã. *O Globo*, Rio de Janeiro, 07 mar. 2003, Matutina, Rio, p.12.

MAGALHÃES, Luiz Ernesto. Carnaval 2011: prefeitura não vai mais antecipar renda de bilheteria à Liesa. *O Globo*, Rio de Janeiro, 04 dez. 2010, Matutina, Rio, p. 27.

MAGALHÃES, Luiz Ernesto. Carnaval de 2010 vai ter licitação e novas regras para organização. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 ago. 2009, Matutina, Rio, p. 15.

MAGALHÃES, Luiz Ernesto. Dívida de escolas e blocos chega a R\$ 1,5 milhão. *O Globo*, Rio de Janeiro, 29 jan. 2008, Matutina, Rio, p. 22.

MAGALHÃES, Luiz Ernesto. Novos planos para o carnaval 2002. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 04 mar. 2001, Cidade, p. 14.

MAGALHÃES, Luiz Ernesto. Põe anúncio no meu bloco. *O Globo*, Rio de Janeiro, 12 dez. 2009, Matutina, Rio, p. 15.

MAGALHÃES, Maria Inez. Portela desmente Falcon. *O Dia*, Rio de Janeiro, 19 abr. 2011, p. 16.

MAIA pode rever contrato da Liga. *Jornal do Brasil*, 2ª edição, Rio de Janeiro, 04 out. 1994, Cidade, p. 30.

MAIA privatiza o carnaval. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 03 mai. 1994, Cidade, p. 15.

MANGUEIRA aguarda dinheiro prometido. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 jan. 1996, Cidade, p. 14.

MANGUEIRA aguarda dinheiro prometido. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 jan. 1996, Cidade, p. 14.

MANGUEIRA, polêmica entre judeus. *O Globo*, Rio de Janeiro, 16 jan. 2003, Matutina, Rio, p. 19.

MANUAL ajudará na escolha. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 jan. 1987, Cidade, Capa.

MARCOLINI, Bárbara; GALDO, Rafael. Juíza critica enredo patrocinado por ditador. *O Globo*, Rio de Janeiro, 12 fev. 2015, Matutina, Rio, p. 9.

MARQUEIRO, Paulo Sérgio. O clássico e o popular se unem em Nilópolis. *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 fev. 1995, Matutina, Rio, p. 16.

MARQUEIRO, Paulo; MENDES, Taís. Beija-Flor prepara protesto. *O Globo*, Rio de Janeiro, 03 mar. 2001, Matutina, Rio, p. 10.

MARQUEIRO, Paulo; MENDONÇA, Alba Valéria. Beija-Flor agora prefere calar o bico. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 fev. 2002, Matutina, Rio, p. 11.

MARTA, Fabrício. Beija-Flor desiste dos orixás e mudará carros. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 jan. 2002, Matutina, Segunda Página, p. 15.

MARTA, Fabrício. Beija-Flor vai transformar santos em orixás. *O Globo*, Rio de Janeiro, 25 jan. 2002, Matutina, Rio p. 15.

MARTINS, Lula Branco. Beija-Flor comemora resultado de sorteio. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 02 jul. 2003, Cidade, p. C3.

MARTINS, Lula Branco. O décimo da competência. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 fev. 2005, Cidade, p. A12.

MARTINS, Ruth. Compromisso histórico garante desfile na hora certa. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 fev. 1982, Primeiro Caderno, p. 5.

MAURÍCIO Azedo rebate acusação de ‘capitão’ da Liga. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 09 set. 1989, Cidade, p. 3.

MÁXIMO, João. O povo dá sua ópera à diva. *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 fev. 1995, Matutina, Segundo Caderno, p. 1.

MEDEIROS, Alexandre. A penúria se espalha pelos barracões. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 jan. 1997, Cidade, p. 27.

MELLO, Marcelo de. Em Nilópolis, disciplina de jesuíta. *O Globo*, Rio de Janeiro, 10 fev. 2005, Opinião, p.7.

MELLO, Marcelo de. Histórias da folia. *O Globo*, Rio de Janeiro, 10 fev. 2000, Matutina, Rio, p. 19.

MELO, Murilo Fiúza de. ‘Nunca deixei a Imperatriz’. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 fev. 1997, Cidade, p. 18.

MELO, Murilo Fiuza de. Bicheiros na mira. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 fev. 1997, Cidade, p. 16.

MENDONÇA, Alba Valéria. Beija-Flor adia para 2004 projeto de troca de fantasias em pleno desfile. *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 fev. 2003, Matutina, Rio, p. 17.

MENDONÇA, Alba Valéria. Beija-Flor desponta como a favorita deste ano. *O Globo*, Rio de Janeiro, 10 fev. 2002, Matutina, Rio, p. 13.

MENDONÇA, Alba Valéria. Beija-Flor volta hoje à Passarela do Samba para festejar bicampeonato. *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 fev. 2004, Matutina, Rio, p. 16.

MENDONÇA, Alba Valéria. Em busca de patrocinador para o carnaval SA. *O Globo*, Rio de Janeiro, 02 mar. 2001, Matutina, Rio, p. 12.

MENEZES, Carlos. Escola de Samba chega à universidade: agora é tese. *O Globo*, Rio de Janeiro, 07 fev. 1983, Matutina, Cultura, p. 24.

MENEZES, Maiá. “Folia da contravenção na mira”. *O Globo*, 14 fev. 2005, Matutina, Rio, p. 8.

MINEIRO acusa “bicheiro” de professor de tortura. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 04 nov. 1986, Cidade, p. 7-a.

MIRANDA, Leandro. Carnaval da Roseana: Estado gastará R\$ 9,5 milhões com a Beija-Flor. *Marrapá!* 14 fev. 2012, Geral. Disponível em: <http://www.marrapa.com/20337/>
Acesso em: 06 fev. 2018

MOCIDADE Independente de Padre Miguel é campeã de 85. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 fev. 1985, Carnaval, p. 8.

MOISÉS: derrota na justiça. *O Dia*, Rio de Janeiro, 28 jul. 2011, p. 14.

MONTEAGUDO, Clarissa. Demora no repasse de verbas pela prefeitura ameaça carnaval do Rio. *O Globo*, Rio de Janeiro, 01 dez. 2008, Matutina, Rio, p. 11.

MORRERAM: Djalma Arruda. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 ago. 1998, Cidade, p. 23.

MOTTA, Aydano A. A engajada Amazônia da Beija-Flor. *O Globo*, Rio de Janeiro, 07 fev. 2004, Matutina, Rio, p. 18.

MOTTA, Aydano A. e HELENA, Letícia. O samba corre a sacolinha. *O Globo*, Rio de Janeiro, 10 jan. 1999, Matutina, Rio, p. 14.

MOTTA, Aydano A. Estilhaços da guerra do tráfico atingem carnaval. *O Globo*, Rio de Janeiro, 30 jan. 1995, Matutina, Rio, p. 9.

MOTTA, Aydano André. Alugam-se carnavais. *Site Notícia e Opinião*, 29 mai. 2001

MOTTA, Aydano André. Doença faz a Beija-Flor alterar letra de seu samba-enredo. *O Globo*, Rio de Janeiro, 25 out. 2014, Matutina, Sociedade, p. 33.

MOTTA, Aydano André. Samba se vira sem patrocínio. *Jornal do Brasil*, 26 fev. 2003, Cidade, p. 5.

MOTTA, Aydano André. Sugestão de estudante vira enredo na Beija-Flor. *O Globo*, Rio de Janeiro, 02 fev. 1997, Matutina, Rio, p. 25.

MOTTA, Aydano André. Volta dos ‘banqueiros’ de bicho ao carnaval agora é sem disfarces. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 jan. 1997, Matutina, Rio, p. 12.

MOTTA, Cláudio. A fé e a torcida de Nilópolis para a Beija-Flor. *O Globo*, Rio de Janeiro, 25 fev. 2007, Matutina, Rio, p.20.

MOTTA, Cláudio. Carnaval de 2011 com preço de 2010. *O Globo*, Rio de Janeiro, 22 jun. 2010, Matutina, Rio, p. 20.

MOURA, Athos; RAMALHO, Sergio. Filha de contraventor tem a prisão decretada. *O Globo*, Rio de Janeiro, 21 dez. 2011, Matutina, Rio, p. 22.

MUTIRÃO de criatividade. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 06 fev. 1998, Cidade, p. 23.

NA CADÊNCIA do samba. *Jornal do Brasil*, 14 jan. 1996, Cidade, p. 35.

NASCIMENTO, Christina. Desfile terá auditoria no julgamento. *O Dia*, Rio de Janeiro, 29 ago. 2009, p. 10.

NEVES, Tânia; TARTAGLIA, César. O diretor da Riotur Toni Nardelli está convocando o mundo do samba. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 jan. 2001, Matutina, Rio, p. 28.

NOBLAT, Ricardo. Na passarela, um dos ditadores mais cruéis do mundo. *O Globo*, Rio de Janeiro, 11 fev. 2015, Matutina, Rio, p. 12.

NOSSA cara... Nossa gente! *O Beija-Flor*. Nº 27, Ano 4, fev. 2007, p. 12.

NOVA política de vendas faz parar leilão de camarotes. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 fev. 1984, Cidade/Carnaval, p. 5.

O CARNAVAL carioca tem um novo dono. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 out. 1987, Revista de Domingo, p. 27.

O NOVO presidente da Riotur promete mudanças no carnaval. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 ago. 1981, Caderno B, p. 12.

O QUE você precisa saber sobre a Guiné Equatorial. *Diário do Centro do Mundo*. 18 fev. 2015, Disponível em: < <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/o-que-voce-precisa-saber-sobre-a-guine-equatorial/>>, Acesso em: 08 fev. 2018.

O SAMBA privatizado. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 mar. 1988, Cidade, p. 3.

ODEBRECHT nega que tenha patrocinado a Beija-Flor. *O Globo*, Rio de Janeiro, 19 fev. 2015. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/carnaval/2015/odebrecht-nega-que-tenha-patrocinado-beija-flor-15380443> Acesso em: 08 fev 2018.

OTÁVIO, Chico. CPF pede auditoria no contrato do carnaval. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 jun. 2007, Matutina, Rio, p.17.

OTÁVIO, Chico; JUPIARA, Aloy. Bicheiro pagou R\$ 430 mil por carro de luxo. *O Globo*, Rio de Janeiro, 10 jun. 2007, Matutina, Rio, p. 23.

OTÁVIO, Chico; JUPIARA, Aloy. Grampos revelam corrupção no carnaval 2007. *O Globo*, Rio de Janeiro, 10 jun. 2007, Matutina, Rio, p.22.

OTÁVIO, Chico; JUPIARA, Aloy. MP questiona contratos da prefeitura com a Liesa. *O Globo*, Rio de Janeiro, 10 jun. 2007, Matutina, Rio, p. 23.

PAIVA, Anabela e MOTTA, Aydano A. Um certo Capitão Guimarães. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 jan. 1989, Cidade, p. 7.

PARÁ investe na Beija-Flor. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 fev. 1998, Cidade, p. 24.

PASSARELA terá só de déficit Cr\$ 6 bilhões. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 fev. 1984, Primeiro Caderno, Capa.

PELLEGRINE, Marcelo. Entrevista – Ativista da Guiné Equatorial condena apoio à Beija-Flor. *Carta Capital*, 21 fev. 2015, Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/internacional/beija-flor-guine-equatorial-2029.html> Acesso em: 08 fev.

PERFEITO, Vera. Escolas de samba recusam jurado do quesito conjunto. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 fev. 1987, Cidade, p. 3.

PERFEITO, Vera. O chefão denuncia um complô. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 01 mar. 1987, Entrevista, p. 10.

PESSOA, Flávio. Preso o dirigente da Liga das Escolas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 12 fev. 1999, Matutina, Rio, p. 10.

PM prende 81 bicheiros em ‘operação zoológica’. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 29 jan. 1982, Cidade, p. 17.

POLÍCIA apreende computador que apurava o bicho. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 out. 1985, Primeiro Caderno, Capa.

POLÍCIA apura se Liga mandou eliminar Dória. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 06 out. 1987, Primeiro Caderno, Capa.

POLÍCIA detém 335 envolvidos com a máfia'. *O Dia*, Rio de Janeiro, 17 dez. 2011, p. 9.

POLÍCIA investiga disputa na família de bicheiro. *O Globo*, Rio de Janeiro, 23 out. 1998, Matutina, Rio, p. 15.

PRADO, Karla Rondon. Nova festa junta samba e charme na Mangueira. *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 jan. 1997, Segundo Caderno, p. 4.

PREÇO do ingresso afasta estrangeiro da Passarela. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 01 fev. 1984, Cidade, p. 7.

PREFEITO pede que desliguem Liga do samba. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 set. 1984, Nacional, p. 8.

PREFEITO vai construir o "sambódromo" na Cidade Nova. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 mar. 1983, Cidade, p. 8.

PREFEITO. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 dez. 1983, Política, p. 2.

PRESIDENTE da Assembleia nega críticas e acusações. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 04 dez. 1987, Cidade, p. 4-b.

PRESIDENTE da LIESA se reúne com prefeito. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 02 mar. 1995, Cidade, p. 20.

PRESIDENTE da Vale é homenageado. *O Globo*, Rio de Janeiro, 10 mar. 2003, Matutina, Rio, p. 14.

PRESIDENTE da Vila e Mocidade seguram Liga. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 fev. 1987, Cidade, p. 3.

PRESIDENTE ouve reivindicações de sambistas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5 fev. 1993, Cidade, p. 14.

PRISÃO de Anísio não muda rotina na Beija-Flor. *Extra*, Rio de Janeiro, 14 abr. 2007, Geral, p.11.

'PRIVATIZAÇÃO' do carnaval pode ser cancelada. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 01 out. 1994, Cidade, p. 22.

'PRIVATIZAÇÃO' será contestada. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 set. 1994, Cidade, p. 17.

PRIVATIZAÇÃO do carnaval é condenada por campeãs. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 02 mar. 1995, Cidade, p. 16.

PRIVATIZAÇÃO do carnaval será limitada. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 jun. 1994, Cidade, p. 16.

PROCURADORIA vai a barracão de escola. *O Globo*, Rio de Janeiro, 2 fev. 1994, Matutina, Rio, p. 15.

PSDB quer investigar financiamento da Beija-Flor. *Brasil 247*, 19 fev. 2015, Disponível em: <https://www.brasil247.com/pt/247/rio247/170563/PSDB-quer-investigar-financiamento-da-Beija-Flor.htm> Acesso em: 08 fev. 2018.

QUESITO anulado muda a colocação das escolas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 fev. 1985, Carnaval, p. 9.

QUESITO anulado muda colocação das escolas de samba. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 fev. 1985, Carnaval, p.9.

RACHA no carnaval. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 dez. 1988, Cidade, p. 3.

REGO, José Carlos. Nos barracões, a atarefada Beija-Flor constrói o sonho. *O Globo*, Rio de Janeiro, 30 jan. 1983, Domingo, p. 1.

REGO, José Carlos. Beija-Flor canta a ribalta e samba cita a música de Chaplin. *O Globo*, 03 nov. 1986, Matutina, Rio, p. 13.

REIS, Luís Fernando. E aí, tem patrocínio? (Parte II). *SRDZ Carnaval*. 17 mai. 2008, Disponível em: <

<http://www2.sidneyrezende.com/noticia/2071+e+ai+tem+patrocinio+parte+ii>> Acesso em: 08 fev. 2018.

REPRESENTANTE de blocos acha Passarela “um sonho”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 08 dez. 1983, Cidade, p. 9.

REUNIÃO na Liga para discutir a novidade. *O Dia*, Rio de Janeiro, 26 ago. 2009, p. 3.

RIBEIRO, Denise. ‘Não sobrou camarote nem para o FH’. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 jan. 1998, Cidade, p. 16.

RIBEIRO, Denise. O samba na Praça Mauá. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 jan. 1998, Cidade, p. 22.

RIBEIRO, Erica. Os bons negócios feitos em ritmo de samba. *O Globo*, Rio de Janeiro, 23 fev. 2003, Matutina, Rio, p.30.

RIOTUR acha viável custo do carnaval. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 06 ago. 1983, Cidade, p. 7.

RIOTUR anuncia em dez dias preços do carnaval, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 jun. 1993, Cidade, p. 19.

RIOTUR decide de vez não decorar a passarela. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 jan. 1984, Cidade, p. 6.

RIOTUR diz que contrato de som é legal. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 jul. 1988, Cidade, p. 2.

RIOTUR- Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro S. A. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 mar. 1983, Política, p. 3.

RIOTUR fixa verba de escolas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 dez. 1985, Cidade, p. 8.

RIOTUR fixa verba de escolas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 dez. 1984, Cidade, p.8.

RIOTUR garante por contrato profissionalização de escola de samba e 60% nas rendas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 nov. 1975, Cidade, p 22.

RIOTUR muda de sede e Castor recebe primeiro telefonema de Trajano. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 03 jan. 1985, Cidade/Nacional, p. 8.

RIOTUR muda os desfiles e escolas protestam. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 02 fev. 1984, Cidade, p. 7.

RIOTUR organiza o carnaval. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 ago. 1985, Cidade, p. 13.

RIOTUR paga cota de desfile. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 jan. 1989, Cidade, p. 3.

RIOTUR quer dividir em 3 dias o desfile de 88. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 31 jan. 1987, Cidade, p. 14-b.

RIOTUR recua e iguala os pagamentos das escolas de samba do primeiro grupo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 jan. 1985, Cidade/Nacional, p. 9.

RIOTUR vai acelerar o desenvolvimento do turismo da Guanabara. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 06 jun. 1972, Cidade, p. 27.

RIOTUR vai analisar TV em desfile. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 05 jan. 1984, Cidade, p. 6.

RITOUR começa a discutir com rádio e televisão planos para o carnaval. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 dez. 1972, Cidade, p. 23.

ROCINHA aposta na Disney. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 jan. 1997, Cidade, p. 23

ROUCHOU, Joëlle. Desorganização da Riotur preocupa escolas de samba. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 nov. 1983, Primeiro Caderno, p. 18.

SAMBA reage ao Governo e não desfila em dois dias. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 set. 1984, Cidade, p. 8.

SAMBA e Estado esboçam acordo para desfile ser em dois dias. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 02 out. 1984, Primeiro Caderno, p. 14.

SAMBA perde 30% da renda total do carnaval. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 06 out. 1984, Cidade, p. 5.

SAMBA reage ao Governo e não desfila em dois dias. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 set. 1984, Cidade, p. 8.

SAMBISTAS vão ao Palácio reclamar do critério de distribuição de subvenção. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 dez. 1984, Primeiro Caderno, p. 18.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. O desfile do samba em 85: entre o luxo dissidente e a pobreza com direitos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 set. 1984, Caderno B, p. 8.

SATURNINO lava as mãos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 mai. 1988, Cidade, p. 2.

SEARA, Berenice. Novo bicheiro revoluciona a Portela. *O Globo*, Rio de Janeiro, 8 fev. 1995, Matutina, Rio, p. 15.

SECRETÁRIO acusa escolas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 fev. 1985, Cidade, p. 8.

SECRETÁRIO é contra a que escolas de samba passem a ser empresas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 31 jan. 1985, Cidade, p. 18.

SILVA, Ruy Pereira da. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 mai. 1972, Opinião, Capa.

SOARES, Fred. Escolas menores só receberam metade da subvenção. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 fev. 2001, Matutina, Rio, p. 19.

SOBRAL, Fabiana. Beija-Flor samba com classe. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 02 fev. 1995, Cidade, p. 21.

SOBRAL, Fabiana. Escolas vão ter ajuda de R\$ 6 milhões. *O Dia*, Rio de Janeiro, 09 fev. 2009, p. 6.

SUGESTÃO de estudante vira enredo na Beija-Flor. *O Globo*, Rio de Janeiro, 2 fev. 1997.

SUSPENSA licitação do carnaval de 2010. *O Dia*, Rio de Janeiro, 08 out. 2009, p. 7.

TCM decide sobre verba. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 08 fev. 1996, Cidade, p. 20.

TÉCNICO denuncia o som da Passarela. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 08 fev. 1984, Cidade, p. 7.

TEREZA, Irany. Misticismo na Passarela. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 dez. 1991, Cidade, p. 3.

THOMPSON já tem indícios de atos ilegais na Riotur. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 mar. 1983, Cidade, p. 14.

THOMPSON quer abrir inquérito na Riotur sobre a venda de canos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 mar. 1983, Cidade, p. 15.

THOMPSON susta pagamento a antigos diretores da Riotur. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 31 mar. 1983, Cidade, p. 12.

THYS, Bruno. No encontro com Jamil, “o escrito” não vale. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 08 jul. 1983, Cidade, p. 14.

TINOCO, Bianca. Sambistas se afastam das escolas. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 04 fev. 2002, Cultura A, p. 34.

TIZOLAS, Humberto. Samba de primeira e profissional. *O Dia*, Rio de Janeiro, 05 jun. 2011, Especial 60 anos, p. 58.

TÓPICOS. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 09 fev. 1984, Primeiro Caderno, p. 10.

TRABALHO na Beija-Flor é em ‘ritmo de foguete’. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 jan. 1987, Cidade, p. 1.

TUMULTO da Riotur atrasa desfile em horas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 fev. 1985, Caderno B, p. 12.

TURISMO divide o desfile das escolas de samba em três dias no próximo carnaval. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 set. 1972, Primeiro Caderno, p. 5.

TV MANCHETE vai transmitir desfiles com exclusividade. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 07 jan. 1984, Cidade, p. 6.

UM balanço da privatização do carnaval carioca. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 01 mar. 1995, Caderno B, p. 12.

UM GRIÔ conta a história: um olhar sobre a África e o despontar da Guiné Equatorial. *Revista Beija-Flor: uma escola de vida*. 14ª edição. fev. 2015. p.13

VELHAS Guardas criticam saída das 10 escolas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 ago. 1984, Cidade, p. 8.

VENDA de arquibancadas ainda não é de 10% do total. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 fev. 1984, Cidade, p. 8.

VEREADOR na mira da Corregedoria de Polícia. *O Globo*, Rio de Janeiro, 09 jun. 2007, Matutina, Rio, p. 20.

VICTOR, Marcello. ‘Jogos mortais’ na mira do MP. *O Dia*, Rio de Janeiro, 21 dez. 2011, p. 6.

VIRADOURO vende camarotes para agências. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 fev. 1996, Cidade, p. 24.

WAINER FILHO, Samuel. Riotur doou de forma irregular 119 camarotes. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 02 abr. 1983, Cidade, p. 12.

XEXÉO, Arthur. Vale do rio Doce na Avenida é coisa de Trinta. *O Globo*, Rio de Janeiro, 05 mar. 2003, Segundo Caderno, p. 8.

ZÓZIMO. ‘Dura lex’, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 fev. 1983, Caderno B, p. 3.

ZÓZIMO. Estaca zero. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 04 set. 1984, Caderno B, p. 3.

ZÓZIMO. Faca no peito. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 out. 1987, Caderno B, p. 3.

ZÓZIMO. Guerra aberta. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 set. 1984, Caderno B, p. 3.

ZÓZIMO. Pá de cal. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 set. 1988, Caderno B, p. 3.

ZÓZIMO. Preju. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 out. 1987, Caderno B, p. 3.

ZÓZIMO. Ritmo de carnaval. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 ago. 1983, Caderno B, p. 3.

ZÓZIMO. Samba quente. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 jul. 1984, Caderno B, p. 3.

ZÓZIMO. Sonho distante. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 mar. 1983, Caderno B, p. 3.

ZÓZIMO. Tudo na mesma. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 ago. 1984, Caderno B, p.3.

ZÓZIMO. Vingança. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 01 nov. 1986, Caderno B, p. 3.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU**, Alzira Alves de. *O que é o Ministério Público*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- ABREU**, Mauricio de A. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPP, 2013.
- A ERA** das demolições: cidade do Rio de Janeiro:1870-1920/ Oswaldo Porto Rocha.
- CONTRIBUIÇÃO** ao estudo das habitações populares: Rio de Janeiro: 1866-1906. Lia de Aquino Carvalho. 2ª ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. E Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995. (Biblioteca Carioca, v.1, série publicação científica)
- ALBERTI**, Verena. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- ALBUQUERQUE**, Ângela Catarina Di Mare Salles de. *A Passarela do Samba como mídia publicitária – o caso do carnaval de 2005*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2005.
- ALKMIM**, Antonio C. *De Brizola a Cabral, de Collor a Dilma: a geografia do voto no Rio de Janeiro de 1982 a 2010*. [recurso eletrônico] Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2014.
- ALMEIDA**, Juniele Rabêlo; **ROVAI**, Marta Gouveia de Oliveira (Orgs.). *Introdução à História Pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.
- ALVITO**, Marcos. *Histórias do samba: de João da Baiana a Zeca Pagodinho*. São Paulo: Matrix, 2013.
- ALVITO**, Marcos e **ZALUAR**, Alba (orgs.). *Um século de Favela*. Rio de Janeiro, FGV, 1998.
- AMORIM**, Paulo Henrique. *O quarto poder: uma outra história*. São Paulo: Hedra, 2015.
- AQUINO**, Rubim Santos L. de.; **DIAS**, Luiz Sérgio. *O samba-enredo visita a história do Brasil: o samba-enredo e os movimentos sociais*. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2009.
- ARAÚJO**, Bernardo. *O Prazer da Serrinha: Histórias do Império Serrano*. Organizador: Aydano André Motta. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2015 (Cadernos de Samba).
- ARAÚJO**, Hiram. *Carnaval – Seis milênios de História*. Rio de Janeiro: Ed. Gryphus, 2000.
- ARÊAS**, João Braga. *As batalhas de O GLOBO: ditadura militar, Lula x Collor, privatizações e a vitória do PT em 2002*. Curitiba: Editora Prismas, 2015.
- AUGRAS**, Monique. *O Brasil do samba-enredo*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- AULER**, Marcelo. *Biscaia*. Rio de Janeiro: Cassará Editora, 2012.
- BAKHTIN**, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.
- BALTAR**, Anderson; **LEAL**, Eugênio; **DATTOLI**, Vicente. Org.: Fábio Fabato. *As primas sapecas do samba: alegria, crítica e irreverência na avenida*. Rio de Janeiro: Nova Terra, 2015.
- BARBIERI**, Ricardo José de Oliveira. *A Acadêmicos do Dendê quer brilhar na Sapucaí*. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.
- BARROS**, Paulo. *Sem segredo: estratégia, inovação e criatividade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.
- BEZERRA**, Luiz Anselmo. *A Beija-Flor dos anos de sacrifício*. In: *Textos Escolhidos de Cultura e Artes Populares*. Rio de Janeiro. v. 7, n. 2. Nov de 2010. p. 217-232.
- _____. “O mecenato do jogo do bicho e a ascensão da Beija-Flor no carnaval carioca”. In: *Textos Escolhidos de Cultura e Artes Populares*. Rio de Janeiro. v. 6. Out de 2009. p.139-149.

- _____. *A família Beija-Flor*. (Dissertação) Mestrado em História – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2010.
- BLASS**, Leila Maria da Silva. *Desfile na avenida, trabalho na escola de samba: a dupla face do Carnaval*. São Paulo: Annablume, 2007.
- BLANK**, Aldir.; **SUCKMAN**, Hugo.; **VIANNA**, Fernando. *Heranças do samba*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004.
- BLOCOS** de rua do carnaval do Rio de Janeiro: Volume 1. Texto: Aydano André Motta; Fotografias: Andre Arruda e Custodio Coimbra. Rio de Janeiro: Réptil, 2011
- BLOCOS** de rua do carnaval do Rio de Janeiro: Volume 2. Texto: Aydano André Motta; Fotografias: Andre Arruda e Ana Carolina Fernandes . Rio de Janeiro: Réptil, 2013.
- BOJUNGA**, Cláudio.; **DAHL**, Maria Lúcia. *Paquetá: ilha ditosa e florida*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Prefeitura, 2003.
- BOURDIEU**, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. “Marginalia. Algumas notas adicionais sobre o dom”. In: *Mana* 2(2): 7-20, 1996.
- _____. *Esboço de uma teoria da prática, precedido de três estudos de etnologia cabila*. 1ª edição portuguesa. Oeiras: Celta Editora, 2002.
- BRAGA**, Nilo. *Malandro beleza: reminiscências cariocas*. Rio de Janeiro: Eldorado, 2015.
- BRAME**, Fernando Ribeiro Gonçalves. *O Império sobre trilhos I: Estrada de ferro e desarticulação socioespacial do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Gramma, 2013.
- BRAME**, Fernando Ribeiro Gonçalves. *O Império sobre trilhos II: Estrada de ferro e desarticulação socioespacial do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Gramma, 2014.
- BRASIL**, Helio. *São Cristóvão: memória e esperança*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Prefeitura, 2004.
- BRUNO**, Leonardo. *Explode, coração: histórias do Salgueiro*. org: Aydano André Motta. Rio de Janeiro: Verso Brasil Editora, 2013. (Cadernos de Samba).
- BRUNO**, Leonardo.; **GALDO**, Rafael. *Cartas para Noel: Histórias da Vila Isabel*. Organizador: Aydano André Motta. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2015 (Cadernos de Samba)
- BURKE**, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. Trad.: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CABRAL**, Sérgio. *As escolas de samba do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996.
- CABRAL**, Sérgio. *Mangueira, a nação verde-e-rosa*. São Paulo: Prêmio, 1998.
- CAMÕES**, Marcelo.; **FABATO**, Fábio.; **FARIAS**, José Cesar.; **NATAL**, Vinícius.; **SIMAS**, Luiz Antônio. *As titias da folia: o brilho maduro de escolas de samba de alta idade*. Rio de Janeiro: Novaterra, 2014.
- CARVALHO**, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- _____. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- CASTRO**, Maurício Barros de., **VILHENA**, Bernardo. *Estácio: vidas e obras*. Rio de Janeiro: Retina 78, 2013.
- CASTRO**, Maurício Barros de. *Refavela: Gilberto Gil*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2017.
- CAVALCANTI**, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2008. (Col. História, Cultura e Ideias, v. 6).
- _____. e **GONÇALVES**, Renata de Sá (orgs.). *Carnaval em múltiplos planos*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

- CAVALCANTI**, Maria Laura.; **GONÇALVES**, Renata. (orgs.). *Carnaval em múltiplos planos*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.
- CAVALCANTI**, Nireu. *Santa Cruz: uma paixão*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Prefeitura, 2003.
- CAVALCANTI**, Nireu. *O Rio de Janeiro Setecentista: a vida e a construção da cidade da invasão francesa até a chegada da corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- CAVOUR**, Diogo (coord.). *O samba pede passagem*. Rio de Janeiro: Caixa Cultural, 2015.
- CHALHOUB**, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CHAZKEL**, Amy. *Leis da sorte: o jogo do bicho e a construção da vida pública urbana*. Tradução: Vera Joscelyne – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.
- CHINELLI**, Filipina. & **SILVA**, Luiz Antônio Machado da. O vazio da ordem: relações políticas e organizacionais entre escolas de samba e o jogo do bicho. In: *Revista Rio de Janeiro*, n. 12, jan-abril 2004.
- COSTA**, Haroldo. *100 anos de carnaval no Rio de Janeiro*. São Paulo: Irmãos Vitale, 2001.
- COSTA**, Haroldo. *Política e religiões no Carnaval*. São Paulo: Irmãos Vitale, 2007.
- COSTA**, Haroldo. *Salgueiro: 50 anos de glória*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- COSTA**, Haroldo. *Salgueiro: Academia do Samba*. Rio de Janeiro: Record, 1984.
- COUTINHO**, Eduardo Granja. *Os cronistas de Momo: imprensa e carnaval na Primeira República*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006. (Coleção História, Cultura e Ideias, v.5)
- COUTINHO**, Eduardo Granja. *Velhas histórias, memórias futuras: o sentido da tradição em Paulinho da Viola*. 2ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011. (Coleção História, Cultura e Ideias, v.14)
- COUTO**, Caroline Peres. *O samba serpenteia com o Escravos da Mauá: uma nova perspectiva sobre o porto do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Mórula, 2016.
- CUNHA**, Diogo; **DINIZ**, André. *Na passarela do samba: o esplendor das escolas em 30 anos de desfiles de Carnaval no Sambódromo*. 1ª edição, Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.
- CUNHA**, Maria Clementina Pereira (org.) *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, CECULT, 2002.
- _____. *Ecos da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- CUNHA**, Milton. *Carnaval é cultura: poética e técnica no fazer escola de samba*. São Paulo: Editora SENAC, 2015.
- DA MATTA**, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- _____ e **SOÁREZ**, Helena. *Águias, burros e borboletas – um estudo antropológico sobre o jogo do bicho*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- DAMATTA**, Roberto; **SOÁREZ**, Elena. *Águias, burros e borboletas: um estudo antropológico do jogo do bicho*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- DAWSEY**, John C.; **HIKIJ**, Rose Satiko G.; **MONTEIRO**, Mariana F. M.; **MÜLLER**, Regina P. *Antropologia e performance: ensaios napedra*. São Paulo: Terceiro nome, 2013.
- DEALTRY**, Giovanna. *No fio da navalha: malandragem na literatura e no samba*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.
- DEBORD**, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Trad. Estela Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

- DELGADO**, Lucília de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo, identidades*. BH: Autêntica, 2006.
- DINIZ**, Alan; **MEDEIROS**, Alexandre; **FABATO**, Fábio. *As três irmãs: como um trio de penetras “arrombou a festa”*. Rio de Janeiro: Nova Terra, 2015.
- DINIZ**, André; **FABATO**, Fábio; **MEDEIROS**, Alexandre. *As três irmãs: como um trio de penetras “arrombou a festa”*. Rio de Janeiro: Nova Terra, 2015.
- DINIZ**, Eli. *Voto e máquina política: patronagem e clientelismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- EFEGÊ**, Jota. *Figuras e coisas do carnaval carioca*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Funarte, 2007.
- EFEGÊ**, Jota.; **ROSEDÁ**, Ameno. *O rancho que foi escola: documentário do carnaval carioca*. Rio de Janeiro: Funarte, 2009.
- ENTRE** pedaços e camadas: histórias e arqueologias do Rio de Janeiro: séculos XVIII-XXI. Org.: André Leonardo Chevitarese, Flávio dos Santos Gomes. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.
- FABATO**, Fábio; **FARIAS**, Júlio César; **SIMAS**, Luiz Antonio; **CAMÕES**, Marcelo; **NATAL**, Vinícius. *As titias da folia: o brilho maduro de escolas de samba de alta idade*. Rio de Janeiro: Nova Terra, 2014.
- FABATO**, Fábio; **GASPARANI**, Gustavo; **MELO**, João Gustavo; **MAGALHÃES**, Luis Carlos; **SIMAS**, Luiz Antonio. *As matriarcas da avenida: quatro grandes escolas que revolucionaram o maior show da Terra*. Rio de Janeiro: Nova Terra, 2016.
- FARIAS**, Julio César. *Para tudo não se acabar na quarta-feira: a linguagem do samba-enredo*. Rio de Janeiro: Litteris Editora, 2002.
- _____. *Bateria: o coração da escola de samba*. Rio de Janeiro: Litteris Ed. 2010.
- _____. *Comissão de frente: alegria e beleza pedem passagem*. Rio de Janeiro: Litteris Ed. 2009.
- _____. *Harmonia de escola de samba*. Rio de Janeiro: Litteris Ed. 2012.
- _____. *O enredo de escola de samba*. Rio de Janeiro: Litteris Ed. 2007.
- FERREIRA**, Felipe. *O livro de ouro do carnaval brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- FERREIRA**, Felipe. *O Marquês e o jegue: estudo da fantasia para escolas de samba*. Rio de Janeiro: Altos da Glória, 1999.
- FERREIRA**, Felipe. *Escritos carnavalescos*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2012.
- _____. *Inventando Carnavais: O surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005. (Col. História, Cultura e Ideias, v. 3.)
- FERREIRA**, Marieta de Moraes (org.). *A força do povo: Brizola e o Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: ALERJ/CPDOC/FGV, 2008.
- _____. *Rio de Janeiro: uma cidade na história*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.
- _____ e **AMADO**, Janaína. *Usos e abusos da História Oral*. 2ª edição. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- FONTES**, Lilian. *Santa Teresa: o lugar do sonho*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Prefeitura, 2003.
- FOURNIER**, Marcel. “Marcel Mauss ou a dádiva de si”, Conferência proferida na 16ª Reunião Anual da ANPOCS, outubro de 1992, disponível: http://anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_21/rbcs21_09.htm Acesso a 4 set de 2013.
- FRANCESCHI**, Humberto M. *Samba de sambar do Estácio: de 1928 a 1931*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2010.

- FRISCH**, Michael. *A Shared Authority: Essays on the Craft and Meaning of Oral and Public History*. Albany: State University of New York Press, 1990.
- GAEBER**, David. *Um projeto de democracia: uma história, uma crise, um movimento*. Trad. Ana Beatriz Teixeira. Revisão: Pablo Ortellado. São Paulo: Paz&Terra, 2015.
- _____. *Dívida: os primeiros 5.000 anos*. Trad.: Rogério Bettoni. São Paulo: Três Estrelas, 2016.
- GENU**, Chiquinho.; **PIMENTEL**, Luís.; **MOUTINHO**, Marcelo. *Bip Bip 40 anos: histórias de um bar*. Rio de Janeiro: O autor, 2008.
- GODBOUT**, Jacques T. *O espírito da dádiva*. Lisboa: Instituto Piaget, 2012. (Col. Epistemologia e Sociedade).
- GODELIER**, Maurice. *O enigma do dom*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- GÓES**, Fred. *Antes do furacão: o Madri Gras de um folião brasileiro em Nova Orleans*. Fotografias: Graça Coutinho. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2008 (Coleção língua de fogo)
- GOLDWASSER**, Maria Júlia. *O Palácio do samba*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- GOMES**, Ângela de Castro (coord.) *Direitos e Cidadania: justiça, poder e mídia*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2007.
- GOMES**, Angela de Castro (coord.). *Direitos e cidadania: justiça, poder e mídia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- GOMES**, Fábio. *O Brasil é um luxo: trinta carnavais de Joãosinho Trinta – por Fábio Gomes e Stella Villares*. Rio de Janeiro: CBSC, 2008.
- GOMES**, Tiago de Melo. *Um espelho no palco: identidades sociais e massificação da cultura no teatro de revista dos anos 1920*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.
- GONÇALVES**, Maria Alice Rezende. *A vila olímpica da verde-e-rosa*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- GONÇALVES**, Renata de Sá. *A dança nobre do Carnaval*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2010.
- GONÇALVES**, Renata de Sá. *Os ranchos pedem passagem: o carnaval no Rio de Janeiro no começo do século XX*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas; Coordenadoria de Documentação e Informação Cultural; Gerência de Informação, 2007.
- GUARAL**, Guilherme. *Nem melhor, nem pior: Os Acadêmicos do Salgueiro e a história do negro nos desfiles dos anos de 1960*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015.
- _____. *O Estado Novo da Portela*. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.
- GUIMARÃES**, Helenise. *A batalha das ornamentações: a Escola de Belas Artes e o Carnaval Carioca*. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2015.
- GUTIÉRREZ**, Pedro Juan. *Trilogia suja de Havana*. Trad.: Ari Roitman e Paulina Wacht. 2ª edição. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2017.
- _____. *O rei de Havana*. Trad.: José Rubens Siqueira. São Paulo: Alfaguara, 2017.
- HUIZINGA**, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. 8ª edição. Trad. João Paulo Monteiro, São Paulo: Perspectiva, 2014.
- INTELIGÊNCIA EMPRESARIAL**. Centro de Referência em Inteligência Empresarial: Editor: Marcos do Couto Bezerra Cavalcanti, nº 34, p. 3-61, 2010.
- INTELIGÊNCIA EMPRESARIAL**. Centro de Referência em Inteligência Empresarial: Editor: Marcos do Couto Bezerra Cavalcanti, nº 36, p. 1- 100, 2013.
- INTELIGÊNCIA EMPRESARIAL**. Centro de Referência em Inteligência Empresarial: Editor: Marcos do Couto Bezerra Cavalcanti, nº 37, p. 3-119, 2013.
- INTELIGÊNCIA EMPRESARIAL**. Centro de Referência em Inteligência Empresarial: Editor: Marcos do Couto Bezerra Cavalcanti, nº 35, p. 1-44, 2011.

- JUPIARA**, Aloy. *Sambódromo: 30 anos de brasilidade*. Rio de Janeiro:Acervo O Globo, 2014.
- JUPIARA**, Aloy.; **OTÁVIO**, Chico. *Os porões da contravenção: jogo do bicho e ditadura militar: a história da aliança que profissionalizou o crime organizado*. Rio de Janeiro: Record, 2015
- KESSEL**, Carlos. *Tesouros do morro do Castelo: mistério e história nos subterrâneos do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- LADURIE**, Emmanuel Le Roy. *O Carnaval de Romans: da Candelária à quarta-feira de cinzas (1579-1580)*. Trad.: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- LAZZARI**, Alexandre. *Coisas para o povo não fazer: carnaval em Porto Alegre (1870-1915)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp/ Cecult, 2001.
- LEMONS**, Renato. *Inventores do Carnaval*. Organizador: Aydano André Motta. Rio de Janeiro: Verso Brasil Editora, 2015. (Cadernos de Samba).
- LEOPOLDI**, José Sávio. *Escola de samba, ritual e sociedade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010. (Col. História, Cultura e Ideias, v.10).
- LÉVI-STRAUSS**, Claude. “Introdução à obra de Marcel Mauss” In: **MAUSS**, Marcel. “Ensaio sobre a dádiva”. In: *Sociologia e Antropologia*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naif, 2003.
- LIDDINGTON**, Jill; **DITCHFIELD**, Simon. *Public History: A Critical Bibliography*. Oral History. Vol. 33, Representing the Past, 2005.
- LIGÉRIO**, Zeca (org.). *Performance e antropologia de Richard Schechner*. Trad. agosto Rodrigues da Silva Junior. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.
- LIGÉRIO**, Zeca. *Corpo a corpo: estudo das performances brasileiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011
- LOPES**, Carla Alves.; **MALAIÁ**, Maria Cecília. B. T.; **VINHAIS**, José Carlos. *Administração em escolas de samba: os bastidores do sucesso do carnaval carioca*. Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia. www.aedb.br/.../401_401Administracao%20em%20escolas%20de%20s Acesso em 10 set 2013, às 23 horas.
- LOPES**, Nei. *O samba na realidade*. Rio de Janeiro: Codecri, 1981.
- _____. *O negro no Rio de Janeiro e sua tradição musical: Partido-Alto, Calango, Chula e outras cantorias*. Rio de Janeiro: Pallas, 1992.
- _____. *Partido-alto: samba de bamba*. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.
- _____. *Novo Dicionário Banto do Brasil*. 2ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.
- _____. *Dicionário da hinterlândia carioca: antigos “subúrbio” e “zona rural”*. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.
- MAGALHÃES**, Felipe Santos. *Ganhou, leva! O jogo do bicho no Rio de Janeiro (1890-1960)*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.
- MAGALHÃES**, Felipe. *Ganhou, leva! O jogo do bicho no Rio de Janeiro (1890-1960)*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.
- MAGALHÃES**, Rosa. & **NEWLANDS**, Maria Luiza. *O inverso das origens*. Rio de Janeiro: Nova Terra, 2014.
- MAGNANI**, José Guilherme Cantor. *Umbanda*. Série Princípios. São Paulo: Ed. Ática, 1986.
- _____. “De perto e de dentro: notas para uma antropologia urbana”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol 17, nº 49, São Paulo, junho de 2002: 11-29.
- _____. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. 3ª Ed. São Paulo: HUCITEC / UNESP, 2003.

- MAIEROVITCH**, Wálter Fanganiello e **DINO**, Alessandra (orgs.). *Novas tendências da criminalidade transnacional mafiosa*. Tradução Doris Cavallari e Letizia Zini. São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- MANGUEIRA**: a nação verde-e-rosa. Rio de Janeiro: BM&F, 1998.
- MARTIN-BARBERO**, Jesús. *Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2003.
- MARTINS**, André. *Burguesia e nova sociabilidade: estratégias para educar o consenso no Brasil contemporâneo*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, 2007.
- MAUSS**, Marcel. “Ensaio sobre a dádiva”. In: *Sociologia e Antropologia*. Tradução Paulo Neves. São Paulo, Cosac Naif: 2003.
- MEIHY**, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 1996.
- MEINEL**, Valério. *Avestruz, águia e... cocaína*. (romance). 2ª ed. Rio de Janeiro: L&PM Editores, 1994.
- MELLO**, Evaldo Cabral de. *O negócio do Brasil: Portugal, os Países Baixos e o Nordeste 1641-1669*. Rio de Janeiro: Capivara, 2015.
- MELO**, Marcelo de. *O enredo do meu samba: história de quinze sambas-enredo imortais*. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- MONTES**, Maria Lúcia Aparecida. “O erudito e o popular, ou as escolas de samba: a estética negra de um espetáculo de massa”. In: *Revista USP*, 32 (1996-1997): 6-25.
- _____. *Oficinas do Sonho: a Beija-Flor Vista do Barracão* (curadoria e catálogo da exposição). São Paulo, MAC/USP, 1993.
- MORAES**, Denis de (org.). *Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da comunicação*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MOTTA**, Aydano André. *Onze mulheres incríveis do carnaval carioca: Histórias de Porta-bandeiras*. Rio de Janeiro: Verso Brasil Editora, 2013. (Cadernos de Samba)
- _____. *Maravilhosa e soberana: histórias da Beija-Flor*. Rio de Janeiro: Verso Brasil Editora, 2012. (Cadernos de Samba)
- MUSSA**, Alberto e **SIMAS**, Luiz Antonio. *Samba de enredo: história e arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- NASCIMENTO**, Clarissa Staffa. “Além da imagem” experiências e memórias populares através da TV Maxambomba. (Mestrado) Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2009.
- NASCIMENTO**, Franco. *Sambódromo: a saga pelo espaço é o enredo*. São Paulo: Raízes da América, 2017.
- NATAL**, Vinícius Ferreira. *Cultura e Memória na Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro*. Rio de Janeiro, 2014. Dissertação de Mestrado- Programa de Pós-Graduação em Sociologia e antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2014.
- NOGUEIRA**, Carlos. *Samba, Cuíca e São Carlos*. Rio de Janeiro: Editora Oito e Meio, 2014.
- NOS QUINTAIS** do samba da Grande Madureira: memória, história e imagens de ontem e hoje. Org.: Myrian Sepúlveda dos Santos. São Paulo: Olhares, 2016.
- O PERCEVEJO**, Revista de teatro, crítica e estética. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Editor: José Luiz Ligério Coelho (Zeca Ligério), ano 11, nº 12, p. 3-235, 2003.
- OLIVEIRA SOBRINHO**, J. B. *O livro do Boni*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.

- OLIVEIRA**, Francisco. “Jeitinho e jeitão: uma tentativa de interpretação do caráter brasileiro”. In: Piauí. Ed.73. Out 2012. <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-73/tribuna-livre-da-luta-de-classes/jeitinho-e-jeitao> Acesso em 20 nov 2012, às 22 horas.
- OLIVEIRA**, Roberta. *Praça Tiradentes*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Prefeitura, 2000.
- OLIVIERI**, Cristiane Garcia. *Cultura neoliberal: leis de incentivo como política pública de cultura*. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.
- ORTIZ**, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.
- PAMPLONA**, Fernando. *O encarnado e o branco*. Rio de Janeiro: Novaterra Editora, 2013.
- PAULINO**, Roberto. *Do Country Club à Mangueira*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2003.
- PAVÃO**, Fábio de Oliveira. *A dança da identidade: os usos e significados do samba no mundo globalizado*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, 2010.
- PEREIRA**, Bárbara. *Estrela que me faz sonhar: histórias da Mocidade*. org: Aydano André Motta. Rio de Janeiro: Verso Brasil Editora, 2013. (Cadernos de Samba).
- PEREIRA**, José Válter. *O que espanta miséria é festa. Puxando Conversa – narrativas e memórias nas redes educativas do samba*. Tese (Doutorado) Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Departamento de Pedagogia, 2006.
- PEREIRA**, Leonardo Afonso de Miranda. *O Carnaval das letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.
- PIMENTEL**, João. *Marcadas para viver: a luta de cinco escolas*. org: Aydano André Motta. Rio de Janeiro: Verso Brasil Editora, 2012. (Cadernos de Samba).
- PORTELLI**, Alessandro. *Ensaio de História oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.
- PRESTES FILHO**, Luiz Carlos (coord.). *Cadeia produtiva da economia do carnaval*. Rio de Janeiro: E – papers, 2009.
- _____. *Cadeia produtiva da economia da música*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2004.
- _____. *A economia criativa do carnaval*. XXIV Fórum Nacional. Rumo ao Brasil Desenvolvido. Rio de Janeiro, 14 a 17 de maio de 2013. www.forumnacional.org.br/trf_arq.php?cod=EP04310 Acesso em 15 set 2012, às 16 horas.
- _____. *O maior espetáculo da Terra: 30 anos de Sambódromo*. Rio de Janeiro: Lacre, 2015.
- QUEIROZ**, Maria Isaura Pereira de. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- RABELAIS**, François. *Gargântua e Pantagruel*. Trad.: David Jardim Júnior. Belo Horizonte: Itatiaia, 2009. (Grandes Obras da Cultura Universal, 14).
- REIS**, João José. *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos Malês em 1835*. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- SANTHIAGO**, Ricardo. “História oral e história pública: Museus, livros e a ‘cultura das bordas’”. In: **Santhiago**, R.; **Magalhães**, V. B.(org.) *Depois da utopia: a história oral em seu tempo*. São Paulo: Letra e Voz / Fapesp, 2013.
- SANTOS**, Nilton Silva dos. *A arte do efêmero: carnavalescos e mediação cultural no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.
- SANTOS**, Paulo Ferreira. *Formação de cidades no Brasil colonial*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Iphan, 2015.
- SENTO-SÉ**, João Trajano. “O discurso brizolista e a cultura política carioca”. In: *VARIA História*, Nº 28, dez. 2002.

- SEVCENKO**, Nicolau. *A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- SIGAUD**, Lygia. “As viscitudes do Ensaio sobre o dom”, In: *Mana* 5 (2): 89-124, 1999.
- _____. “Doxa e crença entre os antropólogos”, In: *Novos Estudos CEBRAP*, 77: 129-152, 2007.
- SILVA**, Beatriz Coelho. *Negros e Judeus na Praça Onze: a história que não ficou na história*. Rio de Janeiro: Bookstart, 2015.
- SILVA**, Winnie Delmar de Souza; **SILVEIRA**, Leandro Manhães; **VIUG**, Matheus Tavares. *Antigamente é que era bom: a folia niteroiense entre 1900 e 1986*. Niterói: Rio de Janeiro, 2017.
- SIMAS**, Luiz Antônio e **FABATO**, Fábio. *Pra tudo começar na quinta-feira: o enredo dos enredos*. Rio de Janeiro: Mórula, 2015.
- _____. e **MUSSA**, Alberto. *Samba de enredo: história e arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- SIMAS**, Luiz Antônio. *Tantas páginas belas: histórias da Portela*. Org.: Aydano André Motta. Rio de Janeiro: Verso Brasil Editora, 2012.
- SIMSON**, Olga Rodrigues de Moraes von. *Carnaval em branco e negro: carnaval popular paulistano 1914-1988*. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Edusp ; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.
- SODRÉ**, Muniz. *Samba, o dono do corpo*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.
- SOIHET**, Rachel. *A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas*. 2ª ed. rev. e ampl. . Uberlândia: EDUFU, 2008.
- SOUZA**, Bruno Cesar Santos de. *Orgulho e Paixão de uma Cidade: A história do G.R.E.S. Unidos do Porto da Pedra*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015.
- TALESE**, Gay. *Honra teu pai*. Tradução de Donaldson M. Garschagem; posfácio Pete Hemill. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- TEXTOS** escolhidos de cultura e arte populares. Rio de Janeiro: UERJ, Instituto de Artes, 2007 (v. 6)
- TEXTOS** escolhidos de cultura e arte populares. Rio de Janeiro: UERJ, Instituto de Artes, 2007.(v.7 n.2)
- THOMPSON**, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- TOUGUINHÓ**, Oldemário. *Maracanã: onde todos são iguais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Prefeitura, 1998
- TRABULSI**, José Antonio Dabdab. *Dionisismo, poder e sociedade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- TRAMONTE**, Cristiana. *O Samba conquista passagem: as estratégias e a ação educativa das escolas de samba*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- TRINTA**, Joãozinho. *Psicanálise Beija-Flor – Joãozinho Trinta e os Analistas do Colégio*. Rio de Janeiro, Aoutra / Taurus, 1991.
- TROTTA**, Felipe. *O samba e suas fronteiras: “pagode romântico” e “samba de raiz” nos anos 90*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.
- VALENÇA**, Inês Teixeira. *O espetáculo da tradição: um estudo sobre as escolas de samba e a indústria cultural*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2005.
- VALENÇA**, Rachel Teixeira. *Carnaval: pra tudo se acabar na quarta-feira*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Prefeitura, 1996.
- VALENÇA**, Rachel e **VALENÇA**, Suetônio. *Serra, Serrinha, Serrano: o império do samba*. Rio de Janeiro: Record, 2017.

- VAZ**, Matthew. *The Jackpot Mentality: The Growth of Government Lotteries and the Suppression of Illegal Numbers Gambling in Rio de Janeiro and New York City*. Theses (PHG) – School of Arts and Sciences of University of Columbia, 2011.
- VISENTINI**, Paulo Gustavo Fagundes e **PEREIRA**, Analúcia Danilevycz. “A política africana do governo Lula”. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/nerint/folder/artigos/artigo40.pdf> Acesso em 22 mai. 2017 às 22:00.
- VIANNA**, Hermano. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar / UFRJ, 1995.
- WHYTE**, William Foote. *Sociedade de esquina*. Trad. De Maria Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- WILLET**, Frank. *Arte africana*. Trad.: Tiago Novaes. São Paulo: Edições Sesc São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2017.
- WU**, Chin-tao. *Privatização da cultura: a intervenção corporativa nas artes desde os anos 80*. São Paulo: Boitempo, 2006.
- YÚDICE**, George. *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Trad.: Marie-Anne Kremer, 2ª edição, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013
- ZELAYA**, Ivy. *Valeu, passista! Samba de Botafogo- registro e memória*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2015.

ANEXO

Carnavais da Beija-Flor – enredos, carnavalescos, colocações (1984 a 2018)

Ano	Enredo	Carnavalesco	Colocação
1984	“O gigante em berço esplêndido”	Joãosinho Trinta	3°
1985	“A lapa de Adão e Eva”	Joãosinho Trinta	2°
1986	“O mundo é uma bola”	Joãosinho Trinta	2°
1987	“As mágicas luzes da ribalta”	Joãosinho Trinta	4°
1988	“Sou negro, do Egito à liberdade”	Joãosinho Trinta	3°
1989	“Ratos e urubus larguem minha fantasia”	Joãosinho Trinta	2°
1990	“Todo mundo nasce nu”	Joãosinho Trinta	2°
1991	“Alice no Brasil das maravilhas”	Joãosinho Trinta	4°
1992	“Há um ponto de luz na imensidão”	Joãosinho Trinta	7°
1993	“Uni-Duni-Tê, a Beija-Flor escolheu: é você”	Maria Augusta	3°
1994	“Margareth Mee, a Dama das Bromélias”	Milton Cunha	5°
1995	“Bidu Sayão e o Canto de Cristal”	Milton Cunha	3°
1996	“Aurora do povo brasileiro”	Milton Cunha	3°
1997	“A Beija-Flor é festa na Sapucaí”	Milton Cunha	4°
1998	“O mundo místico dos Caruanas nas águas do Patu-Anu”	Comissão de Carnaval	1°
1999	“Araxá, Lugar Alto Onde Primeiro Se Avista o Sol”	Comissão de Carnaval	2°
2000	“Brasil, um coração que pulsa forte. Terra de todos ou de ninguém?”	Comissão de Carnaval	2°

2001	“A saga de Agotime - Maria mineira Naê”	Comissão de Carnaval	2º
2002	“O Brasil dá o ar de sua graça de Ícaro a Rubem Berta - O ímpeto de voar”	Comissão de Carnaval	2º
2003	“O povo conta a sua história: "saco vazio não pára em pé". A mão que faz a guerra faz a paz.”	Comissão de Carnaval	1º
2004	“Manôa - Manaus - Amazônia – Terra Santa: Alimenta o corpo, equilibra a alma e transmite a paz.”	Comissão de Carnaval	1º
2005	“O vento corta as terras dos pampas. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito guarani. Sete Povos na fé e na dor... Sete missões de amor.”	Comissão de Carnaval	1º
2006	“Poços de Caldas derrama sobre a Terra suas águas milagrosas: do caos inicial à explosão da vida, a nave mãe da existência.”	Comissão de Carnaval	5º
2007	“Áfricas, do berço real à corte brasileira.”	Comissão de Carnaval	1º
2008	“Macapaba - Equinócio Solar. Viagens fantásticas ao meio do mundo.”	Comissão de Carnaval	1º
2009	“No chuveiro da alegria quem banha o corpo, lava a alma na folia.”	Comissão de Carnaval	2º

2010	“Brilhante ao sol do novo mundo, Brasília: do sonho à realidade, a capital da esperança.”	Comissão de Carnaval	3º
2011	“Roberto Carlos: A simplicidade de um Rei.”	Comissão de Carnaval	1º
2012	“São Luís - o poema encantado do Maranhão.”	Comissão de Carnaval	4º
2013	“Amigo fiel - Do cavalo do amanhecer ao Mangalarga Marchador.”	Comissão de Carnaval	2º
2014	“O Astro Iluminado da Comunicação Brasileira.”	Comissão de Carnaval	7º
2015	“Um Griô conta a história: um olhar sobre a África e o despontar da Guiné Equatorial. Caminhemos sobre a trilha de nossa felicidade.”	Comissão de Carnaval	1º
2016	“Mineirinho Genial! Nova Lima - Cidade Natal. Marquês de Sapucaí - O Poeta Imortal!”	Comissão de Carnaval	5º
2017	“A Virgem dos Lábios de Mel – Iracema.”	Comissão de Carnaval	6º
2018	"Monstro é aquele que não sabe amar. Os filhos abandonados da pátria que os pariu"	Comissão de Carnaval	1º